

# No coração *da* floresta



GILLIAN SUMMERS



BERTRAND BRACH



Tradução

Rejane Tervedo

Para todos os que querem manter nossas florestas viva, os conservadores e os engenheiros florestais, especialmente o USDA Forest Service e Serviço Nacional de Parques. Que vocês cresçam muito mais.  
E para Tolkien, o mais teimoso Husky Siberiano do planeta. Eu sinto falta de você e seu latido menino amado.

## Agradecimentos

É preciso muita ajuda para obter um livro com a ideia de armazenar na prateleira, e eu não teria sido capaz de escrever este livro sem os incríveis olhos editoriais de Andrew Karre e Sandy Sullivan de Llewellyn, o incentivo e apoio do agente extraordinário Richard Curtis e, o amor do meu fã número um, meu incrível marido. Muito ajuda também veio do meu grupo de crítica de longa data, Maureen, Nancy e Carla que leram projeto após projeto como se fosse algo novo todas às vezes e nunca reclamaram. Bem, raramente reclamaram.

Obrigado, também, a todos os trabalhadores da Renascença que transportam seus visitantes para outra era, todos os dias com os piratas e os torneios (yum, os piratas e os torneios!), As moças e os pubs espreitadores e menestréis ambulantes, os reis, rainhas, cortesãos e fornecedores de pilão de peru, os patifes brincalhões e o pobre coitado preso no terno de espuma de borracha fedido no dia mais quente de verão. Eu amo todos vocês.

Canooga Springs, Nova Iorque Feira da Renascença Wildewood -  
Acampamento

Cinco dias na Estrada com o pai e Keelie Heartwood ainda não tinha o piercing no umbigo. Seu namorado Sean ainda não tinha ligado para ela nem uma única vez e agora ela estava de novo presa em outra Feira da Renascença. Pior, sua melhor amiga da Califórnia logo chegaria para vê-la em sua total infelicidade.

Um chifre faz barulho na chuva do lado de fora, seguido por gargalhadas de homens alegres vindas da festinha da tenda ao lado. Ela acrescentou uma nota no seu diário sobre não ser permitido ir a uma festa com outros renascentistas e ficar confinada no acampamento.

A vida é uma porcaria, Keelie escreveu. Ela fechou o diário onde ela estava documentando sua existência miserável, então se recostou no beliche apertado e olhou o espaço. Não foi por muito tempo, por que foi limitada a um trailer aconchegante de 8x6m. Ela estava se esforçando para pensar em aconchegante em vez de claustrofóbico. Não era justo. Ela estava presa no acampamento, mas ela tinha ouvido que os outros elfos, incluindo a desagradável menina elfo Elia, estavam hospedados em um luxuoso alojamento na cidade próximo a rua da feira. Eles tinham serviço de quarto. Ela mal tinha um quarto.

Keelie deveria esperar dentro do trailer até o seu pai retornar. Fazia horas. Ela passou o tempo ouvindo o barulho alto da diversão ao lado, na sede do Festival da Renascença de Wildewood.

Se sua amiga Raven estivesse aqui, elas poderiam se juntar a diversão. Mas Raven tinha ido para Manhattan depois da última feira da Renascença para trabalhar como estagiária na Doom Kitty, uma famosa gravadora Gótica. Era melhor do que desenterrar ervas com sua mãe. Sua mãe era uma velha amiga do seu pai, Janice a senhora das ervas. Janice iria se juntar a eles em breve, mas Keelie realmente sentia falta de Raven. Ela era linda e confiante e tratava Keelie igualmente ao invés de uma menina boba

de quinze anos.

O tema da Wildewood era Robin e seus Homens Felizes. Os parceiros de Robin estavam cantando (ou eles eram muito otimistas se consideravam aquilo cantar) uma música empolgante que tinha alguma coisa a ver com mulheres casadas e cerveja. Cada coro terminava com um grito de “hey nonny”! Eles têm feito isso nas últimas duas horas, ficando cada vez mais alto a cada minuto.

Keelie sentiu as árvores se mexendo ao redor dela e aparentemente elas não estavam alegres com o concerto também. Ela tinha sido capaz de senti-las durante toda sua vida, mas foi desde que foi morar com seu pai que elas realmente começaram a falar com ela e permitiram que ela visse o seu espírito. Os carvalhos antigos, maiores do que as árvores do Colorado pressionavam a sua energia em torno dela agora, querendo que ela saísse e se abrisse para eles.

Lá estavam as bétulas e os olmos silenciosos sussurrando também, pequenas cerejas e salgueiros caídos que gostavam de manter as suas raízes molhadas pelas margens do rio que corria profunda e silenciosa na margem do acampamento de fadas. Sir Davey com suas lições de magia da terra a ajudou a bloquear as árvores na maior parte do tempo, para que ela não enlouquecesse, mas esta noite ela estava cansada, entediada e solitária, e não conseguia se concentrar nas palavras simples que o bom amigo de seu pai havia ensinado. Ela tinha que passar por mais três lições, que ele tinha deixado para ela num caderno, mas não conseguia se concentrar nelas.

Keelie estendeu a mão e bateu na pequena prateleira de madeira (cedro, das florestas do norte), construído em seu beliche. Seus dedos se fecharam sobre os lados lisos do cristal rosa que ela impulsivamente comprou na Feira da Renascença de Montanha Alta. Ela o segurou na sua frente, fechou seus olhos e se concentrou, tentando centrar-se. Ela inalou e soltou sua respiração, então imaginou que seus pés eram como raízes de árvores que buscavam a terra, aterrando-se. Suas mãos formigavam e havia um pequeno barulho em seus ouvidos como sininhos, que se afastou mais da árvore de energia verde que a rodeava. O exercício teria sido totalmente eficaz, mas ela foi interrompida várias vezes pelos gritos de “huzzah” que vinha da porta ao lado.

“Huzzah” era aparentemente o equivalente medieval a “Você vai” e os homens felizes fizeram pleno uso da palavra. Keelie abriu os olhos. O quarto estava banhado de uma luz rosada.

Sim! Ela conseguiu. Ela vinha trabalhando com Sir Davey durante semanas para chamar a proteção do cristal. Ela mal podia esperar para lhe mostrar o que tinha conseguido. Ela caiu para trás contra a parede com um suspiro. Se ela pudesse usar a pedra para manda-la para a praia, ou, para trazer seu pai de volta para casa.

O ridículo trailer caseiro de seu pai estava bom para passar algumas noites, como tiveram da viagem do Colorado até aqui, o Festival da Renascença de Wildewood em Nova Iorque. Essa feira era a última parada anual de verão de Feiras Renascentistas de seu pai. Ele viajava três vezes por ano vendendo à bela e única mobília de madeira que ele fazia durante o inverno. Quando terminarem aqui, eles vão voltar para sua casa de inverno no Oregon.

Ela tinha superado o constrangimento de pessoas vendo-a sair do elaborado e decorado trailer de contos de fadas e empoleirou-se na cama da velha caminhonete. Mas era uma casa de boneca tão pequena e eles já passaram três dias enfiados ali enquanto seu pai montava a loja. Ela sentia falta de seu espaçoso apartamento do Festival da Renascença em Montanha Alta. Ela lembrou melancolicamente de sua banheira com pés e das tapeçarias representando unicórnios e flores.

Lá fora a chuva zumbia sobre o telhado de metal, sobre os lados de madeira do trailer e contra as pequenas janelas, até mesmo a pequena porta do gato, agora destravada para que Knot possa sair e entrar; rangeu ligeiramente. As gotas de chuva caíam como se fossem pequenos soldados de água que sitiavam o trailer.

Keelie estremeceu, lembrando-se do espírito da água que ela resgatou no Colorado. Isso a fez lembrar o Barrete vermelho, o destrutivo duende do mal que ela derrotou. Nada mal para uma garota que até dois meses atrás não sabia que tinha habilidades mágicas.

Ela olhou para o relógio, um objeto de contrabando de acordo com as regras da Feira. Tudo o que os visitantes viam tinha que estar em sintonia com o tema e “itens que não eram do período medieval deveriam ser



deixados na sala de visitas para não se distraírem com coisas da atualidade...” Isso era o que o manual dos Artistas dizia.

Que piada. Se isso fosse verdade, então todo mundo com mais de quinze anos poderia esquecer-se de ter dentes. Ela sabia a história, ela sabia que tinha sido assim na época. O mundo da Feira da Renascença era fabulosamente falso. Divertido, mas não para ser levada a sério, por isso ela achou que algumas regras era melhor serem ignoradas.

De acordo com seu relógio proibido, já passava da meia noite. Zeke, seu pai, a tinha deixado lá pelas dez horas para ver Sir Davey e lhe mostrar a nova localização da loja de jóias e de pedras. Sir Davey tinha acabado de chegar no seu mamute Winnebago e tinha estacionado no setor de trailers do acampamento. Seria ótimo se eles pudessem ficar no seu RV. Ela teria que dormir no sofá cama, é claro, mas ela tinha ouvido falar que o RV de Sir Davey tinha um banheiro de verdade. Um banho quente soava fabuloso isso sem mencionar que para ir ao banheiro não precisaria cruzar todo o acampamento. Talvez se ela ficar na caverna sobre rodas de Sir Davey ela possa dormir em paz, sem sentir as árvores e os formigamentos mágicos pelo seu corpo.

O pai tinha prometido a Keelie seu próprio quarto em sua suposta bela tenda. Ela não tinha visto ainda, uma vez que estava muito úmido para que ela pudesse sair. A tenda estava montada em sua loja, juntamente com os móveis que ele tinha enviado aqui para vender.

Ele estava atrasado. Talvez ele estivesse muito ocupado e tenha se esquecido dela. Ou alguma árvore o distraiu. Ou pior, uma mulher. Papai tinha um magnetismo e Keelie não queria dividi-lo com ninguém agora que ela o reencontrou.

Ela precisava substituir seu celular destruído. Ela não queria usar o do pai, uma pequena caixa retangular de madeira que ele costumava usar para chamar outros elfos. Uma vez ela tentou usá-lo para chamar Sean na Feira da Renascença na Flórida, ela acabou vinculando telepaticamente a um abeto em Alberta, Canadá.

Depois disso, ela tentou falar com seu pai para lhe comprar um iPhone. Mamãe usava um BlackBerry, que pai não se interessaria nisso, porque era algo que parecia tão natural e terreno, mas nenhum de seus amigos seria



apanhado morto com um Iphone.

Mamãe. Keelie fungou desejando um relâmpago, um trovão, algum tipo de drama do tempo. A planície e a velha chuva a estavam deixando sentimental, lembrando-a que sua mãe tinha morrido há três meses. Não que ela não estivesse se sentindo triste, pelo contrário, ultimamente ela estava chorando por qualquer coisa, ela pensou que tinha se acostumado a ficar sem a mãe, sem a vida com shoppings, amigos de escola, aulas de tênis e da praia. Talvez só o que ela precisasse era manter-se ocupada e adiar o pior da sua dor.

Ela sentia saudade de Ariel também. Keelie tinha uma ligação com o falcão cego que ela cuidou no Colorado. Cameron, a especialista em aves de rapina da Feira de Montanha Alta levava Ariel para uma clínica de reabilitação especializada na Pensilvânia. Nenhum veterinário podia ajudar o pássaro. Ariel sofreu uma maldição élfica e até agora ninguém foi capaz de quebrá-la.

Outro grito “Hey nonny!” Interrompeu seus pensamentos. Keelie cobriu seus ouvidos para abafar a cantoria dos homens, mas foi inútil. Eles estavam gritando tão alto que provavelmente na cidade poderiam ouvi-los.

*“Eu a coloquei imediatamente por cima do meu joelho e a meretriz começou a gritar,  
Um pouco mais forte, mestre, por favoooooor...”*

Keelie colocou seu travesseiro sobre a cabeça. Não parecia que os Homens Felizes iriam ficar cansados e ir para a cama.

Alguma coisa bateu na lateral do trailer. Ela imaginou que era seu pai segurando a parede, ferido, tentando encontrar ajuda e incapaz de alcançar a porta. Ela ergueu o brilhante cristal de quartzo. Ele estava mais brilhante e pequenos raios de rosa prismática brilharam ao redor da sala.

Ridículo. Mas a imagem do pai ferido permanecia. Keelie afastou o cobertor leve que a cobria e sentou-se, levantando da cama para abrir a porta. Pingos grossos de chuva tamborilavam no chão além da saliência incrustada de madeira-gengibre. A chuva brilhava na escuridão, iluminada pelas luzes da tenda dos homens felizes. Daqui, ela também podia ouvir riso feminino vindo de lá, juntamente com o barulho estrondoso das vozes

masculinas. Ela não ia olhar.

Uma lata de Budweiser brilhou na luz da abertura da tenda. Sem dúvida esta foi à fonte da batida na parede. Os idiotas tinham jogado uma lata vazia para fora da tenda. Não era nem mesmo período de cerveja, como se ela se importasse. Ela suspirou. Nada do pai. Só um monte de foliões idiotas. Ela estava tentada a desobedecer ao pai e se juntar a eles, mas ele teria um ataque se ela fizesse isso.

Ela tinha ido com Raven a uma das infames festas de tenda na outra feira. Para Keelie a festa tinha sido uma revelação. Garrafas de hidromel, um vinho forte com sabor de mel, tinham sido passadas de pessoa para pessoa seguido de um cigarro compartilhado que ela sabia que não era tabaco. E os caras que brincavam de piratas na feira estavam lá. Eles eram tão bonitos como os cavaleiros dos duelos, mas levaram seus personagens de cafajestes muito a sério. Raven tinha dançado para eles e um dos piratas tinha tirado vantagem da distração de Raven e sentou-se perto de Keelie. Foi divertido, assustador e emocionante. Mas quando Raven viu que o homem começou a se apalpar ela parou de dançar e a tirou dali, pelo menos sem fazer uma cena. Keelie ficou grata por isso e agora sabia que não deveria ir a uma festa de tenda sozinha. Não que ela quisesse ir para esta.

Mais cedo, Keelie tinha ouvido alguns dos Homens Felizes dizerem que a área de festa de Rivendell estava quieta agora, mas era lá que a ação aconteceria, uma vez que a feira abrisse. Os competidores mantiveram seus cavalos encurralados no prado ao lado de suas barracas, o setor de diversão foi chamado Rivendell por um informante que sabia que a maioria dos competidores eram elfos. Competidores. Ela tinha uma pequena chama em seu coração por um competidor em particular – Sean.

Seu coração acelerou quando ela recordou o beijo. Mas seu peito se apertou quando se lembrou de que Sean não tinha ligado desde a sua partida. Ele prometeu que ligaria.

Keelie precisava conversar com Raven, mas Raven não estava lá e ela estava presa nessa Feira e sem telefone. Ela não podia nem escapar e procurar por um, porque ela não tinha carteira de motorista. Esse era outro ponto doloroso. Seu pai não tinha dado nenhuma aula de direção e vivia dando desculpas sempre que ela perguntava sobre isso.

Alguma coisa se moveu na floresta atrás das tendas. Segurando o cristal rosa como uma lanterna, Keelie semicerrou os olhos, mas não viu nada. Ela estava quase voltando atrás e fechando a porta quando uma sombra saiu da floresta. Era um cavalo, embora não fosse grande e forte como os cavalos dos cavaleiros. Talvez fosse Árabe. Seu pelo branco brilhava intensamente mesmo na escuridão e nas sombras profundas da floresta. Era provavelmente um dos cavalos que fazia truques, os pôneis rápidos que realizavam truques inteligentes entre os cavaleiros. Talvez ele andasse livre nos prados.

Alguém estará bem encrencado por deixá-lo solto no curral de Rivendell. Keelie não estava querendo ficar encharcada tentando pegá-lo. As estradas ao redor da Feira estavam longe de ser alcançadas, então em que tipo de problema o cavalo poderia se meter? Seria seguro o bastante até de manhã.

As árvores começaram a balançar, embora não tivesse nenhum vento. E Keelie sentiu sussurros verdes tentando se formar em sua mente. O cristal rosa ficou quente contra a palma de sua mão e a magia tomou conta dela. Sua mão formigava quando a pedra de proteção crescia mais e mais brilhante. De repente a luz desapareceu e a noite ficou escura mais uma vez. Quando os sentidos de Keelie estavam dissolvidos num espiral de energia verde, até mesmo os sons da barraca dos Homens Felizes desapareceram. Ela estava sozinha com as árvores.

Um momento depois, um único feixe de luz rosa, como um laser, foi lançado do cristal rosa. Ela estendeu a mão, transformando-se em um brilho de prata brilhante que cercava um chifre em espiral fino na cabeça do cavalo. Em seguida, o cavalo virou-se bruscamente e correu para a floresta, o chifre brilhante ainda visível.

Com o coração acelerado, Keelie percebeu o que tinha visto. Oh. Meu. Deus. Adrenalina correu através de seu corpo. Os músculos de sua perna contraíram-se. Preparada. Pronta. Ela deu um passo em direção à floresta.

Mas, superando uma ansiedade esmagadora que gritava perigo, ela descobriu que não podia se mover. Algo mágico a forçava a permanecer no local, enraizando-a no chão. O cheiro de canela a cercava.

Um minuto mais tarde, quando o pai a encontrou, ela estava segurando o cristal rosa para o alto, olhando fixamente para as sombras azuis.

- Um unicórnio - seu pai repetia. Os olhos arregalados enquanto ele se inclinava para trás contra as almofadas macias do sofá de Sir Davey. Uma garrafa de hidromel na mão. – O guardião da floresta. Eu nunca o vi aqui em Wildewood. Eu tinha ouvido rumores das meninas humanas que afirmavam tê-lo visto. Você tem certeza?

- Eu vi. Keelie estremeceu, apesar de estar aquecida no RV de Sir Davey, e as paredes de pedra bloquearem as árvores exatamente como ela esperava. Ela tinha visto um unicórnio. Ela estava impressionada. O pensamento ecoou em sua cabeça.

Sir Davey serviu mais chá em sua xícara. – Eu acredito em você moça. Ele levanta a questão - No entanto, por que você? Os unicórnios são seres poderosos e misteriosos. - Você não deve passear pela floresta sozinha.

- Sozinha? Ela não deve entrar na floresta de jeito nenhum – Zeke franziu o cenho para sua garrafa de hidromel e, em seguida, olhou para Keelie sentada no chão. - Como Sir Davey disse, nós não sabemos o propósito dele de se mostrar a você. Você acabou de iniciar em sua magia. Seja o que for que a criatura tem em mente, você não será capaz de lidar com isso, ainda não.

- Eu não posso ficar fora da floresta. E se as árvores me chamarem? Eu sou um pastor das árvores certo? – Keelie olhou entre seu pai e Sir Davey, que balançava sabiamente a cabeça. – E porque o unicórnio é perigoso? Se ele é o guardião da floresta não temos, como direi, algo em comum?

- Ela estudou os dois homens. Seu pai era alto e magro. Seu cabelo comprido cor de trigo foi amarrado em um rabo de cavalo, cobrindo suas orelhas pontudas. Sir Davey era moreno e bonito, de um metro e meio de altura, se ficasse na ponta dos pés. Quando a Feira estava aberta, Davey usava um traje de mosqueteiro. A pena branca do chapéu de mosqueteiro permanece sempre intocada, mesmo no show de sujeira e lama.

Sir Davey pigarreou. - Tradicionalmente, unicórnios mostram-se apenas a... Ele corou e voltou a examinar seu cristal rosa...

- Virgens. Entendi – Keelie revirou os olhos. – Eu li um ou dois livros.

– O que nós precisamos entender é porque ele se mostrou a você. – Sir Davey acariciou sua barba curta

– Hey, eu sou virgem, só para você saber - Que grosseiro.

O pai não olhou para ela, mas ela podia ver que seus ombros estavam mais relaxados do que estava há um minuto. Velho hipócrita. Até ela ir morar com ele ele tinha sido o garoto da festa.

- Estamos indo atrás dele? Eu quero ir atrás dele. Eu quero vê-lo novamente. Os pés de Keelie coçavam para correr para a floresta.

- Não. Seu pai bateu com o punho no braço do sofá. Keelie se assustou com o gesto violento, mas se recuperou rapidamente. - Por que não? O desejo de ver o unicórnio era quase uma dor física, uma ânsia que tinha de cumprir.

Papai tomou um gole de hidromel, em seguida, olhou para ela. - Porque eu disse, não vai me desobedecer, não é?

-Não.

Ele suspirou. - Você é teimosa como sua mãe.

Keelie endireitou-se. – Obrigada.

Seus lábios se levantaram um pouco nos cantos, como se ele estivesse tentando reprimir um sorriso, mas depois se tornou sério.

- Keelie, unicórnios podem ser bons e podem ser criaturas que visam seus próprios interesses, especialmente unicórnios machos, uma vez que suas atenções vão para a jovem que eles querem.

- Parece com alguns dos Homens Felizes. Você os ouviu assobiando para as dançarinas do ventre quando elas atravessaram o acampamento ontem?

Sir Davey sorriu.

- Eu os vi esta manhã. Ele girou seus quadris em imitação. Papai revirou os olhos. Keelie se perguntou se as dançarinas do ventre tinham deslizado para o acampamento apenas para o benefício de seu pai.

- Isso é diferente, disse ele. - O unicórnio poderia colocar um encantamento em você para fazer você esquecer seus sonhos, sua família, a si mesma. Faz você querer só estar com ele.

- Isso é tão narcisista.

- Exatamente! Fique longe dele.

Mais fácil dizer do que fazer. Keelie realmente, realmente, realmente queria vê-lo novamente. Tinha sido tão bonito. A forma como seu chifre em espiral parecia brilhar com alguma fonte de magia interna. E ela queria...

Papai acenou com a mão na frente do seu rosto. - Seu campo de energia é para cima. Diga-me exatamente o que aconteceu quando você viu o unicórnio.

Keelie encostou-se no sofá de Sir Davey, ainda um pouco perdida em seus pensamentos no unicórnio. - Eu queria correr atrás dele. Sua voz parecia distante, até mesmo para seus próprios ouvidos. - Eu teria, mas depois senti o cheiro de canela. Eu não podia me mover.

Ela piscou e olhou para o pai. Ele suspirou quase em alívio.

- Meu palpite é que o unicórnio tem algum tipo de magia de medo, que ele usa para manter os humanos fora da sua floresta.

Sir Davey puxou sua barba. - Sim, mas por que o unicórnio correu se ele estava tentando atrair Keelie para ir com ele?

Ela fechou os olhos e a imagem do unicórnio se formou em sua mente, seu casaco branco reluzente como se tivesse sido banhado pelo luar. Ela não podia imaginar que algo tão lindo poderia ter qualquer conexão com o Medo, os potentes feitiços dos elfos eram usados para manter os seres humanos longe. Era chamado de Medo porque as pessoas sentiam pânico quanto mais se aproximavam das áreas protegidas. Sua escova enfeitiçada



no Colorado a fez querer fugir gritando.

Tinha que encontrar o unicórnio. Abrindo seus olhos, Keelie olhou diretamente para o pai, que a observava com cautela. Sua testa estava marcada com linhas de preocupação.

Ele tomou outro gole de hidromel. - O unicórnio já colocou um encantamento em você.

- Eu saberia se ele tivesse colocado um feitiço em mim. Ou pelo menos ela esperava que ela soubesse. Ela realmente não podia imaginar se esquecendo de tudo e fugir para a floresta, como uma menina apaixonada correndo atrás de um cara ou no caso dela, um unicórnio.

- Ela vai ficar bem, Zeke. O cristal rosa vai protegê-la.

Keelie suspirou de alívio, embora a atmosfera na sala fosse tão pesada quanto uma tarde de agosto com neblina em Los Angeles. - Ei, veja a situação assim. A maioria dos pais tem que se preocupar com suas meninas namorando meninos adolescentes cheios de tesão. Você apenas tem que se preocupar com um unicórnio.

Sua tentativa de humor falhou. Papai deu outro gole de hidromel. As linhas de preocupação se aprofundaram em sua testa.

Sir Davey se levantou. - Se ela dormir aqui deve neutralizar a magia do unicórnio para hoje à noite. Ele apontou para as paredes cobertas de pedra. - Quando o sol nascer ela estará segura o suficiente em torno dos seres humanos. Ele entregou o cristal rosa de volta para Keelie.

- Mantenha isso com você em todos os momentos. Vai proteger você hoje à noite e vai continuar a protegê-la.

O pai franziu a testa novamente e sua voz parecia determinada.

- Como Knot. Ele estará com você onde quer que você vá.

- De jeito nenhum, pai!

Seu olhar paternal sinistro disse que não haveria mais discussão.

Keelie estava contente de ver uma cama full-size no quarto de Sir Davey. Quando ela estava começando a cochilar um ronronar alto veio ao redor de seus pés, onde Knot estava enrolado. O Luar entrava pelas cortinas que se abria sobre a janela acima da cama de Sir Davey, iluminando o gato, seu pêlo estava preso em pontos molhados como um tridente. Estranho. Um gato normal teria se preparado, mas Keelie não ficou surpresa. Knot não era um gato normal.

Ela não tinha descoberto exatamente o que ele era, mas tinham dito que ele era o seu guardião, como tinha sido de sua mãe. O gato era uma espécie de ser mágico, uma fada talvez, e algum dia ela iria descobrir seu segredo. Uma coisa era certa: ele era desagradável. Ela se esforçou para ouvir o som das vozes de seu pai e de Sir Davey enquanto eles falavam na sala de estar da RV, mas ela não conseguiu ouvir nada da conversa. Ela não conseguia dormir. Sentou-se e puxou as cortinas para olhar para a noite. Do alto de uma colina ela viu uma luz prateada brilhante, como um vislumbre de uma pequena estrela terrestre. Era o unicórnio?

Algo afiado arranhou seu tornozelo. Keelie engasgou. Dois olhos verdes brilharam para ela...

-O que há de errado com você?

Keelie pegou Knot e o tirou para fora da cama. Ela fechou as cortinas e deitou-se. O ronronar alto encheu a sala quando Knot pulou de volta para a cama e caminhou ao lado de seu corpo, ronronando cada vez mais alto a cada passo. Em seguida, ele se instalou em seu travesseiro.

- Que nojo! De jeito nenhum eu vou dormir com um gato molhado em cima da minha cabeça.

Ela moveu a cabeça para o outro travesseiro e fechou os olhos. Foi, provavelmente, inútil, com o unicórnio esperando por ela na floresta. Ela estendeu a mão para o cristal rosa que ela tinha trazido para a cama. Com ele apertado em sua mão, ela finalmente dormiu.

Na manhã seguinte, Keelie estava ao lado da RV de Sir Davey e olhou para as árvores. Cicuta, Bétula e Abeto cresciam juntos para formar este trecho de floresta perto do acampamento, com alguns carvalhos polvilhados dentro. Árvores acarpetavam as colinas e o azul e roxo das Montanhas de Catskill apareciam em segundo plano.

Ela caminhou perto da linha das árvores atrás do acampamento, olhando para trás para se certificar que seu pai não estava olhando. Sob os galhos baixos das árvores de abeto, estava escuro e o cheiro de terra argilosa fazia cócegas em seu nariz. Um formigamento de magia a sacudiu. Ela deu um passo para trás, com medo. Vento agitava as folhas das bétulas, e os ramos nas cicutas tremeram no ar frio. Acima dela, os abetos vermelhos dançavam na brisa. Ela ouviu sussurros verdes; as árvores estavam cientes de sua presença. Havia uma corrente de tristeza, profunda tristeza e dor na energia verde das árvores. Algo trágico aconteceu com a floresta, e ela não tinha se curado do trauma.

Keelie estava desconfiada dessas árvores desconhecidas. Os álamos no Colorado tinham ajudado ela, e ela os ajudou apesar de ter sido estranho tê-los dentro de sua cabeça. Mas havia uma vibração de árvore muito assustadora vinda desta floresta. Keelie não queria entrar, mas ela sentia que unicórnio estava lá esperando por ela. O amuleto em forma de coração estava pendurado em seu pescoço, o coração do álamo da Rainha Raina, cresceu quente contra seu peito.

Magia arrepiou sua pele mais uma vez. Keelie se perguntou se o unicórnio estava por perto.

Seu medo desapareceu quando ela se lembrou de como ele brilhava à luz do luar. Ela desejava ver seu chifre brilhar ao sol, e se perguntou qual era a cor de seus olhos. Ela ouviu barulho de folhas secas como se alguém ou alguma coisa caminhasse nas proximidades. Se ela caminhasse para a floresta, ela poderia ser capaz de encontrar o unicórnio. Um desejo de fazê-lo brotou dentro dela. Em seguida, as folhas secas estalaram ainda mais altas, como se alguém ou algo chegasse mais perto. O coração de Keelie disparou. Ela enfiou a mão no bolso da calça jeans e tirou o cristal rosa. Calor inundou-a. Fosse o unicórnio ou o Barrete vermelho, ela estaria protegida.

Olhando para a base dos abetos, Keelie notou uma rocha coberta de musgo. Ele estava em pé, como se tivesse criado raízes profundas no solo. Na base da rocha, vários cogumelos vermelhos minúsculos cresciam em um círculo. Um anel de fadas. Ela olhou ao redor, mas não viu nenhuma das fadas vara que ela conheceu no Colorado - a bhata (criaturinhas em forma de insetos e gravetos)

De repente, Knot pousou nas proximidades como um ninja peludo. Keelie saltou para trás, e seu braço nu roçou a casca de um abeto. Uma presença verde encheu sua mente, mas não a paz dos bosques verdes que ela tinha conhecido antes. Esta era uma presença agitada.

Knot desenterrou um dos cogumelos, sua cauda balançando. Era hora de ir, antes que as fadas descobrissem que seu anel tinha sido quebrado.

-Você nunca aprende, não é? “Lembra o que a Bhata fez da última vez que te pegou”?

Ela procuraria pelo unicórnio outro dia. Agora, ela precisava encontrar seu pai. Ele disse a ela para encontrá-lo na nova loja. Ela saiu da floresta, tendo cuidado para não tocar em quaisquer ramos ou cascas e se dirigiu para a Feira.

Utilizando o mapa que seu pai lhe dera, Keelie rapidamente encontrou a loja. Ela era localizada no congestionado Circuito Floresta Encantada, em frente a um pequeno bosque de carvalhos. A loja de Zeke era uma das muitas lojas alinhadas juntas, numa espécie de casas de loteamento da Califórnia onde as casas eram tão juntas que você podia estender a mão e tocar na janela do segundo andar do seu vizinho. Ao seu redor, Keelie viu artesãos e artistas ocupados se preparando para a abertura da Feira.

A loja de seu pai estava cheia de caixas, algumas já abertas e as cadeiras de vinha e de cristal que ela amava estavam empilhadas a esmo embelezando o local. Keelie ficou surpresa com quão esta estrutura com piso de tábuas era diferente da loja de dois andares de piso de madeira da Feira de Montanha Alta. Esta pequena loja tinha uma frente ampla, um pequeno balcão no meio, e prateleiras nas paredes do fundo para as casas de bonecas e castelos de madeira que Zeke tinha trazido para vender. Uma porta na parede de trás provavelmente conduzia para uma área de armazenamento ou numa oficina.

O lugar parecia vazio, então Keelie foi para fora. Descendo na área de um beco sem saída no Circuito da Floresta Encantada ela encontrou um lugar familiar, a loja de ervas de Janice. Nesta Feira foi chamada Loja do Boticário e - eca - estava próxima as latrinas. Ela apostava que Raven e Janice estariam queimando incenso e velas perfumadas pelo cano de descarga antes do final do verão.

Uma coisa boa sobre o circuito era que ele estava preparado para ser ocupado com o tráfego intenso dos mundanos (os frequentadores da Feira não fantasiados de acordo com a Renascença) e fariam seu caminho pelas latrinas. Mesmo agora, atividade cantarolava no ar, acompanhada pelo som de martelos, serras elétricas e conversas sobre como todo mundo correu para terminar antes das multidões aparecerem.

Carvalhos majestosos forravam o caminho, protegendo-o com suas copas de folhas. Centenas de frutos cobriam a estrada enlameada, um perigo pior do que jogar sacos de bolas de gude ao redor. Dois homens em camisas amarelas com "Segurança" escrito em letras pretas na parte de trás, foram juntando e varrendo os frutos para cima.

O mais alto dos dois chutou um fruto com sua pesada bota de trabalho preto. -Você acha que essas árvores estúpidas iriam acabar sem essas porcarias de frutos.

O outro continuou limpando.

- Não é natural para as árvores perder tantos frutos assim, dia após dia.

Keelie fechou os olhos e sentiu a presença sensível das árvores, mas havia algo de errado. Estas árvores eram muito velhas, muito mais velhas do que as árvores perto do acampamento. De acordo com o que o seu pai lhe ensinara sobre árvores, árvores velhas são mais cognitivamente desenvolvidas, poderiam exercer mais magia, e poderiam se comunicar telepaticamente entre si e com pastores de árvores. Mas esses velhos carvalhos, velhos como estavam pareciam quase primitivos. E eles estavam com raiva

Keelie pressionou o cristal rosa contra o peito com raiva, como seiva quente fluindo por suas veias e vertendo em sua mente. Então a raiva passou quando uma energia verde fresca fluiu através dela. Algo peludo estava se esfregando contra sua perna. Ela olhou para baixo à espera de ver Knot, mas para sua surpresa, era um gato branco e magro.

- De onde é que você veio?

Keelie estendeu a mão para acariciar o gatinho branco.

-Você provavelmente me salvou de ter algum tipo de erupção de lava verde.

O gato arqueou as costas contra a sua mão estendida, e, em seguida, correu para a floresta do outro lado da pista.

Um dos guardas de segurança parou e olhou para as árvores. Ele limpou o antebraço na testa avermelhada.

- Eu não entendo por que Finch não cortou estas árvores. Elas estão sempre soprando uma vedação ao longo desses carvalhos, e os donos das lojas reclamam sobre os frutos.

Keelie sentiu raiva verde escuro varrendo as árvores. Os carvalhos brandiram seus galhos como se um vento forte estivesse soprando através de suas folhas, e de repente uma enxurrada de frutos choviam sobre os dois homens da segurança. Um fruto pousou, com um baque duro, em seu couro cabeludo. Cobriu a cabeça com os braços, Keelie correu de volta para o outro lado da pista para a loja do seu pai.

Na segurança da loja, Keelie assiste os dois seguranças atropelar a pista Encantada como se suas calças estivessem em chamas. Comerciantes e trabalhadores pararam o que estavam fazendo para vê-los. Keelie notou várias pessoas contemplando as árvores e balançando suas cabeças. Uma mulher de calça jeans e top benzeu-se e correu para sua loja.

-Huzzah, huzzah, o rei está em seu quarto e a Rainha está escondida, e o que vemos aqui, uma adorável e encantadora lady... Cantou três Homens Felizes vestidos com túnicas verdes e calças combinando. Eles pararam e circularam uma mulher vestindo um corpete que fez seus seios saírem do

top como duas maçãs em uma pequena cesta de frutas. Ela riu enquanto cantava letras mais repugnantes e andava cuidadosamente na ponta dos pés através dos frutos, seguida pelos Homens Felizes. Eles também se equilibravam entre as nozes.

Esta Feira tinha mais nozes do que aqueles espalhados no chão. Graças a Deus ela não tinha que trabalhar com esse grupo. Keelie planejou ir com calma nesta Feira.

Ela olhou para placa de madeira da loja Heartwood, que tinha uma árvore de carvalho com frutos pequenos em forma de coração pendurados nos galhos. Talvez seu pai tenha escolhido este local para que ele pudesse ser um pastor de árvores para os carvalhos errantes. Pareciam árvores comuns, mas Keelie notou que as raízes estavam retorcidas como mãos artríticas. Mesmo sem magia, uma pessoa poderia ver as características faciais enrugadas nos nós e nódulos nos troncos das árvores.

Ao lado da loja do pai, para deleite de Keelie, havia uma cabine de artigos de couro chamado Criações de couro de Lady Annie. Curiosa, ela foi explorar. Não era como se ela precisasse de botas. Ela tinha o velho par de sua mãe, e um par de botas para uso diário que Janice lhe dera na Feira de Montanha Alta.

Loja de Lady Annie estava pronta para a ação, e o cheiro de couro fresco acabado cortou o verde dos frutos esmagados lá fora. Keelie inalou profundamente. Lembrou o cheiro de um carro novo, que por sua vez lembrou-lhe que ela não tinha tido uma única aula de direção. Em seguida, todos os pensamentos sobre carros desapareceram quando ela avistou as mercadorias de Lady Annie. Estava de boca aberta.

Incríveis modelos de calçados Renascentistas encheram as prateleiras principalmente de incríveis botas trabalhadas a mão, com botões de ossos esculpidos em todas as laterais, em dezenas de modelos. Um cartaz emoldurado do catálogo de Botas de Lady Annie mostrou como elas se encaixavam nas pernas do utilizador como uma segunda pele. Keelie fechou a boca com medo de começar a babar, e pegou a etiqueta com preço escrito a mão de um lindo par vermelho escuro aparado de preto. Seu estômago apertou quando viu o preço: novecentos dólares.

Espere um minuto. Seu interior de garota da Califórnia deu-lhe um tapa mental em seu rosto. Ela tinha andado com seu pai elfo, árvores, e um gato desagradável por muito tempo. Este era um calçado personalizado. Ficou pensando nos preços de grife. Isso ela poderia comprar, e que iria funcionar perfeitamente com o traje que Janice e Raven lhe deram. Talvez este lugar fosse novo e Raven não conhecesse. Ela era totalmente louca por couro. Keelie sorriu quando se lembrou de Raven numa farra de gastos em uma loja de couro no Colorado.

- Posso ajudá-la?

Perguntou uma jovem mulher com a pele bronzeada e cabelos negros longos e lisos. Vestida com uma camiseta e calça jeans, ela usava uma gargantilha turquesa absolutamente deslumbrante de flor de abóbora e um par de botas Lady Annie com águias de couro trabalhadas nas laterais. Um pequeno broche em sua camisa se lia "Lady Annie".

- Você fez essas botas? - perguntou Keelie.

- Sim, eu sou Lady Annie, e cada par são trabalhados em couro por mim ou por um dos membros da minha família.

- Uau. Eu amei o seu colar, também. Você é nativa americana?

Ela conheceu uma mulher Zuni que se parecia com Lady Annie quando ela e sua mãe fizeram uma viagem para o Arizona.

- Com certeza sou. Navajo.

Lady Annie olhou para Keelie.

- Você é a filha de Zeke não é?

Keelie assentiu. -Como você sabe?

- Você se parece com ele.

Seus olhos brilharam. Outra das conquistas do pai.

- Eu conheci o seu pai e seu gato, ontem.

Ok, não é uma antiga namorada de Zeke. Ainda.

- Meu gato deve ter causado uma boa impressão.



- Ele com certeza causou. Ele derrubou uma prateleira de botas.  
Ela sorriu. Obviamente, uma perdoadora amante de gato.

- Eu só o vi do outro lado da rua.

Keelie se virou e viu Knot dando rebatidas em alguns frutos no chão. Gato estúpido! Ela viu um daoine feithid, uma fada inseto, zumbindo nas proximidades. Era bronze brilhante e parecia um besouro se você não olhasse muito de perto. Knot não tinha um bom relacionamento com as fadas insetos, culpa dele, já que ele gostava de atormentá-las. Não era seu problema. Knot podia ter as fadas, seu pai podia ter as árvores indisciplinadas, e Keelie podia ter novas botas. O pensamento a animou. Ela respirou e focou nas prateleiras, tentando decidir entre o gavião voando e a criação de emblemas de unicórnio.

- Se eu fosse desenhar um par de botas para você, eu teria que sugerir as folhas das árvores, com botões esculpidos à mão em forma de frutos mais ou menos como estes.

Lady Annie tirou um belo par de botas, verde, com folhas marrons trabalhadas subindo pelas laterais. Os botões eram folhas de carvalho de prata.

- Essas são lindas.

Keelie esperava que ela não estivesse realmente babando. Em um movimento indiferente contemplando a peça numa espécie de gesto de compra. Keelie procurou marca de baba. Ufa, nenhuma

- Se você quiser um par, você precisa fazer seu pedido logo. Eu só posso fazer durante a temporada da Feira.

- Botas sob medida. Isto é tão italiano.

- Sim, eu já até fiz botas para músicos de rock quando estavam em turnê. Impressionante! Talvez Keelie tenha descoberto um lado designer da Feira: California Legal conhece a Idade Média.

- Quanto tempo seria necessário para você me fazer um par?

- Três semanas se eu começar hoje. Você tem que fazer um depósito de trezentos dólares, antes de medir você, ou você pode pagar na íntegra

através do seu Lady Visa ou Mastercard.

Seu pai havia confiscado todos os cartões de crédito de Keelie quando ela tinha feito compras online e comprou novas roupas de La Jolie Rouge. Ela estava se sentindo muito triste e chateada por causa de sua mãe. O pai tinha ficado como um pai fica quando vê um total de \$400,00. Mas Keelie tinha comprado tudo na liquidação. Ele não tinha entendido quanto dinheiro ela tinha guardado. Seu pai não tinha absolutamente nenhuma lógica comercial. Tinha que ser, porque ele era um elfo.

Ela não precisava de cartões de crédito. Ela tinha uma conta bancária repleta de dinheiro. Talbot e Talbot, os advogados da sua mãe na Califórnia, tinham enviado uma carta dizendo que a propriedade de sua mãe tinha sido posta em custódia até que ela completasse dezoito anos e estivesse cursando a faculdade. Seus olhos saltaram quando viu quanto dinheiro tinha lá. Talvez seu pai pudesse emprestar o dinheiro, e ela poderia ir em frente e comprar a bota para que ela pudesse usar nesta Feira. Ele quer que ela tenha um calçado temático para combinar com o negócio.

- Eu vou ter que conseguir dinheiro com o papai. Ele vai adorar as folhas e o tema de fruta. Eu volto mais tarde para você me medir. Ele não deve criar problema com a encomenda de um par de botas que ela estava pagando com seu próprio dinheiro.

Lady Annie acenou casualmente com a mão.

- Já que você é filha de Zeke, podemos ir em frente e medir você agora, e posso começar a cortar o couro hoje, porque uma vez que a Feira começa amanhã, vai ser uma loucura.

- Vamos começar.

Keelie sentou em um banquinho de madeira (bétula de West Virginia) e Annie começou a trabalhar.

\*\*\*

Quando Keelie deixou a loja de Botas da Annie uma hora depois, ela quase esbarrou em um homem carregando uma pilha de caixas. Este tinha sido um passeio agitado. Até a pista, três atores bonitões liam seus scripts, praticando as suas falas. Eles faziam parte da guarda do príncipe John. A

história desta Feira era sobre a noiva do príncipe John, Princesa Eleanor, estava chegando para o casamento. Robin Hood e seus homens estavam indo para interromper a cerimônia e resgatar Lady Marian, que estava sendo mantida como prisioneira e servindo como serva da Princesa Eleanor.

Sob o verniz da moderna loucura medieval, Keelie sentiu a magia das árvores em aflição na sua mente. Suas mãos estavam formigando. Ela colocou a mão dentro do bolso e tocou o cristal rosa. Uma calma instantânea a envolveu. Lembrando-se das lindas botas, Keelie sorriu em antecipação. Espere até Elia ver as suas botas novas. A perfeita testa da menina Elfo ia se enrugar de inveja. Talvez ela fique com algumas rugas permanentes. Keelie ficaria mais do que feliz em fazer Elia ter seus plenos 60 anos, em vez de dezessete anos.

Keelie espreitou na loja de seu pai. Ele não estava e ela precisava do dinheiro. De novo, se ela tivesse um telefone celular ela poderia ligar para ele para perguntar sobre as botas. Se ele tivesse algum problema com ela por comprar as botas, aí a culpa seria dele, porque ele deveria ter substituído o celular até agora para que ele pudesse dizer a ela para não comprá-las.

Do outro lado da loja de seu pai tinha um brilhante edifício rosa-chiclete, com uma treliça de hera verde escuro crescendo de um lado e um cartaz que dizia: "A casa do Pão-de-Gengibre." Sua boca encheu de água até ela perceber que não havia bolos ou biscoitos de gengibre aqui. Em vez disso, as prateleiras estavam transbordando com outra coisa que ela amava: fantoches. Havia fantoches macios de unicórnio brancos de mão e marionetes em forma de cavaleiros, princesas e dragões. Todos pareciam tão divertidos.

Keelie encontrou-se na varanda da loja, embora ela não conseguisse se lembrar de subir os três degraus largos. Daqui de cima ela podia ver Sir Davey andando pelo caminho.

A loja chamou sua atenção mais uma vez e ela foi mais para dentro. As paredes estavam cobertas de prateleiras, que foram cobertas com cores brilhantes e cheias de fantoches e marionetes de cordas, bem como com os pequenos bonecos que podem sentar-se no seu ombro. A loja era tão bonita, e cheirava a biscoitos também, o que adicionado ao encantamento Keelie poderia imaginar os pequenos bonecos ganhando vida.

Uma mulher com cabelo loiro amarrado em um coque desgrehado saiu e sorriu para Keelie.

- Oi, eu sou Lulu, a senhora fantoche.

Sua sobrançelha era perfurada com uma pequena argola de prata que tinha um coração vermelho minúsculo pendurado. Ela exalava uma vibração muito legal. A ansiedade de Keelie derreteu-se, e ela estava completa com um calor lânguido difuso e doce como algodão-doce em um dia quente de verão.

Suas mãos se tocaram com um zap de estática e Lulu saltou para trás com choque. Ela balançou a mão no ar.

- Ei garota, você tem algum zing aí.

Seu rosto tinha ficado manchado como se tivesse comido camarão e estava tendo uma reação alérgica.

- Você está bem? Por alguma razão, Keelie realmente gostou de Lulu; ela realmente parecia ser uma boa pessoa, alguém que Keelie poderia sair quando a Feira ficasse chata.

- Eu estou bem. Você trabalha aqui? Qual o seu nome?

- Eu sou Keelie Heartwood. A loja do meu pai é aqui ao lado.

Sir Davey a viu e acenou, embora ele tenha franzido a testa quando viu Lulu. - Você está bem, Keelie?

- Tudo bem. Apenas visitando os vizinhos. Keelie se perguntou por que Davey parecia tão cauteloso. Knot miou e arqueou as costas.

- É seguro ter esse gato solto? Ele deveria estar com uma coleira ou em uma caixa. Lulu olhou enjoada.

- Você não pode andar com um gato na coleira.

Mas a ideia de Knot em uma caixa era realmente muito boa. - Além disso, ele é parte do negócio do meu pai.

Keelie sentiu as árvores de carvalho do outro lado da pista. Energia verde estava crescendo e os carvalhos estavam definitivamente com raiva. Ela

olhou ao redor, mas não viu nada que pudesse enfurecê-los. Não há um lenhador ou castor à vista. Frutos começaram a cair no telhado de zinco da oficina de marionetes.

Lulu gemeu. - De novo não. Eu já reclamei com a diretora da Feira e ela disse que está resolvendo, mas o que ela está fazendo não está funcionando.

Keelie olhou para fora. As árvores eram agora como várias criaturas de madeira com ramificações múltiplas visando seus frutos como pequenos projéteis na loja de pão de gengibre. Outro arrepio percorreu-a, fazendo-a tremer. Uma dose maior de energia de árvore estava vindo em sua direção. Keelie agarrou o cristal rosa e parou no meio do caminho. Ela abordou as árvores.

Parem com isso. Deixe à senhora das marionetes em paz. Seu comando tácito ecoou pela clareira.

Sem resposta. Pior, era como se ela tivesse batido em uma parede. Ela estava sendo ignorada.

Chocada, Keelie se virou. Esta era a primeira vez que as árvores haviam rejeitado a comunicação telepática com ela, e ela não gostou nem um pouco. Era como chamar alguém e eles rudemente te ignorar.

O olhar de Lulu passou por Keelie até os ramos dos carvalhos. Uma brisa varreu a pista sinuosa e frutos eram derramados ao seu redor como granizo verde. Keelie jogou os braços sobre a cabeça, mas os frutos não batiam nela. Ela olhou para cima.

Um guarda-chuva invisível a cercava. Ela podia ver os frutos batendo no ar em cima dela e, em seguida, cair fora como se tivessem saltado de alguma coisa sólida. Lulu tinha ido embora, fugiu de volta para sua loja e Keelie ficou presa em uma bolha no meio de uma tempestade de frutos. Esta não era a sua magia, então quem a estava protegendo?

Através da névoa de nozes verdes e marrons, Keelie viu seu pai sair da sala detrás da loja. . Ele franziu a testa, em seguida, estendeu a mão. Ondas de calma ondularam por ela, em seguida, para as árvores. A raiva esvanecia, desaparecendo num calmo silêncio, depois diminuiu para um sono.

Aliviada, Keelie correu em direção a ele. Ela ia ter que aprender a fazer essa coisa com a mão. Ela chutou frutos para fora do caminho. Eles ainda cobriam o chão da loja.

- Você fez isso?

Os olhos do meu pai estavam vermelhos agora, e a parte branca tinha uma coloração verde. Um efeito colateral da magia verde? Keelie o encarou, com medo de dizer alguma coisa. Era difícil dizer o que passou do normal na loucura de sua nova vida.

- Não, foram às árvores - ela respondeu. - Elas nos atacaram. Keelie tocou uma das vigas de suporte de madeira: cicuta, da floresta local. Uma estrada coberta de registro, e os tocos de árvores antigas ao seu redor e tristeza, profundamente enraizada. Uau. Ela ficou abalada com a memória da madeira em sua cabeça. Ela precisava de mais plástico em sua vida. Um cartão de crédito seria um bom começo.

Seu pai encostou-se no suave balcão de pinho polido.

- Eu sei o que as árvores fizeram, mas você colocou o escudo de proteção?

- O quê? Você quer dizer o guarda-chuva invisível? Achei que você tivesse feito isso.

Knot saltou detrás do balcão, o rabo peludo erguido. Ele não estava do outro lado da rua?

Ambos olharam para ele.

- Você acha que ele fez isso? Keelie olhou para o gato estúpido. - Eu pensei que ele era o único que tinha deixado às árvores zangadas, utilizando-as para se coçar ou algo assim.

Knot bateu em um grande fruto verde que tinha rolado até Keelie. Ele deslizou pelo piso de pinho, como uma bola de gude. Knot correu atrás dele, arranhando-a até o fruto girar e dar voltas e voltas como um pião torto.

- Não, não foi ele." Seu pai estava falando com ela, mas olhando por cima de seu ombro. Keelie virou-se para seguir o seu olhar.

Ele estava olhando para a mulher fantoche e as centenas de frutos acarpetando o chão em frente de sua loja. Ele, obviamente, sentiu que algo estava para acontecer. Papai fechou os olhos. Quando os abriu, ele franziu a testa. Seus olhos pareciam assustadores. - Os carvalhos vão ficar quietos por um tempo.

As manchas de Lulu tinham desaparecido, e ela estava pendurando marionetes em um rack giratório. A mulher olhou para trás, mas afastou-se com um olhar terrível em seus olhos.

- Venha comigo, Keelie, disse ele em voz alta. - Estou abrindo umas caixas lá atrás e quero que você veja onde guardo o meu material de embalagem. Ele baixou a voz e colocou a cabeça perto dela. - O que ela disse para você?

- Nada, realmente. Ela me disse que seu nome é Lulu. Ela tem a maior loja com todos esses bonecos legais. O que há com os carvalhos, aliás? Eles são totalmente irritados.

- Mais do que irritados. E eles não estão respondendo a nós. Eles estão assim há anos, mas geralmente um pouco de cuidado conforta-os, os acalma.

Ele balançou a cabeça. - Eu não tenho certeza do que está acontecendo, mas eu temo que possa ser grave. Se eu pudesse falar com o unicórnio.

- Quer que eu o encontre? Ela encolheu-se interiormente. Sua voz tinha saído em alta frequência, como uma criança de oito anos de idade implorando por algo.

- Fique fora da floresta, e não pergunte novamente. Essas árvores são antigas, Keelie, sobreviventes de um campo de exploração madeireira que existia aqui cerca de trinta anos atrás antes de construírem a barragem e a usina rio acima. A Feira é construída sobre o antigo acampamento de exploração madeireira e alguns desses prédios estavam aqui. Vai demorar um longo tempo até que a floresta se recupere.

Isso explicaria a imagem de pós-cicuta.

- As árvores não são tão desagradáveis todo ano, ou são? Se for assim, esta deveria ser chamada a floresta assombrada em vez de Feira de Wildewood.

- Era uma bela floresta.

Os olhos do meu pai ficaram nebulosos enquanto ele se lembrava.

- Não houve elfos para executar a passagem das árvores, por isso a energia e os espíritos das árvores caídas assombram estas terras, e algo os despertou. Essa é a única razão pela qual eu não quero que você chegue perto do unicórnio. Ele é poderoso e protetor da floresta e ele não vai hesitar em usar sua magia para esse propósito.

Medo subiu pela espinha de Keelie.

— Não há nenhum outro Barrete Vermelho não é?

— Não, nada de fadas más, apenas para diretora da Feira que eu tenho de me preparar. Ela é uma besta de uma mulher.

Keelie tinha se enchido de desejo quando o pai disse: "unicórnio." Ela sabia que ele estava na floresta, e mesmo que seu pai tenha avisado sobre seu encantamento, ela não queria resistir à compulsão de ir para a floresta. O que poderia o unicórnio fazer para machuca-la? Seu pai olhava com uma expressão desconfiada que dizia eu sei que você está tramando algo. Se ela queria ir para a floresta, ela precisava desviar sua atenção.

- Por que os carvalhos estavam jogando frutos em Lulu? Ela é muito legal. A senhora dos bonecos tinha o direito de ficar assustada com os frutos.

- Eu não sei. Ela é nova. A loja de fantasias das crianças costumava ficar lá, mas o proprietário ficou doente nesta primavera e o administrador procurou alguém para preencher o lugar, e Lulu estava à procura de uma



nova casa para o seu negócio de marionetes.

- Ela é um elfo? Lulu não se parecia com um elfo, e ela era muito legal para ser um, mas havia algo de mágico sobre ela.

- Não, ela é humana, mas ela me deixa desconfortável. Ela é estranha. Fique longe dela até eu descobrir o que é, ok?

- Mas ela é tão legal. Eu gosto dela.

- Keelie!

- Tudo bem, mas posso, pelo menos, comprar um de seus bonecos? Eu quero um unicórnio de ombro.

A mãe teria comprado um para ela. Ela amava os bichos de pelúcia. Momentos depois, lágrimas quentes rolaram pelas faces de Keelie, como se estivesse no piloto automático. Ela odiou ter chorado sem um aviso prévio.

Papai tirou um maço de lenços do bolso e deu a ela. Nestes últimos dias ele sempre carregava lenços em seu bolso para sua filha tromba d'água.

- Desculpe. Ela assoou o nariz

- É normal, Keelie. Você está de luto. Três meses não é tanto tempo assim. Você já passou por muita coisa desde que perdeu a sua mãe.

.

- Não brinca. Como descobrir que eu não sou humana? Isso tinha sido um choque.

- Metade humana, ele corrigiu. Você pode fazer um mundo de coisas boas, algo diferente e sair da loja. Eu estou preso aqui, preparando-me para o dia da abertura e à espera de Scott, mas você está livre. Por que você não arruma um emprego?

- Eu só queria conseguir.

- Se você conseguir um emprego aqui na Feira, você pode ganhar algum dinheiro. Vi o brilho de compras em seus olhos.

- Que coincidência. Eu estava na Lady Annie olhando algumas botas.

- Você já tem as de sua mamãe e as que Janice lhe deu. Por que você não compra um arco e aprende arco e flecha?

- Arco e flecha? Deixe um elfo pensar que arco e flecha é divertido. E ele lembraria o fato de que ela já tinha dois pares de botas. Papai simplesmente não consegue entender sapatos e mulheres. Dois pares não eram suficientes.

- Eu pensei em usar uma parte do dinheiro que mamãe me deixou. E, além disso, elas não são tão caras.

- Eu vi o preço dessas botas.

Zeke arqueou uma sobrancelha, e achou que era engraçado ela querer um par.

- Mas se você realmente quiser você pode conseguir um emprego.

- Mas eu já encomendei um par.

Keelie assoou o nariz como ela disse, tentando disfarçar as palavras.

Não funcionou.

- Eu espero que você esteja brincando. Sua voz levantou-se quando disse "você está de castigo".

Ela não podia acreditar que seu pai estava começando uma briga. Ela era a única que estava vivendo em quartos pequenos com ele e seu gato, sem geladeira e sem banheiro nas últimas três semanas. Ela apontou para cada estúdio de tatuagem e piercing em oito estados e ele tinha passado direto por cada loja, sempre olhando para frente, nunca uma vez olhando para onde ela estava apontando. Ela merece essas botas.

- Eu já encomendei as botas e Lady Annie já cortou o couro.

Bem, ela não sabia se Lady Annie tinha realmente começado. Tarde demais agora.

- Sério.

O rosto de seu pai empalideceu, mas Keelie notou que seu pescoço estava começando a ficar verde. Isso não era normal.

-Você está bem, papai?

- Não mude de assunto.

- Tudo bem. É o meu assunto favorito agora. Eu tenho dinheiro no banco, então qual é o problema? Elas vão ser realmente demais, com folhas e frutos. Elas vão combinar com a loja.

Apesar de ela precisar repensar a respeito dos frutos depois deste último incidente.

- Keelie, esse é o dinheiro da faculdade. Se você quer as botas, você tem que trabalhar por elas.

- O que?

- Você me ouviu. Você vai trabalhar para ter essas botas.

Keelie ficou de boca aberta em ultraje. - É o meu dinheiro. Eu posso fazer o que eu quiser. Vou ligar para a Sra. Talbot, e ela vai te dizer que eu posso gastar meu dinheiro como eu achar melhor.

Seu pai deu de ombros. - Ligue. Ela vai dizer que você não pode tocar no dinheiro até que você tenha dezoito anos.

Knot abandonou a caça selvagem de hóquei de fruto e sentou-se na frente de Keelie para lavar o bumbum.

- Tudo bem. Eu vou ligar. Mamãe teria me deixado comprá-las. - As lágrimas estavam de volta.

Papai pegou o pé de cabra e arrancou a tampa de uma caixa que estava próxima, com mais força do que era necessário. A tampa saiu voando e ricocheteou numa coluna, estilhaçando no chão. - Você está morando comigo agora. A Srta Finch, a coordenadora da Feira, tem um escritório no prédio administrativo. Ela é responsável pela contratação.

Novas lágrimas vieram aos olhos de Keelie, e ela assuou o nariz com o lenço umedecido pelas lágrimas. - Você está brincando, certo? Você quer que eu arrume um emprego?

- Srta Finch. Vai. Agora.

O rosto de meu pai tinha ficado severo.

- Sim, claro, Zeke. Vou levar cem anos para pagar a dívida trabalhando apenas nos finais de semana.

Keelie fez uma careta para ele. Ela só o rebaixou a seu primeiro nome. Esquecendo-se de chamá-lo de pai até que ele aja como um.

- Você precisa aprender o valor de trabalhar por alguma coisa. Eu acho que você tem muitas coisas simplesmente dadas a você.

- Como você se atreve? Mamãe me amava. Ela cuidou de mim.

Keelie girou nos calcanhares e começou a marchar para longe. Seu pé direito escorregou no fruto de Knot e ela caiu de traseiro no chão duro, seus dentes batendo junto dolorosamente. Sem fôlego e abalada, Keelie concentrou-se em inspirar e expirar com o cóccix dolorido.

Papai largou o pé de cabra e correu até ela. - Você está bem?

- Eu vou viver. Ela gemeu, e se sacudiu e se afastou quando ele a ajudou a subir. Debaixo dela, o fruto rolou pelo chão. O felino laranja sádico passeou para fora da loja, sem se preocupar em olhar para trás, para os estragos que ele causou. Pelo menos ele estava agindo normalmente.

Keelie foi mancando até o final da rua, estudou um mapa da Feira de Wildewood, e encontrou o prédio da administração. Ela sabia que chamar os advogados era inútil. Eles nunca deixariam ela pegar o dinheiro. Papai tinha blefado, e agora seus planos de lazer de verão ia ser um fracasso. Logo ela ficou na frente de uma casa branca que deve ter sido uma vez parte do campo de exploração madeireira. Uma placa na porta dizia "Contratação". Knot passou correndo por ela em um borrão e parou na varanda. Keelie marchou adiante, mal olhando para os vasos de ervas que estavam alinhados.

Ela olhou para o gato. Ele tinha alguma coragem, seguindo-a como se estivesse todo preocupado. Ela provavelmente ficaria ferida por uma semana por causa de seu fruto estúpido.

- Você nunca mais, nunca mais vai dormir comigo de novo. Ela percebeu que estava gritando quando dois rapazes bonitões e sexy em jeans e camisas pólo pararam para olhar para ela, assim como uma adolescente com longos cabelos castanhos. A menina olhou para Keelie com um olhar

familiar, não receptivo um olhar de "você é uma imbecil". O trio trocou olhares que claramente dizia: "Que perdedora!".

Keelie rapidamente retaliou com uma mão no quadril entediada - Quem lhe deu permissão para olhar para mim? Brilho. E deu um olhar penetrante. Se Laurie estivesse aqui, ela iria assustá-los com algo inteligente.

O trio fica com a deixa e segue em frente. Keelie ouviu a menina dizer: - Você acredita que eu consegui um emprego com Francesca?

Francesca, a loja mais legal da Feira Renascentista.

Esse era um lugar que ela poderia trabalhar. Ela adorava suas roupas, belas interpretações de roupas de época. Super legal para roupas Renascentistas, a La Jolie Rouge da Feira Renascentista. O tipo de traje que iria combinar com suas botas.

Keelie estremeceu quando subiu os degraus da varanda. Ela precisava de um guardião para protegê-la de seu suposto guardião. Knot sentou-se à porta, como se estivesse desafiando-a a ir para dentro.

- Saia! Ela enxotou-o para longe com o pé. Ele ronronou.

A porta de madeira se abriu de repente, e o ar frio correu para fora. A Administradora tinha ar condicionado. Não era justo. O ar frio se tornou completamente frio enquanto Keelie olhava para uma mulher grande com cabelo vermelho flamejante e piscando os olhos verdes.

- Que diabos você está fazendo? Você estava planejando bater ou só ficar aí? ,

A mulher olhou como se estivesse tendo um mau dia e estava a ponto de descontar em Keelie.

- Estou aqui para me candidatar a um emprego, Keelie conseguiu chiar.

As sobrancelhas vermelhas da mulher se estreitaram quando seu olhar caiu em Keelie, em seguida, voltou-se novamente. - Quantos anos você tem?

- Quinze

– Hum. Eu te conheço?

– Eu sou Keelie Heartwood. Meu pai...

- Zeke Heartwood. Sua voz gelada aqueceu um par de entalhes. - Você é um deles. Entre, os outros estão lá dentro. Espero que Heartwood possa fazer algo sobre esses carvalhos beligerantes.

Keelie seguiu a mulher, que estava vestindo calça jeans também, mas combinada com uma blusa branca e um corpete azul com estampas de tapeçaria. Keelie percebeu que ela tinha um par de botas de Lady Annie. Um sol vermelho subindo, sobre uma cordilheira preta, foi trabalhado no couro marrom que se agarrou a panturrilhas grossas da mulher formidável. Mais determinada do que nunca, Keelie sabia que ia trabalhar pelas botas. Ela ia mostrar a Zeke que ela poderia fazê-lo.

A mulher caminhou para trás de uma mesa de escritório de metal comum e sentou-se em uma cadeira giratória. Não havia nada Renascentista sobre isso. Ela apontou para uma cadeira com o assento rasgado.

- Então você é a filha de Zeke Heartwood.

- Sim.

- Eu sou a Sra. Finch. Por que você quer um emprego na Feira?

- Eu preciso ganhar algum dinheiro.

- Por que você não está trabalhando para o seu pai?

- Papai tem um aprendiz. Ele pensou que poderia ser bom para mim fazer algo diferente. Ele quer que eu conheça pessoas novas, experimente novas situações.

Ela sorriu. - Eu tenho o trabalho perfeito para você. Você entende que você veio um pouco tarde. A maioria dos postos de trabalho foram preenchidos.

Keelie se inclinou para frente. - Eu tenho um ótimo trabalho em mente, também. Você tem vagas na loja de Francesca? Gostaria muito de

trabalhar lá.

- Desculpe garota, mas essas vagas já foram preenchidas. Você acabou de perder a última vaga. Eu dei para uma garota que estava aqui há poucos minutos atrás. Você deve ter visto ela. Compras para crianças. Abercrombie & Fitch type.

Keelie se perguntou se Knot iria fazer xixi na menina em seu primeiro dia no trabalho. Talvez se ela o subornar com nepenta. Então Keelie poderia aparecer e mostrar aos clientes de Francesca o que ela poderia fazer. Talvez ela já tenha suas botas até lá, e ela realmente se encaixa com o designer de multidão da Feira Renascentista. Uma imagem dela cavalcando o unicórnio em pêlo passou pela sua mente mais uma vez, e o desejo de ir para a floresta tomou conta dela. Ela forçou sua atenção para sobancelha vermelha arqueada da Sra. Finch.

- Então o que você tem em mente para mim?

- Você já ouviu falar de Jack o faz tudo?

- Sim.

- Bem, você vai ser a minha faz tudo da feira. Você vai preencher, onde e quando eu precisar de você.

- O que isso significa?. Isso soou divertido e horrível.

- Aqui está a descrição do trabalho: Um dia você está trabalhando no torneio, segurando os cavalos porque um dos escudeiros está doente. Ou você vai servir as pernas de peru, porque uma das crianças do ensino médio teve uma ressaca, ou eu posso precisar de você para fazer o show de malabarismo porque caiu uma bola de boliche na cabeça do malabarista. Ou você estará ajudando Sir Brine com o seu carrinho de picles. Eu vou colocar você onde eu precisar.

- Carrinho de picles? De jeito nenhum. Você tem certeza que não tem outra coisa? Um trabalho permanente, talvez?

- Eu tenho uma vaga para um assistente de limpador de latrina.  
Finch se inclinou para frente, com os olhos fixos nos de Keelie.

Ela estremeceu. – A faz tudo da feira serve.

Finch se recostou. - Bom. Seu primeiro trabalho é amanhã, dia da abertura, nos portões da frente. Você precisa estar lá às oito e meia para cumprimentar os clientes. Pegue o seu traje na loja de trajes esta tarde, e eu vou dizer quais são suas obrigações.

- Traje? Ela imaginou um vestido bonito. Este poderia ser doce. Fosse o que fosse valeria a pena pelas botas.

- Plumpkin o bebê Dragão. Finch fez um gesto na direção do outro lado da casa. - Ele vai ser o único roxo felpudo no outro quarto. Eles devem ter começado a vomitar no ano passado. Se não, borrife um pouco mais de Febreze nele, e você estará pronta para ir. Melhor tomar uma garrafa com você, caso o cheiro volte.

O constrangimento de usar um terno roxo de dragão era uma coisa, mas divertir criancinhas soou horrível. E o Febreze não tinha acabado com o cheiro. Keelie pensou que talvez agora fosse um bom momento para o unicórnio aparecer, perfurar seu coração com o seu chifre, e acabar com sua vida.

## 5

Naquela tarde, Keelie voltou para o prédio da Administração. A lavanda em vasos pelo alpendre flutuava seu aroma calmante sobre ela. Janice disse que lavanda era boa para o stress, mas o pico do cheiro da flor lembrou-a do que estava por vir: Plumpkin o Dragão Bebê.

Ela rastejou até o escritório, não estava ansiosa para ver a Sra. Finch novamente. No final do corredor, uma placa dizia "Loja de fantasias." Abrindo a porta, Keelie foi saudada por um turbilhão de atividade. A sala estava cheia de mulheres. Uma mulher magra com cabelos grisalhos marrons falava, com uma fita amarela de medição em torno de seu pescoço, uma almofada de alfinetes em seu pulso, um bloco de notas e um lápis em suas mãos. Ela andava através das outras, todas elas estavam experimentando fantasias.

Keelie se manteve na beirada da sala, contornando uma mesa de plástico



carregada com parafusos de luxo de veludo, rendas e seda. Prateleiras transbordavam com mantos, vestidos volumosos e casacos medievais masculinos. Outra mulher estava cortando tecido em uma longa mesa na altura da cintura, usando peças padrão de plástico rígido. Ninguém olhou para Keelie, o que foi perfeito. Ela queria pegar o traje de Plumpkin e sair.

Papel de parede decorava as paredes. Banners verticais altos com franjas e extremidades pontiagudas estavam desfilando em volta com os cavalos. Um deles tinha estilizado ramos de prata contra um fundo preto e trazia as palavras "Torneio Galho de Prata". Próximo a ele tinha um banner verde com um falcão de prata. Sean Crista de Madeira. Keelie suspirou e pensou em Sean em sua feira da Renascença. Agora ele provavelmente estava praticando duelos com os outros cavaleiros, seu peito estampado com seu falcão de prata. Ela esperava que ele sentisse falta dela, tanto quanto ela sentia falta dele.

Keelie examinou o quarto, tentando achar o traje de Plumpkin. Ele não estava aqui. Ela ficou surpresa ao ver a cabeça de um unicórnio em um canto, e depois percebeu que era apenas um pedaço de traje realista. A imagem do verdadeiro unicórnio se formou em sua mente, ela fechou os olhos inundada com um desejo de encontrá-lo, obliterando o barulho e as pessoas na sala de fantasias. Talvez seu pai estivesse certo e o unicórnio tenha enfeitiçado ela.

Não! Ela tinha que se concentrar no seu emprego na feira. Ela encomendou as botas e ela ia mostrar a Zeke que ela pode ganhar o dinheiro para pagar por elas. Talvez depois que ela provar que era responsável, o velho Zeke iria deixá-la ter aulas de direção. Ela iria visitar a pequena cidade de Canooga Springs. Talvez ela pudesse comprar um celular lá.

Três meninas elfos bonitas subiram nas banquetas estofadas, ficaram mais altas que as mulheres humanas. Em seguida, outra menina pisou num pufe almofadado, jogando cachos dourados por cima do ombro. Elia, que se considerava perfeita.

Keelie congelou. A perfeita garota elfo zombou e sussurrou para suas companheiras. O pensamento de ter que até mesmo falar com Elia enjoava Keelie. Ela tinha amaldiçoado Ariel. A coragem do falcão inspirou Keelie; ela não teria medo.

Elas não a tinham visto ainda. Ela só tinha que agarrar o traje Plumpkin e dar o fora de lá. Mas, em seguida, as meninas elfos se viraram para olhar para ela com desdém. Ficaram a vontade em suas roupas íntimas, como modelos de maiô prontas para posar para um fotógrafo, certas de sua perfeição. Keelie se virou. Ela estava envergonhada, mesmo elas não estando. A mulher com a fita métrica voltou com os braços cheios de sedas e brocados.

- Tudo bem meninas, vamos experimentar estes. Sem alfinetes desta vez. As costuras estão todas alinhavadas. É só me chamar se precisar de ajuda.

- Eu vou vestir este traje sozinha? A voz orgulhosa de Elia fez Keelie cerrar os dentes.

Os ombros da costureira caíram. Ela só tinha conseguido andar um metro e meio, mas ela voltou com laços até Elia, inflando suas mangas e puxando a saia no lugar.

As fantasias eram lindas. A de Elia era uma saia de seda cor de ameixa com painéis alternados de brocado roxo e dourado e brilhante contas cor de ametista que decoravam a união de cada painel e a borda da bainha. O corpete era uma obra de arte com três faixas diferentes de brocado roxos colocados juntos. Parecia uma Francesca modificada. Melancolicamente, Keelie pensou sobre o trabalho na loja de Francesca. A vida era tão injusta!

Então ela percebeu que Lady Annie se sentou no chão, traçando um esboço de um dos pés das meninas. A Senhorita Elfo do mal e sua tripulação estavam fazendo botas personalizadas. Ela tentou não demonstrar seu ciúme.

Lady Annie olhou para cima e sorriu. - Keelie, bom vê-la novamente. Eu cortei suas botas esta manhã. Eu disse que ia ficar ocupada. Você está aqui para pegar uma fantasia?

- Sim, eu arrumei um emprego. Keelie esperava que ela parecesse normal.

- Ah, então a pequena Orelha Redonda vai trabalhar como a camponesa que naturalmente é.

A voz de Elia transitou através das meninas elfos, que a silenciou, rindo.

Keelie imaginou a costureira asfixiando Elia com um rolo de rendas e sorriu. - Quem você deveria ser? E trabalhar, também, devo acrescentar. Ela teria acrescentado "Orelha Pontuda", mas ela tinha prometido ao pai que ela não revelaria o segredo élfico, não importa o que as meninas elfos fizessem. Além disso, Elia tomaria isso como um elogio.

- Eu sou a princesa desta Feira. Elia sacudiu sua saia de seda. - E isso dificilmente vai funcionar. É mais como um prazer.

Seus pequenos clones gorjearam como cérebros de pássaros.

- Eu interpreto a princesa Eleanor de Angouleme, noiva do Príncipe John. Ela segurou em suas saias rodadas e envaideceu-se.

Keelie ficou impressionada.

- Que trabalho chato. Você vê todo mundo se divertir. Você não chega nem a montar um cavalo. Ouvi dizer que o Tarl do show de lama e os homens felizes estão interpretando o Príncipe John. Não é ótimo?

Ela sorriu interiormente sabendo exatamente o que Elia pensa sobre Tarl, que ele é inútil e sem importância.

Elia bateu o pé e se virou, cortando seu cotovelo acidentalmente na mandíbula da costureira. A costureira gritou "Ai!" e soltou a tesoura que caiu com a ponta afiada para baixo no dedo do chinelo de uma menina elfo.

- Você aiii, você me cortou! - a menina gritou. Ela tirou o sapato, batendo no peito das outras meninas Elfos com gestos descontrolados. Isso realmente devia doer, Keelie pensou. Os pés da menina elfo eram estreitos e brancos, e tinha a extrema necessidade de uma pedicure.

Outra das tripulantes esnobes quase desmaiou quando viu a tesoura. - Você vai perder o seu pé.

- Cale a boca, eu não vou! - A menina elfo gritou com medo.

- Quietas meninas. Vocês parecem mulheres peixes. Finch olhou para elas. Ela tinha uma aparência triste, um terno roxo com aparência confusa com escamas brilhantes drapeados no braço esquerdo e uma garrafa de

Febreze num presunto como se fosse um punho.

Com a mão livre, pegou a tesoura do chinelo da menina e entregou à costureira de bochechas vermelhas. A cada movimento o brilho de escamas do traje caía no chão.

Os sapatos de Elia recebeu uma boa dose desse brilho e ela limpou o sapato sobre a poltrona como se o brilho fosse cocô de cachorro.

- Você precisa de demiti-la. Elia colocou suas pálidas mãos nos quadris. - Se ela anda por aí mutilando pessoas com uma tesoura, então ela não deveria estar trabalhando aqui. Ela é uma desastrada, e eu não quero ela perto de mim. E já que está aqui, demita Keliel Heartwood. Onde quer que ela vá, ela traz maldições. Veja o que aconteceu! Foi culpa dela.

As outras garotas começaram a murmurar uma para a outra, parecendo uma pequena multidão enfurecida de divas elfos da moda.

Os olhos de Finch piscaram, e seus lábios franziram.

- Princesa, fique quieta! Sua última palavra ecoou pela sala.

As meninas elfos ficaram surpresas e em silêncio.

Finch empurrou o terno fedido de dragão para Keelie.

– Aqui. Vista esta e use muito desodorante, porque vai ser quente amanhã.

A menina elfo ruiva franziu o nariz. - Eca, isso é traje que o desagradável Vernerd usou no ano passado.

Uma das meninas elfos recuou. – O verminoso Vernerd foi o escudeiro que espalhou piolhos para os cavaleiros. Ele foi rebaixado a dragão depois disso.

Keelie olhou para o terno de dragão vazio. Rebaixado? Piolhos?

Elia colocou suas mãos em seus quadris novamente.

- Então este traje ainda pode estar infectado com piolho.

Ela fez sinal com a mão. - Fique longe de mim sua camponesa.

Finch rosnou. - Piolhos não vivem mais de 48 horas sem um hospedeiro, e

eu disse cale a boca porque se você não fizer isso, você vai ser a Princesa Lamentação no desfile de pônei e crianças com o Plumpkin aqui.

Dois pensamentos atingiu Keelie de uma vez: Elia poderia ser princesa Reclamação, que seria adequado, e Keelie ia fazer o desfile pônei e criança. Ela sentiu alegria e pânico ao mesmo tempo. Soou um pouco histérica.

- Coloque o traje de dragão, Finch ordenou.

- Agora?

- Sim. Nós não podemos esperar o Halloween chegar.

Keelie começou a desabotoar sua camisa La Jolie Rouge, voltando ao primeiro dia de educação física na sétima série. Laurie estava lá para apoiá-la quando ela e Keelie tinham se despido de suas roupas íntimas e sutiã. Keelie não tinha muito seio na época, e Laurie gritou para as meninas que sorriram. - O que você tem em seu sutiã? Papel higiênico? Vamos ver.

Keelie tinha crescido desde então. Ela ainda não tinha tanto quanto Laurie no departamento de peitos, mas ela tinha mais do que Elia. E graças a Deus ela tinha tomado banho na RV de Sir Davey esta manhã.

Quando o ar frio atingiu seu peito, um único ponto continuou quente. Keelie olhou para o pingente de madeira em forma de coração que estava contra a sua pele, acalmando-a com a sua magia.

Elia engasgou.

Keelie olhou para cima. As meninas estavam olhando para ela com os olhos arregalados. Uma apontou abertamente para ela e sussurrou para a outra.

- O quê? Perguntou Keelie, olhando para baixo.

Os olhos de Elia se estreitaram. - Você não merece isso.

- Você é maluca.

Elia bateu o pé. Ela quase sussurrou. - Eu é que deveria estar usando esse pingente, e você sabe por que, Orelha Redonda.

- Eu ganhei. Foi um presente. Supere isso.

Keelie segurou a garganta, sentindo-se sufocada. Era o talismã. Ela tinha que tirá-lo, ou ele iria sufocá-la. Ela estava prestes a fazê-lo quando olhou para Elia, que agora usava um sorriso expectante.

Sir Davey tinha lhe ensinado a respirar profundamente quando ela experimentasse qualquer tipo de ataque mágico. Magia da Terra também ajudaria. Keelie sabia que precisava do cristal rosa. Ela caminhou até seu jeans e pegou a pedra lisa de seu bolso. Imediatamente, a sensação de asfixia foi embora.

Frustrada, Elia bateu o pé novamente.

Keelie olhou para ela. A bruxinha tentou manipulá-la com magia. Segurando o cristal rosa, ela se perguntou o que faria se ela apontasse para Cachinhos Dourados. Talvez a menina elfo implodisse.

Finch ficou na frente de Keelie e bloqueou sua visão de Elia. Mas a formidável mulher sustentou o olhar da menina elfo.

- Ei, vocês duas, seja qual for às malditas questões que vocês têm entre si, não tragam aqui, não tragam para a Feira, e não façam nada na frente dos mundanos, porque se fizerem isso, eu vou chutar seus traseiros daqui para o Canadá. Entenderam?

- Sim, senhora. Keelie sabia que era melhor concordar do que dizer o que realmente pensava.

Elia murmurou algo.

Finch colocou a mão dela em seu ouvido. - Não é possível ouvi-la, Reclamona!

Elia suspirou. - Sim.

Finch olhou diretamente para Elia. - Sim o quê?

- Sim, senhora.

- Bom. Agora, vamos deixar Mona terminar o seu vestido.

Elianard vai estar aqui procurando por você em breve.

Eu prefiro não vê-lo, e ele prefere não me ver.

Imaginando se Finch poderia ter sido um pirata em outra vida, Keelie colocou os pés no traje de Plumpkin e quase o atirou longe quando sentiu o cheiro que tinha de ser Eca de vômito seco.

– Que nojo! O que aconteceu aqui?

- Nada. O traje já foi lavado. Finch se inclinou e cheirou, em seguida, franziu a testa e espirrou em Keelie e no figurino um frasco de spray. - Vernerd gostava de se divertir, e às vezes ele não tirava o traje a tempo. Ele gostava de cerveja e hidromel, mas não gostava dele. Eu esperava que a lavagem a seco fosse se livrar do cheiro. Ela cheirou novamente. - Parece que o Febreze não funcionou também.

- Posso usar o traje de unicórnio? Keelie apontou. Ele é muito bonito e macio, parecem os bonecos de unicórnio que Lulu tem em sua loja, algo que as crianças gostariam de vir e abraçar, enquanto que os olhos de botão do Plumpkin giram em círculos em direções anti-horárias, fazendo com que o olhar do dragão parecesse como se ele tivesse fumado crack.

- Quem dera. Finch suspirou. - Perdemos a metade do traseiro para uma vadia descontente no ano passado. Ela tirou o traje para virar uma figurante, e provavelmente está com ela em Las Vegas. O terno roxo de dragão é o que temos, e as crianças estão esperando para ver Plumpkin. Você é ele. Então, tampe o nariz e feche o traje. Se dragões poderiam assumir forma humana, Finch era um deles.

Elia e suas amigas elfos estavam reunidas e cochichavam entre si. Os olhares que estavam dando para Keelie teria feito até mesmo um dragão ficar nervoso.

Após certificar-se de que a cabeça se ajustou, e entregando-lhe um roteiro, Finch retirou-se para seu escritório. Keelie vestiu suas próprias roupas de novo. O cheiro de Vernerd permanecia.

Com o traje fedido na mão, Keelie deixou o prédio e passou por uma pequena trilha coberta de folhas de pinheiro. Este era o caminho que margeava a floresta e levava de volta ao acampamento. Ela podia levar o traje de Plumpkin de volta a RV de Sir Davey, ou andar pela Feira e mostrar ao Pai o traje estúpido. Talvez ele tivesse simpatia por sua pobre menina, que teve que vestir uma fantasia em que alguns ex-piolhentos idiotas tinham vomitado as tripas para fora por causa de ressaca. Se Keelie conhecesse a vadia descontente que tinha roubado a metade do traseiro do traje de unicórnio, ela ia chutar a bunda dela para o Canadá. Ótimo, agora ela estava citando Finch.

Uma sombra cruzou o caminho e bloqueou o sol. Keelie parou, arrepios de antecipação dançavam nas suas costas. Oh, por favor, seja o unicórnio!

A figura saiu da floresta, ainda nas sombras. Keelie recuou. Era Elianard, lorde-elfo pai de Elia.

## 6

Elianard foi para sol manchado no caminho, vestido com trajes luxuosos bordados com árvores. Seu desprezo estava estampado em seu rosto.

A tarde estava estranhamente silenciosa. A estrada entre administração e as praças de alimentação era geralmente movimentada. Mas ela e Elianard estavam sozinhos. Mas seu olhar de escárnio não iria intimidar Keelie, mas se um gnomo de jardim com dentes afiados e um boné vermelho aparecesse com ele, ela iria fugir.

- Eu pensei que depois de sua última experiência, você aprenderia sua lição sobre seguir caminhos que levam ao abismo, madeiras escuras, Keliel.

A voz de Elianard era profunda, mais profunda do que o habitual.

Keelie se perguntou se ele tinha tido aulas de voz de vilão para fazer-se parecer mais ameaçador. Não estava funcionando. Ele devia pedir um reembolso.



- O que você quer? Procurando um livro que você poderia ter enterrado? Ela suspeitava que Elianard tivesse usado um livro proibido de conhecimento élfico e magia para convocar o malvado Barrete Vermelho para o Colorado. Tanto o livro quanto o Barrete Vermelho tinham sido aniquilados. Mas com o livro destruído, não havia nenhuma prova do envolvimento de Elianard.

O traje de Plumpkin estava ficando pesado. Keelie jogou-a para o outro braço, seus olhos chacoalhando.

- Nunca fale comigo nesse tom. Elianard cheirou e torceu o nariz. - Que cheiro é esse?

- Você? Keelie respondeu. Ela não estava disposta a admitir que seu traje fedia.

- Criança impudente. Elianard fez uma careta. - Deixe-me dar um conselho. Fique longe da floresta. Não é um lugar para mestiços. As sobrancelhas franzidas quando ele se inclinou em direção a ela e cheirou novamente.

- Bem. As árvores falam comigo. Eu sou um pastor das árvores, lembra? É claro que seu pai a havia proibido de entrar na floresta, também, mas ele não precisava saber disso.

Elianard franziu o cenho enquanto estudava o traje de dragão roxo que ela segurava em seus braços. Glitter aspergiu do chão em torno dela.

- Você é uma aberração da natureza. Nos velhos tempos, nós teríamos deixado algo como você em uma montanha e deixaríamos para morrer de exposição.

- Isso explica por que a raça élfica prospera em tão grande número, respondeu Keelie. - Você matou os melhores.

Ele ignorou seu sarcasmo. - Pelo menos nossa linhagem é pura, ou melhor, é se ignorarmos a sua existência.

Keelie não precisava ficar aqui conversando com esse estranho. Ela tentou mover o pé para ir embora, mas ela não conseguiu. Era como se as pernas estivessem cobertas de cimento invisível e envolta em correntes. Ela olhou para Elianard, que sorriu de volta para ela.

- Eu ainda não terminei de falar com você, ele disse. – Não vá para a floresta, Se você for, pessoas próximas e queridas por você poderão se machucar.

- Você está nos ameaçando?

- Não. Estou sugerindo que se você entrar na floresta e interferir, então as consequências será sentida por qualquer pessoa associada a você.

- O que você quer dizer em interferir? Com o que? Enquanto falava, guiada pelo instinto, ela usou o cristal rosa para quebrar a magia que Elianard estava usando para prendê-la no lugar.

Ela jogou a fantasia por cima do ombro, enfiou a mão no bolso da calça jeans procurando sua pedra protetora e puxou-a para fora. Ela estendeu a mão fechada para quebrar o feitiço. Nada aconteceu. Não era a reação que ela esperava.

Os olhos de Elianard estreitaram-se. – Magia da terra não vai me deter. Você acha que sua pequena pedra vai me afugentar, como alho para vampiro? Ele riu. – É claro que isso não funciona também. Pergunte a seu pai.

- Me perguntar o quê? Eu avisei, Elianard, para ficar longe da minha filha.

- Pai! Os joelhos de Keelie ficaram moles de alívio ou talvez o feitiço fora quebrado, porque de repente era como se suas pernas tivessem sido libertadas do concreto invisível e das correntes. Ela deu um passo para trás para recuperar o equilíbrio.

Elianard se afastou.

Papai franziu a testa. – Que idiota! Ele esta ficando cada vez mais descuidado. Fique longe dele.

- Eu fiquei. Eu estava cuidando da minha própria vida e ele me parou.
- Eu quero que você fique na feira. Fique longe da floresta.
- Ele disse a mesma coisa. Será que isso tem a ver com o unicórnio? Preocupação pelo unicórnio, com um senso de proteção tomou conta de Keelie. Se Elianard prejudicasse um fio de cabelo dele, ela...

Ela não sabia o que faria, mas ela faria alguma coisa. Ela protegeria o unicórnio. Ela não queria outra criatura machucada por Elianard ou Elia, do jeito que Ariel foi. Por um momento Keelie estava feliz que o falcão estava na Pensilvânia e não aqui em Wildewood.

- Talvez. A magia de Elianard parece forte. Zeke franziu a testa, e seus pensamentos de repente pareciam muito distante. – Unicórnios são muito poderosos no seu próprio mundo.

Keelie estremeceu, lembrando-se do chifre brilhante que ela tinha vislumbrado naquela noite e os comentários de Elianard sobre linhagem pura. Que tipo de magia seria necessário para ferir um unicórnio? Papai estava certo. Elianard era um idiota.

- Onde está Knot? Ele deveria estar com você o tempo todo. Seu pai perscrutou o mato, como se Kont tivesse se disfarçado de arbusto.

- Eu não sei. Talvez ele tenha ido conferir os bares.

Papai olhou furiosamente em direção à floresta. – Eu vou encontra-lo e quando eu acha-lo ele terá muito que explicar.

Keelie esfregou sua testa.

Papai enrugou o nariz. – Que cheiro é esse? Provavelmente é Elianard.

Papai arqueou uma sobrancelha e os cantos de sua boca se curvaram num sorriso. – Isso não é o traje de Plumpkin que Vernerd usou o ano passado?

Ela deu a ele um olhar arregalado. Esse era o momento que ela precisava para ganhar a simpatia de seu pai.

- É sim. Você acredita que eles querem me fazer usar isso? Pelo que ouvi

ele tem piolhos também.

Papai não tem que saber que Elia foi a fonte dessa informação.

Papai coçou o queixo, um olhar pensativo em seu rosto. – Eu acho que me lembro de ter ouvido falar nisso. Ele começou a andar em direção do acampamento.

Keelie facilmente manteve-se com o seu passo largo. Tal pai, tal filha, ela pensou.

- Então?

- Então o que?

Sutileza não estava funcionando. – Como pode deixar sua única filha usar um traje estúpido de dragão infestado de piolhos e cheirando como vômito? Onde está a preocupação? Onde está o amor?

- Eu sei que Finch mandou lavar a seco o traje, então ele não está infestado com nada. Quanto ao cheiro, não há nada que eu possa fazer sobre isso, exceto pedir a Janice para recomendar alguma erva ou essência de óleo para combater isso. Vamos pendurar seu traje no acampamento de Sir Davey. Talvez ele só precise de um pouco de ar.

- Um furacão não ajudaria com isso.

Mas talvez Janice possa ajudar. Ela pode fazer milagres com suas ervas.

– Nós não podemos enterrá-lo e dizer a Finch que ele finalmente morreu? Além do mais, se nós colocarmos ele para tomar ar então todo mundo no acampamento vai saber que eu sou Plumpkin. Eu mal posso esperar para chegar na barraca. Estar dentro do Falso Chalé Suiço não vai adiantar.

- Más notícias sobre a barraca. Coloquei-a para fora para tomar um ar e ela estava coberta de mofo. Tinha até cogumelos crescendo de um lado.

Felizmente Sir Davey disse que podemos ficar com ele.

Keelie quase esqueceu sobre o fedorento desastre roxo que ela estava segurando. Chuveiro quente! E não dormir em uma barraca mofada ou pior, na casinha de contos de fada sobre rodas.

Zeke sorriu.

– Usar esse traje de dragão roxo vai te ensinar uma grande lição, mais do que eu possa fazer ou dizer.

- Sim? O que há com os pais e suas lições de vida?

- Não é para sair por aí fazendo compras por impulso e não pensar em suas decisões. A propósito, eu fiz um depósito de trezentos dólares para suas botas customizadas. Agora você vai ter que trabalhar para pagar pelo resto. O que significa que você vai ter que usar o fedido traje roxo de dragão. Bem vinda à responsabilidade. E eu preciso de você na loja também. Acabei de ouvir de Scott. Ele não vai me ajudar.

- O que? Não posso fazer os dois trabalhos.

Ela teve uma imagem mental de si mesma na loja Heartwood, vendendo móveis enquanto está usando o horrível traje roxo de dragão. Então o que ele disse se afundou. Scott, o aprendiz de seu pai, era um pouco inflexível, mas ele era um dos bons garotos.

– Scott está bem?

- Finch me mandou algumas mensagens. Scott aceitou um trabalho na Feira da Califórnia e não vai cumprir sua aprendizagem comigo.

- Que merda! Ele foi embora e nos deixou mal e sozinhos. Você vai contratar alguém?

- Não, a menos que a pessoa certa apareça. Eu tenho que sentir a aprovação das árvores.

Papai fazia móveis apenas com árvores caídas. Ele aliviava sua passagem para uma nova forma, dando a seus móveis um brilho espiritual que era aparente até para os mundanos.

- Você sabe Zeke, que isso soa muito sobrenatural até para você.

Apesar de tudo o que aconteceu com o Barrete vermelho na floresta fora da Feira de Montanha alta, Keelie ainda não estava totalmente confortável com a sua herança e magia élfica recém-descoberta.

- Eu percebi que estou prestes a me tornar Zeke.

- Enquanto eu tiver que usar essa roupa, Zeke. E não tiver a aprovação das árvores, contrate alguém até a pessoa certa aparecer.

- O que posso dizer Ke-li-el? Ele enfatizou todas as sílabas no seu nome élfico. Ele deu de ombros. – Eu sou o pastor das árvores e as árvores amam você Keelie. Você é a escolha natural para me ajudar. Além do mais, eu não preciso te pagar.

- Pô, eu tenho muita sorte. Não posso simplesmente trabalhar para você e ignorar o trabalho na feira.

- Não. Você já se comprometeu com o trabalho e você vai cumprir. A propósito, a outra mensagem era para você. Sua amiga Laurie ligou. Ela está vindo no trem das onze horas na próxima sexta.

Keelie olhou para o traje malcheiroso caído sobre o ombro. Ela tinha dois empregos e vivia num trailer com um anão, um elfo e Knot, ou seja, lá o que ele fosse quando não era um gato. Laurie era a única pessoa que se lembrava da sua antiga vida em Los Angeles, uma vida preenchida com aulas de tênis, escola particular e shopping center. Ela iria dar boas risadas quando ela visse a nova vida de Keelie. Keelie esperava que elas pudessem rir disso tudo juntas. Rindo com uma amiga era muito melhor do que ser ridicularizada.



O traje cheirava mal. Não houve tempo para se acostumar ao fedor do Plumpkin. Keelie ficou fora dos portões da Feira, rodeada por camponesas de moenda, cavaleiros e o Homem Feliz de olho turvo. Os trabalhadores da feira deveriam interagir com a multidão reunida, deixando-os animados sobre a vinda da diversão. Alguns dos homens Felizes claramente não foram até eles.

Lulu estava vestida com um vestido branco transparente como asas de fada. Estava entregando doces para as crianças, algumas fantasiadas e algumas vestidas com roupas do dia-a-dia. Eles dançavam em volta dela como pequenas borboletas desenhadas num conjunto de flores perfumadas. Keelie gostou de assistir as crianças, mas isso era o máximo de interação que ela queria ter com eles.

Lulu tinha um boneco de unicórnio em seu ombro, um dos que foi permitido aparecer como se estivesse pousado sobre ela. Ela usou um longo fio escondido para mover a cabeça. O pequeno unicórnio brilhava na luz do sol. Como se Lulu soubesse que Keelie estava olhando, a cabeça com chifre de marfim se virou para olhar para ela. Ela fechou um olho numa piscadela em câmera lenta, em seguida, virou-se para as crianças.

Keelie piscou, se perguntando se ela realmente tinha visto isso, ou se era um truque de luz. A moça dos bonecos era muito talentosa e as crianças pareciam amá-la. Ela seguiu em frente, ainda rodeada por seus pequenos seguidores, exceto por uma garota que, com asas de fada tortas, estava encarando o espaço.

Keelie se afastou para permitir que uma família passasse e o pequeno unicórnio de Lulu virou sua cabeça novamente, os olhos de botões pretos olhavam cegamente direto para ela. Tudo bem, isso estava ficando assustador. Ela pensou em como Lulu tinha feito aquilo. Talvez ela pudesse trabalhar na loja de fantoches e descobrir. Qualquer coisa seria melhor do que ser o Plumpkin o dragão.

Suor escorria das costas de Keelie, ela usou um collant e calças de yoga para manter seu corpo longe do interior nebuloso do Plumpkin. Globos irritantes de brilho das escamas foram parar dentro de seu sutiã, e coçava. Ela não podia coçar. Uma multidão se reuniu fora dos portões e ainda faltavam 30 minutos antes das trombetas de abertura. Keelie revirou os olhos. Eles deviam procurar ter uma vida, um café com leite, alguma coisa.

Algumas meninas em tutus cor de rosa, collants rosa e laços de asas de fada correram até Lulu, quase derrubando Keelie.

Ela estava desesperada para se coçar. Apesar de Zeke (ela ainda estava brava com ele), Finch e vários outros funcionários da Feira terem a tranquilizado repetidas vezes que não havia piolhos dentro do traje, Keelie não estava convencida.

Este poderia ser o seu último dia na terra. Ela poderia morrer de coceira combinado com claustrofobia. Ela só podia ver através da malha na boca do dragão. Ela certamente não iria morrer de fome, porque o cheiro de vômito tinha erradicado permanentemente seu apetite. Ela nunca mais ia comer. Ela teria anorexia, e seria culpa de Zeke. Se ele tivesse deixado ela

retirar seu dinheiro da herança para pagar as botas feitas sob medida, então ela poderia ajudar na loja. Ela esperava que ele estivesse atolado com os clientes hoje.

Ela virou as costas para uma árvore de bordo magro e se esfregou de cima abaixo, usando a borda dura do zíper para acalmar a coceira do sua omoplata. Era tão bom que ela quase gemeu, então ela parou horrorizada. Ela estava agindo como Knot. Alguma coisa foi esmagada dentro do traje, sob o seu pé direito. Ela mexeu seus dedos contra a coisa.

Um grupo de mães falava na sombra de uma árvore, cercado por um bando de crianças pequenas e bebês em carrinhos.

Um menino vestido com uma armadura de plástico preto olhou para ela e gritou: - Eu vou matar você, dragão malvado.

Keelie tinha sido instruída por Finch a fazer gestos exagerados, como um personagem de desenho animado, ao se envolver com as detestáveis crianças. Eles adoraram, assim como os pais. Keelie recuou e ergueu as mãos como se estivesse com medo

Plumpkin era um covarde!

Com o humor que ela estava, se Keelie tinha sido um verdadeiro dragão, ela ia assar o garoto. Um homem vestido em trapos de mendigo tropeçou em sua direção. Ele sorriu.

Ew! Essas cavidades nos dentes da frente não pareciam falsas. - Olá, Dragão.

Keelie se esgueirou para longe. Ele a seguiu. - Dragão, espera.

Keelie parou e se virou, e colocou as garras em sua cintura e bateu o pé, aquele com o pano de algodão nele.

O mendigo se aproximou. - Eeu Vernerd o mendigo. Só queria perguntar se você pode ter encontrado todos os itens pessoais dentro do terno?

Keelie balançou a cabeça. Os olhos do Plumpkin estavam abalados em suas cavidades de plástico.



Vernerd inclinou a cabeça.

- Ah, bom. Deixe-me recomendar uma coisa. Não deixe que os Homens Felizes empurrem você na confusão do barril na festa depois que a Feira acabar.

Ela não falou, esperando que ele não soubesse quem estava dentro do traje.

Os menestrelis se reuniram no lado da clareira e começaram a tocar uma música celta alegre. Vernerd sorriu, novamente expondo seus dentes podres. Keelie fez uma nota de usar fio dental extra esta noite.

- Essa é a minha deixa. Vernerd saiu mancando.

Um cavaleiro passou por Keelie. Ele parou e girou sobre suas botas e então andou em círculos em torno dela. Ele era bonito de se ver, com cabelo castanho escuro longo puxado em um nó. Ele usava uma túnica verde por cima de meia calça verde e luvas de couro preto cobrindo suas mãos. – Sim dragão, vá embora da Floresta de Sherwood, para o bom povo de Nottingham ter de lidar com o mal mais vil do que ti.

Keelie levantou as mãos em sinal de rendição simulada. O cavaleiro tirou a espada de sua bainha e pressionou a ponta da espada perto do pescoço de Plumpkin. - Devo matar o dragão?

Houve gritos de "Não!" Da multidão. Uma pequena voz soou mais alto do que os outros: Mate o dragão. Ela sabia a quem pertencia. O moleque de armadura negra.

- Dragão o que você diz?

Mais uma vez, Keelie ergueu as mãos, ou melhor, suas garras roxas, em sinal de rendição simulada. Ela podia ouvir os olhos pretos de plástico girando e girando dentro do círculo claro de cobre quando ela balançou a cabeça, implorando por sua vida. Talvez se o cavaleiro a matasse agora, então ela não teria que participar do desfile. Seria melhor ainda receber o pagamento.

O belo cavaleiro apontou para a multidão. - Boas pessoas, sua bondade me permite deixar este dragão viver, mas o malvado príncipe John não será tão afortunado.

A fanfarra irrompeu no topo do portão de madeira. Longos e pontiagudos banners estavam pendurados pelo quintal e trombeteiros sopravam trombetas douradas em uma direção e depois na outra.

O belo cavaleiro correu e pulou em cima de uma pedra.

– Bom povo de Sherwood, antes advertido, rumores diz que o malvado Príncipe John vai trazer sua noiva, a princesa Eleanor de Angouleme a nossa cidade. Você está seguro, no entanto. Os Homens Felizes e eu vamos guardar o bom povo de Nottingham da traição de Sir Guy de Gisborne e o xerife até o bom Rei Ricardo retornar. Então, eu diria Robin Hood!

Aplausos irromperam por trás Keelie. Ela saiu para o lado e correu até um dos homens felizes, que a empurrou para fora do caminho. Ela teria caído de bunda no chão se não tivesse agarrado no tronco de uma árvore bordo. Os ramos se abaixaram para firmá-la como uma brisa leve. Keelie olhou para cima, e os ramos de todas as árvores próximas começaram a balançar. Boa cobertura.

Obrigada, pensou Keelie.

Um verde reconfortante encheu sua mente. Ela não sentiu nenhuma raiva ou outros problemas emocionais, desde o bordo até os carvalhos.

Um homem de vermelho, provavelmente interpretando Will Scarlet, gritou: - Dragão, você está com os homens felizes ou com o Príncipe John?

Como diabos ela ia saber? Ela não tinha lido o roteiro, e ela também não tinha tomado nenhuma aula de improvisação.

Do alto da plataforma de madeira, Tarl o ex-homem lama, acenou para a multidão abaixo. Ele agora estava vestido com elegante veludo real. Ele limpou bem, mas Keelie estremeceu lembrando-se dele pelado, silhueta em forma de batata numa parede de tenda quando ele estava se divertindo como um frequentador na Feira de Montanha Alta. Ela estaria marcada

para sempre, a imagem ficou gravada em sua mente.

Elogios irromperam novamente.

Tarl levantou os braços.

- Saudações cidadãos e visitantes da Feira de Wildewood. Hoje é uma ocasião muito alegre; pois é o dia em que minha noiva chega. Vamos dar-lhe uma recepção a altura Wildewood.

Outra rodada de fanfarra. Sim, sim, vá em frente. Keelie esperava que ela tivesse um momento de privacidade para poder remover seu sutiã. Isso poderia ajudar na coceira. Através de sua boca de malha, ela viu um caixa eletrônico e de repente lembrou-se de seu cartão de banco. Se pudesse encontrar o seu antigo cartão, ela poderia ser capaz de retirar dinheiro suficiente para pagar Zeke, bem como o valor remanescente de suas botas.

Whack! Algo duro bateu no seu joelho. Ela quase caiu por causa da dor. Ela olhou para baixo e viu que o pirralho chorão na armadura de plástico havia batido nela com uma espada de madeira. Agora o pequeno cretino estava correndo de volta para sua mamãe.

Keelie encostou-se à árvore, tentando aliviar o latejar em seu joelho. Outra fanfarra soou em sua cabeça. Keelie observou como a Princesa Eleanor e suas damas de companhia se juntaram ao príncipe João na plataforma. Elia estava linda. Keelie olhou cada detalhe com inveja, desde suas saias rodadas até o elegante cabelo trançado.

Elia fez sua rotina de loira burra e estendeu a mão delicada para o beijo do príncipe John. O beijo a fez estremecer. Keelie sorriu por dentro. Elia teve piolhos humanos. Pensou em Elia dando um beijo de língua em Tarl. Eca! Talvez ser um dragão não fosse tão ruim assim.

O príncipe John soltou sua mão e fez um gesto para alguém atrás dele. - E deixe-me apresentar minha adorável criada, Lady Marian. Uma jovem mulher com um manto verde passou por Elia, zombando de forma idêntica. Droga, uma menina elfo estava interpretando Lady Marian. Ela acenou para a multidão. Havia algo estranho nela, mas talvez fosse apenas parte de ver o mundo através dos olhos de tela do Plumpkin. O rosto de Lady Marian parecia embaçado.

Robin Hood gritou para o príncipe John. - Você não é o verdadeiro governante da Inglaterra. O bom Rei Ricardo vai voltar e reivindicar a sua coroa.

- Robin, meu amor, Marian gritou para ele.

Oh não! Quem escreveu isso?

Robin estendeu a mão em direção a Marian. - Querido coração, tenha coragem.

- Oh, que piegas! Olhares feios viraram-se para ela. Oops. Ela tinha falado em voz alta. No entanto, Keelie teve que admitir que, ela se derreteria sob o olhar amoroso de Robin, e ela deve se sentir culpada por pensar nisso por causa de seu relacionamento com Sean. Mesmo que ele não tenha ligado desde que deixaram Colorado.

O Príncipe John se adiantou.

- Chega. Marian está sob minha proteção.

Caramba! Tarl era realmente bom como Príncipe João. Keelie estava impressionada com sua atuação. Marian deixou cair sua capa, revelando um vestido vermelho. Nas proximidades, vestido similarmente Will Scarlet assentiu em aprovação. Talvez Marian e Will comprassem na mesma tenda Meias para os Dedos. Falando em dedos, ela mal podia esperar para se livrar do que quer que estivesse enrolado em seu pé. Estava fazendo seus dedos coçarem. Uma coçadinha com as unhas iria aliviar um pouco a irritação. Ela só tinha que acabar com a coceira e a dor latejante no joelho, e continuar até terminar esse dia.

Talvez prestando atenção ao show ajudasse. Lady Marian tinha se libertado dos cavaleiros do príncipe João, e atirou-se nos braços de Robin Hood. Keelie observou com inveja, imaginando-se no lugar da bela menina elfo.

Príncipe John se inclinou e gritou para Robin Hood.

- No final deste dia vou dar a minha noiva a sua cabeça como presente de

casamento.

Robin Hood, com os braços protetoramente ao redor de Marian, gritou:

- Não, pelo contrário, você deve entregar a coroa para Ricardo.

- Então, às dez e meia, vamos decidir o destino da Inglaterra no campo de torneio medieval. O que você diria?

- Eu concordo. Robin Hood segurou sua espada no alto e a multidão aplaudiu Huzzah.

Finalmente, o príncipe João disse ao público para apreciar a Feira e seu dia na floresta de Sherwood. Os portões foram abertos majestosamente.

Sim, sim. Muita diversão chegando. Keelie resistiu à coceira enquanto a multidão subia em direção aos portões. Você acha que há um prêmio por ser o primeiro a entrar na Feira. Ela fez sinal com uma garra roxa e acenou para as pessoas em direção aos portões. As maiores das crianças mostraram a língua para ela enquanto eles passavam, ou gritavam "Você fede!" Ela tinha um enorme desejo de chutar alguns deles.

Todos os trabalhadores da Feira estavam fazendo fila. Ah, o desfile estúpido!

Keelie não tinha ideia de onde deveria ir. Finch disse apenas "apareça nos portões"

Na fila, ela caminhou atrás das Senhoras da lavanderia, um grupo de comédia que apresentou humor sujo no Mudville Stage. Eles se viraram e apertaram o nariz com os dedos e um deles disse com um sotaque Inglês falso,

- Olha, Molly, é um dragão que precisa de um banho.

A outra garota balançou a cabeça. - Não há dinheiro suficiente no reino para eu lavar essa besta miserável.

Um cara parecendo um troll entrou na frente dela. Ele tinha cabelo loiro-avermelhado e uma barba rala em suas bochechas. Ele carregava um grande bastão, e arrotou.

- Desculpe. Nós fizemos um pouco de folia na noite passada, e meu

estômago precisa de um pouco de hidromel para curar o que está doente. Ele acariciou sua barriga saliente, seu bojo felizmente coberto por sua túnica marrom.

Keelie recuou porque ela não queria ficar a favor do vento do arroto, mas reconheceu o cara com a voz de barítono profundo que ela teve de suportar cantando no acampamento Swiss Miss Chalet. Da aparência do gigante com cara de bebê, este tinha de ser o parceiro de Robin Hood, João Pequeno.

Ele olhou para ela, em seguida, olhou-a novamente. Seus olhos se estreitaram.

A fanfarra começou, e o desfile começou a se mover. Ela seguiu João Pequeno. Dentro dos portões, todos os Homens Felizes estavam reunidos no pátio, juntamente com seu líder, Robin Hood. O Príncipe João e seus cavaleiros estavam do outro lado da clareira, dando-lhes o olhar do mal enquanto uma multidão congregada assistia ao show.

·  
Lady Marian tinha reunido uma multidão admiradora, Incluindo sete meninas com vestidos de princesa. Ela sussurrou para elas, e elas riram. Lady Marian apontou na direção de Keelie, que acenou para eles.

Nenhuma das princesas acenou de volta. Em vez disso, elas pegaram pedaços de pau. Antes que Keelie pudesse reagir e correr, Lady Marian e as princesinhas correram em direção ao Plumpkin.

As princesas ninjas atacaram Keelie. Eles bateram nela mais e mais, atingindo-a nas costas, nas pernas, nos braços. Ela virou o pé em um, intencionalmente. O garoto gritou com medo da simulação e bateu no seu joelho. Até o ponto em que sua varinha atravessou o traje do Plumpkin. Keelie estava pronta para tirar uma princesa de verdade quando viu Robin Hood e João Pequeno indo em direção a ela e a multidão de pequenos diabinhos. Reforços. Ela foi salva.

João Pequeno chegou primeiro, e gritando como um animal doente espancou Keelie na bunda com seu bastão.

- Tome isso, seu malandro cheio de vermes.

- Ai! Isso realmente machuca.

Os reforços chegaram, tudo bem. Para o lado errado.

7

Keelie tentou esfregar o traseiro dolorido com as mãos roxas enluvadas e ao mesmo tempo, tentando se defender de seus agressores.

Em calças vermelhas e capa de cetim, Will Scarlet gritou,  
- João Pequeno, fique longe do dragão. Vou matá-lo por você.

Uma das princesinhas saltou. -Esse dragão fede.

Robin Hood gritou, - Parem!

João Pequeno agarrou a cabeça de dragão de Keelie e puxou. Ela o chutou na rótula. Ela estava apontando para suas partes íntimas, mas sua perna não era longa o suficiente. Will Scarlet pisou em seu pé.

Ela gritou para ele enquanto recuava, João Pequeno deu um puxão muito forte. A cabeça saiu. Keelie inalou ar fresco pela primeira vez naquela manhã.

João Pequeno levantou a cabeça do Plumpkin no ar e deu um grito de vitória como se fosse no Canal da Luta Greco Romana Renascentista ou algo assim.

Gritos e mais gritos atravessaram a área dos portões da Feira quando as meninas correram para seus pais. João Pequeno se virou e olhou para Keelie em estado de choque, como se ela tivesse torrado as princesinhas. Em seguida, ele deixou cair a cabeça do Plumpkin no chão. Obviamente, a linha entre o que era fingimento na Feira, e o que não era, tinha obscurecido pelo João Pequeno. Keelie não ia esperar por ele para descobrir. Ela correu.



Ms. Finch estava ao telefone, tendo uma conversa não muito agradável com alguém, enquanto Keelie olhava para as fotos na parede. Eram fotos dos funcionários da Feira de Wildewood, bem como alguns atos. Seu pai e Janice estavam em um. Papai estava segurando uma perna de peru. Ela tentou não ouvir a conversa de Finch, mas era difícil não o fazer.

- Bem, você está convidado a vir aqui, não temos nada a esconder. Mas não traga equipamento de teste que vai assustar os visitantes. Pode vir num dia de semana?

Finch arqueou uma sobrancelha e pegou um bloco de notas e um lápis.

- Ok, eu vou procurar por Dawn Valentine da Câmara Municipal. Claro, traga a EPA. Entendo. Sim, esta quarta-feira.

Ela assentiu com a cabeça novamente, e seus olhos pareciam que iam saltar fora em qualquer que fosse a pessoa que falava do outro lado do telefone.

-Obrigado. Eu vou aguardar ansiosa a sua visita.

Ela bateu o telefone. Os lápis em seu estojo de lápis saltou.

Keelie recuou.

-Que tipo de nome é Dawn Valentine? Perguntou Finch, seu pescoço vermelho brilhante como o rosto dela.

- Ah. Não tenho certeza.

- Eu vou te dizer. Parece uma stripper maldita, não uma vereadora. Como se eu não tivesse nada para fazer. Agora eu preciso acomodar esta Srta Valentine e sua equipe, ou a nossa não cooperação será observada, muito obrigada, e no futuro as licenças necessárias para executar o Feira não poderão ser concedidas. Isso não soa como uma ameaça velada para você?

- Sim, parece que é.

- Por que estou dizendo isso a você? E onde está a cabeça do Plumpkin?

- Eu perdi. Keelie tentou soar sem medo. – João Pequeno a arrancou.



- O que?

- Perdi para o João Pequeno.

Finch rangeu os dentes e bateu a mão com força na mesa. - Por que você deixou ele levá-la?

- Ele me bateu com um bastão e tomou. Eu acho que ele tem problemas com a realidade. - Keelie queria coçar.

- Eu sei, mas ele traz uma sensação de realismo ao seu desempenho. Ela pegou o walkie-talkie. - Ok, deixe-me chamar a segurança.

Houve alguma estática, então a voz de um homem.

- Jackson ouvindo.

- Hey, Plumpkin está com a cabeça faltando. Eu preciso dela.

Por favor, deixe-o ir embora. Por favor, deixe-o ir embora. Por favor, deixe-o ir embora.

- Estamos com ela aqui. Está nos Primeiros Socorros, respondeu Jackson

- Ótimo. Traga aqui para o escritório.

Finch colocou o walkie-talkie de volta na sua mesa.

- Você precisa ir na loja de fantoche da Lulu as 11h30. Você deverá ajudá-la a atrair crianças pequenas para a loja.

Keelie gemeu. - É realmente necessário as crianças me baterem com paus?

Finch franziu a testa. - As crianças estão batendo em você com paus? Engraçado. Geralmente as crianças adoram o Plumpkin. Ninguém jamais bateu no Plumpkin. Deve ser algo novo. O cheiro?

- O que devo fazer quando as crianças começarem a me atacar?

- Fazer? A voz de Finch subiu ainda mais alto. - Fazer? Faça o que tiver que fazer para trazer um sorriso para seus rostos. Não os assuste,

entretendam-os.

Houve uma batida na porta. – Entre.

Entrou um cara corpulento e barbudo com uma camisa amarela com "Segurança de Wildewood" escrito no peito. Ele enfiou a cabeça do Plumpkin empoeirado em Keelie. Ele girou seus olhos para ela. Ela queria bater nele. Talvez as crianças estivessem no caminho certo.

Seu "obrigado" soou falso.

O cara da segurança sorriu. – Mais alguma coisa, chefe?

- Não, apenas fique de olho no João Pequeno. Parece que ele está realmente de volta em Feliz Velha Inglaterra.

Keelie estava lá, segurando a cabeça do Plumpkin e olhando para os olhos arregalados. Quem projetou este traje tinha problemas mentais, ou era um sádico.

Finch voltou sua atenção para a sua papelada de trabalho. Ela olhou para Keelie. - Você ainda está aqui? Leve sua bunda para lá e vá entreter as crianças de Lulu. Já são 10h45.

As habilidades das pessoas não eram o forte de Finch.

Keelie correu, mas ainda estava atrasada para chegar na loja da Lulu. A Alameda Encantada estava movimentada. Toda hora e em todos os lugares um ator estava envolvido com o público, tornou-se obstruído com os mundanos. A loja dos Heartwood estava cheia. Keelie parou, pensando se deveria mostrar a Zeke o traje. Ela imaginou ele entre lágrimas removendo a cabeça do Plumpkin e dizendo a ela que ele estava errado, e que ela poderia ter o dinheiro para as botas. Dificilmente. Ele provavelmente iria dizer:

- Você tem que aprender a ter responsabilidade, agora vá para a loja de marionetes.

Uma jovem mulher com um carrinho de bebê a chamou.

- Plumpkin, eu quero tirar uma foto de você com o meu bebê. Sentado no carrinho de bebê estava uma criança de dez meses de idade, com um nariz que pingava gosma verde.

O bebê sorveu um copo com canudinho, em seguida, jogou-o para baixo e estendeu a mão para Keelie. Ok, ela gostava do garoto. Não estava gritando, e de uma maneira estranha que a fez se sentir melhor, depois de uma manhã cheia de rejeição.

Knot escolheu aquele momento para vir passeando para fora da loja Heartwood. Ele deu um passo em frente a Keelie e sentou-se ao pé do carrinho, depois virou seus olhos verdes em direção ao garoto e piscou. O bebê começou a saltar para cima e para baixo em sua sede, abrindo e fechando suas mãozinhas sujas e dizendo:

- Gatinho, gatinho.

Knot virou a cabeça laranja enorme para Keelie. Ela podia jurar que ele estava sorrindo. Então, o pequeno gato branco do outro dia correu para fora das árvores de carvalho. Ele sentou-se na borda da pista e assistiu. Tinha olhos azuis brilhantes, mas sua pele era irregular e parecia adicionalmente magro.

Uma família com duas crianças pararam e admiraram Knot como se nunca tivessem visto um gato. O menino estendeu a mão para Knot, que estava passeando em volta de Keelie com a cauda levantada. Isso geralmente significa "beijar minha bunda." Knot sentou-se na pata do Plumpkin, seu peso quente se espalhando pelos dedos de Keelie. Ela não podia ver seus pés, com a cabeça de Plumpkin.

A mãe do bebê estendeu a mão, tirou o bebê se contorcendo fora do carrinho, e caminhou até Keelie.

Zeke saiu da loja, olhando com raiva para Knot.

- Assim é melhor. Fique com ela, e não a deixe fora de sua vista.

Tanto pela simpatia do papai.

A cauda de Knot se contraiu, em seguida, ele ronronou mais alto ainda. Não é um bom sinal. Isso significava que ele iria fazer algo complicado. Zeke inclinou-se graciosamente aos mundanos surpresos. Ele passou a mão na direção do Plumpkin.

- Este gato encantado foi condenado a proteger o dragão e mantê-lo segura.

Todos aplaudiram. Knot bocejou. Keelie levou as garras inchadas até a boca e balançou a cabeça.

A mãe entregou sua câmera para Zeke e perguntou:

- Você pode tirar a nossa foto?

Zeke sorriu e a mulher corou. Ela encostou-se em Keelie e o bebê puxou os olhos arregalados de Plumpkin.

- Diga pernas de peru, incentivou Zeke. Keelie notou círculos escuros sob os olhos. Ele não tinha círculos escuros sob seus olhos esta manhã.

- Pernas de Peru. A mãe tinha um sorriso bobo no rosto. O bebê espirrou sua nojenta gosma no Plumpkin. Zeke estava com a câmera. Uma gritaria chamou sua atenção para Lulu.

- Você pequeno idiota! Deixar minha loja em paz.

Lulu era uma mulher com raiva. Com o rosto vermelho e agitando o punho no ar, ela ameaçou um homenzinho rechonchudo com um chapéu em forma de pepino e uma meia verde colante que estava fugindo, uma mão segurando o chapéu flexível na cabeça, enquanto o outro segurava uma engenhoca de madeira contra o peito. Uma menina com calças de golfe verde soprou e bufou depois dele, empurrando um carrinho de duas rodas. Os degraus de Lulu estavam cheios de picles. Pobre Lulu. Primeiro os frutos e agora endros.

Lulu desapareceu na sua loja e reapareceu em suas asas de fada branca, dançando com uma marionete Dragão na frente de seu lindo vestido branco. Uma melodia encheu o ar e as crianças na loja do meu pai saíram correndo em sua direção, seguido por seus pais confusos. Keelie não tinha pensado que bonecos eram tão populares. Ela viu quando o bebê virou a cabeça para Lulu. Seus olhos brilhantes vidrados, e ele apontou para a senhora fantoche vestida em seu esplendor de fada madrinha.

Knot passeou para a loja de marionetes. Lulu parecia confusa quando ele entrou, seguido por Keelie, que foi seguida pelo gato branco. Seu sorriso parecia um pouco forçado. - Aí está você, Plumpkin.

Keelie apontou na direção do prédio da Administração. Ela esperava que Lulu entendesse que Finch a tinha enviado para a loja de marionetes.

Mais e mais crianças pequenas pararam na frente da loja de Lulu. Parecia que eles foram atraídos para ela como as crianças de Hamelin foram atraídas pela música apaixonante do Pied Piper.

Lulu parecia desconfortável, e sua pele estava quebrando nesses solavancos estranhos, vermelhos, irritantes e aparente coceira. Keelie poderia entender. Entre o agravante de pano no pé do traje e do brilho, ela ainda estava com uma super coceira.

As árvores começaram a balançar.

A magia verde vibrou através de Keelie. Ótimo, agora algo estava acontecendo com os carvalhos. Eles estavam bem acordados. Ela esperava que eles não agredissem os mundanos com frutos. Era hora de Zeke fazer alguma terapia de pastor árvore.

Knot carregava um unicórnio de pelúcia em sua boca, a etiqueta de preço balançando. Ele deixou cair.

-Ei, parem esse gato. Lulu apontou para Knot.

Piscando para ela com seus grandes olhos verdes, Knot colocou sua pata no unicórnio de pelúcia. Lulu saiu para a Alameda Encantada. Antes de Keelie poder gritar um aviso, uma chuva de frutos em cascata caiu sobre a fabricante de fantoches. As famílias que se reuniram para ver o show de marionetes correram, mas não era o alvo da ira dos carvalhos.

Keelie procurou seu pai. Ele precisava colocar os carvalhos de volta a dormir. Ela não sabia como.

Enquanto ela se arrastou rapidamente para a loja, desejando que ela pudesse correr em seu traje ridículo, o pirralho na armadura de plástico apareceu. Ele correu até Keelie e começou a espancá-la com sua espada de madeira.

- Morra, dragão fedido. Morra, dragão fedido.

Onde estava sua mãe? Keelie tentou dançar de um pé para o outro. O garoto bateu a parte de trás do seu joelho, e ela caiu sobre o seu rosto. Ele

bateu na cabeça, mais e mais. A espuma de borracha do traje desviou a espada, mas ela não conseguia se levantar.

Com dor e frustração, Keelie gritou uma única palavra, uma que começou com "F." Ela percebeu seu erro no minuto em que saiu de seus lábios. O menino desapareceu de sua visão de Plumpkin, substituída por uma mulher cuja boca se formou em um mudo "O" de choque

Knot correu para Heartwood, o unicórnio ainda na sua boca. Tudo ao redor, os pais horrorizados cobriram as orelhas de seus filhos.

Lulu soltou sua marionete dragão e começou a pular para cima e para baixo. - Fora. Fora. Fora. Essas crianças não precisam ouvir sua conversa imunda! Não pense que eu não vou te denunciar para Finch !!

Keelie se viu em seu caminho de volta para Administração, preparando-se para enfrentar o verdadeiro dragão

## 8

-Tira isso! A voz estridente de Finch tocou nos ouvidos de Keelie.

-O quê? Assustada, Keelie tentou olhar para trás, mas tudo o que ela podia ver era a parte de trás da cabeça de dragão como se fosse uma caverna.

- Você me ouviu. Tire a droga desse traje. Agora!

Keelie rasgou os fechos de velcro no pescoço e retirou a cabeça do Plumpkin. O ar frio avançou contra seu rosto. O ar condicionado era celestial em sua pele e o cheiro fresco e doce, especialmente em comparação com o fedor do traje.

Finch não parecia estar sentindo o efeito do Ar Condicionado. O suor escorria pelo seu rosto e raminhos indisciplinados de cabelo vermelho preso por toda a cabeça. A mulher olhou como se ela fosse explodir em chamas. Ela pegou um walkie-talkie amarelo da sua mesa e apertou um botão vermelho em seu rosto.

- Mona, ela gritou. - Traga-me um dos figurinos para a loja de File na

Estaca.

Ela deve ter ouvido uma resposta nos sons imperceptíveis que vieram através da estática, porque ela jogou o walkie-talkie em sua mesa e olhou para Keelie.

- Você está intencionalmente tentando estragar tudo? Você sabe melhor do que eles que não se deve usar essa palavra na frente dos mundanos.

Keelie estava com vergonha porque ela tinha perdido o controle, mas ela odiava ser repreendida, mesmo ela esperando por isso. Ela ergueu o queixo. - É uma palavra de época. Suas raízes são anglo-saxão.

Finch baixou a cabeça como um touro se preparando para atacar. - Estripar meliantes é de época, também. É melhor ficar feliz porque nós usamos o bom senso por aqui e que eu sou famosa pelo meu temperamento ou sua cabeça iria decorar o portão da frente.

O rosto dela estava ficando cada vez mais vermelho. Ela parecia estar alimentando um fogo interior, prestes a explodir em qualquer pessoa perto dela.

-Ter o nosso personagem animado, o favorito das nossas crianças, soltar a bomba F é errado! Finch gritou.- Tire o maldito traje de Plumpkin. Você não merece usá-lo. A partir de agora você está trabalhando na loja Filé na Estaca.

As janelas vibraram com seus gritos. Keelie quase podia ver o suor da mulher virar vapor.

Ela rapidamente tirou o traje Plumpkin, com medo de que, caso contrário, Finch iria virá-la de cabeça para baixo e agitar o terno até que ela caísse fora dele. Ela se perguntou se ela tinha subconscientemente estragado tudo porque ela odiava ser o Plumpkin. O que quer que fosse. Keelie estava em êxtase. Quão ruim poderia ser a loja Filé na Estaca? Nada de traje velho fedorento. Mas o que tinha dentro da parte inferior do pé? Ela se abaixou e tirou um maço macio, amarelo com mechas de pano preto, em seguida, sacudiu-o para ver o que era. Ela gritou e deixou cair.

- O que foi agora? – Finch gritou.

Keelie apontou para as cuecas sujas, com listras de tigre no chão. O par das listras de tigre ia para outra direção, suspeitosamente como marcas de

derrapagem.

Finch suspirou. -Vernerd estava procurando por elas.

Ela entregou Keelie uma garrafa de desinfetante para as mãos. - Você deve querer usar este material duas vezes.

Keelie aceitou, estremeando. Isso era pior do que piolhos. Seu pé estava em cima de roupa íntima masculina. Pior, roupas íntimas, obviamente, utilizado por Vernerd.

Finch recostou-se na cadeira. - Eu poderia aposentar o Plumpkin. Eu estava pensando em talvez ter fadas. Sabe alguma coisa sobre fadas?

Keelie fez uma careta. - Mais do que você quer saber.

A aparência de Finch estava retornando a um rosa mais humano. – • Bom. Desenhe algumas e entregue a Mona. Ela vai começar no figurino na próxima semana. Não é como se não tivéssemos outras coisas para tratar por aqui. Se eu tiver mais uma queixa da Princesa Reclamona, eu, pessoalmente, vou costurar os seus lábios.

Keelie estava começando a gostar de Finch, apesar de seu temperamento. Pelo menos uma pessoa não acha que Elia era perfeita e bela. -Eu não sei desenhar.

- Você pode desenhar uma figura simples?

- Eu acho que sim. Quanto Finch sabia sobre a Bhata? As pequenas fadas pareciam gravetos e folhas e pedaços de musgo, mas a maioria dos humanos não podia vê-las.

Finch deu de ombros. - Volte mais tarde, e eu vou te dar alguns lápis de cor e papel de computador e você pode tentar.

Houve uma batida na porta. "Entre", Finch berrou.

Mona entrou com um pacote debaixo do braço. Ela parecia ter derramado o estresse de ontem. Embora seu rosto ainda estivesse enrugado e com olhar preocupado, os ombros não estavam curvados para cima. - Aqui está o traje que você pediu.



Ela levantou a saia vermelha cheia e um corpete preto impresso com manchas brancas como as de vaca, e, para coroar o horror, uma capa de vampiro preto curto com gola alta e dura.

Keelie pensou que este traje de Conde Von Bovina era quase pior do que o antigo amarelo sujo e a saia de lama com as impressões de mãos vermelhas na bunda, que ela teve que usar quando ela chegou na Feira de Montanha Alta. Ela se encolheu. - Você só pode estar brincando comigo.

- Não. Vista-se e puxe seu rabo para o Filé na Estaca. É apenas após o meio-dia. Finch estalou os dedos várias vezes em uma fileira. - Almoço da multidão. As pessoas estão com fome. Vamos.

E os sapatos? Keelie mexeu os pés descalços. O pensamento de bife era sedutora. Ela não tinha comido o dia todo.

- Mona, dê a ela algumas meias e botas.

- Siga-me. Mona puxou um par de meias verdes de uma prateleira empilhados com elas. - Nós temos muitas em estoque por causa da linha da história de Robin Hood da Feira. Ela deu a Keelie um sorriso de desculpas. - E estes são os únicos sapatos deixados no seu tamanho.

Keelie colocou as meias, embora seriamente entrassem em confronto com seu traje. Ela parecia um enfeite de Natal usado.

Os sapatos eram outra coisa. Eles não apenas totalmente se chocavam, como pareciam algo de uma pilha de rejeitados: botas de ouro reluzente com arabescos de tecido de pelúcia que giravam sobre os dedos dos pés.

Uma vez vestida, Keelie recolheu a malha e as calças de yoga suadas que usara sob o traje Plumpkin. Mona gritou: - Espere um minuto. Não esqueça de sua correspondência. - Ela apontou para a pilha sobre uma cadeira.

- Obrigada.

Keelie pegou a pilha desordenada de envelopes e papel, em seguida, desceu os degraus, pisando com cuidado nos sapatos estranhos. E ela

achava que era difícil de negociar os frutos com seus sapatos normais, ela ia quebrar uma perna. Ela conseguiu passar pelo caminho que contornava a floresta e a levou para o acampamento, se perguntando se Elianard estava escondido na floresta, observando-a.

Pensando na floresta a fez lembrar o frescor verde das matas profundas. A súbita necessidade surgiu através dela, ela tinha que encontrar o unicórnio. Agora mesmo. Ela olhou para os envelopes e papéis em suas mãos, tentada a abandoná-los e correr para a floresta. A folha de cima foi arrancada de um caderno e estava coberto de recados escritos à mão.

A atração do unicórnio desapareceu quando viu o nome de Laurie. Ela diminuiu a velocidade e leu. Laurie disse que ela não podia esperar para vê-la na sexta-feira! Sua alegria acabou abruptamente com os arabescos virados para cima de suas botas de ouro entrelaçadas. Ela lutou para recuperar o equilíbrio, então olhou ao redor rapidamente. Felizmente, ninguém pareceu notar.

Ela se apressou, se acostumando a andar com o calçado engraçado, a cabeça girando com planos. De repente, ocorreu-lhe que com Laurie aqui, ela não poderia passar o seu tempo livre ajudando seu pai.

Sua felicidade sumindo enquanto pensava em seu pai sobrecarregado. Há pouco tempo atrás ele estava pálido e cansado. Ela não podia dizer não a ele, mas ela queria dar a Laurie um bom divertimento, e para provar para si mesma que sua nova vida não era o terrível que muitas vezes ela acusou ser. Ela tinha a sensação de que sua vida iria ficar louca nos próximos dias.

Uma família passava rindo quando sua criança apontou para a roupa de Keelie e disse algo em conversa de bebê. Ela rangeu os dentes e se arrastou adiante. Estas mordidas, ela pensou. Scott estava na Feira da Califórnia, e ela estava presa com um bilhete só de ida para Filé na Estaca. Mas ela não podia estragar esse trabalho. Havia mais na Feira do que serviço de comida e trajes ridículos, e Filé na Estaca era apenas um passo para um bom dinheiro e um show divertido, talvez até mesmo o trabalho de Francesca.

Para manter-se longe de olhar para as reações dos frequentadores da

Feira de sua aparência, Keelie vasculhou o resto do correio. Envelopes de negócios dirigida a Zeke Heartwood, embora alguns deles parecia ter sido feitos de papel caseiro, o tipo que você compra em lojas de museus, e foram endereçados em desbotada caligrafia.

Uma delas era endereçada a Zekiel Heartwood e o endereço de retorno era a Floresta do Medo. Ela reconheceu a letra de um pacote que ela recebeu no início do verão. Tristeza parecia infiltrar-se em seus dedos através do envelope. Ela sabia que sua avó Keliatiel, a mãe de seu pai, não tinha escrito para ela. Sua avó élfica não sentia por ela o mesmo que sua avó Josephine sentia. Sua avó materna gostava de passar tempo com ela, e a levava para fazer compras e enviava cartões engraçados sem nenhum motivo. Ela morreu antes da mamãe, e agora parecia que tudo o que restava da antiga vida de Keelie estava morto, exceto pela Laurie.

Ela não esperava o mesmo sentimento caloroso da avó Keliatiel. Afinal, a avó Keliatiel era um elfo, e os elfos eram muito diferentes dos seres humanos. Ela perguntou-se se a anatomia élfica era diferente. Ela provavelmente vai descobrir no outono. Ela deve ser tão convencida como a maioria deles eram, talvez eles tenham espelhos no lugar do coração.

Ela não era como eles. Como sua orelha direita arredondada, seu coração era totalmente humano. Tão humana, a julgar pela dor que a assombrava nesses meses desde a morte de sua mãe.

Keelie enfiou a carta de sua avó na parte de trás da pilha e foi em direção à loja Heartwood. Na loja, ela se surpreendeu por não ver seu pai e nenhum cliente. Estranho. No Colorado, a loja de móveis sempre estava cheia de gente. A rua lá fora estava cheia de turistas e a loja de Lulu ao lado podia se ouvir barulho de risadas, mas na loja Heartwood o único movimento veio de Knot, que descansava ao lado do balcão, alisando o unicórnio de pelúcia que tinha roubado da loja de Lulu.

- Espero que meu pai faça você conseguir um emprego para pagar por isso. Keelie jogou as cartas ao lado dele.
- Então, o papai deixou você no comando?

Quando um mundano entrava na loja, Knot provavelmente se parecia como qualquer gato comum. Knot miou. Um choro doce, que terminou com uma nota como se estivesse fazendo uma pergunta.

- Nenhuma carta para você, Knotsie.

Ela estendeu a mão para acariciá-lo. Ele deu um tapa nela com as garras estendidas, e ela puxou a mão de volta na hora certa. - Não se preocupe, eu não vou tirar o brinquedo do gatinho.

Knot rosnou.

- Eu também te amo Not. Ela riu de seu trocadilho ruim. Knot não achou que era engraçado, embora quem poderia contar com gatos? E foi aí que ela viu o gato branco enrolado na porta que dava para a sala de trás.

Seu pai entrou na loja, arrastando folhas de carvalho. Ele apoiou-se contra um dos postes de exibição aberto no chão e levantou um sapato para descolar uma folha que estava presa à sola. - Keelie, fico feliz por você estar aqui. Eu preciso da sua ajuda...

Ele parou de falar quando deu uma boa olhada nela. Seu olhar foi do topo da cabeça até a ponta dos dedos dos seus pés de arabescos de ouro. Os cantos de sua boca se contorceram. - Eu vejo que você tem um novo emprego, mas onde? Eu não reconheço a roupa.

- No Filé. Ela apontou para seu colete com a vaca impressa. Em seguida, mudou o dedo indicador para a capa de vampiro. - Em um jogo.

Ele bufou, mas engoliu em seco antes da gargalhada que estava construindo escapasse e, em vez disso, tossiu com seu punho. - Estou muito orgulhoso de você por trabalhar tão duro para me pagar por suas botas, mas eu também vou precisar de sua ajuda aqui. Até eu contratar um ajudante, você terá que me ajudar.

- Depois do trabalho? De jeito nenhum. Keelie protestou por princípio. Ela suspeitava que ele fosse precisar dela, mas ela pensou que ela teria pelo menos alguns dias para si mesma antes que ela tivesse que mergulhar no mundo da madeira. Ela rangeu os dentes. Por outro lado, se ela lutasse contra isso, então talvez tivesse mais tempo para si mesma quando Laurie chegasse.

- Ok, tudo bem. Você pode me dizer os detalhes mais tarde. Keelie empurrou seu collant e sua calça de ioga sob o balcão. - Você se importa

se eu deixá-los aqui? Estou atrasada.

- Claro. Seu pai parecia cansado. - Obrigado por não fazer uma confusão. E boa sorte com o trabalho.

- Vai ser um pedaço de bife. O trabalho seria fácil, se não fosse o traje humilhante. Ela se despediu e saiu para a rua, imediatamente afundando os pés nas folhas de carvalho. Galhos sussurravam sobre ela e mais algumas folhas caíam, como se as árvores estivessem rindo dela.

Ela lançou um olhar severo para cima, em seguida, foi para o trabalho, arrastando os pés para manter os frutos do lado de seus sapatos frágeis. Seria traiçoeiro andar normalmente por aqui. Os frutos escondidos eram como bolas de gude.

Knot sentou-se à porta da loja para assisti-la dançar através dos frutos. Keelie franziu o cenho para ele. - Pode rir felpudo. E nem sequer pense em vir comigo.

Ele piscou para ela com olhar código Morse de gatinho. Ela conhecia o gato. Ele quis dizer: - Posso, vou e você não pode me parar.

Ela o ignorou e correu em direção à área da praça de alimentação, andando o mais rápido que podia, tentando não escorregar. Ele manteve o ritmo dela e ela notou que as pessoas apontavam para eles. - Isso mesmo, ela murmurou. - Ninguém nunca viu uma cowgirl vampira e seu estranho gatinho guarda-costas antes. Reverenciem turistas.

O estande do Filé na Estaca era na Praça de Alimentação do Rei, juntamente com cerca de vinte outros fornecedores de alimentos coloridos todos espremidos juntos. Era muito parecido com os estandes da Alameda Encantada, exceto pelo cheiro delicioso de todos os diferentes tipos de alimentos.

O estômago de Keelie roncou quando ela sentiu o cheiro tentador de carne assando. Longas filas de pessoas transbordavam na clareira na frente de cada estande. Não haveria descanso para os servidores de alimentos cansados, nem comida para os famintos que não tinham dinheiro. Ela não podia fingir que tinha perdido o estande Filé na Estaca: o sinal de que estava perto do guichê eram umas presas, uma vaca dançando com uma

capa preta.

Knot tinha desaparecido, graças a Deus.

Entre o estande Filé na Estaca e o Morte por Chocolate tinha uma cerca de madeira com uma porta estreita marcada "Só Camponeses".

Ela empurrou as ripas de madeira deterioradas e encontrou-se momentaneamente desorientada pela visão de caminhões de entrega modernos, estacionados na parte de trás das lojas. A ilusão da Idade Média não se estendia para a parte detrás aqui, onde grandes refrigeradores de metal cantarolavam.

Um homem corpulento com barba por fazer vestindo um avental sobre calças jeans sujas gritou para ela. - Ei você, Menina Filé, vá para a cabine. Você está atrasada. Peggy está esperando por você.

Keelie bateu na simples porta metálica da entrada do Filé na Estaca. Ele abriu uma fresta e uma mulher com uma trança de cabelos grisalhos enfiou a cabeça para fora.

- Já era tempo de você decidir aparecer para trabalhar. Uma mão forte, calejada agarrou Keelie pelo pulso e puxou-a para a cozinha.

- Sinto muito. Eu tive problemas com o meu uniforme. Sim, ele a fez sentir enjoada.

Meninas magras no Filé na Estaca, Camiseta estava grelhando tiras de carne. Tão rápido quanto eles poderiam colocar o bife fora da grelha, um jovem com cabelo ruivo que cutucava a rede de cabelo pegou as tiras, polvilhando alguma erva de uma caixinha de tempero transparente e jogou-as em uma panela de metal de dois metros quadrados que foi então rapidamente empurrada para fora através da janela de servir.

- Te deram o traje errado, mocinha. Tire essa capa e pegue uma rede de cabelo.

- Rede de cabelo? Mas ela prontamente tirou a capa e jogou para o lado. Que queimou instantaneamente em chamas.

Gritos irromperam enquanto Keelie tentava pisar nas chamas, depois parou com medo de que suas botas de lamê dourado derretessem em seus pés.

Peggy jogou um jarro de água sobre as chamas e colocou para fora, encharcando Keelie no processo. Agora ela era uma chamuscada e molhada cowgirl vampira. Ótimo.

Olhos curiosos olhavam para ela da janela de passagem. O balconista ajudou os que usavam as capas de vampiro com corpetes de manchas de vaca. Deve ter havido uma exigência no tamanho do sutiã, porque todas as meninas eram extremamente dotadas.

- Voltem ao trabalho, Peggy latiu e a linha de montagem começou mais uma vez.

A loira peituda pegou a bandeja de café e a carne espetada que se empoleirou na passagem e virou-se para servir os clientes. Na cozinha, todos os trabalhadores de carnes estavam quentes e suados e se movendo tão rápido quanto podiam.

Peggy ignorou a roupa pingando de Keelie. Eu preciso que você fique no lugar de Jimmy e polvilhe o "amolecedor", como o chamamos, na carne. Não toque na comida, apenas segure pela espátula.

Peggy empurrou a lata do "amolecedor" na mão de Keelie e gritou para Jimmy, - Eu preciso de você na grelha. Ela se virou para os outros. - Vamos lá gente. Mexam-se. Mexam-se. Os clientes querem a carne antes do torneio.

Keelie polvilhou o picante amolecedor sobre a carne o mais rápido que pode. Ela tinha visto um frasco de plástico transparente idêntico de tempero em um armazém. Em segundos ela se tornou parte da linha de produção da carne, o que a lembrou de uma fábrica de desenhos animados. Ela tinha acabado de entrar no ritmo, ou ela pensou que tinha, quando Peggy gritou: - Vamos esfregar menina, mexa-se. Mexa-se. Mexa-se.

Atire em um par de palavrões e ela estaria convencida de que Peggy e Finch eram parentes.

Keelie agitou o frasco de especiarias mais rápido sobre a carne. Uma nuvem de amolecedor fluía ao redor dela. Cócegas começou a subir no

nariz. Não espirre, pensou. Não espirre. Era inútil.

Ela virou a cabeça para evitar a bandeja na frente dela. Seu espirro soprou através do barulho e pulverizou a bandeja de carne que estava prestes a ir para fora da janela.

Silêncio.

Como se isso não fosse suficiente para parar a linha de produção Filé na Estaca, novamente, um pequeno miau encheu a calma. Keelie olhou para baixo. Assim como todos os outros. Knot sentou a seus pés, os olhos verdes arregalados e olhar de gatinho. Ele colocou sua pata em sua perna, olhou para ela, e ronronou.

Alguma coisa estava acontecendo. Ela poderia dizer que, pelo tom, porque não era o seu ronronar habitual sádico, mas um ronronar suave doce, do tipo que faz você querer acariciá-lo se você não o conhece. Alguém disse "awww", mas foi rapidamente silenciado.

Peggy caminhou até eles, armada com uma vassoura.

- Nada de gatos. Imundos, gatos sarnentos! O rabo de Knot contraiu-se para frente e para trás, os olhos apertados focado na mulher com raiva. Seu ronronar mudou, tornando-se mais forte e mais intenso. Peggy levantou o braço, pronta para bater.

Knot era um pé no saco, mas ela não podia deixar essa mulher bater nele com sua vassoura. - Eu sinto muito. Vou leva-lo para fora.

Peggy baixou a vassoura e encarou-a. - Este é o seu gato?

Keelie assentiu. Não adiantava negar.

- Sei. O rosto de Peggy relaxou e ela apoiou-se na vassoura. Por um momento Keelie estava esperançosa, mas um segundo depois a mulher acenou com a mão com desdém. - Pegue o seu gato e saia do meu estande.

- Ok. Eu já volto.



Não levaria muito tempo para soltar Knot na floresta e correr de volta.

- Não se preocupe em voltar.

Seu coração parou. - Mas, mas eu aprendi a polvilhar o amolecedor rápido. Não é justo.

- Fora. Peggy apontou para a porta dos fundos. As outras meninas olharam para ela, parecendo tão inteligente quanto à vaca fantasiada no sinal da frente. – Nós temos três regras básicas. Acender o fogo, espirrar sobre os alimentos e trazendo seu animal de estimação você está fora daqui, senhorita.

Os músculos de Knot se relaxaram. Pulou para dentro da janela de serviço quando Jimmy passou a próxima bandeja pesada de carne grelhada para a loira de seios grandes. A menina com o corpete transbordante gritou quando Knot apareceu na bandeja de servir, cortando seu grito de: - Precisamos de mais bife!

Knot havia desembarcado diretamente no meio das tiras de bife, inclinando os lados da bandeja, quando a loira o colocou sobre o balcão de serviço. Um cliente usando shorts cáqui e uma camisa polo branca impecável saltou para trás, mas a gordura de bife ainda salpicou em suas meias e no seu Nike branco. Chovia bife grelhado no Filé na Estaca.

Os olhos de Peggy incharam. - Eu lhe disse para sair daqui, Ela gritou.

Keelie correu, com Peggy logo atrás dela, vassoura na mão.

9

Keelie tinha certeza que ela iria sentir a vassoura de Peggy em sua cabeça ou na sua parte traseira, mas a mulher se virou para ficar na saída dos camponeses. Keelie a ouviu se desculpando, provavelmente para o homem salpicado.

Ela olhou ao redor procurando freneticamente por Knot, então o viu correndo para a floresta com uma lança de pedaços de bife na boca. Ela correu atrás dele, erguendo bem os pés para não escorregar, então olhou para a lata de amolecedor ainda na mão. Agora não era o momento de

devolvê-lo.

Atrás dela, a multidão riu e aplaudiu como se o caos fizesse parte do show. Keelie correndo, tentando manter Knot à vista. Ela escorregou no final das lojas, onde caminhões de entrega estavam alinhados numa pequena estrada de terra que leva ao estacionamento dos funcionários.

Do outro lado do estacionamento, várias mesas de piquenique foram agrupadas em um pequeno estande de plátanos. A fanfarra distante explodiu no ar e ela ouviu aplausos. O torneio estava começando. Ela arremessou-se na cadeira de madeira de uma das mesas e jogou o amolecedor sobre a mesa manchada de gordura. Nenhum hóspede iria vê-la aqui, e todo mundo estava muito ocupado trabalhando. Ela ficaria sozinha por um tempo.

Talvez Elia tivesse a amaldiçoado. Ela havia sido demitida de dois empregos em um dia. Mas Elia não era tão inteligente. E com as decisões estúpidas que Keelie vinha fazendo, ela não precisava de uma maldição para fazer sua vida ir mal.

Ela deve voltar para o prédio da administração para devolver o uniforme, suportar outra explosão de Finch e implorar por um novo trabalho. Ela também quer arranjar outro trabalho ou então Finch a demitiria definitivamente e Keelie teria que ir trabalhar na loja com seu pai sem pagamento. Ela tinha que fazer isso de qualquer maneira.

Keelie precisava de uma pausa. Ela foi gritando pelo caminho por todos os adultos que ela conhecia, e ela tinha que trabalhar a fim de pagar o seu pai. Era tudo sobre dinheiro.

Knot pulou levemente sobre a mesa de piquenique e esfregou a cabeça contra o recipiente de amolecer, ronronando alto. Sua boca estava brilhante com gordura do amolecedor. Sua pequena língua lambia para sentir o gosto.

- Graças a você, nós vamos estar na lista dos mais procurados nesta Feira. Ou pior, a menos Procurada.

Knot pulou da mesa e olhou para Keelie. Era como se ele quisesse que ela o seguisse. - Isso é ótimo. Agora você está fazendo truques de cachorro

como uma espécie de felino Lassie.

Ele miou e olhou para os prédios da Feira, em seguida, de volta para ela.

- Tudo bem. Eu vou. - Ela não tinha mais nada para fazer.

Knot levou-a para frente da Feira, parando para deixá-la o alcançar quando a multidão ficou no caminho. Ela pensou ter visto Elianard, mas era um homem em um traje de feiticeiro, olhando fixamente para um grupo de crianças. Ou ele era um mago em busca de uma plateia ou ele estava prestes a ser denunciado por extrema bizarrice.

Ele não notou enquanto passava, mas ela viu que as árvores acima dele pululavam com o daoine feithid. As fadas insetos pareciam estar dando uma festinha lá em cima.

Knot andava pela multidão como se ela não estivesse ali. Sua cauda espessa, sua ponta torta era a bandeira que ela observava enquanto se esquivava de carrinhos e pessoas que andavam lentamente, com os pés doloridos dos sapatos de arabesco que não foram feitos exatamente para areia e cascalho.

Eles estavam indo na direção do escritório da administração. Keelie desacelerou. Ela, no entanto, não queria ir para lá ainda. Knot parou, chicoteando sua cauda, e correu à frente no caminho. As árvores balançavam e Keelie pensou ter visto a Bhata movendo-se entre as folhas de um galho baixo nas proximidades de um bordo alto. Ela ouviu seu zumbido animado. Elas provavelmente estavam rindo de sua roupa.

Finch tinha dito que queria fadas. Bem, agora ela tinha. Ela ia se arrepender de suas palavras, se estas não fossem nada como as do Colorado.

A brisa mudou, e de repente a mente de Keelie foi preenchida com uma imagem do unicórnio branco brilhante, jogando sua cabeça, sua crina voando, o chifre prateado brilhando ao luar. Mais uma vez, ela teve uma súbita compulsão de encontrá-lo. A imagem veio do nada, e com ela um desejo urgente de correr pela floresta. Suspeito, ela olhou em volta. Nenhum sinal de magia – não que ela soubesse o que procurar, mas, pelo menos, nada parecia estar fora do lugar. Com exceção das pessoas em forma de vara nas árvores.

Knot parecia estar incentivando-a, como se ele soubesse onde estava o unicórnio. Quer apostar Zeke! Você vai adorar isso, especialmente depois de alertá-la para não chegar perto do animal "mítico". No entanto, algo estava convocando-a e ela sabia que tinha que ser ele.

Knot miou e começou a andar, olhando por cima do ombro para ela.

Finalmente, a curiosidade e o gato insistente convenceu Keelie que ela precisava encontrar o unicórnio. Ela deu um passo para o caminho, esperando que Elianard não estivesse à espreita. Ela só tinha seu pingente da Rainha Aspen com ela, o que não era de nenhuma utilidade contra senhores elfos desagradáveis.

Na floresta, o som esmaeceu e o ar era diferente, grosso com a mundanidade picante dos seres vivos verdes. Knot caminhou à frente, seus passos quase silenciosos, apesar dos habituais detritos do chão da floresta. Ela abriu seus sentidos para as árvores, antecipando o fluxo de verdor que a envolveu, envolvendo-a em um abrigo acolhedor.

O que ela sentiu era muito diferente. Sua garganta se contraiu e seu estômago parecia subir, pronto para lançar o seu conteúdo. Ela caiu no chão, balançando a cabeça, tentando diminuir a pressão no interior. Ela estava enjoada com o sentido avassalador, uma sensação dolorosa, que a invadiu até ela pensar que não conseguia respirar. As árvores estavam doentes, todos eles. Algo estava enfraquecendo-os.

Uma energia escura a fazia desejar não ir mais longe. O pavor. Obrigou-se a passar. As árvores estavam doentes e precisavam de ajuda. A parte de Keelie que era élfica estendeu a mão para elas, não era capaz de suportar a dor.

- O que posso fazer para ajudar? Ela disse as palavras em voz alta. Ela olhou para cima quando Knot passou por entre as folhas e pulou para uma enorme pedra de granito coberto de líquen. Ele miou novamente para Keelie.

Ela subiu. O vento levantou seu cabelo. Estava quente, como a primavera no topo da rocha, e o perfume das flores flutuavam no ar. O unicórnio era como a primavera. Ela imaginou que ele estivesse aqui na primeira

primavera na Terra, quando o mundo era novo e brilhante.

E então ela o viu. . Ele ficou em um raio de sol da tarde, seu chifre reluzente, glorioso em sua beleza e esplendor. Cada espiral brilhava como se tivesse sido mergulhado em um luar iridescente. Ele olhou para ela, então dançou energicamente, com os cascos cavando o barro.

Ela se agachou e caiu da pedra.

Ele se virou e saiu correndo, correndo impossivelmente entre as árvores.

- Não, não vá.

Um pássaro disparou de um arbusto próximo, acompanhado por outros. O ar foi brevemente escurecido pela pressa das asas.

O unicórnio parou e se virou, jogou a juba de prata, em seguida, partiu a galope. Knot saltou atrás dele e Keelie o seguiu. Ela não ia ser deixada para trás.

Em torno dela as árvores suplicaram para que ela ficasse. - Não vá. Seja nosso pastor. Ajude-nos.

Keelie dirigiu os pensamentos de árvores de sua mente e se concentrou no unicórnio. Uma pequena parte dela percebeu que não era um esforço consciente. Os pensamentos das árvores haviam desaparecido no fundo. O unicórnio tinha tomado sua mente, tinha se tornado uma compulsão singular. Ela correu, pensando que não devia perdê-lo. Ela pertencia a ele. E através das árvores, através de moitas de arbustos, correu como se estivesse em transe, puxada como um fantoche por uma corda mágica.

Sua saia prende num ramo, rasgando. Ela puxou a saia para cima e deu um nó em sua cintura, em seguida, tirou os sapatos ridículos e correu descalça, a meia verde estava em frangalhos em torno de seus tornozelos, mal sentindo as pedras e galhos que ela ia pisando. Obrigou-se a se mover mais rápido, mantendo sempre Knot e o unicórnio à vista. Seu pulmão estava queimando e ela apertou a mão contra suas costelas para esfregar o local.

O unicórnio saltou através de um córrego, a cauda ondulante, e caiu

levemente no outro lado. Keelie pegou uma muda para não cair.

- Ajude-me, pastor. Eu crescer fraco ... Era um jovem carvalho, doente, como todos os outros.

Ela tirou suas mãos da árvore e suas súplicas de socorro desapareceram. O unicórnio apalpou levemente o solo, mas não se moveu. Keelie rastejou para frente lentamente, deliberadamente, como um gato perseguindo sua presa. Uma pequena parte de sua mente se perguntou por que ela não tinha parado para ajudar a pequena árvore.

Knot sentou-se à beira da água, encarando a besta branca prateada do outro lado. Sem desviar o olhar do unicórnio, Keelie abaixou o pé, sentindo o fundo do córrego. Quando seu dedo tocou os sedimentos ela caiu. A água estava entorpecidamente fria e as pedras que formavam o leito machucavam seus pés. O unicórnio agitou a cabeça, mas não fez nenhum movimento para sair. A água embebia a bainha de sua saia, tornando-a pesada, mas o frio finalmente acordou-a o suficiente para perceber que ela estava de alguma forma encantada. Ela deu um passo para frente e correu para uma parede invisível.

Um arrepio de medo correu por seu corpo. Uma força mágica segurou-a no lugar. O medo não substitui o seu desejo de seguir o unicórnio, mas a parte sã de sua mente desperta, livre de encantamento.

Knot miou e seu grito baixo transformou-se em um grunhido irritado. Ele olhou através da água, imóvel, mas Keelie não poderia dizer se ele estava sob o feitiço também, ou se foi apenas à aversão natural de um gato à água.

Os olhos do unicórnio brilhavam com inteligência.

- O que você quer? Ela sussurrou. Ela inclinou a cabeça e moveu as orelhas para frente. Keelie recuou e o feitiço a libertou. Era como se tivesse saído de uma teia de aranha, e gavinhas finas do feitiço fazia cócegas com a compulsão de ficar imóvel.

Mexa-se, não se mexa. Uma brisa soprava suavemente através da floresta, soprando finos fios do feitiço quebrado em torno dela.

Ela subiu de volta para a margem, grata por seus pés estarem dormentes, porque quando o frio passasse eles provavelmente iam doer como louco.

Atrás dela, o unicórnio relinchou, um grito de cavalo que ela se virou para olhar. Será que ele a estava chamando de volta? O brilho em torno dele se desvaneceu e de repente ela podia ver que sua pele estava nua em alguns pontos e seu chifre estava sem vida e amarelado. Seu pescoço era fino. Como se soubesse que ela podia ver a verdade, ele abaixou a cabeça e em seguida afastou-se até que desapareceu nos arbustos atrás de si. Isso não se parecia com o guardião da floresta.

As lágrimas de Keelie pingavam na corrente. A pequena clareira onde o unicórnio estava parecia obscuro agora. O sol da tarde tinha baixado e a luz iria desaparecer mais rápida na floresta. Seu coração doía com tristeza, e ela queria deitar-se no chão da floresta em decomposição e chorar.

Ela se perguntou o que poderia machucar um unicórnio, e se a floresta tivesse adoecido ou se era a doença do guardião que estava afetando a floresta. De acordo com o pai, unicórnios eram muito poderosos. Que mal poderia causar isso? O meu pai era o pastor da árvores. Ela tinha que dizer a ele, embora ele tivesse avisado para ficar fora da floresta.

A floresta parecia sombria e sinistra. - Vamos lá, Knot. Vamos voltar.

Mancando, ela refez seus passos. O pequeno carvalho à beira do banco parecia pequeno e triste. Ela gentilmente agarrou um de seus ramos e com a outra mão tocou o coração da rainha Aspen. Seus dedos formigavam, o sinal do aumento da magia. Ela não pôde evitar o unicórnio, mas ela poderia salvar esta árvore. A magia borbulhou, como seiva aquecida e transbordou. Ela guiou-o às raízes fracas da árvore e sentiu engrossar e jogar fora radículas, atingindo mais profundamente na terra nutritiva. Folhas brotaram dos galhos e sua casca cresceu mais suave.

Como a magia se aprofundou, ela ouviu o canto do espírito que viveu no córrego e as vozes das árvores altas ao redor dela, implorando por um gole de sua magia.

Não era o suficiente para todos eles. Eu voltarei, ela prometeu. Um puxão a tirou do fluxo mágico e ela gritou quando sua mão roçou a casca e ficou presa rapidamente, sua magia usurpada pelo carvalho grande que se

ramificou em cima da água. Ele bebeu profundamente da magia da Rainha Aspen. Mas a magia não era apenas do pingente, era a força vital de Keelie também.

Ela caiu de joelhos, o pulso acelerado. Seu coração batia como uma coisa mecânica descontrolada. Outras árvores protestaram em cima dela, clamando por um pouco. Keelie caiu entorpecida e com sua visão confusa ela viu uma formiga andar na borda de uma folha. Seu mundo tinha sido reduzido a isso, a marcha da criatura minúscula.

Com esforço, ela virou a cabeça. Formas prateadas saltavam para estar ao seu redor, uma floresta fantasmagórica que gritava para retornar à Terra. Ela ouviu o eco de serras e os gritos dos homens e as rachaduras e trovões da queda dos irmãos.

De repente, ela não conseguia mais respirar. É isso, pensou. Eu estou morrendo, porque eu não ouvi o papai. Um rugido encheu seus ouvidos, como uma máquina de vento batendo contra seus tímpanos. As serras haviam chegado nela. Ela fechou os olhos, pronta para o que vinha a seguir.

Alguém estava lambendo suas pálpebras, e a sensação horrível de que está sendo levantada a seco. Ela abriu os olhos. O rosto de Knot apareceu grande, revelando a razão pela qual ela não conseguia respirar. Ele estava sentado em seu peito, ronronando, e ele colocou sua pata na testa para ancorar-se enquanto cuidava dela.

Ela o empurrou e se sentou. Ele ronronou e se esfregou contra seu braço. - Eu pensei que estava morrendo, Knot, e era só você. Ela riu com a voz trêmula, ciente de que ela poderia estar realmente morrendo, e que apenas talvez o gato tenha feito alguma coisa para parar as árvores de a drenarem.

A floresta fantasma havia desaparecido, mas ainda era visível. Ela estremeceu. Tinha sido real. Esta era a floresta que seu pai lhe falara, as árvores que buscavam descanso, os irmãos e irmãs dos Carvalhos, tão doentes que eles podiam se juntar a eles na morte.

Ela olhou para o jovem carvalho, agora com folha cheia e saudável. Uma mancha vibrante de saúde na floresta assombrada e morrendo. Sua boa



ação quase a matou.

Enjoada, ela ficou de joelhos e, em seguida, levantou-se, cuidando para não tocar em nenhuma árvore. Ela precisava contar a seu pai sobre isso. Talvez a floresta assombrada fosse a razão pela qual ele estava tão doente. Pode ser que ele tenha deixado às árvores tomarem sua energia, mas duvidava que ele fosse esgotar-se totalmente. Ele provavelmente sabia uma maneira melhor. Não, ele não se permitiu ser drenado. Isso era magia ruim.

Ela já estava com um monte de problemas. Ela havia sido demitida de seu segundo trabalho, ela devia ao pai e Lady Annie centenas de dólares e Laurie estava para chegar. Sua vida estava tão confusa que ela não sabia o que ele poderia fazer para torná-la pior.

Ele poderia bater nela. Ele poderia ligar para Elizabeth e dizer-lhe para não deixar Laurie vir para Nova York, ele poderia dizer que Keelie não poderia dirigir. Ele poderia dizer para Lady Annie vender suas botas. Ela precisava ficar nas boas graças do pai, e isso significava que sua desventura na floresta permaneceria em segredo.

Ela olhou para Knot, que estava piscando para ela. - Não diga a ele. Este tem que ser o nosso segredo.

Em resposta, ele caminhou por ela com sua cauda erguida. Keelie seguiu seu espólio peludo, e ele a levou para onde estavam seus sapatos. Ela nunca acreditaria que ficaria feliz em encontrar as hediondas botas douradas, mas quase chorou de alívio quando as calçou. Seus pés doloridos mantinham seu progresso lento. Atrás dela, na floresta profunda, o unicórnio relinchou, e as árvores acima sussurravam canções de tristeza e arrependimento.

Keelie traçou seu caminho até o último arbusto. A luz do sol havia desaparecido em um crepúsculo sombrio. Crepúsculo e alvorada - o tempo em que as fadas saíam ou assim era dito nos contos de fadas que havia lido. Mas Keelie sabia a verdade. Fadas causavam dano, não importava a hora do dia.

Uma nuvem delas tinham cercado Knot e ele desapareceu, deixando-a para achar seu caminho através dos bosques desconhecidos. Ela podia perdoar isso. O ar da noite gelada em seus ombros expostos, ela desejava que ainda estivesse com a capa de vampiro. Pelo menos ela tinha as meias de Robin Hood para manter seus pés aquecidos. Elas tinham ajudado a proteger a sua pele contra arranhões e ela tinha tido o cuidado de não tocar em nenhuma árvore.

Ela se lembrou do feitiço estranho na água. E havia algo terrivelmente errado com as árvores que tinham puxado a sua energia. Um ser humano normal, ou até mesmo outro elfo, não estaria em perigo com árvores. Afastou o pensamento de que ela não esteve em perigo, mesmo se ela tivesse escutado o pai e não tivesse ajudado o pequeno carvalho.

Ela não conseguia entender por que alguém colocaria um feitiço assim na água. Não tinha sido nas árvores, então não era para fazer as pessoas caírem. Era para mantê-los longe do cruzamento do córrego.

Ela viu o prédio de administração à frente e olhou para o corpete rasgado, a saia molhada e enlameada e o lixo dos sapatos brilhantes de gnomo. Ela não poderia enfrentar Finch esta noite. A cabeça de Keelie ainda estava zumbindo do feitiço e ela estava cansada e fraca por causa do peso das doenças das árvores.

Talvez seu pai estivesse tão doente que ele não soubesse quão ruim as árvores foram. O verde das árvores ferido pressionado contra ela, e ela podia sentir o cheiro de musgo e limo como se tivesse o nariz no chão, em vez de voltada para o caminho de cascalho que brilhava sob a luz fraca. As árvores a chamaram, e ela correu com medo de que elas pudessem tomar o que ela não tinha oferecido.

Seus ombros doíam de tanto se curvar, não que tivesse ajudado a mantê-la longe de ouvir seus apelos. Papai teria que estar em coma para não perceber que as árvores estavam em aflição. Talvez ele não pudesse ajudá-las, também. Seria preciso um exército de pastores de árvores para resolver os seus males, ou talvez um unicórnio em pleno poder, não o espécime triste que assombrava estas árvores. Ela precisava encontrar seu pai, e rápido. Ele tinha que saber o que estava acontecendo, e ela não poderia manter sua aventura na floresta em segredo se ela queria descobrir como ajudá-lo.

Ela correu pelo caminho, estremecendo enquanto pisava nos pedaços de cascalho através das botas de sola fina em seus pés doloridos. Sir Davey devia ter dito sobre a floresta também, e especialmente sobre o unicórnio. Ela estremeceu ao recordar seu pelo desigual e seu chifre sem vida, depois que já o tinha visto no seu glamour. Os carvalhos do outro lado da rua da loja Heartwood estavam tão tristes, e eles tinham razão de estar. Entre a exploração madeireira e o declínio do unicórnio, tinham tido um século difícil. Ela queria ajudá-los, mas ela não sabia onde ela poderia convocar tanto poder, isso sem mencionar tempo, desde que ela tinha que trabalhar; ajudar na loja Heartwood e mostrar o lugar a Laurie.

Keelie agachou-se, escondida nos arbustos enquanto ela passava no edifício da Administração. Ela não queria ser pega pela Finch. Amanhã, ela

iria engolir o orgulho e pegar o próximo trabalho. Ela ainda tinha que pagar pelas botas de Lady Annie.

Alguns dos convidados de última hora, provavelmente do barzinho, foram se arrastando pelo caminho para fora da Feira, ainda cantando. Ela ganhou alguns olhares estranhos, não era de admirar. Ela estava exausta demais para se importar.

Tudo ao redor, os artesãos estavam fazendo as malas e os vendedores de comida estavam limpando suas lojas. . Uma multidão de homens altos estava à sua frente no caminho estreito, e Keelie desacelerou presa atrás deles. Ela estava prestes a bater no ombro e pedir licença para passar de lado quando ela percebeu que era o João Pequeno, levando sua equipe. Ele pareceu sentir sua presença e se virou para olhar. Ela diminuiu com medo que ele esbarrasse nela, mas ele piscou para ela e seguiu em frente, suas longas pernas caminhando facilmente ao lado de Robin Hood e Will Scarlet. Lady Marian andava mais devagar, arrastando-se atrás.

Daqui, Keelie podia ver a mancha que parecia pairar sobre o rosto de Lady Marian. Ela apertou os olhos. Algum tipo de magia, mas ela não podia dizer o que era.

Em seguida, ela ouviu Will Scarlet dizer: - Hey Jared, eu vou encontrá-lo lá embaixo em Rivendell.

O cara que estava interpretando Robin Hood acenou com a mão num “veja você lá”

Cansada como estava, Keelie ainda conseguiu uma grande dose de apreciação saudável do cara que interpretava Robin Hood. Se ela estivesse interpretando Lady Marian, ela já teria seus braços e os seus lábios em torno daquele pedaço bonitão trabalhado em verde. Keelie pensou na festa do Condado, na Feira de Montanha Alta, e a mão errante do capitão Randy Dandy. Ela corou com a lembrança.

O outro homem feliz cantou uma canção obscena, com gestos de mão, sobre Robin e Marian frutificando e se multiplicando na floresta de Sherwood. As longas tranças negras de Lady Marian, envolta em veludo verde e cruzada com cordões de couro, balançou atrás dela como pêndulos gêmeos. Suas saias balançavam com seus passos. Ela era linda.

Keelie perguntou quantos anos ela tinha. Dezoito? Noventa e dois? Você não poderia dizer com elfos. Papai devia saber.

Keelie fez uma cara por trás das costas dela. Lady Marian foi responsável por iniciar o ataque das princesas empunhando a vara no início do dia. Em seguida, a menina elfo virou a cabeça e Keelie quase engasgou. O efeito embaçado estava escondendo seu verdadeiro rosto, e Keelie vira a direita através da imagem quando ela se virou. A beleza da moça era uma máscara, um truque.

Debaixo do feitiço ela parecia doente, pálida e com olhos fundos.

Quando se aproximaram dos atores principais, eles passaram Elia e sua comitiva de meninas elfos que a tinham acompanhado ontem na loja de fantasias. Um cavaleiro esguio estava ao lado deles, sua armadura empilhada ao seu lado. Ele tinha a cabeça virada para um lado, e Keelie admirava seu perfil. Seu nariz era reto como uma faca e fios de seu cabelo comprido cor de manteiga movia-se suavemente com a brisa. Keelie teve um vislumbre de uma orelha pontuda. Um elfo, é claro.

Keelie ainda não tinha verificado os cavaleiros daqui, o sonho de cada Feira. Alguns deles estavam doentes. Seu cavaleiro favorito, é claro, estava na Feira da Florida. Ele era parte da razão de Elia a odiar tanto. Sean O 'The Wood tinha namorado Elia, ou o que quer que seja equivalente a namoro élfico, até Keelie chamar sua atenção.

Ela ficava imaginando por que Sean não havia retornado suas ligações ou mandado um e-mail através do escritório da administração, desde que ele a deixou para fazer uma nova apresentação de um duelo. Fazia quase duas semanas! Ele provavelmente estava ocupado, mas ainda doía o fato dele não ter entrado em contato com ela. Ele era o cara mais bonito que ela já vira e ele sorriu para ela como se ela fosse a garota mais bonita do mundo. Lembrar-se do beijo na última noite na Feira a aqueceu por dentro. Tinha sido tão romântico.

Bem, romântico até Knot usar a perna de Sean como um poste.

Então, já que ele não tinha ligado, ela não estava se sentindo culpada sobre seu desejo por Robin Hood. À frente, Lady Marian correu em direção às meninas elfos, juntando-se a elas sem uma palavra de adeus a seus colegas atores. Elia a saudou, em seguida, foi para frente de Keelie. - Ora. Ora. O que você deveria ser? Ela alisou as saias e se envaideceu para os

homens felizes que sorriam agradecidos enquanto passavam.

Keelie não os culpava. Elia estava radiante. Ela parecia que tinha passado uma semana num spa. Suas amigas, por outro lado, pareciam pálidas. Se houve alguma coisa aí, então tinha errado totalmente Elia e acertou-as direto na cabeça.

Os homens Felizes não desaceleraram então Keelie andou mais rápido para recuperar o atraso. Ela gostava de ser uma parte do seu embriagado desfile, e ela estava muito cansada para brincadeiras com Elia.

Mas Elia alcançou Keelie, e sorriu, como se fossem as melhores amigas. - Ouvi dizer que fedia como um esgoto humano mais cedo hoje.

Keelie ignorou a menina elfo e continuou andando. Talvez ela pudesse dar Elia às árvores da floresta, para usar como uma bateria. Ela não iria durar muito. Então, novamente, as árvores podem atirá-la de volta.

Elia beliscou a parte de trás do seu braço. - Ei, eu estou falando com você, Orelha Arredondada.

Os retardatários do desfile viraram-se, para olhar para ela. Keelie puxou seu braço e manteve o olhar sempre em frente e os outros a acompanharam também. Se livrar de Elia foi fácil hoje. Não havia nada que a menina elfo pudesse dizer que tornaria as coisas piores do que já estavam. No cruzamento com a Alameda Encantada ela se virou e os Homens Felizes continuaram andando, ainda cantando. Com suas vozes desvanecendo a Alameda perdeu o seu encanto. Ela parecia triste sem a movimentação dos turistas e esta noite não havia sequer o barulho habitual de vozes dos comerciantes discutindo o seu dia.

Lady Annie já estava fechada. Keelie passou por sua loja, cuidadosamente pisando sobre os frutos que cobriam o caminho de terra arenosa. Ela estava com medo de olhar para seus pés. Eles doíam horivelmente por ter andado na floresta descalça e provavelmente estavam machucados e cortados.

Heartwood parecia deserta, também. Olhando para a porta ao lado Keelie notou que a loja de Lulu foi fechada durante a noite. Que alívio. Ela não queria encarar Lulu. Ela não podia culpar a senhora fantoche por perder a paciência. Gritando o último palavrão na frente das crianças, não importa o

quão desagradável elas estavam, tinha sido muito ruim.

Keelie fechou os olhos, e para seu alívio descobriu que os carvalhos estavam dormindo. Um sono pesado verde cobriu sua consciência. Mas uma pontada de simpatia a apunhalou, porque mesmo durante o sono, a tristeza estava camuflada neles.

Uma voz ressoou da frente de Heartwood. - Sua loja foi fechada e sempre que alguém se aproximava, elas eram atacadas por frutos. A voz era tão ensurdecedora que Keelie estava surpresa que os carvalhos não tinham despertado e começado a correr para o topo da montanha mais próxima. Seu pai respondeu, parecendo cansado. - Sinto muito. Eu ...

Keelie queria se arremessar para dentro da loja e defender o pai dos gritos da diretora da Feira, que teria assustado um carregamento de Vikings, mas ela ficou para trás quando Finch retomou seu discurso alto. Dessa vez ela gritou.

- Você estava fechado hoje. Onde você estava? Nunca tivemos tantos problemas na Alameda Encantada. Recebi mais de cem queixas sobre o número de frutos no chão, e não é mesmo cair! Depois que eu tinha varrido, eles voltaram.

Papai parecia perdido. - Os carvalhos... Estou tentando encontrar a fonte.

- Os carvalhos! Vamos falar sobre essas árvores dementes e o mundo real. Você não tem seguro de responsabilidade civil para cobrir os danos decorrentes de quedas, mas eu tenho que ter. E quando o corretor de seguros ver todos esses frutos, em seguida, as taxas vão subir. A sede vai querer uma explicação, e então eu tenho que levar a minha bunda até a Sede e explicar porque eu não cortei todas as árvores. Tenho certeza que não posso dizer a eles que o Pastor das árvores não podia controlar os carvalhos. E quando eu venho discutir com você o que eu encontro? Sua loja está fechada!

Papai mordeu o lábio. Keelie não podia acreditar que ele estava deixando ela falar com ele assim.

- Você disse que ia cuidar dos carvalhos. Faça isso! Agora vamos falar

sobre o seu gato. Lulu ficou fura comigo hoje porque sua bola de pelo roubou um boneco ou algo assim.

- Eu paguei pelo unicórnio de brinquedo. Lulu e eu falamos sobre isso. Sua voz era quase inaudível.

- Fico feliz em ouvir isso. Certifique-se de eu não ouvir mais queixas sobre Knot, porque eu juro, se eu ouvir, eu vou pessoalmente dar um nó em sua cauda que ele nunca mais vai ser capaz de endireitar. Coloque o gato no seu acampamento, consiga uma televisão e coloque no Animal Planet.

- Eu vou encontrar uma maneira de impedi-lo, papai respondeu com uma voz cansada.

- Sim, é melhor, porque ele causou estragos no estande Filé na Estaca mais cedo e sua filha fazia parte.

Papai não fez nenhum som. Keelie se perguntou o que ele estava pensando. Ela queria romper suas barreiras ela mesma. De certa forma, porém, ela ficou aliviada. O pensamento de Knot preso no Chalé Suíço era adorável. Heh! Não que isso fosse humilhar a bola de pelos. O mais provável é que ele aproveitasse a oportunidade para estragar os pertences de Keelie, como fizera no Colorado quando ele fez xixi na mala e arruinou toda a sua roupa íntima.

Mas Knot tinha que ficar livre, porque ele era a ligação de Keelie ao unicórnio. Sem ele, ela podia não encontrá-lo novamente.

- Faça alguma coisa, Zeke; Caso contrário, eu vou ter que fazer.

Recuando, passos fortes significava que Finch teve que ir embora. Mas Keelie esperou alguns minutos para ter certeza absoluta.

Ela finalmente entrou nas pontas dos pés para o fundo da loja. De repente, algo peludo esfregou-se contra suas pernas. Ela saltou e engoliu o grito que queria escapar de seus lábios, apenas no caso de Finch ainda está por perto. Colocando as mãos contra o peito batendo, Keelie percebeu que a coisa peluda era o gatinho branco. Ela levantou o gato triste em seus braços, mas ele lutou para se soltar. Ela o soltou e ele pulou de seus braços e correu de volta para fora. Será que o gato pertence a um dos



trabalhadores da Feira? Eles não deviam deixá-lo correr livre.

Keelie saiu de trás dos móveis que estava na fila contra a parede e colocar sua voz alegre. - Hey pai, o que está acontecendo?

Ele se assustou. Ele estava encostado no balcão, e na luz fraca ele parecia mais pálido do que estava no início do dia. Pobre papai. Scott tinha muito à esclarecer. Se aquele bosta tivesse honrado seu acordo, seu pai não estaria trabalhando até a morte e não estaria sendo insultado por não manter a loja aberta.

Keelie olhou para o pai e seu coração se apertou quando a luz deslocada de fora o iluminou. Ele parecia realmente doente. As exigências de Finch provavelmente estavam fazendo ele se sentir pior. Basta estar perto de Finch para estressar Keelie. A mulher tinha a aura de um vulcão prestes a explodir à menor provocação.

- Onde você esteve? Eu estive procurando por você durante toda a tarde. Eu tinha uma mensagem de Finch muito preocupante.

- Eu segui Knot até a floresta. Ele queria que eu a seguisse.

A expressão de seu pai mudou para surpresa.

- Não grite comigo sobre eu ir para a floresta. A floresta está doente e as árvores precisam da nossa ajuda.

Keelie apontou para os grandes carvalhos em frente à loja. - Não são apenas os carvalhos. Você não pode não sentir isso?

Em resposta, o pai respirou fundo e encostou-se no balcão, os ombros caídos como se um enorme peso de encargos da vida tivesse sido colocado sobre eles. - Eu fui procurá-lo, hoje. O unicórnio. As árvores bloquearam sua energia de mim.

E você não está olhando tão firme, Keelie pensava. - O que vamos fazer?

- Eu sei sobre a floresta, Keelie, embora o unicórnio... Ele olhou para ela com um olhar estranho, como se ele estivesse tentando ficar com raiva, mas não conseguia reunir energia. - Magia negra está envenenando a

floresta. Sir Davey e eu estamos trabalhando nisso, mas Keelie... Você precisa ficar fora da floresta. E se você tivesse sido ferido?

Ela se aproximou. - Pai, eu já estive na floresta. Knot me levou lá. Ele realmente queria que eu ajudasse o unicórnio.

O rosto de seu pai ficou imóvel. - O que aconteceu? Sua voz era um sussurro.

- Há um feitiço sobre a água, sobre o córrego, e eu fui pego nela, como em uma teia de aranha. Era como se o medo, mas não era só um feitiço de medo. Ele não me deixou passar. O unicórnio saltou através dela, mas então ele não era mais bonito. Parecia um cavalo velho sarnento. Seu chifre era todo amarelado, gasto e rachado, e ele é tão magro. Eu acho que ele está morrendo, pai.

Zeke esfregou a mão sobre o rosto, e Keelie viu lágrimas em seus olhos. - Isso é tudo?

- Não. Sua voz era muito baixa. Ela não queria falar sobre essa parte. - Tinha um pequeno carvalho, e ele precisava da minha ajuda. E eu pensei que eu poderia ajudar apenas esta pequena árvore.

- Não. O grito de seu pai saiu estrangulado. - Keelie, você não pode ajudar apenas uma árvore em uma floresta morrendo.

Keelie continuou, com medo de que se ela parasse, ela nunca diria tudo. – Eu usei o coração da rainha Aspen, eu extrai seu poder, mas as outras árvores queriam também, e então eu meio que desmaiei e Knot me trouxe de volta.

Os braços do seu pai foram em torno dela e a puxou para perto. - Oh, Keelie.

Ela o abraçou de volta, afundando em seu abraço. A única família que me resta, pensou. Suas costelas eram como saliência sob suas mãos e seu rosto doía contra a sua afiada clavícula. Ele está desaparecendo, ela pensou, murchando como o unicórnio. Ela estremeceu.

- Você realmente, verdadeiramente viu. Papai olhou para uma cadeira em

sua frente, como se seu cristal enfeitado de ramos podia dizer-lhe o que falar. Passos ecoou no chão de madeira. Keelie virou-se rapidamente, irritada.

- Olá? Alguém aqui? A voz era suave. - É Janice, disse Zeke.

- Aqui atrás, Keelie chamou. Papai colocou o dedo contra seus lábios. - Falaremos sobre isso mais tarde. É melhor os outros não saberem sobre a floresta estar doente.

Janice pode saber o que está deixando papai doente.

A senhora das ervas apressou-se, pulseiras tilintando, rodeada pelos deliciosos aromas das plantas com que ela trabalhou. Ela sorriu para eles.

- Ei, vocês dois. Quero convidá-los para jantar na minha casa. Um bom Guisado na cerveja no pote de barro, pão duro, e um monte de chá quente. Como Raven foi embora, é muito solitário no armário pequenino que serve como meu apartamento aqui

- Obrigado, Janice. Você é muito gentil. Zeke assentiu, como se a cabeça fosse a única parte flexível o suficiente para se curvar.

Knot pulou em cima do balcão e esfregou sua cabeça contra o cotovelo do meu pai.

- Keelie, o que aconteceu com você? Janice fez uma careta. - E o que você está vestindo?

- Você não deve ter ido para a praça de alimentação ainda. Eu trabalhava no Filé na Estaca. Brevemente.

Ela olhou para Knot, que piscou uma vez, como se fosse uma resposta. - Knot me fez ser demitida.

- Será que ele a perseguiu através de uma roseira também? Janice balançou a cabeça. - Venha. Tenho uma pomada que vai tirar o ferrão desses arranhões. E você não parece tão bem, Zeke. Meu Deus. Vocês dois precisam de cuidados. Sigam-me. Janice apressou-se, olhando feliz por ter alguém para cuidar.

Keelie a seguiu aliviada. - Comida parece ótimo. Só de estar perto de

Janice a confortava. - Como está Haven?

Janice acenou com a mão. - Ela está se divertindo. Conto tudo o que está acontecendo no jantar. Ela colocou o braço em Zeke e ele inclinou-se um pouco para ela. Knot trotou ao lado deles, com seu unicórnio roubado na boca.

- Hey, sobre a Laurie, Keelie deixou escapar. - Ela disse que estará aqui na sexta-feira. Podemos buscá-la?

- Nós providenciaremos alguma coisa: Seu pai prometeu. O coração de Keelie abateu-se no pensamento de dirigir até a estação de trem no Chale Suiço.

O estande de Janice era menor do que o que ela tinha no Colorado, mas tinha o mesmo cheiro de ervas maravilhoso.

- Os banheiros são pertos. Keelie estava tentando ser diplomática.

- Isso é bom e ruim Keelie, Janice respondeu. O tráfego é sempre grande aqui, porque uma multidão de pessoas passa aqui toda hora. Mas quando está quente, o cheiro não é o mais doce.

- Que bom que você tem todas essas ervas, não é.

Janice riu e Zeke a seguiu. Keelie estava prestes a acompanhá-los quando ouviu um som que a puxou para a parte de trás do pequeno prédio arborizado. A floresta cresceu perto daqui, e ela ouviu o som claramente. Uma única nota, sustentada por tanto tempo que ela não poderia dizer o instrumento que o fez, ou que garganta.

Ela estava com os braços cruzados sobre o peito, em seguida, aproximou-se, um carvalho delgado. Ela parou bem longe dele, mas alguma coisa estava coçando sua cabeça, puxando seu cabelo. Ela estendeu a mão e os dedos tocaram a mão vara de uma Bhata.

- Pare com isso, ou eu vou congelar você.

Riso fraco, como varas se esfregando, veio de cima e foi acompanhado por mais risadas dos arbustos que ladeavam a floresta. Os pequeninos estavam festejando esta noite. Bem. Ela não tinha nenhum desejo de ser

pega em seus jogos perversos.

A brisa trazia o cheiro de canela. Keelie cheirou apreciativa, até que ela percebeu que ele não estava vindo da loja de ervas de Janice.

Estava vindo da floresta. A ansiedade tomou conta dela. Como se o pensamento da floresta tivesse evocado um feitiço, Keelie de repente não conseguia respirar. Ela agarrou sua garganta, tentando descolar as mãos invisíveis que a sufocavam. Seu coração bateu contra as costelas.

Ela virou-se e correu ofegante, para porta de Janice. Ela bateu nela, incapaz de girar o botão, incapaz de gritar por ajuda.

A porta se abriu, e Sir Davey estava diante dela inundado de luz da lâmpada de ouro.

- Hey, ho. Você vai se atrasar para o jantar!

Keelie caiu a seus pés, sufocando. Ela ouviu Janice e seu pai correndo em sua direção, e a última coisa que ela ouviu antes de tudo ficar preto era a voz sombria de Sir Davey.

- O Pânico.

Preso. Escravizada. Confinado. Detido. Keelie pensou em todas as palavras que se aplicavam, mas significavam a mesma coisa, não importava como ela dissesse. Ela estava presa ajudando o pai. Ela não tinha pensado que ele realmente iria aceitar a sua oferta de ajudá-lo, mas aqui estava ela, cortando pedaços de galhos de árvores (pinheiros Amarelo da Geórgia) para fazer blocos e cuidando de músculos doloridos do serrote. Esta não era sua visão de "ajudar". Imaginou-se na porta da loja, cumprimentando os clientes com um olhar realmente bonito em uma roupa de Francesca.

Sua mão parou, fazendo contato com a tora, e ela foi arrastada para uma visão da casa da árvore, um ambiente aconchegante, perfumado, bosques de pinheiros. Ela ouviu o canto do rouxinol e o grito de uma gralha azul mergulhando. Ela desejou que estivesse lá, naquela abafada floresta, em vez de cortar essa árvore, mas esta deve ser a maneira que as árvores devem sentir; seus anéis de memória capturados na madeira, visões felizes de suas florestas nativas.

A força da energia puxou-a intimamente. Ela deixou cair a serra e se afastou. Isso era diferente do que ela tinha experimentado há poucos dias na floresta com as árvores de Wildewood. Ela se lembrou do cedro que ela ajudou seu pai a cortar na sua oficina no Colorado, como ele lhe tinha mostrado o seu passado, uma memória que seria uma parte de tudo que fosse criado a partir de sua madeira. Ela pegou a serra mais uma vez. Era normal. Para um pastor de árvore.

Seu encontro com o Pavor na noite de sábado a tinha deixado um pouco tonta. Keelie tinha desmaiado no meio do caminho da loja de Janice. Ela estava algumas horas depois no quatinho no andar de cima, com o rosto preocupado de Janice, pálido e sombrio, assombrado à luz das velas.

Quando ela tentou se sentar, uma pedra caiu de sua testa, e outros cristais e pedras rolaram de seu peito. Obra de Sir Davey, sem dúvida. - O que aconteceu?

- O Pânico, Janice sussurrou. Alguém colocou um feitiço sobre a floresta atrás das lojas, e ele estendeu a mão e a sufocou. Eu estava com tanto

medo.

Lágrimas brilhavam em seus olhos castanhos e sua mão apertou a de Keelie.

Keelie afagou-lhe com a mão livre. - Eu me sinto bem agora. Magia da Terra, certo? Embora Janice soubesse sobre os elfos e todo o resto, Keelie ainda se sentiria melhor na RV blindada.

Janice assentiu. - Sim, Sir Davey e o seu pai estão na floresta agora, tentando encontrar a fonte da magia.

A memória das árvores famintas, da floresta assombrada, e o magro unicórnio revestido voltaram para ela. Papai havia dito que o unicórnio era o guardião da floresta. O que quer que tenha feito isso com o unicórnio, provavelmente poderia matar um pastor de árvore, e ela tinha sido vítima duas vezes em um dia. Ela engoliu em seco para se livrar das capturas em sua garganta. - Eu não acho que é seguro para ele ir lá fora.

Janice soltou uma risada curta e puxou sua mão livre. - Seu pai é o pastor das árvores. Ninguém estaria mais seguro na floresta! Ela levantou-se, inclinando-se um pouco para não bater a cabeça no teto baixo. - Que tal um pouco de ensopado vegetariano?

Keelie não estava realmente com fome, mas ela se forçou a sorrir. - Parece ótimo.

Seu pai e Sir Davey voltaram um pouco mais tarde e se juntou a eles para o jantar, mas ela percebeu assim que se virou que ele estava esgotado, que eles fizeram também. Na manhã de domingo ele a colocou para trabalhar, então voltou para a floresta. Keelie sabia que ele estava procurando o unicórnio. Ela esperava que as árvores o levassem até ele, ou que o unicórnio se revelaria. A única coisa que podia fazer era trabalhar duro na loja.

A mesa ao lado dela estava cheia de pequenos círculos que logo seriam rotulados como Blocos naturais de Heartwood. Seu pai disse que blocos de construção Heartwood eram populares. Uma mulher tinha perguntado sobre os blocos, alegando que sua filha tinha um conjunto e agora queria pedir outro conjunto para a neta. Papai não tinha nenhum em estoque e ele

pensou que seria um projeto fácil para Keelie trabalhar. Sim, certo. Ele precisava dela para ajudar com o unicórnio, mas ele era teimoso demais para admitir isso. Pior, ele está ficando mais doente a cada dia, abrindo-se magicamente para as árvores, especialmente os carvalhos.

Uma parte de Keelie queria correr de volta para a floresta para estar com o unicórnio, agora mais por compaixão do que uma compulsão mágica. Mas outra parte dela queria permanecer dentro do santuário da Feira. Sentia-se mais segura ficando em torno de pessoas como Janice- humanos.

Keelie tocou uma madeira redonda, pensando em como era estranho ela nunca ter notado um tom verde no grão de madeira das outras peças. Outra energia passou por seu corpo. Ela olhou para as árvores de carvalho em toda a alameda, e fechou os olhos. Ela percebeu que eles estavam dormindo.

Olhando para baixo, Keelie notou que a maior parte da tonalidade verde fluía para o centro. Tudo bem, talvez esta fosse uma peça um pouco estranha que tinha perdido algum ritual élfico mágico que papai fazia com as árvores. Ela o deixou cair sobre a mesa de trabalho e ele escorregou pela borda e girou em volta como uma moeda.

Papai precisava contratar outro assistente, o mais rápido possível. Tudo bem para ela ir para a floresta e falar com as árvores, ouvir sobre seus problemas, ser uma espécie de mediadora da floresta, mas, na verdade, fazer coisas com as árvores não estava em sua agenda.

Keelie levantou a mão. Bolhas pegajosas de seiva de pinheiro grudaram em sua pele. Ela tirou um pedaço de goma e sacudiu o dedo para tirá-lo, mas ele ficou firme. Este material era mais pegajoso do que supercola. Ela finalmente conseguiu tirar a bolha e jogou-o sobre a mesa de trabalho. Ele desembarcou na madeira redonda verde. Keelie ouviu um gole.

Como água em uma esponja seca, a seiva foi absorvida pela madeira redonda. Em poucos segundos, uma pequena pinha brotou do centro da madeira. Ela se afastou, lembrando que, no Colorado, um ramo havia brotado de uma cerca de cedro quando ela encostou-se a ela.

Ali na frente de seus olhos, quando seu pai entrou na área de trabalho, a pinha se transformou em uma pequena muda de pinheiro.



Ele olhou fixamente para ele. - De novo não. Sua magia de árvore está fora de equilíbrio, madeira morta a está usando para se regenerar. Por favor.

Ele a empurrou para fora da loja e para Janice criar um extrato a partir de suas ervas, bem como para um composto misterioso de Sir Davey que provei ter sido feito a partir de terra de privada. Além de nojento.

Quando foi para a cama, Keelie ainda estava coçando a serragem que se agarrou a ela, apesar de uma ensaboada minuciosa. Na manhã seguinte, ela tomou banho novamente. Tomar banho no acampamento de Sir Davey era ótimo, mas ela tinha de se curvar muito para baixo para passar shampoo no seu cabelo ou então ela ia bater a testa no chuveiro.

Mas no final do dia, os músculos doloridos protestaram. Ela esteve serrando, triturando e lixando madeira por quatro dias. Isso era tudo culpa de Scott. Ele deveria estar aqui. Em vez disso, ele estava em seu antigo estado, enquanto ela estava presa aqui em nenhum lugar, Nova York.

A única razão pela qual ela não tinha gritado sobre tudo o que estava acontecendo era porque seu pai parecia tão pálido como a ovelha do queijo gourmet que a mãe costumava mordiscar quando bebia vinho com os amigos. Papai estava destruído.

Por outro lado, o negócio ia tão bem que ele não podia fazer o trabalho sozinho. Isso era uma faca de dois gumes, uma vez que Keelie não era tão eficiente quanto Scott. Ainda assim, ela conseguiu vender seis cadeiras e uma cômoda, e tinha feito encomendas de várias peças personalizadas.

Eles não estavam fazendo coisas apenas para a Feira Renascentista. Com o Natal a pouco menos de quatro meses de distância, havia uma urgência nos pedidos de casas de bonecas como a que seu pai tinha feito para ela quando era pequena. Isso a irritou, já que ela sempre pensou que a dela era especial e agora ela estava ajudando-o a cortar seus clones.

Naquela noite Keelie sonhou com uma casa de bonecas. Mas foi em tamanho natural, em Wildewood, e era madrugada e o nascer do sol seria em breve, e vislumbres de rosa brilhava no horizonte ...

O unicórnio galopou até a porta da frente e bateu com seu chifre. Knot atendeu a porta, de pé sobre as patas traseiras e vestindo sua roupa de

gato de botas. Ele saiu e caminhou com o unicórnio até o topo de uma montanha. . No fundo, Keelie ouviu algo que soou como motores de turbina – a hidrelétrica.

Ursos, veados, lobos e todos os animais que se possa imaginar surgiram da floresta circundante e formaram um círculo ao redor do unicórnio e Knot. Com um floreio de sua pata, Knot tirou o chapéu e fez uma reverência diante do unicórnio. Nos primeiros raios de sol da manhã, o unicórnio rosa sobre as patas traseiras. O chifre brilhou com um brilho ofuscante. Keelie cobriu o rosto, e o cheiro de café ...

Ela acordou e piscou sob a luz fraca que se filtrava através das cortinas da RV. Isso foi um sonho estranho, mesmo para ela.

Felizmente, o cheiro de café era real. Graças a Deus. Sir Davey estava de pé. Ela caminhou até a cozinha e serviu-se de um copo, o líquido marrom escuro a fez lembrar do extrato que o pai a fez tomar.

Seu pai entrou na cozinha, o cabelo longo e esvoaçante. Keelie quase deixou cair a xícara de café. Ela nunca tinha visto ele solto. Ele sempre o manteve preso, mesmo quando estavam na floresta. Keelie o estudou pela borda do copo quando ela tomou seu primeiro gole.

Ele sentou-se pesadamente no banco à sua frente e fechou os olhos. Seu cabelo se moveu ligeiramente, revelando uma ponta da orelha pontuda que a lembrou dos amigos de Elia. Eles também não pareciam bem, no outro dia.

Sobre a mesa havia uma cópia da Gazeta de Wildewood, o jornal da Feira. Keelie pegou e leu em voz alta a manchete: - Mais dois cavaleiros estão doentes, Lodge em quarentena. Ela olhou para cima. - Pai, o que está acontecendo no alojamento? É algum tipo de gripe élfica.

Papai levantou a cabeça. - Não há gripe, mas eu não estou surpreso que alguns dos elfos estejam doentes. Ele cobriu a boca e tossiu. Sir Davey verificou a farinha de aveia e deu uma mexida com os olhos em seu pai. – Deu sorte, Zeke?

- Não. Estou exausto. Papai se inclinou para o canto do banco e Keelie se lembrou de como ele se encostou ao balcão da loja para se apoiar. Ele não

tinha feito isso na Feira de Montanha Alta. Ele notou que ela o observava e sentou-se em linha reta. Seus olhos clarearam e ele sorriu. - Eu não tenho a gripe.

Ela cheirou canela. Sua aveia não tinha qualquer adição de especiarias, por isso a sua súbita aparição saudável tinha que ser mágica. Ele estava tentando enganá-la. Sua preocupação aprofundou brevemente em pânico. Ele deve estar pior do que ela pensava. Ela não iria perder seu pai também. Ela ia trabalhar mais na carpintaria para lhe dar uma folga, e ela não iria reclamar. Enquanto isso, ela iria verificar com Janice para ver que tipo de remédio natural ela poderia sugerir para o pai.

Gotas de suor pontilhava sua pele.

Estranho. Ela nunca tinha visto seu pai suar. Keelie não sabia se era um traço élfico, também. Apenas os cavaleiros trabalhavam duro o suficiente para chegar a suar e eles estavam escondidos em sua armadura.

Papai deu um tapinha no seu joelho. - Pode ser que eu esteja trabalhando muito. Temos um monte de encomendas para atender.

- Por que você pegou todas estas encomendas de casas de bonecas extras? Ela não fez um bom trabalho de não soar mal-humorada.

- Eu tenho uma filha para sustentar, e as contas precisam ser pagas.

Culpa inundou Keelie enquanto pensava sobre sua compra extravagante: a bota. - Você pegou todas essas encomendas de casas de bonecas para pagar as botas?

- Em parte, embora você tenha prometido pagar por elas.

Ele precisava dela. Esse era o motivo dela trabalhar tão duro. Ela tinha um propósito. Foi gentil da parte do papai pegar trabalho extra para garantir o seu sustento. Isso mostrou que ele realmente se importava. Apesar dele dizer que estava emaciado de tê-la em sua vida, ela ainda se perguntava as vezes. Ele tinha ido de o mais cobiçado solteirão a pai em dois meses, e talvez ele se arrependa de perder sua liberdade.

- Então, como conseguiu esse canto liso no telhado da casa de bonecas?

Ele estendeu a mão e bagunçou seu cabelo. - Você está fingindo interesse, mas eu aprecio o esforço. Vamos caminhar até Heartwood.

- Parece que não consegue caminhar daqui até o banheiro.

- Estou bem, mas nós temos algo importante para fazer no caminho até a loja. Leve-me onde você viu o unicórnio.

Seu coração disparou como se ela fosse ver o cara que ela paquerava. – Claro. Não é muito longe.

- Eu vou ficar e terminar minha pesquisa. Os olhos de Sir Davey encontraram os de Keelie. Ele estava preocupado com Zeke também.

Papai levantou, oscilou um pouco e em seguida caminhou firmemente até a porta. Keelie o seguiu. Se ele caísse, ela teria dificuldade de tirá-lo da floresta. – Pai você pode fazer isso? Parece que deve ser levado para a cama não para a floresta.

- Vou me sentir melhor quando estiver entre as árvores, quando eu estiver na parte sempre verde da floresta, eles estão me fornecendo uma dose extra de energia para manter os carvalhos dormindo. O líder dos pinheiros e coníferas é um abeto chamado Douglas nomeado de Tavak. Ele vai fazer contato com você em breve.

Keelie esperava que esse Tavak fosse inteligente como Hrok, o álamo que ela fez amizade no prado perto da feira de Montanha Alta. Papai colocou o braço por cima de seu ombro e ela se perguntou se isso era afeição ou era para se segurar. – Se estivermos perto do unicórnio, eu sentirei seu poder, mas não serei capaz de vê-lo.

- Não vai perder nada, deixa eu te dizer. Eu fiquei decepcionada quando eu consegui dar uma boa olhada nele.

- Você estava esperando algo saído de um desenho animado? Ele sorriu para ela.

- Eu não estava esperando vê-lo desse jeito. Mas a primeira vez que o vi ele brilhava como um grande vagalume. Era lindo, assim como uma

ilustração.

- Com a nossa ajuda, ele vai parecer assim novamente. Keelie endireitou-se. Nossa ajuda.

No caminho para a floresta, Knot saltou detrás de um arbusto e correu pelo caminho até uma árvore do outro lado. Ele agarrou-se a sua casca e miou tristemente. Apesar da explosão de energia, ele não soava como a sua habitual arrogância de gato.

Papai assentiu. - Eu entendo. Eu acho que é hora de usar o lendário charme dos Heartwood. Keelie, precisamos ir primeiro na loja.

Tudo bem, lá estava ele, bem ali na sua frente. A evidência do que ela suspeitava por muito tempo. - Você estava falando com o gato, disse Keelie acusadoramente.

Papai arqueou uma sombrancelha e embora parecesse cansado ele tinha um brilho malicioso em seus olhos. – Você também fala com Knot. Toda manhã você o chama de “meleca de bola de pelo” e diz que ele não precisa poluir a terra com sua baba.

- Sim, mas eu não espero que ele me responda. O que ele disse?

- Keelie, ele está miando porque ele é um gato.

- Não, isso é muito mais. Ele é um gato élfico. Você é um elfo. Então, diga a ele para falar de modo que o ser humano possa compreendê-lo.

Knot pulou da árvore e se afastou.

Papai teve a coragem de rir. - Eu acho que é a sua resposta.

- Sim, se é assim que você vai agir, bola de pêlos, não vou limpar sua caixa de areia por uma semana.

Seu ronronar alto flutuava de volta. Ela não iria realmente fazer isso e ele sabia disso. O gatinho vingativo provavelmente usaria sua roupa limpa como caixa de areia, se ela não mantivesse sua caixa limpa. Ela iria achar alguma coisa para irritá-lo. Tornou-se um de seus passatempos favoritos.

Perto de Heartwood, vozes flutuaram em direção a eles a partir de uma curva na estrada. Por entre as árvores, ela vislumbrou um pequeno grupo de pessoas. Papai colocou o dedo contra seus lábios, o código para que não falássemos coisas élficas.

- Aconteça o que acontecer, eu não quero que você me interrompa. Entendeu?

Keelie concordou, lembrando o aviso de Knot. Ela sentiu o cheiro de canela, e se perguntou se era magia ou apenas o cheiro de biscoitos assando próximo dali. Seu estômago roncou. Magia não parecia tão assustadora na luz do dia.

Quando o grupo entrou no campo de visão, Keelie queria correr. Finch estava na frente, bota pesada pulverizando frutos. Quando ela pisou na direção deles. A mulher parecia infeliz, nenhuma mudança de sua expressão habitual, e era seguida por três homens que eram espiões ou agentes do FBI. Eles usavam calças jeans e camisas polo, o que era muito normal, mas suas botas de trabalho exageradas, óculos espelhados e atitude de robô não diziam “fim de semana de diversão da Feira Renascentista” Nem suas caixas de ferramentas.

A quinta pessoa a aparecer, e ela estava definitivamente fora do lugar. Uma mulher usava uma saia rosa e casaco de um seriado dos anos 80. Seus saltos marrons não combinavam com seu equipamento. A vítima da moda. Ela não sobreviveria um minuto em LA.

Ela carregava uma câmera, e ela estava olhando ao redor e tirando fotos.

O cabelo vermelho de Finch foi empilhado em um coque, e seu rosto e seu pescoço estavam quase da mesma cor. O dragão estava atijando as chamas. Finch deve estar indo para um churrasco e Keelie ia ser demitida novamente, ou talvez por não devolver seu traje Filé na Estaca. Ela esperava que não precisasse pagar por essa roupa de perdedora. A capa tinha queimado e o resto, incluindo as ridículas botas de ouro de gnomo; estavam arruinados.

Pai curvou-se elegantemente quando eles se aproximaram. - Um belo dia, não é?

A cor de Finch passou para molho quente de pêssegos e creme, e a dama de rosa sorriu brilhantemente.  
O odor de canela era pesado agora. Ou a loja de chá estava fazendo hora extra, ou isso era magia élfica.

Papai pegou a mão da moça de terno rosa e curvou-se sobre ela. - Ouvi dizer que existem seres mágicos nesta floresta, e realmente acredito agora, porque tal beleza não pode ser mortal. Meu primeiro vislumbre seu ficará para sempre gravado na minha memória, e eu vou definir meus dias de vigília a partir do segundo que a vi. Você tem que me dizer o seu nome.

Tudo bem... distribuam os sacos de vômito. Mas meu pai tinha dito para não interromper.

A mulher sorriu, expondo mais de seus dentes brancos chamativos. Não é de admirar que esses caras estivessem usando óculos de sol. O brilho dos dentes da Terno Rosa os teria cegado. – Meu nome é Dawn Valentine.

Finch tinha dado um passo em direção a ele, como se as palavras tivessem sido para ela. Dawn Valentine, a mulher da Câmara Municipal com nome de stripper parecia hipnotizada. Keelie teria que salvar seu pai. Ele devia estar realmente doente para estar fazendo olhos melosos para essa mulher.

Terno Rosa sacudiu a mão para os três homens de óculos de sol.  
– Vão olhar os banheiros no final da rua.  
Ela puxou um mapa da Feira de sua prancheta e deu para o primeiro cara.

Ele balançou a cabeça e fez um gesto com a cabeça para os outros dois caras. Eles automaticamente o seguiram, focados nos sensores que vinham da caixa de ferramentas. Até seus passos eram sincronizados.

O sorriso do pai se alargou. – Dawn Valentine. Adorável. Um nome para uma deusa.

Deusa! Keelie sentiu-se um pouco enjoada.

Terno Rosa puxou os grampos de seu coque e soltou seu cabelo castanho sem graça, que caiu molemente sobre os ombros. Luzes, máscara de cílios, e um caimento decente, urgente! Ela olhou para o pai de cima a baixo. - E você é ...? Seu tom era todo feminino e recatado. Eca.

\_ Que negligente da minha parte. Eu sou Zeke Heartwood. Ele estendeu a mão mais uma vez num gesto elegante. A mulher colocou molemente a mão na dele.

Muito legal, exceto pelo fato de seu pai não largar a mão dela, e a mulher não parecia que estava com pressa também. Definitivamente gripe élfica. Ou isso ou ele tinha enlouquecido.

Papai se virou para Finch. – O que as damas estão fazendo num dia tão lindo?

Finch fez um gesto na direção da mulher. – Senhorita Valentine com a Câmara Municipal de Canooga. Ela está aqui acompanhando os senhores com a EPA. - Ela atirou a Terno Rosa um olhar sujo.



- Você encontrou alguma coisa? Papai olhou nos olhos dela.

- Eles querem conferir algumas leituras de ar incomuns perto do topo da montanha. Há uma usina de energia do outro lado. Srta Valentine fez um gesto na direção dos homens. – E eles estão criando testes de água subterrânea.

Finch apontou na direção da colina arborizada atrás da Alameda Encantada. - Nós estávamos a caminho.

Foi lá que ela havia visto o unicórnio pela última vez, Keelie percebeu. Duvidava que Dawn Valentine fosse capaz de ver um unicórnio, mas ela estava com medo de que os caras da EPA tivessem algo que pudesse sentir a magia do unicórnio. Ela precisava chegar até a montanha. Com o pai ocupado, esta seria uma boa oportunidade para dar uma olhada.

- Posso me juntar a você? Além de ser um mestre carpinteiro, estou muito bem informado sobre a floresta.

- Não, obrigado. Temos dois cientistas trabalhando com a gente, Dawn Valentine respondeu.

- Eu tenho formação em biologia, geologia, gestão florestal e da poesia medieval.

Trezentos anos deu-lhe muito tempo para ter uma educação.

- Uau! Dawn Valentine parecia ter derretido. Ela estava olhando para Zeke como se ela estivesse pronta para dar tudo o que ele pedisse.

Em vez de ficar revoltado com a reação dela, seu sorriso aqueceu.

- Posso acompanhar as duas adoráveis senhoras até a encosta da colina?

Dawn deu um sorriso afetado como uma simples colegial que estava sendo paquerada pelo quarterback. - Eu adoraria, mas eu sei que a Srta Finch tem um monte de trabalho a fazer, e eu já tomei muito do seu tempo.

Finch, que parecia imune aos encantos do pai, balançou a cabeça e pareceu aliviado. - Eu tenho um monte de papelada. Vou deixar vocês dois investigar a encosta.

- Vai ser um prazer. Papai ofereceu a hipnotizada Dawn Valentine seu cotovelo e ela colocou os braços através dele. Eles passeavam na Alameda Encantada juntos. Keelie olhou com expectativa para os carvalhos, esperando que eles despejassem frutos sobre eles, mas nenhum veio.

Finch zombou quando ela os viu partir. Ela olhou para Keelie. - Seu pai com certeza pode contar com o charme Heartwood.

- Sim, sim.

- Não funciona comigo! Ela riu. - Seu pai está me fazendo um favor, levando Valentine daqui, então eu vou ignorar o fato de que você não retornou à administração depois de ser despedida do Filé na estaca. Eu soube de tudo. Traga seu traje bem cedo no sábado de manhã, e esteja prontos para rastejar, e apenas talvez eu possa lhe dar outro trabalho.

Keelie sentiu-se mal.

O traje estava um lixo. Sua vida estaria arruinada no sábado de manhã. Mas Janice provavelmente tinha agulha e linha; ela poderia consertá-lo. Se não, Keelie teria que escrever o seu testamento nesta semana.

Finch olhou para o seu ilegal relógio anacrônico e franziu a testa.

- Tenho que ir para o acampamento para me certificar de que João Pequeno tomou a medicação. Eu juro que tudo que faço é tomar conta de atores, artistas e chorões.

Ela começou a marchar de volta pelo caminho. O dragão estava de volta.

Papai não estava à vista e Keelie voltou à loja para almoçar. Ela precisava de um plano. Ela precisava ser esperta sobre isso e não ir para dentro da floresta e possivelmente levar a EPA até o unicórnio.

Para sua alegria, o gato branco sentou-se sobre o balcão esperando por ela. Knot estava do outro lado do balcão, ronronando e balançando a cabeça. Os dois gatos pareciam suportes de livros peludos, exceto que o gato branco não ronronava. Keelie cocçou a cabeça. Quanto mais pensava sobre isso, talvez agora fosse um bom momento para sair e procurar o unicórnio.

- Você viu meu amigo místico na floresta?

O gato fechou os olhos e colocou sua cauda debaixo de seu corpo.

Ela podia andar pela floresta para clarear a cabeça e talvez se ela corresse até o unicórnio, ela poderia avisá-lo sobre as pessoas da EPA e dizer a ele para ter cuidado. Tinha que haver algo que ela pudesse fazer para fazê-lo se sentir melhor.

Quando ela saiu da loja, encontrou seu pai. - Onde você pensa que está indo? Ele segurou o cotovelo de Keelie e guiou-a para dentro.

- Eu estava indo procurar o unicórnio, para avisá-lo.

- Eu não quero que você vá para a floresta sozinha. Seus olhos verdes e sua pele brilhavam. Ele se inclinou contra um dos postos da loja. O cheiro de canela desapareceu, e com ele o seu brilho, até que ele pareceu tão desgastado e doente como ele estava no café da manhã. Até pior..

- Pai você está horrível. Deixe-me encontrar o unicórnio. Eu sei que posso fazer isso.

Ele suspirou e esfregou a testa como se sua cabeça doesse. - Você sabe, os elfos tem um ditado que diz: À medida que a floresta morre então os elfos também morrem. - Nós não estamos indo muito bem.

- Então como é que eu não estou doente?

Ele estendeu a mão para tocar sua orelha direita arredondada.

- Graças a sua mãe.

- Isso não explica Elia e Elianard. Eles se parecem com você quando coloca o bling elfico.

A contração patética de seus lábios deveria ser um sorriso. – Bling Élfico? Ele franziu a testa. - Então, aqueles dois não são afetados? Curioso. Estou tentando descobrir o que está acontecendo, e estou convencido de que eles são parte disso.

- Isso inclui agir como um gigolô com aquela mulher de terno rosa hediondo?

- Um gigolô? Isso é um insulto.

- Você realmente sabe o que é um gigolô? Surpreendente.

- Não fique surpresa. Eu li. E eu estava simplesmente sendo encantador com a Srta Valentine redirecionando sua atenção para longe do unicórnio.

- Você não fez isso com ela, não é? Keelie realmente não queria saber os detalhes de como ele redirecionou a atenção dela, mas ela deixou escapar a pergunta assim que surgiu em sua mente. - Isso seria tão nojento.

O rosto de papai ficou tão vermelho quanto o de Finch.

- Absolutamente não! Você não pode perguntar a seu pai uma coisa dessas. Para tranquilizar você e sua imaginação fértil, Miss Valentine não é o meu tipo e eu não iria enfeitiçar uma mulher para fins românticos. Eu não preciso. Venha. Temos que voltar ao trabalho.

- Trabalhar? Em sua condição? Você me arrastou para a loja de ervas pelo extrato e agora eu acho que é a sua vez de ir até lá.

Talvez meu pai tenha sido afetado pelos bosques amaldiçoados com o Pânico. Mas o Pânico não estava aqui, e ela ainda estava recebendo esse sentimento assustador e ansioso que tornou difícil respirar, que precedeu o medo paralisante.

- Qual o problema, Keelie?

- Sim, Keelie, qual o problema? Perguntou uma voz oleosa. Elianard entrou na loja e Keelie fez uma careta. Canela ainda era o cheiro do medo. E de Elianard.

Elianard era um deus da Feira Renascentista em suas vestes esvoaçantes, bordadas. Ele baixou o olhar para os blocos sobre a mesa de trabalho e sorriu. - Sua filha está fazendo seus brinquedos? Como você deve estar satisfeito, Zekeliel. Ela é exatamente como você. Bem, a parte dos elfos. Ele olhou para cima, os olhos verdes cheios de malícia. - A floresta morre em torno de nós, e você faz brinquedos, pastor das árvores.

Opa. Ele estava dizendo exatamente o que ela estava pensando. Como é perturbador compartilhar opiniões com o malvado Elianard. Keelie ficou com as mãos nos quadris, determinada a não deixá-lo mais chegar a ela. A magia rosa aumentou nela. Ela deu um passo para longe das paredes e dos móveis, buscando distância entre ela e a madeira. Os pêlos de seus braços se arrepiaram e os longos cabelos prateados de Elianard começaram a flutuar em torno de sua cabeça. Ele parecia um dente de leão que ela poderia magicamente soprar.

Papai se colocou entre ela e Elianard, bloqueando o olhar do elfo arrogante. - O que você quer?

- Estou aqui para entregar uma mensagem do Conselho. Ele sorriu.

- Eles vão chegar da Flórida e do Oregon. Você foi convocado para responder pelos carvalhos e pela condição de Wildewood. Enquanto isso, três de nós gostaria de falar com as sempre-vivas. Queremos ouvi-los pessoalmente, o que aflige este reino da floresta porque o Pânico em breve estará seguindo o mesmo padrão. Você vai ser o nosso guia, pastor das árvores.

- E se eu recusar?

Elianard sorriu. - Você não tem escolha. Kelia-tiel ordena, como deve, dada a história da sua família.

Papai se encolheu como se Elianard tivesse lhe dado soco no rosto.

- Vamos nos encontrar hoje à noite ao nascer da lua, no velho carvalho da clareira na sombra das três montanhas. Você foi convocado...

Elianard levantou o braço e apontou para as colinas que se erguiam sobre a margem do rio. Sua manga longa puxada para trás, a extremidade traseira no chão, o cintilante bordado na luz suave. Tudo nele parecia brilhar com algum tipo de luminescência.

-... Para nos levar para as sempre-vivas.

Não é de admirar que seu pai parecesse chocado. Sua própria mãe havia se aliado contra ele. Normalmente, Keelie não aguentava Elianard, mas havia algo sobre ele hoje, que a intrigava, um carisma que não estava lá antes. Era o encanto mágico do seu pai que ainda persistia no ar? Ela não podia dizer. O Pânico cheirava a canela também.

- E você se ofereceu para se reunir com as sempre-vivas? Papai arqueou uma sobrancelha. - Por quê? O que você realmente quer? Keelie sabia que ele suspeitava que tivesse sido Elianard que trouxe o Barrete Vermelho até eles, no Colorado, e se perguntou por que ele não o tinha acusado simplesmente.

Elianard colocou a mão no peito, franzindo a testa como se estivesse ofendido. - Você não confia em mim? Certamente você não acha que a série de circunstâncias infelizes na feira de Montanha Alta tenha alguma coisa a ver comigo?

Papai assentiu solenemente. - Eu não posso acusar, onde não há nenhuma prova. No entanto, você é o único que conhece os livros do conhecimento bem o suficiente para invocar a Fada Negra

- Do mesmo modo que poderia também acusar sua filha. Talvez tenha sido sua metade humana contaminada que atraiu o Barrete Vermelho até nós.

Sim, certo. Keelie esteve lá. Ela quase morreu tentando salvar as árvores de montanha alta e Sir Davey tinha sido ferido.

Papai abaixou a cabeça, os olhos ainda em Elianard como um touro prestes a atacar. Ele parecia mais forte. - Sempre que você está por perto, a magia fica enfraquecida. Eu não posso provar ao Conselho que você é a causa, mas eu posso impedi-lo de fazer mal a minha filha. Eu estou te avisando, fique longe dela.

O rosto de Elianard endureceu. - Isso é uma ameaça, Zekeliel?

- Se é assim que você escolheu interpretar as minhas palavras, que assim seja.

- Eu deveria denunciar o seu comportamento irracional Lorde Niriël, Elianard disse rigidamente.

- E o risco de se expor? É uma ameaça vazia, Elianard. Papai deu um passo adiante. - Se o Conselho gostaria de me informar de uma reunião, era melhor eles me mandarem outro mensageiro. É difícil para eu aceitar suas palavras como verdadeiras. E quanto a ser o seu guia para as sempre-vivas, fale com eles você mesmo.

Uau.

A voz de Elianard pingava com desprezo contido. - Você vai nos guiar para as sempre-vivas querendo ou não. Precisamos saber o que está acontecendo na floresta. Você está se sentindo um pouco mal ultimamente Zeke-Liel? Se assim for, você não é o único da Feira a se sentir doente.

Papai deu de ombros. - Há um bug acontecendo ao redor, como minha filha diria.

- Os elfos não são os únicos que caem na armadilha da doença. O Conselho emitiu uma quarentena obrigatória no alojamento e uma jornalista curiosa esta investigando por que alguns dos humanos estão ficando doentes. Ela notou algumas diferenças ímpares entre alguns dos trabalhadores da Feira e está chamando a atenção da EPA na Feira.

A expressão do meu pai passou de indiferente a pensativo. - Isso está de acordo com informações que recebi esta tarde de um cientista humano. Vou mandar uma mensagem para o Conselho. A EPA de fato esteve aqui e eles vão investigar ainda mais de perto.

A tez de Elianard clareou um tom ou dois. Ele estendeu a mão para a mesa de trabalho e se firmou, em seguida, olhou para papai que havia cruzado os braços sobre o peito. Um olhar de compreensão passou entre os dois homens, como se tivessem declarado uma trégua. Eles provavelmente perceberam que eles teriam que trabalhar juntos contra a EPA.

A energia turbulenta na loja se acalmou. Ainda estava tenso, mas mais calmo. Keelie se virou, mas parou. - Lulu?

A mulher fantoche ficou na entrada da loja usando equipamento de fada madrinha completo, incluindo asas brilhantes. Papai e Elianard Viraram-se ao mesmo tempo e olhavam boquiabertos para Lulu.

Ela entrou, mas parou quando viu Elianard. Keelie percebeu que o traje de Lulu tinha alguns buracos; ela parecia mais uma meretriz do que fada madrinha.

Com seu olhar colado em Elianard, Lulu se inclinou contra um poste e falou em uma voz rouca e sedutora. - Olá. Qual é o seu nome?

As sobrancelhas do meu pai moveram-se em surpresa. - Lulu? Está tudo bem?

- Eu estou bem. Nunca estive melhor, mas você tem que me apresentar ao seu amigo bonito aqui. Sua voz tornou-se ainda mais escura e mais sexy.

Keelie virou para olhar Elianard. Mais uma vez, havia algo sobre ele, hoje, que acabou de atraí-la em sua energia. Era como estar hipnotizado por uma chama de vela querendo chegar perto e tocar o fogo.

Lulu avançou sobre Elianard, que parecia muito desconfortável em ter uma mulher humana flertando abertamente com ele. Isso era bom. Keelie ainda estava irritada com a senhora fantoche após o incidente com o Plumpkin, mas tudo seria perdoado após este pequeno espetáculo.

Mostrando o ombro sedutoramente para que Elianard pudesse ter uma boa visão de seu peito, Lulu levantou a saia para expor alguns bezerros debaixo de seu vestido branco brilhante. - Oh, baby, eu estive procurando por um homem como você. Você tem um poder diferente de tudo que eu já senti antes e eu estou procurando um homem com uma energia como a sua. Você pode me segurar.

Mamãe Ganso estava à solta, e ela encontrou um elfo para mantê-la aquecida. Keelie colocou a mão sobre a boca.

Elianard parecia um cervo pego pelos faróis de um treboque que se aproxima.

Lulu colocou a mão em seu ombro e sussurrou em seu ouvido.

Papai foi até Keelie e sorriu para ela com um brilho malicioso nos olhos.

- Há algo sobre você que eu acho profundamente atraente. Quer vir e brincar com meus bonecos? Lulu fez um biquinho sedutor e movimentos de beijo.

Elianard fez uma careta e tirou a mão de Lulu de seu ombro, um olhar de



desprezo em seu rosto. - Eu tenho que recusar seu convite eloquente.

- Oh, baby, não diga não, venha para o meu trailer e eu vou assar para você os meus bolinhos de chocolate especiais com cream cheese frosting. Você não será capaz de resistir a meus cupcakes. Eles são tão gostosos. Ela balançou os ombros, dando um significado diferente a idéia de assados.

Elianard virou-se e saiu da loja, caminhando rapidamente. A amorosa senhora fantoche trotou em seus calcanhares, fazendo sons de beijo.

O sussurro do meu pai interrompeu o prazer doentio da cena fascinante de Keelie. - Eu preciso salvar Elianard.

- Você quer dizer salvar Lulu?

- Não necessariamente. Interessante comentário Lulu fez sobre Elianard ser um homem poderoso, mas no momento basta dizer que Lulu é uma bruxa e Elianard é Elianard. Mesmo que eles se mereçam, precisamos descobrir a origem da gripe élfica.

- Lulu é uma bruxa?

Papai assentiu. - Você já percebeu a maneira como as crianças se reúnem na sua loja? Não é só por causa dos brinquedos que ela vende. Eu ia perguntar sobre ela na WWA.

- WWA? Keelie franziu a testa. - Parece com alguma liga de luta livre da televisão.

- É a Associação de bruxos e bruxas. Acho que Lulu está enfeitiçando as crianças e roubando sua energia.

- Isso é tão vil. Keelie se lembrou das crianças com rostos inexpressivos que se arrastavam ao redor da senhora fantoche.

- A feira não é apenas um bom disfarce para os elfos. Um grande número de seres acha conveniente...

Lulu do outro lado da rua estava grudada contra Elianard, corpo a corpo.

As veias em sua testa estavam saltadas como um rio fino e roxo. Ele mordeu os lábios, como se estivesse se esforçando para não coçar uma péssima comichão em público.

O chão parecia crescer e formar ondas em torno de Keelie e os carvalhos pareciam estar caminhando em direção a ela. Úmida, fria e desorientada, ela tentou respirar, mas canela entupiu seu nariz. O Pânico bateu nela como um maremoto.

Keelie arfou por ar, e depois a mão de seu pai estava em seu ombro. O mundo se endireitou.

- Observe, ele sussurrou em seu ouvido élfico. – O que seu velho está prestes a mostrar. Ele fez um gesto com a mão, com os dedos bem abertos. As folhas nas árvores de carvalho balançaram, e de repente uma rajada de frutos foi lançada em Elianard e Lulu.

As árvores haviam despertado. A maioria de seus mísseis pousou sobre a cabeça de Lulu. Ela gritou e correu de volta para sua loja.

- Oh, essas árvores amaldiçoadas, ela lamentou. - Eu estou indo contratar um lenhador para cortá-las.

Keelie ouviu gritos de indignação dos carvalhos. Ela tapou os ouvidos com as mãos. Todo mundo ouviu o farfalhar das folhas agitadas.

Elanard inclinou a cabeça para seu pai, aparentemente, em gratidão por livrá-lo de Lulu. Mas ele não contava com os carvalhos. Com Lulu em segurança dentro do santuário de seu estande, Elanard agora era o alvo principal e eles realmente tinham boa pontaria.

Pena que não havia uma versão de árvore de beisebol para eles jogarem. Elanard ergueu as vestes, revelando pernas pálidas, magras e vestidas com botas de Lady Annie feitas sob medida. A vida era tão injusta!



Naquela noite, Keelie lavou os pratos do jantar no acampamento de Sir Davey. O pai tinha saído depois do jantar para pegar Elanard e outros dois elfos sem nome para se encontrar com alguns pinheiros. Keelie não confiava em Elanard, mas seu pai tinha assegurado que ficaria bem.

Sir Davey estava na pequena mesa da sala de jantar, comparando o estoque que tinha feito naquele dia por um impresso de computador.

A parte superior das costas de Keelie doía inclinando-se para alcançar a

pia do tamanho de Sir Davey.

Sir Davey olhou por cima de seus papéis. - Conversei com Janice. Raven está vindo para a Feira para ajudar sua mãe. Ela envia o seu amor.

- Certo, mas não para essa semana. Mal posso esperar para vê-la. Sua velha amiga glamour osa provavelmente estaria vestindo roupas de grife e tinha um belo corte de cabelo, juntamente com histórias emocionantes de seu estágio em Perdição de Gato.

- Aparentemente, algo deu errado com seu trabalho naquele lugar de esquilo morto. - Sir Davey parecia satisfeito de que a vida de Raven na cidade não tinha dado certo. - Ela estará aqui em alguns dias.

Keelie sentiu um pavor mais assustador do que o pavor da magia élfica sobre ela. Raven não ia querer sair com ela. Ela era uma estudante de faculdade e tinha trabalhado em uma empresa legal, ela pensaria que Keelie era uma perdedora. Ao longo desse tempo, como Laurie vai reagir à "nova Keelie"? Talvez ela tivesse mudado demais para ter qualquer coisa em comum com sua velha amiga da Califórnia.

Melancolicamente, Keelie imaginou Laurie e Raven se conhecendo. Eles iriam se impressionar uma com a outra e falar sobre suas vidas emocionantes. Em seu pior pesadelo, suas melhores amigas se dariam bem e largariam-na, enquanto Finch gritaria com ela para trabalhar em algum trabalho idiota estranho e Elia e seus amigos elfos zombariam e apontariam para ela. Talvez Sean fosse aparecer e se apaixonar por Laurie.

Ela deve estar sob muito estresse. Keelie secou o último prato e colocou-a sobre a prateleira. Ela se sentou no banco da cabine ao lado de Sir Davey, e suspirou. Ele baixou os papéis e a estudou.

- Precisa de alguma boa notícia? Ele balançou as sobrancelhas para ela. - Janice disse a Zeke que ele poderia usar seu Jeep Wagoneer para pegar sua amiga amanhã de manhã na estação de trem.

- Ótimo. Ela suspirou novamente.

– Preocupada?

- Sobre o que?

- Sobre como sua amiga vai reagir a Feira? E se ela descobrir que você tem mágica de árvore? Como você vai fazer para esconder isso dela?

- Eu não sei. Keelie colocou a mão no queixo. Davey tinha que acertar totalmente em seu dilema, e ela não tinha solução.



Keelie olhou para o lugar no sofá onde seu pai deitava desde que tinha começado a dormir no acampamento de Sir Davey. Ele não estava lá, e já era 09h00. Os travesseiros ainda estavam na mesma posição que na noite passada. Fabuloso. Papai não tinha ido para a cama ainda, ou se ele tivesse, ele não estava aqui. Eles iam ter que sair em uma hora para ir buscar Laurie na estação de trem de Canooga Springs, e ele não estava por perto.

Sir Davey não estava também. Indignada, Keelie percebeu que eles poderiam ter saído sem ela.

Ela estava começando a entender por que Finch era tão Dragão. Você dependia de pessoas, e o que acontecia?

Keelie suspirou. Ela pegou o cristal rosa na pia onde ela tinha colocado a noite passada quando lavou pratos.

Ela precisava de um plano alternativo. Janice tinha dito que poderia usar seu Wagoneer, mas ela pensou que Zeke estaria disponível para dirigir. Para os outros Keelie sabia e seu pai ainda estava com Elianard e as sempre-vivas. Talvez Janice a levasse. Ela com certeza não ia pedir a Finch, ela era jovem demais para morrer. Keelie pensou novamente sobre a reunião do Conselho. Ela estava começando a se preocupar.

Essa espera era tão frustrante. Ela caminhou até o travesseiro, pegou e deu um soco nele. Ela o jogou de volta no sofá. Era exatamente por isso que eles precisavam de telefones celulares. De verdade, e não aqueles ligados a árvores. Ela abriu a porta para o acampamento e saiu, piscando para o céu ensolarado. Pelo menos o tempo estava bom. Ela precisava saber como seu pai fazia para avisá-lo que ela estava indo falar com Janice

para levá-la a cidade.

Keelie caminhou até as cicutas e fechou os olhos. Ela apertou sua mão ao redor do cristal. Ele protegeu-a com uma luz rosa e depois um brilho verde brilhante rodeou a luz rosa. Keelie abriu-se com a energia da árvore, mas desta vez ela foi capaz de controlar. Ela não a dominou. Uma árvore em particular respondeu sua convocação. Seu nome era Tavak, o abeto Douglas que seu pai tinha mencionado.

Pastora das árvores, você chamou?

Onde está o meu pai? Ele está com você?

Não, ele deixou a reunião quando o sol levantou. Ele está com os outros elfos.

Elianard?

Não, mas com os outros que buscam sua sabedoria sobre questões relativas à Wildewood.

Agora ela estava furiosa. Papai sabia que precisava estar na estação de trem de Canooga. Onde ele estava? Ainda saindo com os elfos e debatendo. Ela sabia que alguns dos elfos estavam doentes, mas isso era tão parecido com a sua mãe colocando as necessidades de um cliente antes das de Keelie. Ela não podia deixar Laurie presa na cidade esperando por ela. Não levaria muito tempo para dirigir até Canooga Springs, pegar Laurie e correr de volta para Feira e em seguida, seu pai poderia voltar a sua reunião.

Diga a ele que precisamos ir a cidade buscar Laurie.

Keelie à cidade para pegar Laurie.

Foi enigmático, mas tudo bem. Papai iria pegar a essência.

Keelie de repente se perguntou se, uma vez que as árvores podiam enviar uma mensagem para seu pai, elas poderiam enviar uma para o unicórnio. Ele era o guardião da floresta, então elas devem ser capazes de se

comunicar com ele. Ela não tinha visto o unicórnio por quase uma semana, e estava preocupada com ele, especialmente agora com os caras da EPA na floresta. Ela deveria ter pensado sobre falar com ele telepaticamente antes, mas conversar com unicórnios era novo para ela.

Keelie gostou de Tavak. Papai estava certo; ela sentiu uma aguda inteligência da árvore.

Obrigado, Tavak. Eu preciso de você para enviar mais uma mensagem para o unicórnio.

Lorde Einhorn está desaparecendo.

Então, esse era o seu nome. E ela sabia que ele estava desaparecendo depois de ter um vislumbre dele.

Diga-lhe que os seres humanos estão vasculhando os bosques. Ele precisa encontrar um lugar para se esconder.

Silêncio;

Então Tavak falou novamente. Lorde Einhorn quer que você o encontre no círculo de carvalhos no caminho passando o prédio que você chama de administração.

Que horas? Keelie teria que fugir. Com Laurie por perto, poderia ser difícil.

Esteja lá e ele vai encontrá-la, disse Tavak.

Vou fazer o possível.

Einhorn disse que você deve estar lá. Ou pode ser tarde demais.

Sem pressão. Eu vou encontrá-lo.

Filha do Pastor das Árvores, a consciência de seu pai não está aberta para nós. Apesar de senti-lo, não podemos comunicar a sua mensagem para ele.

Ótimo. Papai tinha posto as árvores em modo de espera. Keelie estava

ficando com dor de cabeça com toda a comunicação telepática.

Vamos continuar tentando encontra-lo. O que mais a floresta pode fazer para ajudá-la, Pastora das Árvores Keliel?

Nada, mas assim que você falar com ele, me avise.

Como desejar, Pastora das Árvores.

O brilho verde desapareceu, e Keelie abriu os olhos. Suas mãos trêmulas estavam quentes, e o cristal rosa brilhava como uma pequena luz noturna.

Papai estava ferido? Talvez Elianard e os outros elfos tivessem mandado prendê-lo em algum lugar. Certamente, as árvores teriam percebido isso, a menos que...? Ela virou-se descontroladamente, olhando na direção do Chalé Suíço. O caminhão cheio de ornamentos de acampamento tinha ido embora. Seu medo diminuiu. Não admira que as árvores não pudessem encontrá-lo. Ela fez algumas anotações mentais: a) se eles tivessem telefones celulares, eles poderiam se comunicar; B) se ela tivesse uma carteira de motorista, ela poderia dirigir o Wagoneer de Janice até Canooga Springs e o pai podia ficar onde quer que esteja, lugar que não sabia por que (ver A) ela não tinha telefone celular.

Quantas vezes ela havia dito a ele que ela tinha que pegar Laurie hoje? Onde quer que esteja não importava agora. Talvez Janice pudesse levá-la.

Keelie ouviu o chiado antes de ela perceber Knot trotando até ela. Ele espirrou com os olhos bem fechados, em seguida, olhou para ela como se fosse sua culpa. Ótimo, agora o gato estava doente.

- Aposto que é contagiosa. Fique longe de mim. Com exceção da raiva, ela não sabia de todas as doenças que os gatos e os seres humanos poderiam compartilhar. Mas ele não era realmente um gato, e ela não era totalmente humana.

Knot não se aproximou. Boa coisa, porque Keelie estava vestindo um bonito top e calças, e ela queria ficar apresentável para Laurie.



O gato branco se arrastou ao longo de trás da roda da RV, sentou-se perto de Knot e olhou para Keelie. Ela abriu a porta do Winnebago de Sir Davey. – O café da manhã está lá dentro. É um pouco de ração de gato que o papai comprou em Jackson Hole, todos os alimentos são naturais e gostosos para os gatos. Knot levantou a perna e começou a lavar o seu bumbum.

- Tudo bem, não coma, mas deixe o seu amiguinho ter um café da manhã. Nenhum dos gatos entrou. Ela não poderia ficar aqui segurando a porta para sempre. Ela trouxe as duas tigelas para fora, e uma terceira com água fresca e organizou-as na sombra atrás do pneu. - Tudo bem, quando vocês dois estiverem com fome, vocês sabem onde está a comida.

Knot espirrou, e o gato branco olhou para ele brevemente, depois voltou seu olhar cinzento para Keelie. Ela não tinha tempo para felinos mimados, não quando ela tinha que encontrar uma maneira de chegar à estação para pegar Laurie.

Ela correu em direção a Feira, cortando os espaços entre as tendas dos trabalhadores. Muitas estavam desertas, mas outras fervilhavam de atividade. Keelie ignorou todos eles. Ela não tinha planejado uma viagem pela Alameda Encantada.

Knot a seguiu, seus passos silenciosos ocasionalmente pontuados com espirros e bufa. Isso era pior do que o lamber infinito. Keelie virou-se, e estava prestes a gritar com ele para voltar para o Winnebago quando viu que o gato branco tinha silenciosamente se juntado a eles. A pobrezinha estava desesperada, se ela estava saindo com Knot o ranhoso.

Ela correu até o caminho que cruzava a Alameda Encantada, pensando que ela tinha coisas mais importantes para se preocupar do que a vida social de seu gato. E se Laurie pensasse que ela tinha mudado tanto que não poderiam voltar a ser como elas eram na Califórnia, dividindo roupas e maquiagem e falando sobre os meninos? Keelie não poderia dizer a Laurie tudo sobre Sean. Ela poderia des-crever seu corpo quente, e o beijo, e como Elia havia afirmado que Keelie o havia roubado dela. Mas ela não podia dizer que o seu melhor amigo era um elfo de oitenta e cinco anos de idade. Ou que ela mesma era parte elfo, ou que todas as vezes que elas jogaram lacrosse nos campos em Baywood, as árvores curtas ao lado do campo tinham cantado para ela, e ela tropeçou enquanto tentava bloqueá-

los.

A idade de Sean ainda a fazia se sentir estranha, e às vezes ela imaginava como ele seria se tivesse oitenta e cinco anos de idade humana, todo enrugado e curvado. Pior ainda foi a percepção de que ele tinha experimentado coisas que ela não poderia imaginar. Ele deve pensar que ela é uma criança, embora ele não a tenha beijado do jeito que se beija um bebê. O pensamento de seu beijo a fez estremecer. Ele a fez esquecer totalmente que tinha só quinze anos. Talvez isso seja o que os livros chamam de um sentimento eterno.

Ela não podia esperar para vê-lo novamente. Essa foi a única parte brilhante de passar o próximo inverno na Floresta do Pânico, a casa dos elfos na América do Norte. Ela foi até lá para passar um tempo em estudos elficos, cercado por pessoas como meu pai se sentindo como uma estranha.

A ansiedade acelerou seus passos, e sua respiração veio em suspiros curtos. A pressão das súplicas silenciosas das árvores pressionando contra ela. Isso não era um ataque de pânico. Keelie olhou para a copa das árvores. Conversar com árvores teve o seu lado negativo.

Ela estendeu a mão para o cristal rosa no bolso e uma onda de calma correu por ela, escondendo-a por trás de seu escudo de Terra mágica.

- Keelie. Ei, Keelie, espere. O grito de Sir Davey a trouxe de volta ao presente. O homenzinho estava correndo em sua direção, com capa de mosqueteiro de cetim em torno dele e pluma branca em seu chapéu balançando a cada passo. Ele se recusou a acompanhar o tema Robin Hood, mas ninguém parecia se importar com a visão do mosqueteiro em miniatura no meio dos homens felizes.

- Você viu o papai? Ele não voltou para casa desde a reunião do Conselho na noite passada, e o caminhão sumiu.

Sir Davey parou, sem fôlego, e inclinou-se, apoiando-se com as mãos sobre os joelhos. Ele ergueu o dedo indicador. - Ele. Respiração. - Está. Outra respiração profunda. – No alojamento.

- Eu pensei que eles estavam reunidos na floresta.

Davey endireitou-se. Na sua altura total, ele alcançou o nariz de Keelie. Seu chapéu igualou um pouco o tamanho. - Eles decidiram continuar a reunião hoje no alojamento. Ele estava se sentindo mal, pensei que ele iria ficar em seu trailer. Você sabe como os elfos são. Eles dormem, depois acordam e se sentem melhor. Seus sistemas imunológicos são mais fortes do que pedras.

- Meu pai está sozinho e doente, dormindo em um estacionamento, e ninguém me contou? Leve-me até ele.

- Não posso. Ele não quer que você pegue a doença dele, e há muito mais doentes do povo da Feira que eu jamais vi. O alojamento está começando a parecer uma enfermaria de hospital. Você tem que ficar no meu RV com sua amiga da Califórnia. Vou buscar um beliche com alguns dos homens felizes.

Pelo menos ela poderia ser grata porque estaria hospedada em um ambiente moderno. Exótico, mas do século XXI.

Knot abriu a boca, depois espirrou no meio de um miado.

Sir Davey encontrou o olhar verde do gato com o seu próprio olhar cinza aço. Sua testa franzida. - Descanse um pouco, velho homem, e eu vou cuidar de Keelie. Tire o dia de folga.

O gato piscou, então pareceu assentir. Ele se afastou com sua cauda arrastando no chão, agulhas de pinheiro agarrado no seu pêlo fofo.

Keelie nunca o tinha visto doente. Não que ela fosse admitir isso em voz alta, mas ela estava preocupada com ele. Ela gritou: - Ei, é melhor você dormir em sua cama de gato e ficar fora dos meus travesseiros. Ele a ignorou e continuou andando. Voltou-se para Sir Davey. - Knot conversou com você e você entendeu. Ela manteve seu tom casual, mas esse diálogo gato /pessoa que ela tinha sido excluída estava realmente incomodando.

- Ele miou, Sir Davey respondeu. - Você fala com ele o tempo todo. Você só estava gritando com ele como se ele tivesse entendido.

- Sim. Isso é uma coisa para falar para o gato, mas outra é falar com o

gato.

- É a mesma coisa.

- Não, não é. Papai faz isso também.

Um vislumbre do branco chamou sua atenção para o chão. O pequeno gato de neve sentado a seus pés, com a cabeça delicada levantou em direção a ela, como se dissesse, "me salve." Ela estendeu a mão e deu uma tapinha na cabeça. Tufos de pêlo branco flutuaram para longe. À distância, Knot miou.

As orelhas do gato branco se contraíram e eles seguiram o caminho de Knot, como se ele tivesse chamado. A única coisa lamentável é que ele parecia pior em vez de melhor, ela notou duas pequenas manchas carecas em suas ancas. – Pobre gatinho abandonado. Precisamos levá-lo ao veterinário.

- Nós não temos tempo para cuidar de um gato feroz agora. Sir Davey era todo negócios. - Vamos para a cidade. Mais tarde, podemos perguntar para Janice sobre a pobre besta, e Knot também. Agora, se não nos apressarmos a sua amiga da Califórnia vai estar de pé na estação de trem se perguntando se esqueceram dela.

Eles estavam entrando no estacionamento. Foi uma caminhada confortável com Sir Davey. Ela não precisa se apressar para acompanhar, do jeito que ela faz com o seu pai. - Posso dirigir até a estação de trem?

- Não. Ele respondeu ao assunto com naturalidade, como se ela tivesse perguntado, “podemos ter sanduíches de mortadela para o almoço”?

- Como é que eu vou aprender a dirigir, se ninguém me ensina?

- Eu não sei, e isso não é uma prioridade. Sir Davey se iluminou. - Ah, olha, lá está Janice agora. É o seu dia de sorte. Talvez depois ela possa curar o seu gato adotado, ela pode lhe dar aulas de direção.

Os pensamentos dos adultos eram tão engraçados. Janice estava no Wagoneer com as chaves do carro. Ela usava uma camiseta roxa bordado no peito em azul florido "Mãe Terra".

- Você está animada sobre a vinda de sua amiga? A face amável de Janice radiada com boas vibrações de mãe. Raven tinha tanta sorte.

- Sim. Mal posso esperar para vê-la. Eu só queria que meu pai não estivesse doente.

- Deixe-o dormir por 24 horas, e ele vai ficar bem. Janice soava reconfortante. - Há alguma coisa estranha acontecendo ao redor, mas essas coisas vêm e vão.

- Espero que sim. Será que você podia dar uma olhada no pequeno gato de rua que fica rondando em volta com Knot? Knot está só espirrando, mas o gato branco está perdendo a pêlo na parte de trás de suas patas. Eles estão indo em direção ao acampamento de Sir Davey.

Janice olhou pelo caminho. - Eu vou ver como ele está. Pobre bebê, deixado sozinho aqui fora se defendendo sozinho na floresta. Ela falou com tanta emoção em sua voz que Keelie não sabia se Janice estava falando sobre o pai ou o gato de rua.

- Sua perda de pêlo pode ser de desnutrição. Vou dar uma olhada nele esta tarde.

Keelie se sentiu melhor sabendo que Janice ia examinar o gato. - E não se esqueça dos espirros de Knot. Ele também pegou um resfriado ou ele é alérgico a alguma coisa por aqui.

Ela sorriu. - Eu vou dar uma olhada nele também. Há outro animal se sentindo mal que eu precise saber?

- Não. Keelie olhou para as colinas e pensou sobre o unicórnio. Não, a menos que Janice tenha algum remédio de ervas para fazê-lo se sentir melhor.

- Ela quer aulas de direção. Sir Davey revirou os olhos.

- O quê? Janice fez uma careta. - Eu preciso de aulas de direção.

A carranca desapareceu, deixando o rosto de Janice branco como um

manequim de. - Oh. Bem. Ela olhou para o pulso. - Olha a hora! Vocês dois é melhor se mexerem ou a sua amiga vai esperar sozinha naquela estação de trem, perguntando onde você está.

Sir Davey sorriu. - Vamos, Keelie.

Como eles se apressaram em direção ao estacionamento, Keelie se lembrou de que Janice nunca usou um relógio. Ela poderia ter dito não. Adultos eram difíceis de entender às vezes.

## 14

Apesar de ser muito pequeno para alcançar os pedais, Sir Davey dirigiu o Wagoneer. O pedal do acelerador apenas descia automaticamente quando ele precisava acelerar, e o Jeep abrandou enquanto dirigia em uma curva acentuada. Os freios acionavam sempre que eles chegavam a um sinal de parada.

Keelie observou, espantada, antes de perguntar: - Como você está fazendo isso?

- Estou usando a magia da Terra, é claro. Ele puxou uma pedra do bolso. - Lembre-se, um objeto ajuda a focar a energia e atua como um canal para a magia.

Keelie pegou a pedra e Sir Davey arrancou-a de volta. - Não toque nisso, disse ele, o pânico em sua voz. - Estou dirigindo. Ele colocou a pedra de volta no bolso do casaco.

- Nossa. Ok, eu acho que é sua pedra especial.

- Não. É sintonizada com a minha magia. Este padrão de energia da pedra corresponde ao meu próprio. Se você tocá-lo, você vai danificá-lo.

- Uau. Como posso conseguir uma pedra especial? As possibilidades de ter uma pedra sintonizada com ela era tentador. Ela podia ignorar o mau humor do motorista, e talvez ela pudesse ajudar as árvores e o unicórnio.

- Será que o papai sabe sobre isso? Ela tocou o cristal rosa no bolso do jeans.

- Você não pode pegar uma pedra. A pedra escolhe você. Você saberá quando sentir uma vibração a partir dela. É como um zumbido. Uma vibração perturbadora no início, e então ela se instala em um zumbido suave. Ela também filtra magia negra.

Há alguns meses atrás, ela teria rido de suas palavras. Agora, assentiu. Ela poderia usar uma pedra poderosa.

Sir Davey franziu as sobrancelhas. - Eu quero que você tenha a sua pedra especial também, porque moça; com o que está acontecendo na Feira, você vai precisar dela.

Um frio percorreu seu corpo. - O que está acontecendo? Isto parece pior do que o Barrete Vermelho.

- Diferente. Davey apertou os lábios e fez sinal à frente. A conversa acabou.

Eles passaram através de uma curva, a estrada estreita cortava a floresta densa. Keelie sussurrou conforto para as árvores quando eles passaram, até que a floresta diluiu e os gritos do povo de madeira ficaram fracos. Algumas casas foram construídas no caminho de volta da estrada, e, em seguida, eles passaram por um posto de gasolina saído de um filme antigo, com bombas descobertas que resistiu ao rosa e cinza com um homem na porta da frente, a cadeira inclinada para trás contra a parede. A cidade de Canooga Falls era menor do que o seu bairro em LA.

- Aqui estamos nós, Sir Davey disse, estacionando e colocando o carro no "parque".

Keelie olhou com espanto. - Aqui? Não há nada aqui. Você está brincando, certo? Eles estavam estacionados dois prédios de distância do posto de gasolina mofado, na frente de um salão de beleza que prometia nada. "Sally corte e enrole". Minha nossa!

- A estação ferroviária é ali virando a esquina. Estou indo para a loja de pedras. Assim que o trem chegar vocês garotas venham me encontrar, e

eu vou leva-las para almoçar. Seus olhos brilharam animadamente, como se a perspectiva de caixas de pedras empoeiradas era o melhor deleite de todos. - Você pode encontrar a sua pedra especial lá. Se não, há mais lojas nesta cidade encantadora.

- Sério? Como um incrível brechó? Ou uma loja de eletrodomésticos usados? Não havia nada que pudesse tornar este lugar morto em uma espécie de paraíso de compras. Além disso, ela não tinha nenhum dinheiro, e todo o dinheiro que ela ganhava estava guardando para aquelas botas. E um traje de Filé na estaca.

Sir Davey revirou os olhos.

Keelie desejou que eles pudessem pelo menos olhar as vitrines. Era algo que ela e Laurie faziam juntas e fazer compras com seu velho amigo teria sido uma boa transição para o mundo da Feira porque Laurie ia ter uma experiência Alice no País das Maravilhas, quando eles voltassem para Wildewood.

A estação de trem era uma plataforma de história com uma bilheteria ornamentada, mas enferrujada de frente para a rua. O trem fazia barulho e fumaçava nos trilhos, enquanto algumas pessoas se juntavam na plataforma sinalizada. Keelie não podia ver sua amiga, mas ela sabia que ela devia estar aqui. A pilha de malas Louis Vuitton a distância a entregou.

O estômago de Keelie tornou-se um nódulo mole quando ela percebeu que teria que manter Knot longe da bagagem de Laurie. Se ele não gostava dela, ele ia usá-las como as caixas de areia mais caras do mundo.

Então, ela ouviu a voz familiar de Laurie. – Essa cidade é tão pitoresca.

E lá estava ela. O longo cabelo loiro com luzes, grandes olhos azuis e vestindo um adorável top transparente, calça de cintura baixa e sandálias listradas. Uma onda quente de irmandade, de amizade, fluiu através Keelie. Laurie era de seu velho mundo, o mundo que ela dividia com a mãe, e agora que Laurie estava aqui, memórias bateram a Keelie como um asteróide.

Laurie virou-se e a viu. Seus olhos se arregalaram e ela gritou. Keelie gritou também, e correu em direção a ela, com os braços abertos.



As pessoas olhavam enquanto as duas se abraçavam e saltavam para cima e para baixo.

- Keelie, você está fabulosa.

Ela não estava esperando ouvir isso de Laurie. Seu cabelo estava encaracolado e cresceu e suas roupas novas sofriam na lavanderia desclassificada da Feira.

Laurie olhou para o rosto dela. - Meu Deus. Você tem ido a um spa? Seja qual for o tratamento que está fazendo, você tem que compartilhar o segredo comigo. Você tem, tipo, esse brilho que é tão au naturel. Eu pagaria para brilhar como você.

- Eu ... Keelie começou a dizer que não tinha feito nada de diferente, mas Laurie a cortou.

- Esta é a cidade mais legal que eu já vi. Quero dizer, LA é tão cheia de concreto e antinatural. Quero dizer, você pode beber o suco de tudo o que quiser e fazer hidroterapia do cólon, mas eu juro que foi só pisar fora deste trem, eu estou... Respirando ar puro. Eles deviam engarrafar o ar, como eles engarrafam a água e vender em LA.

Ela sempre foi tão tagarela? - Laurie ...

- Ah, e você quer saber o que mais? Estou morrendo de vontade de ir às pequenas lojas na cidade. Aposto que é cheia de lojas adoráveis. Existe uma Starbucks aqui?

- Eu não sei. Esta é a minha primeira vez aqui. Keelie não estava pronta para admitir que o lugar era uma porcaria. Por outro lado, Laurie iria vê-lo pessoalmente em breve. - Meu pai e eu fomos diretos para a Feira quando nós passamos por aqui. Café seria bom, no entanto. O sangue de Keelie cantou com o pensamento de cafeína bombeamento através dele. Ela precisaria se ia ficar com sua amiga.

-Vamos procurar um. E espero que não tenha, com velhos andarilhos e tropas de escoteiros pendurados neles.

- Olá? E a minha bagagem? Laurie revirou os olhos para a enorme pilha de

malas de grife. - Onde está o seu carro?

- Está a poucos quarteirões daqui. O coração de Keelie afundou enquanto pensava em como as coisas caras de Laurie ficaria na parte de trás do velho Jeep.

- O que você está dirigindo? Papai me comprou um Prius, não o estiloso, mas é tão ecológico, sabe? E todas as crianças estão dirigindo. O meu era prata, mas eu pinteí de azul claro, porque ele combina com os meus olhos. Aonde você vai?

Keelie acenou para um funcionário da ferrovia. - Desculpe-me, podemos guardar esta bagagem aqui até mais tarde?

O homem colocou a mão no queixo enquanto olhava para a pilha. - Há armários dentro da bilheteria, mas nenhum deles é grande o suficiente para colocar tudo isso.

- Eu vou ficar com a bagagem. É só ir pegar o carro e voltar aqui, Keelie. Jesus. Você está toda Nova York, de repente.

O homem deu um olhar azedo a Laurie e se afastou.

- Ótima idéia, Laurie, mas eu não tenho carteira de motorista.

Os olhos de sua amiga se arregalaram. - O quê? Você foi reprovada no teste? É, assim, o teste mais fácil do mundo.

- Eu ainda nem aprendi a dirigir. Meu pai não teve tempo para me ensinar, disse Keelie com os dentes cerrados. E pare de falar sobre isso.

- Oh. Laurie parecia envergonhada. - Eu sinto muito. Ela olhou impotente para suas malas. - Eu trouxe um monte de coisas, né?

- Muitas, Keelie concordou.

- Bem, como você chegou aqui? Você está agindo como se tivesse pegado um ônibus! Laurie disse "ônibus" como a maioria das pessoas diriam "esgoto".

- Não, um amigo do meu pai de me trouxe. Sir Davey. Ele está em uma das lojas.

Laurie se animou. - Sir? Ele é britânico? Isso é tão legal! Eu nunca conheci um cavaleiro real.

- E você não vai conhecer um agora. Keelie riu. - Eu acho que ele só é chamado Sir Davey devido à Feira da Renascença. É como um personagem que ele interpreta. Seu nome verdadeiro é Jadwyn Morgan, mas ninguém o chama assim.

Bem, sua avó conheceu.

A expressão encantada de Laurie não se alterou. Obviamente, para ela, um cavaleiro da Feira da Renascença era tão bom quanto a coisa real. Ela jogou seu cabelo loiro por cima do ombro com um movimento brusco para o funcionário da ferrovia, que estava na outra extremidade da plataforma.

Por um segundo, ela se pareceu com Elia. Um ser humano, a versão amigável de Elia. Keelie sorriu. Espere até as duas se encontrarem. Laurie pode ser muito má, mas por uma boa causa. A vida estava prestes a ser muito mais interessante.

Laurie se inclinou para o vendedor de bilhetes para guardar sua bagagem em seu escritório, e as duas meninas fizeram o caminho até o fim da rua, rindo com os sem esperança, com as lojas de janelas empoeiradas até que chegaram a uma que parecia um pedaço de um castelo que de repente desembarcou de Nova York.

A frente da loja estava coberta de pedra, e acima da ampla porta tinha uma placa de madeira que dizia “Loja de Cristal de Canooga”.

Uma pequena gárgula de pedra olhava para baixo, para eles de cima do sinal. Keelie revirou os olhos. Ela pensou que o décor pseudo-medieval limitava-se à Renascença, mas, aparentemente, havia se espalhado pela cidade, assim como um vírus.

Laurie olhou para a fachada do edifício. - Totalmente brega.

- Sim. Vamos entrar. Keelie estendeu a mão para a porta de metal pintada. Um zumbido forte viajou de seus dedos para seu braço. Ela se afastou e

olhou para a porta.

Laurie empurrou a porta, sem ser afectada. Keelie a seguiu, depois, hesitante tocou uma das rochas que se projetavam da parede. Foi real. O zumbido fazia cócegas em seus dedos através da pedra, mas não falava com ela como a madeira fazia. Ela encolheu os ombros. Talvez fosse apenas fiação ruim, porque se pedras comesçassem a conversar com ela, não haveria qualquer lugar seguro para ela neste planeta.



O interior da Loja de Criatais de Canooga tinha paredes roxas decoradas com murais pintados à mão de sereias, unicórnios, dragões e outras criaturas fantásticas, o que deu ao lugar a uma sensação de conto de fadas etéreo. O zumbido ficou mais alto e mais focado.

Prateleiras de madeira forrava a loja, algumas cestas estavam cheias de pequenas pedras, outras com pedras tão grandes quanto sua cabeça. Geodos preenchiam uma prateleira, se abriu reluzente. O silêncio era reconfortante, e Keelie percebeu que era por que, aqui, as árvores eram um sussurro distante.

Até mesmo Laurie pareceu sentir o puxão forte de magia da Terra. Ela parou de falar e estava andando silenciosamente através da loja, absorvendo tudo.

O zumbido atravessou Keelie novamente. Não era como insetos. Era como se o sangue dela de repente se tornasse uma lixa, e ela foi preenchida com um pulsar rouco enquanto se movia através de suas veias. Ela seguiu o som.

- Você sente isso? Ela perguntou para Laurie. - Esse zumbido?

- Que zumbidor? Laurie estava examinando uma exposição de esculturas de cristal.

- Eu não acho que é um szumbido, mas com certeza é chato. Keelie caminhou até Laurie. O zumbido diminuiu. Ela olhou para o teto, mas não viu nada que pudesse gerar o som.

- Eu não ouvi nada. Laurie caminhou em direção à exposição de pedras, e Keelie se arrastou atrás dela. O som ficou mais alto. Era como jogar o jogo Marco Polo.

Laurie pegou um spray de cristais de ametista. - Este lugar é legal. É muito parecido com a loja onde eu fui o Dolphin Cottage? Era uma casa de praia que foi transformada em uma loja de feng shui. Mamãe gosta de comprar coisas de amor lá. Laurie jogou um braço sobre o ombro de Keelie, rindo. - A última coisa que ela comprou lá foi um livro de feitiços de amor. Eu acho que ela tem atração pelo menino da cabana no clube, não que ela ache que é o verdadeiro amor. Relações permanentes devem ser baseadas no dinheiro frio, não em sentimentos quentes, pelo menos é o que ela acha.

- Então, para que ela precisa de feitiços de amor? Keelie se perguntou se a mãe de Laurie sempre foi assim. Ela realmente não tinha visto isso. Tinha sua própria mãe viu? Mas depois de ouvir sobre a Associação de bruxos e bruxas e testemunhar seu pai usar o seu "charme" na agente da EPA, um livro de amor e magia parecia um brinquedo inofensivo.

- Ela acha que está perdendo sua aparência, e feitiços de amor são mais baratos do que a cirurgia plástica. A voz de Laurie era uma questão de fato.

O zumbido tinha se transformado em um toque que ecoou na cabeça de Keelie. Ela tapou os ouvidos, tirou o braço de Laurie, e olhou em volta freneticamente para procurar a causa. Laurie foi andando através de uma cesta de pedras como se nada estivesse errado.

Keelie parou na frente de um balcão repleto de vidro como pedras. Ela estendeu a mão para ele e o toque se transformou em um gemido agudo, como o alarme de incêndio da escola. Uma destas pedras era a causa do barulho, e ela estava pronta para pegá-la através de uma janela. Ela recuou, em seguida, virou-se e caminhou rapidamente para a parte detrás da loja, ansiosa para colocar uma distância entre ela e o ruído. A cada passo o som diminuía e a tensão entre as omoplatas se acalmava.

Aqui atrás, a decoração era totalmente diferente. Legal, quase pesada, o ar encheu a sala escura. Keelie se virou para se certificar de que ela não tinha tropeçado em outra loja. O quarto grande arejado atrás dela brilhava com azuis e verdes, como o interior de um aquário.

O zumbido chamou-a do balcão, onde Laurie ficou parada, olhando para ela. Keelie voltou lentamente. Laurie não sentia, por isso deve ser algo mágico.

Parecia estar vindo de uma pedra preta brilhante, do tamanho de uma noz e a forma era um pouco como um caracol irregular. Esta pedra tem de ser especial; estava no topo de um quadrado vermelho de feltro grosso no centro do balcão de vidro.

Agora que estava mais perto, as mãos de Keelie ficaram frias. O zumbido soou como um aviso. Talvez fosse perigoso.

- Oh, você é totalmente fofo! A declaração de Laurie foi seguida de sua risada, e depois Keelie ouviu Sir Davey e o homem atrás do balcão rindo também. Ela balançou a cabeça. Laurie e Sir Davey pareciam como velhos amigos.

Ela olhou para a pedra afiada, as pontas dos dedos a centímetros de distância, e, lentamente, retirou a mão. Talvez ela estivesse aprendendo alguma coisa, afinal. Ela não ia tocar a coisa até que Sir Davey dissesse a ela que estava tudo bem.

Sir Davey caminhou até ela, acariciando a barba. - Parece que você encontrou a sua pedra, Keelie.

- Você pode ouvir, também? O que é isso?

- Tektite. O interessante é que a chamou. Ele olhou para a pedra.

- O que é Tektite? Laurie tocou a pedra com a ponta do dedo. A loja não explodiu.

Sir Davey arqueou uma sobrancelha. – Nas escolas não ensinam mais geologia?

- Eles poderiam. Laurie parecia envergonhada.

Sir Davey se virou para Keelie.

Ela balançou a cabeça. – Algum tipo de mineral?

- Tektite é um objeto de vidro natural, normalmente encontrado em áreas de impacto de meteoritos.

- Não é justo. Se for do espaço sideral, então não é tecnicamente ciência da Terra. É uma pedra das estrelas, e uma realmente feia. Laurie olhou para o tektite com desgosto. Feio nunca foi uma vantagem no mundo de Laurie.

- O que ela faz? Exceto me enlouquecer? Keelie percebeu que tinha que fazer alguma coisa, ou então Davey não estaria tão animado.

- Garota, você acha que esta pedra está te enlouquecendo, por favor não culpe a pedra. Laurie riu.

- Ela é usada metafisicamente... Sir Davey piscou para Keelie... Para curar certos tipos de doenças transmissíveis e para fortalecer a energia de quem o carrega.

Keelie franziu a testa para o pedaço de tektite. - Eu pensei que a minha pedra seria algo mais terrestre. Como a Terra.

- Somos todos feitos de poeira estelar, não somos? Ele apontou para as criaturas míticas na parede, parando em um unicórnio. - Alguns de nós têm mais poeira estelar do que outros.

Poeira de estrelas. Talvez seja disso que é feito o brilho do unicórnio, a menos que fosse apenas uma metáfora. Talvez Sir Davey estivesse seguindo a sua aula de ciências da Terra com um pouco de poesia.

- Quanto é, perguntou Keelie, mas sabia que qualquer que fosse o preço, não podia comprá-la. Além disso, por que ela iria querer isso? Ela iria enlouquecê-la.

- Eu vou comprá-la. Preciso totalmente de alguma estrela de poeira

cósmica na minha casa. Laurie olhou para outro balcão. – Dá uma olhada nos brincos de orca. Ela abandonou a tektite para olhar para uma exibição de jóias de prata.

- Keelie. A voz de Sir Davey foi baixa. - Seu pai disse para deixar você comprar o que você precisasse, e você precisa da tektite. Você não está ouvindo ela chamando você?

- É isso que ela está fazendo? Eu não preciso de nada que faça meus olhos vibrarem e minhas unhas coçarem.

Davey riu. - Então você ainda não a tocou.

Keelie olhou para a rocha vítrea. - Você tem certeza que não vai me machucar?

- Positivo.

Seus dedos pairaram sobre a pedra. O zumbido a fez estremecer. Ela baixou a ponta do dedo e deixou descansar em uma das bordas recortadas. O ruído de vibração parou, como se tivesse subitamente ido a um quarteirão de distância. Paz a encheu, como se estivesse flutuando no oceano. - Uau. Ela pegou a pedra. Nada de zumbido.

Davey sorriu para sua expressão. - Está vendo? Você precisa disso.

- É muito caro? É como se fosse realmente especial.

- É especial para você. Mas eu acho que Ben só colocou a venda porque é diferente.

- Então, isso vai me ajudar com o Pânico? Keelie colocou a tektite na mão de Sir Davey.

Ele piscou para ela. - Ela vai. Vai ajudá-la de muitas maneiras.

- Obrigada.

- Você é muito bem-vinda. Ele fez uma reverência. - E se você me permite ficar com ela um pouco, eu vou gravar runas nela para fortalecer e



concentrar o seu poder.

- Claro. Ela não duvidava de nada que Sir Davey dissesse.

Ele entregou-lhe uma cesta, segurando um saco de veludo verde dobrado.

- Agora vamos fazer algo para ajudar seu pai. Ele apontou para a parede na seção de cestas de pedras tombadas. Um dragão pintado pairou na parede ao lado deles, olhando um pouco como Finch.

- Eu quero que você crie uma bolsa de medicamento usando as pedras daqueles cestos. Seja qual for a pedra que chame você, vai para o saco para ajudar a proteger seu pai de uma doença.

- Keelie venha aqui. Laurie estava pulando animadamente pelo balcão de jóias. - Você tem que vir aqui e olhar estes brincos. Você vai querer comprar vários pares.

- Esteja lá daqui a pouco. Keelie foi e ficou na frente dos cestos cheios de pedras de cura. Era como uma loja de doces, cada cesta tinha uma cor diferente e identificada por um pequeno cartão caligráfico. Keelie passou de cesta em cesta, escolhendo as pedras pelas propriedades identificadas em seus cartões. Quando ela tinha só tinha espaço para mais um, ela hesitou.

A sétima cesta na terceira prateleira estava cheia de pedras marrons e brancas lisas, com anéis unindo-as como anéis de árvores. Keelie olhou para o cartão retangular. Madeira petrificada. Deveria ter sabido. Ela pegou uma e sentiu o eco distante de uma floresta alienígena. Ela rapidamente colocou-a no saco.

O cartão dizia que era uma pedra de aterramento que fornecia força durante os problemas de saúde. Perfeito para o velho e querido pai.

Ela puxou o cordão fechando o saco cheio e se juntou a Laurie no balcão de jóias. Sir Davey estava sentado em um banquinho alto no fim do balcão, conversando com Ben, o proprietário. Ela entregou o saco para ele. Ele levantou e sorriu. – Sente a rocha sólida.

- Ha, ha. Rocha sólida, muito engraçado. Espero que elas funcionem.

- Elas deveriam. Sir Davey acenou para Ben, que pegou suas compras.

Laurie olhou para o saco irregular. - Talvez eu devesse ter um desses.

- Da próxima vez, meninas. Temos que voltar para a Feira.

- E pegar minha bagagem, também.

Keelie sorriu para Sir Davey. Ela não podia esperar para ver a cara dele quando ele visse a pilha de malas.

- Você não comprou nenhum brinco? Laurie balançavam suas borboletas de prata, luas crescentes e corações.

- Não. Eu não preciso de nenhum. Keelie ansiava por um par, mas cada vez que ela pensava sobre brincos, ela via o par de botas que ela tinha encomendado. Mas estava satisfeita com a sua tektite e seu saco de pedras de cura para o pai, mesmo se ele mesmo tivesse pagado.

- Bem, duh. Eu não preciso de nenhum também. Ela colocou as luas de prata em suas orelhas e admirava seu reflexo no espelho da bancada. - Eu só tinha que ter estes.

Keelie balançou a cabeça. - Papai é da filosofia menos-é-mais. Eu tenho um monte de brincos. Eu só não desempacotei todas as minhas jóia ainda.

Os olhos de Laurie encontraram os de Keelie. - Eu não sei se eu poderia viver com a coisa menos-é mais, mas, às vezes me pergunto se fazer compras é apenas uma forma de tentar encontrar a coisa certa para me fazer feliz. Você sabe. Uma vez que a emoção da compra se foi, eu vou para a próxima coisa que poderia me fazer feliz.

- Estou aprendendo isso.

No caixa, os olhos de Keelie pararam imediatamente em um piercing de umbigo minúsculo de folha de carvalho em uma exposição de jóias de prata. Era perfeito para ela, mesmo que ela não tivesse um piercing no umbigo. Talvez esse fosse um sinal de que ela finalmente deve colocar o piercing.

Keelie esperava que Laurie não fosse comprar a folha de carvalho para ela. Em vez disso, Laurie pegou um piercing de umbigo com um charmoso unicórnio ligado a ele.

- Menos é mais talvez, mas isso é muito bonito! Ela balançou-o no ar e apontou para a pintura do unicórnio na parede. – Parece o mesmo, não é?

Keelie olhou para a pintura. O unicórnio brilhava como o luar prateado e o artista havia pintado pequenas explosões de estrelas em torno dele e na ponta de seu chifre. Keelie se perguntou o que Laurie faria se soubesse como se parecia um verdadeiro unicórnio e que Keelie tinha visto um.

No caminho de volta para a Feira, Sir Davey dirigiu enquanto Keelie e Laurie sentaram-se no banco de trás. Keelie fez com que Laurie sentasse atrás do banco do motorista, para que ela não percebesse que os pés de Sir Davey não alcançavam os pedais. Pelo menos ele estava fingindo que

estava dirigindo. Keelie esperava que esta não fosse como todas as estadas de Laurie seria com Keelie tentando impedi-la de ver seu novo eu, o mundo oculto.

- Então, eu vou conhecer o seu homem, Sean? Os olhos de Laurie enrugaram com curiosidade. – A última coisa que ouvi é que ele estava trabalhando na Feira da Renascença na Flórida.

- É eu não tenho notícias dele. Nada mudou. O pensamento de Sean, muito longe, a fez se sentir triste. O beijo parecia há muito tempo, não apenas algumas semanas passadas. E não ouvi-lo fazia o tempo parecer muito mais tempo.

- Eu não posso acreditar que você não tocou em um telefone desde St. Louis. Como você existe? O mesmo acontece com Sean, e-mail? Ele está no MySpace?

- Eu não fico mais muito online ultimamente, Keelie admitiu. Nunca. Laurie iria descobrir em breve que eles estavam praticamente vivendo na Idade Média. - Como estão as coisas em Baywood?

Laurie fez uma careta. - Eu não passei na maioria das minhas aulas, mesmo a mamãe refazendo meu quarto para eu “tirar boas notas”. Ela mudou a minha mobília toda também, porque ela disse que o mau feng shui estava me segurando. Eu acho que passei um tempo no shopping com Trent. Eu passei em história, porém, o que é bom porque a mamãe disse que se eu estudasse ela ia me comprar o colar de peridoto e ametista e brincos que eu queria muito. O fluxo de palavras de Laurie secou e sua expressão tornou-se séria. - Não é a mesma coisa sem você. A escola não é a mesma. As compras não é a mesma. Eu sinto sua falta.

O peito de Keelie ficou apertado. - Eu sinto falta de você, também. Ela estava prestes a chorar, mas Laurie soltou uma risada e apertou-lhe o ombro.

- Sim, certo, a última vez que conversamos você estava na estrada com seu pai e totalmente animada com alguma coisa. Você disse que ia me contar o que estava acontecendo, mas até agora, nada. É sobre Sean?

- Eu gostaria que fosse. Ela não podia dizer a uma mundana sobre os

elfos e o outro mundo. Por outro lado, Laurie pensaria que estava louca. - Talvez tenha sido sobre os piratas. A Feira de Montanha alta esteve infestada de piratas, os bonitos que eram em sua maioria muito inconvenientes. Como uma garota poderia entrar em apuros andando com esse tipo de impertinentes.

- Oh, detalhes.

Sir Davey tinha um ouvido atento durante o caminho. Não que ele pudesse ouvir de propósito, talvez, mas ele era o melhor amigo de seu pai. Mas ela não quer que ele saiba o quão amigável ela tinha sido com os piratas, especialmente o capitão Randy Dandy. Keelie sussurrou:

- Vamos conversar mais tarde.

Laurie ergueu as sobrancelhas. - Entendi.

Com a deixa, Sir Davey colocou um CD e uma batida divertida começou acompanhado por flautas e violinos.

Os olhos de Laurie se arregalaram. - Eu amo música irlandesa!

- Este é Rigadoon. Eles tocam na feira. Keelie tinha ouvido a banda no palco do Fletcher quando ela estava com o traje de Plumpkin. Ela sussurrou: - Eles também são famosos por tocar nas festas de bebedeira em Rivendell, local de festa da Feira. Papai diz que eles são tão ruins como os piratas. Ela riu. - Ele os chamou de bandidos.

Laurie sorriu com os olhos brilhando, e se contorceu em seu cinto de segurança como se ela já estivesse dançando na festa.

Keelie pensou que com Laurie junto, ela poderia reunir coragem para participar da folia. Seria ótimo para ficar longe de todos os problemas com as árvores e com os elfos doentes e no alojamento, talvez Rivendell fosse mais divertido, não que os elfos tenham se misturado com os seres humanos.

- Bandidos. Laurie estremeceu, sorrindo. - Eles soam emocionantes e assustadores. O que esses malandros Rigadoon se parecem?

- Eles são todos diferentes. Alto, baixo, gordo, magro, barbudo e careca.

Todos eles são incrivelmente talentosos e incrivelmente estranhos, e por isso não é material para namorado.

- Então, onde está o chamado material para namorado por aqui? Eu estou pronta para uma aventura de verão.

Sir Davey fez um barulho que poderia ter sido uma risada. Laurie olhou para a parte de trás de sua cabeça.

- Alguns dos atores são realmente bonitos. Você deve ver o cara que interpreta Robin Hood. Gostoso. Keelie se abraçou para mostrar como totalmente delicioso ela achou Robin Hood.

Os olhos de Sir Davey encontraram os dela no espelho retrovisor. Ele estava enviando suas severas vibrações parentais.

Keelie sorriu inocentemente para ele, em seguida, virou-se para olhar para fora da janela. Ela estava pegando trechos de cada árvore enquanto eles passavam, um grande sentido borrado de folhas verdes piscava em sua mente. Ao contrário da floresta ao redor da Feira de Wildewood, tudo parecia estar bem na floresta ao redor de Canooga Springs, exceto por alguns segundos angustiantes, quando ela pegou um sentimento de desespero nas árvores, querendo-a, chamando por ela para obter ajuda. E então, como uma ligação que cai de seu celular (quando ela tinha um), ela tinha ido embora.

Talvez ela estivesse estressada. Ela se perguntou como ela esconderia a magia de árvore de Laurie. Será que ela quer que ela saiba? Laurie era seu último vínculo com sua antiga vida. Se ela soubesse sobre o outro mundo, então iria borrar a linha entre sua antiga vida e sua nova vida, uma linha já abalada desde que ela se lembrou de ver as fadas e sentir as árvores quando era uma criança. Keelie pensou nos momentos que ela queria lembrar, e os momentos deslizaram por sua mente como a paisagem que passava: ela e Laurie na praia com os surfistas bonitos ao fundo, no shopping experimentando chapéus ridículos e falando e provocando sobre Trent. Laurie ainda estava vivendo essa vida, que agora estava fechada para ela.

Sir Davey foi para o estacionamento principal da feira em vez do acampamento. - Eu tenho uma reunião com alguns dos artistas em poucos minutos. Mostre a Laurie o lugar, Keelie. Eu vou dirigir até a RV quando eu terminar, e vocês, meninas, podem me ajudar a descarregar.

Keelie se preparou. É hora de introduzir Laurie para sua nova vida. As coisas nunca mais seriam a mesma entre elas. Ela abraçou a amiga, e Laurie abraçou de volta, surpresa.

- Você está dopada. Não faz tanto tempo. Laurie saltou do Wagoneer. - Obrigado por ter vindo me pegar, Sir Davey. Ela fez uma reverência, um movimento que deveria ter parecido bobo em roupas comuns, mas em vez disso pareceu natural. Cuidado Elia. Laurie a Californiana loira gata iria rivalizar com a menina elfo em qualquer dia da semana.

- Tudo fica quieto até o fim de semana, Keelie disse a amiga. Mas as maiorias das pessoas vivem aqui e acampam a beira do rio. Vai ficar mais animado amanhã.

Elas passearam pelos portões, e Laurie olhou para cima, interessada nas torres e na arquitetura medieval. Keelie viu pelos olhos de sua amiga e percebeu como o lugar era bonito, com flores que saiam de caixas da janela, banners coloridos e letreiros das lojas em todos os lugares.

A caminhada em direção ao acampamento às levou próximo do prédio da administração. Keelie estremeceu e olhou pelo caminho, escuro a partir do dossel da floresta acima dela. Ela olhou em volta procurando Elianard. Ela odiava o jeito que ele saía do ar, seu tom de voz zombeteiro era o único aviso de que ele estava lá. Keelie estremeceu. É claro que poderia ser por causa do prédio da administração, covil, a respiração, dragão humano. Ela teria que enfrentar Finch amanhã, e com Elianard a espreita na floresta, Keelie iria ficar longe. Agora, ela queria apenas desfrutar o momento com Laurie.

A estrutura de madeira simples dos Heartwood estava deserta, mas o pai tinha deixado um bilhetinho pregado lá fora: - Vá até Janice para o almoço. Papai.

Papai estava de volta! De repente, mais leve, Keelie pensou que ele devia estar melhor. Ela agarrou a mão de Laurie. - Venha. Você vai adorar

Janice.

Passaram pela loja de Lulu, e os pés de Laurie desaceleraram. Sua boca estava aberta quando ela olhou para a casa de gengibre. - Eu quero uma marionete.

Alarmada, Keelie a puxou passando do edifício encantado. - Acredite em mim, você não vai querer.

Laurie balançou a cabeça como se quisesse tirar um sentimento ruim para fora. - Não, eu não quero. Eu nunca gostei de fantoches. Eles são assustadores. Ela olhou de volta para a loja do Lulu. - Por minuto eu realmente queria um. Estranho.

Keelie olhou para a amiga. A maioria dos humanos iria cair sob o feitiço e, em seguida, de novo, sem nunca perceber, mas Laurie sentiu sua passagem. Interessante.

À frente estava o telhado de palha de dois andares da casa de Janice. - Janice é dona da loja de ervas, e ela é tão boa em curas e remédios à base de plantas. Você vai amá-la.

- Você me contou sobre ela. Ela é a mãe de Raven, certo? Raven está aqui?

- Ainda não. Ela tinha um emprego de verão em Nova York, na Doom Kitty, mas ela está saindo para vir ajudar a mãe. Keelie não queria dizer mais nada até que ela descobriu a história toda.

- Uau. Doom Kitty? Isso deve ser incrível. Estou feliz que ela esteja voltando. Laurie olhou em volta para as pequenas construções de madeira.  
- Este lugar é incrível. Eu nunca fui a uma Feira da Renascença. As pessoas vivem nessas casas de fadas?

- As casas de fadas são principalmente de musgo e varas, como pequenos ninhos. Estas são casas de campo, e sim, alguns dos comerciantes vivem na parte de trás ou em cima de suas lojas. Assim como na Renascença real. Embora, na verdade, esta é uma Feira Medieval, uma vez que o tema é Robin Hood.



- Não venha dar uma de nerd pra cima de mim, garota, Laurie advertiu.

O rosto de Keelie ficou quente. Ela realmente estava dando uma de nerd. Ela bateu levemente na porta de Janice, em seguida, empurrou-a. A madeira de pau-brasil da Califórnia deu um ar de luz do sol na casa, e o cheiro picante do chão da floresta.

Elas entraram no pequeno vestíbulo. À direita, a loja estava escura, com os balcões cobertos com panos para protegê-los de poeira. O cheiro de ervas, sabonetes e poções eram inebriantes. Ela olhou para Laurie para ver se tinha o mesmo efeito sobre ela.

Os olhos de Laurie brilhavam sob a luz fraca. - Podemos ir ali?

- Talvez mais tarde. Vamos lá para cima. As escadas em madeira as levaram até o pequeno loft.

Para alívio de Keelie, seu pai estava de pé e vestido. Ele sentou-se no futon, abotoando a camisa de poeta branca, as mangas esvoaçantes e os punhos de babados muito diferente da sua roupa usual, túnica de bosque. Seu jeans azul escuro foi dobrado dentro de suas botas de Feira da Renascença, e ele puxou o cabelo para trás livremente, suas orelhas ainda cobertas.

- Oi pai, está se sentindo melhor?

Knot sentou-se no futon ao lado dele, ronronando. Um dia de cama tinha feito muito bem aos dois. Não havia nenhum sinal do gato branco perdido.

- Eu estou muito melhor. Papai levantou-se, sorrindo. - Você vai me apresentar a sua amiga?

Keelie deu-lhe um olhar que dizia: não use encanto élfico em Laurie, e ela esperava que ele tivesse entendido. Ela falou com ele em sua cabeça uma vez, quando eles lutaram contra o Barrete Vermelho no prado de Montanha Alta.

Para apresentar Laurie, Keelie mexeu as mãos num gesto de "ta-da". A boca de sua amiga estava aberta. Aparentemente, o pai não precisou usar encanto élfico para impressioná-la. Seus olhares eram suficientes. Keelie

suspirou alto. - Pai, esta é Laurie. Laurie, este é o meu pai.

Ele estendeu a mão. Laurie parou boquiaberta e olhou para Keelie, murmurando "Oh meu Deus" para ela, em seguida, virou-se para aceitar a mão de Zeke.

- Prazer em conhecê-lo, pai de Keelie. Sr. Heartwood. Sir.

Ele sorriu enquanto tirava delicadamente sua mão. Laurie olhou para Keelie, em seguida, novamente para o pai. - Obrigada por me receber, disse ela. - Eu realmente senti falta de Keelie. Nós costumávamos entrar em todos os tipos de problemas juntas. É difícil quando você perde, assim, o seu parceiro no crime.

Papai arqueou uma sobrancelha e limpou a garganta. - Estou feliz que sua mãe permitiu que viesse. Quando falei com ela, ela estava interessada nas oportunidades educacionais que a Feira tinha a oferecer, juntamente com a experiência de viajar para o leste.

Laurie fez sinal com a mão. - Mamãe ficou emocionada quando você ligou e me convidou para vir para cá.

Papai tinha ligado para convidá-la? Como biscoitos de chocolate derretendo recém-tirados do forno, o interior de Keelie se derreteu. Ele lembrou o quanto Laurie significava para ela.

Janice apareceu, vestindo seu lindo vestido roxo e branco e segurando uma taça cheia de ervas perfumada. - Você está de volta.

- Laurie, esta é Janice, extraordinária fitoterapeuta. Se a voz de Keelie estava um pouquinho gelada, era porque ela ainda estava um pouco ofendida sobre o incidente "oh, olha a hora". - Por que você está de traje?

- Foto para os jornais. Ela ajeitou o colarinho de Zeke.

Laurie deu uma cotovelada em suas costelas. Ah, então Zekester e Janice eram uma coisa, mesmo ele não sabendo. Então o que? Ela limpou a garganta. - O que você deu para o papai e para Knot para eles ficarem

melhor?

- Chá de Dragonberry.

- Chá de Dragonberry? Laurie riu. - Isso soa tão My Little Pony. Lembra-se de jogar My Little Pony?

- Oh sim. Eu tinha o estábulo, mas você tinha o rancho, e quando você ficou louca você não deixou meus pôneis brincar. Keelie não tinha pensado que fosse engraçado na época.

- Sim, bem, você nunca me deixou brincar com sua casa de bonecas de madeira velha. Você sempre gritou se eu tocasse.

- Sim. As bochechas de Keelie queimaram de vergonha. Ela nunca quis que nenhum de seus amigos, mesmo sua melhor amiga, tocasse na casa de bonecas que o pai tinha feito para ela. Como ela desejava tê-lo em sua vida naquela época. Ela se virou para ele e sorriu. Agora ela o tinha, em vez de uma casa de bonecas substituta.

Ele estava sorrindo para ela, com prazer de ouvir como ela tinha valorizado o brinquedo que ele tinha feito para ela.

- Pai, eu quase esqueci. Comprei isto para você. Ela enfiou a mão no saco de plástico da Loja de Cristais de Canooga e tirou a bolsa de veludo verde com as pedras de cura. - Sir Davey me ajudou a escolhê-las para você.

Papai puxou o cordão e deixou as pedras caírem em sua outra mão.

- Obrigado, Keelie. Eu posso ter mais necessidade disso do que você imagina.

- Sir Davey deixou o carro na área de estacionamento, disse Janice para Laurie. - Alguns homens felizes vão descarregar a sua bagagem e vão coloca-las no acampamento de Sir Davey. Keelie, por que você não leva sua amiga para uma excursão na Feira antes de ficar lotado com os mundanos?

- Nós, na verdade, estávamos no meio de uma turnê quando encontramos o bilhete do meu pai. Keelie não estava ansiosa para sair outra vez.

- O almoço é apenas sanduíches, eu pensei que vocês estariam com fome. Janice produziu um prato empilhado com sanduiches.

- Eu estou totalmente apaixonada pela Feira. Laurie pegou um sanduíche. - É tão pitoresca. Eu até gosto da terminologia. Mundanos - tão medieval. Como servos ou algo assim.

- Você disse isso. Keelie serviu-se de um sanduiche. - Então essa foto é para a Feira? Ela pensou na repórter com que os elfos estavam preocupados.

Papai sorriu tranquilizadamente. - É uma promoção para um anúncio, Keelie. Ele se levantou. - E nós precisamos ir.

Janice afagou os ombros das meninas enquanto se dirigia para as escadas. - Laurie se você precisar de trajes basta dizer a palavra.

- Eu vou dizer a palavra, tudo bem. Laurie olhou para Keelie. - Traje?

- Fantasias.

- Oh. Legal!

Elas terminaram o almoço, em seguida limparam tudo, trabalhando com cautela no pequeno espaço para evitar uma concussão.

- Pronta para continuar o tour? Keelie olhou ao redor do pequeno espaço, impecável mais uma vez.

- Totalmente. Laurie pulou.

Knot pulou do futon, correu para a porta e parou, esperando por elas para abri-la.

- Você não pode ir com a gente. Keelie encarou Knot. Ele piscou para ela. Sua cauda balançava para frente e para trás no chão, como um sambista felpudo.

- Gatinho fofo. Ele é seu?

- Isto, Keelie passou a mão dramaticamente em direção a ele: - é Knot.

- O gatinho mal? Não. Não pode ser. Ele é tão bonito e macio. Eu não posso acreditar que você o chamou de gato demônio vindo direto do abismo do submundo felino. Laurie sorriu para ele. - Fofo.

Knot levantou a cabeça para olhar para Keelie, os olhos se estreitaram. Sua cauda balançava mais rápido, chutando partículas de poeira.

Keelie sabia que ele era louco e que ela iria pagar por esse comentário. Ela cutucou Knot para o lado com seu tênis. - Fique aqui, ranhoso.

Ele ronronou e deslocou-se para sentar no seu pé.

- Tire sua bunda felpuda do meu dedo, Knot ranhoso.

- Eu acho que ele é um doce. Laurie estalou os dedos para ele.

- Vamos, Knotsie.

- Knotsie? Oh, que piada. Keelie abriu a porta e empurrou o pé para frente lançando Knot pelas escadas. Ele voou para baixo, com as pernas abertas, ronronando alto, em seguida, capotou no ar e caiu no último degrau. Ele piscou para elas, impertubável.

- Keelie, eu não acredito que você fez isso. Laurie parecia pronta para correr em socorro de Knot. - Você costumava ser uma amante dos animais.

- Ele está bem. Laurie não sabia do que Knot era capaz - e que ele não era gato coisa nenhuma, mas algum tipo de fada, uma coisa.

Knot ronronou como uma serra elétrica e levantou-se para conhecê-las.

- Você não tem que viver com Pickles, o gato demônio. O gato de Laurie era famoso por esbarrar nos dedos descalços na piscina. Não chega nem perto da maldade de Knot.

Knot bateu na perna de Keelie quando ela passou então a bola de pêlo

laranja correu na frente dela quando ela chegou à porta.

Laurie havia entrado na sala maior e virou-se em um círculo, entrando na farmácia de Janice. Seu rosto estava gravado com admiração enquanto olhava ao redor. Cachos secos de ervas penduradas nas vigas expostas. Vidros de cobalto azuis cheios de elixires de cura brilhavam com os raios de sol que vinha da parede de trás.

Knot sentou-se sobre as patas traseiras e tocou a maçaneta com a pata. E a porta se abriu.

Laurie virou-se a tempo de ver o mais recente truque de Knot. - Whoa, é um gato esperto. Este lugar é tão legal. Minha mãe iria enlouquecer aqui. A propósito, você não me disse que seu pai era bonito. Ele é como o Johnny Depp da Renascença.

- Ei Laurie, você está falando sobre o meu pai.

- Ei escute, se a minha mãe e suas amigas colocarem os olhos nele, então vai ser como Desperate Housewives.

Keelie sorriu. Pela janela ela viu uma Bhata subir até um galho mais alto de um carvalho, e, em seguida, como uma acrobata da floresta desapareceu nas folhas dos carvalhos. Graças a Deus os carvalhos ainda dormiam. Nenhum fruto.

Ela olhou para Laurie e um momento de pânico a inundou, porque os olhos de Laurie estavam arregalados de espanto. Mas Keelie relaxou quando percebeu que isto ainda era a reação de Laurie à loja de Janice.

Elas saíram e fecharam a porta. O cenário da floresta deu ao lugar uma sensação de conto de fadas. A administração tinha desaparecido por causa dos frutos e folhas estavam espalhadas na pista de terra.

Infundida com entusiasmo, Keelie dançou à frente. - Vamos lá, eu vou lhe mostrar o interior da nossa loja. Isso é chamado de Alameda Encantada. Você já viu a loja de fantoche da Lulu. Lá é o prédio do ferreiro e ali é loja botas de Lady Annie e aqui é a nossa. Não é como nossa loja muito legal no Colorado, mas serve.

O letreiro com Heartwood esculpido oscilou de um pólo em forma de lança.

Elas saíram do caminho de terra para o chão de madeira, e Laurie olhou para as criações do pai de Keelie. Ela estava com os olhos arregalados. - Eu nunca vi nada parecido com isso.

Keelie passou a mão sobre uma das cadeiras de cristal que embelezava a entrada da frente. Elm, feita de galhos caídos. Não que Laurie fosse capaz de senti-la, já que ela era cem por cento normal. Humana.

- Sabe, Keelie, não só a sua família tem uma loja na Alameda Encantada, como você está vivendo uma vida encantada.

- Vamos ver o que você vai dizer depois que ficar aqui por um tempo e ficar presa alimentando um falcão com pedaços de ratos.

- Isso não vai acontecer mesmo. Laurie riu e caminhou mais para dentro da loja. Ela parou e virou um olhar interrogativo para Keelie. - É?

- Bem-vinda ao meu mundo.

O unicórnio brilhava contra os pinheiros escuros. Ele olhou para Keelie, como se estivesse tentando se comunicar. Keelie andou em direção a ele, a mão estendida para tocar seu chifre luminoso. Era ligeiramente curvado, como um arco.

Quando seus dedos tocaram o marfim frio, ele empinou cascos piscando pelo seu rosto assustado, e galopou por entre as árvores.

Keelie acordou ofegante, sentando na cama. Sua respiração desacelerou quando ela percebeu que estava a salvo no acampamento de Sir Davey. Laurie virou, puxando as cobertas com ela. Keelie agarrou a ponta do cobertor, uma vez que deixou suas pernas descobertas e puxou-o de volta, sorrindo. Ainda é uma monopolizadora de cobertas.

Sem unicórnio. Era um sonho. Ela estava prestes a deitar-se novamente quando um sussurro verde fez cócegas em sua mente.

Era Tavak. Pastora das Árvores. Está na hora.

Keelie deu um salto. Ela tocou o coração Rainha Aspen e a conexão telepática da árvore tornou-se mais forte.



Pastora das Árvores Keliel, Lord Einhorn precisa ver você agora. É urgente.

Einhorn. Um chifre. Keelie olhou para o despertador: 03h00. O que aconteceu com "ele estará lá quando estiver pronto"? Ele deve estar ficando doente.

Knot sentou na ponta da cama, olhando para ela com olhos que brilhavam como duas lanternas verdes redondas. Ele miou.

Keelie olhou para ele. - Eu não estou falando com você. Ela olhou para Laurie. Ainda dormindo, graças a Deus. Ela enviou seus pensamentos para a floresta.

Onde posso encontrar Lord Einhorn?

Na floresta, perto do lugar da folia humana.

Folia humana?

Imagens de uma enorme tenda de comerciante branca, muito maior do que qualquer coisa no estacionamento preencheu a mente de Keelie, assim como imagens mentais dos homens felizes e do belo ator que interpretou Robin Hood e ela ouviu a música familiar de Rigadoon. Ela entendeu. O unicórnio queria conhece-la perto Rivendell.

Tavak, eu nunca fui a Rivendell daqui do acampamento. Você vai me mostrar o caminho?

O caminho brilhava em sua cabeça, como se fosse visto de uma grande altura. Duh, é claro. Altura de árvore.

Keelie levantou para fora da cama e deixou cair o cristal rosa do bolso da frente de seu pijama. Ela desejou que estivesse com a tektite também, mas ela não sabia onde Sir Davey tinha guardado. Após o incidente com a árvore jovem, ela não ia a lugar nenhum perto de uma árvore sem seu cristal rosa. Além disso, ela tinha a sensação de que poderia ser necessário para curar Einhorn. Keelie enfiou os pés em seus tênis e foi na ponta dos pés até a porta da RV. Laurie iria pirar se soubesse que ela

estava se esgueirando para encontrar um unicórnio.

Keelie escorregou para fora, trancando a porta cuidadosamente atrás dela. O ar estava frio e fresco e sobretudo, a luz da lua cheia da quase bloqueou as estrelas e iluminou o chão diante dela como uma lanterna gigante. Mais longe, as estrelas brilhavam como pequenos pontos de diamantes no céu. Keelie pensou nas explosões de estrelas sobre a pintura de unicórnio na loja de cristal. Ela tocou o cristal rosa, facilitando as vibrações em seu estômago, sentindo falta da tektite que ela tinha deixado para trás. Ela parou para se orientar. O caminho que a árvore tinha mostrado a ela começava atrás da RV. O acampamento estava tranquilo e poucas luzes brilhavam nas tendas.

Pastora das Árvores, siga o gato.

Knot correu à sua frente, em seguida, parou e olhou para trás, como se ela estivesse sendo muito limitada. A caminhada para Rivendell foi fácil, e eles não encontraram ninguém, só alguns Bhata que seguiam junto no mato pelo caminho. Keelie ignorou, sabendo por experiência que, se ela olhasse para eles, poderiam atacar. Beliscar e puxar seus cabelos. Não era nada mortal, mas nem vespas, para a maioria das pessoas.

A parte central de Rivendell era uma tenda de lona, que estava montada em uma das extremidades do pasto cercado onde os cavalos dos torneios foram encurralados na noite. Corpos grandes deslocaram-se e as orelhas se contrairam enquanto ela e Knot passavam. Ele era como Keelie tinha imaginado.

Do lado de fora da tenda, alguém dedilhava um violão, e as notas pareciam atrasar-se no ar como se Keelie pudesse chegar e tocá-las com os dedos. A magia estava sobre ela. Seu corpo formigava com ele. Ela contornou a borda da tenda, ficando fora de vista, e entrou na floresta. Knot se apressou, e ela acelerou para alcançá-lo. Vinte passos para a floresta e já não podia ver as luzes de Rivendell quando ela se virou.

Em seguida, um brilho fraco a frente se transformou no unicórnio. Ele estava parado em um anel de pinheiros, e parecia mais brilhante enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão. O cheiro de barro da floresta fez cócegas no nariz de Keelie, e a cama espessa de agulhas antigas era como uma almofada debaixo dos seus pés. Quebrou seu coração quando

viu o unicórnio. Sua pele parecia ainda mais esfarrapada e sem brilho; ele parecia um cavalo doente, com um chifre falso preso à cabeça. Ela tinha que ajudá-lo.

- Eu estou aqui, disse ela em voz alta. - O que posso fazer para ajudá-lo?

Ele acenou com a cabeça e deu patadas no chão, mas não disse nada.

Ela abriu a mente e as árvores a encheram avidamente. Ela rapidamente se afastou.

Ela não tinha idéia de como falar com um unicórnio. Ela pode também conversar com Knot. Ela puxou o cristal rosa do bolso e segurou-o. Fechando os olhos, Keelie abriu-se às árvores.

Ajude-me a falar com ele.

Um coro de verde encheu sua mente. Estamos aqui para você, Pastora das Árvores.

Por que eu não posso falar com o unicórnio? O que ele quer de mim?

A voz de Tavak sobressaiu as outras. Ele não fala diretamente por medo que os outros possam ouvi-lo e saber que ele está aqui.

Que outros?

Aqueles que procuram capturá-lo pelo seu poder.

Alguém estava lá para pegar o unicórnio, mas não havia muitos que podiam até mesmo vê-lo. Ela tinha uma imagem de um grupo de virgens más o perseguindo. Talvez ela só pudesse curá-lo e voltar para a cama antes de o pai descobrir que ela tinha saído.

O cristal rosa brilhava quando ela o segurou. Magia da Terra e árvore mágica pode ser a combinação para curar Einhorn. Estes eram os únicos tipos de magia que ela conhecia. Ela agarrou o amuleto em sua corrente de prata. A partir da madeira carbonizada de Aspen, calor fluiu pela mão de Keelie. Magia, magia verde, transmitida através de seu corpo, um formigamento acentuado.

Tavak advertiu, alguém está vindo.

O formigamento aumentou, transformando-se em facadas, choque e dor. Keelie soltou o amuleto; o calor desapareceu, e com ele a magia também.

O unicórnio deu patadas no chão. Ele inclinou a cabeça, cambaleou um pouco, depois se recompôs e correu para longe dela, indo mais fundo na floresta. Os cavalos em Rivendell relincharam quando ele partiu a galope.

A luz do cristal rosa foi ficando mais fraca, até que foi completamente extinta, como uma chama de vela morrendo.

Um galho quebrou nas proximidades. Ela saltou e girou, esperando ver Elianard. Mas era Laurie, de pé vestida com calças de pijama xadrez vermelho e sua camiseta Baywood Academy.

- O que você está fazendo aqui? Perguntou Keelie.

- Eu sabia. Você é uma Wiccan e está fazendo algum ritual. Você vai me mostrar?

- Estou fazendo uma caminhada.

- Às três da manhã? Você está fazendo alguma coisa, eu sei disso. Margaret Seastrunk é uma Wiccan e ela diz que realiza rituais sob a lua cheia, mas eu não acho que é verdade, porque ela aprendeu de um livro. Além disso, ela canta no coral em Greater LA Unitário.

Keelie a interrompeu. - O que você viu?

Laurie fez uma careta. - Calma, Keelie. Ouvi você sair e segui a sua lanterna rosa. Você não tem que ficar toda irritada.

Lanterna rosa. O cristal rosa deve ter emitido luz por todo o caminho. Ela estava visível para qualquer pessoa que quisesse olhar. - Você não viu mais nada? O unicórnio deve ter acelerado quando passou por ela, a curta distância.

- Só aquele cavalo branco maluco. Você o deixou fora do pasto?

Keelie olhou para a amiga. Apenas um cavalo? Quem estava guardando segredos agora? Sua mente girava com mil perguntas que ela queria fazer. Laurie teria dito a ela se tivesse tido relações sexuais. Algo assim era monumental, o tipo de evento que melhores amigas compartilhariam. Elas contavam tudo uma a outra enquanto cresciam. De repente ela estava triste.

- Olá? Laurie acenou com as mãos na frente do rosto de Keelie.

- Então, você vai me dizer o que estava fazendo aqui fora? Os cavalos relincharam no fundo.

- Meu gato. Eu estava seguindo Knot. Sou meio coxo.

- Uhum, certo! Qual é o grande segredo? Eu aposto que é um cara.

- Eu estava seguindo Knot. Só isso. Keelie estava começando a parecer como seu pai quando negou que podia falar com o gato. Ela ergueu o olhar até a copa das árvores, e ela viu as silhuetas de várias Bhata movendo-se ao redor e entre os galhos das árvores. Para os olhos mundanos parecia como se uma brisa estivesse soprando.

Os cavalos viraram-se e correram para o centro do pasto, assustados. Uma figura escura saiu da tenda Rivendell, e quando ele se afastou da sombra da barraca ela viu que era um dos cavaleiros. Ele circulou o perímetro da cerca, espada na mão, e assistiu os cavalos correrem.

Laurie aproximou-se mais de Keelie e agarrou a mão dela. - É ele? Seu namorado secreto?

Keelie revirou os olhos. - Ele é apenas um dos cavaleiros. Provavelmente a cargo dos cavalos. Eu não tenho um namorado secreto.

Laurie avançou, soltando-lhe a mão. – Um cavaleiro de verdade? Como ele faz isso para viver?

- Sim. Eles viajam de Feira em Feira. Como uma espécie de tour medieval.

Abençoado pelo brilho prateado da lua, o prado com a sua tenda cor de marfim parecia uma tapeçaria medieval. Era estranhamente calmo, mesmo

para esta hora da noite. De volta ao Colorado, notívagos da Shire mantinham a música e as conversas até o amanhecer, especialmente durante a semana, quando ninguém tinha que trabalhar no dia seguinte. Eram muitas pessoas doentes? Claro, ela não sabia quantos realmente se hospedaram no local, e quantos estavam no alojamento na cidade.

A figura voltou para a tenda, como a porta da tenda estava aberta a luz de dentro iluminou o homem brevemente.

A música do violão solitário começou de novo e se adicionou ao ambiente místico, mas trouxe Keelie de volta para a realidade de sua situação. Ela e Laurie precisavam se esgueirar antes que o homem com a espada as notasse e desse a notícia para seu pai. Eles disseram que iam trabalhar juntos para ajudar o unicórnio, e se ele descobrir que ela tinha vindo aqui sozinha, especialmente após o último incidente com a árvore, ele vai ficar furioso. Ela não queria preocupá-lo, mesmo ele se sentindo melhor.

Laurie subiu na cerca de madeira do pasto. - Escute Keelie. Ouviu essa música? Alguém está tocando violão aqui no meio do nada. Isto parece um sonho. À luz da lua, o rosto de Laurie mudou de devaneio sonhador para a compreensão, como se ela tivesse acabado de descobrir um pedaço de um quebra-cabeça que faltava. - Você é tão mentirosa, Keelie Heartwood. Seu namorado secreto está lá naquela tenda.

- Eu não sou! Eu estava tentando encontrar o gato branco perdido que está rondando por aqui e eu pensei que Knot me levaria a ele, já que eles são amigos agora. Eu estava preocupada com isso .

- Prove. Laurie cruzou os braços sobre o peito.

- Provar o que?, Respondeu Keelie. - Eu não tenho que provar nada.

- Que você não tem um namorado secreto nesta Feira. Quero dizer, Sean está na Flórida e ele não saberia se você estivesse vendo alguém às escondidas.

- Sean e eu não estamos realmente namorando. O rosto de Keelie estava queimando, porque ela tinha tido alguns pensamentos impróprios sobre o ator de Robin Hood. Não que isso fosse um crime, pensar em outra pessoa, mas parecia ser uma espécie de traição pensar em alguém, você

sabe - nu, quando você tinha saído com um cara que você realmente gostava e estava desesperada para ver de novo.

- Ok. Não seja tão sensível. Quero dizer, você nunca sabe quando alguém vai trair.

Keelie definitivamente pegou uma corrente de amargura. Parecia que Laurie estava falando de Trent. Tinham sido difícil quando Keelie teve de abandoná-la após a morte da mãe. Engraçado como Laurie não tinha mencionado o seu nome desde a sua chegada. Naturalmente, Keelie não perguntou, mas talvez ele tivesse sido o único. Laurie não tinha visto o unicórnio.

Sua amiga estava olhando ansiosamente para as luzes douradas da tenda.

- Vamos apenas ir lá e conferir. Quem sabe, pode haver uma festa.

- Eu não ouço uma. Além disso, eu não posso. O papai vai me matar.

- Ele não tem que saber. Nós vamos ficar uma hora, e depois correr de volta para o acampamento. Quem é que vai dizer a ele?

- Knot.

- Tá bem, o gato. Laurie caminhou em direção à tenda. – Eu estou indo.

- Laurie, Keelie sussurrou tão alto quanto pôde a partir da segurança de sombras das árvores. - Volte aqui.

Nenhuma resposta. Uma vez que Laurie resolveu ir para a festa não haveria meios de impedi-la.

Knot olhou acusadoramente para Keelie, como se ela pudesse controlar sua amiga ou tivesse colocado a idéia de ir até a tenda na cabeça de Laurie. Ela o encarou de volta. - Isso é culpa sua. Preciso de sua ajuda para levá-la de volta para a RV.

Ele piscou para ela, depois saltou a frente de Laurie, sua cauda laranja

distorcida e erguida. Laurie afastou a porta de lona pesada da tenda com a mão e um suave brilho dourado do interior a iluminou. Ela segurou a porta da tenda enquanto Knot entrava como um convidado VIP em uma festa de Hollywood, em seguida, seguiu-o. O retalho caiu para trás e a luz se foi, deixando Keelie na escuridão.

Ela passou sobre a cerca depois deles e atravessou o prado, olhando de volta para as madeiras escuras. Einhorn tinha ido embora, e ela estava se metendo em tantos problemas. Ela já imaginava a conversa que teria com o pai: "Eu tinha que segui-la. Laurie não está acostumada à festa tipo Feira da Renascença." Como se Keelie estivesse. O unicórnio não haveria desculpa, também. Papai ficaria furioso e assustado porque ela tentou ajudar Einhorn sozinha. Mas as árvores tinham chamado por ela, não pelo pai.

Ela entrou na tenda. Lá dentro, lanternas penduradas em ganchos no topo, postes de ferro longos retorcidos que foram fincados no chão. O chão era um amontoado de esteiras de bambu, revelando prado nas paredes da barraca. Uma área foi dividida para um lado com telas de madeira e na outra extremidade da tenda longos painéis coloridos estavam pendurados formando outro quarto. A luz quente das lanternas lançavam um holofote piscante sobre o ator que interpretou Robin Hood. Ele dedilhou a melodia que Keelie reconheceu: "Scarborough Fair".

Essa noite, Robin Hood usava jeans e uma camisa pólo azul clara com uma camiseta de mangas compridas preta por baixo. Seja em calças justas ou roupas mundanas, o cara era quente. Ele cantou, olhando nos olhos de Laurie enquanto ela estava olhando para ele com adoração, como uma fã idiota. A qualquer momento ela ia começar a babar.

De repente, consciente, Keelie se perguntou o que esse cara, que tinha centenas de meninas desmaiando a seus pés a cada fim de semana, pensava de duas adolescentes vagando no meio da noite com calças de pijama e camisetas.

A música terminou. Robin Hood sorriu para Laurie. -Você é nova.

Os lábios de Laurie se curvaram. - Por favor, continue tocando. Sou Laurie. Qual o seu nome?



Robin Hood sorriu como se tivesse sido oferecido uma caixa de bombons.  
– E aí, Laurie. Eu sou Jared. O que você e sua amiga estão fazendo no meio da noite?

- Observar as estrelas. Ela piscou os olhos.

Que namoradeira! Keelie rapidamente aproximou-se dela.

Robin Hood arqueou uma sobrancelha. - Eu conheço você. Você não era o Plumpkin?

- O que é um Plumpkin? Laurie franziu a testa, infeliz que sua atenção se desviou.

- Eu vou explicar isso mais tarde. Keelie corou todo o caminho na ponta dos pés. - Então, perdeu a cabeça e quase perdi meu emprego. Você não viu por acaso um gato branco? Ele pertence ao meu gato, Knot.

- Seu gato tem um gato. Laurie revirou os olhos.

Keelie queria pisar no pé da sua amiga por apontar o quão ridículo que soou. Laurie não sabia a metade do que Knot podia fazer.

Jared riu. - Eu não vi um gato branco, mas eu vi você e aquele cavalo branco. Ele veio direito para você. Ele é um selvagem. Um monte de cavaleiros vem tentando pegá-lo, mas ele parecia encantado com você.

Keelie reprimiu um suspiro. Ocorreu-lhe que ela poderia estar emitindo aquele cheiro de canela também, quando ela usou magia ou se comunicou com as árvores. Ela percebeu que Laurie e Jared estavam olhando para ela, esperando uma resposta, e encolheu os ombros.

- Eu só tenho jeito com os animais.

Ele sorriu e covinhas apareceram em suas bochechas para coincidir com o pequeno recuo no queixo. Muito atraente. - Seu gato gosta de vir aqui e ouvir a música. Ele gesticulou em direção Knot, que estava lavando sua cauda. - Ele gosta de sair, embora ele sibila para os cavaleiros às vezes. Knot esfregou-se contra a guitarra e ronronou.

- Sério? A vida não era justa, Keelie pensava. Primeiro, Knot tinha saído

com os piratas da Feira de Montanha Alta e agora ali estava ele com Robin Hood em Wildewood. É claro, ele viajou com o pai por décadas. Ele provavelmente tinha visto muita diversão na Feiras da Renascença ao longo dos anos.

- Bem, se você não viu o gato branco, Laurie e eu precisamos voltar para o acampamento.

- Não, não temos. É uma linda noite, viva o momento. Knot sabe como se divertir. Laurie baixou a voz. - Você realmente ficou tensa desde que deixou a Califórnia. Isto é como algo saído de um filme.: Duas meninas adolescentes vagando na floresta encontra um cara realmente impressionante e bonito tocando uma guitarra.

- Sim, antes do cara com a motosserra aparecer, Keelie murmurou.

- Filme errado. A única coisa que falta para torná-lo mais fantástico é um unicórnio aparecer, como o da parede da loja de Cristais de Canooga. Ou talvez algumas fadas dançando ao redor num círculo, deixando os cogumelos para mostrar ao mundo que elas estão aqui.

A risada de Keelie estava trêmula. Ela esfregou as mãos sobre os braços para se aquecer.

- O quê? Laurie percebeu a inquietação de Keelie.

- Só estou com frio.

Laurie esfregou as mãos nos braços para cima e para baixo também, apertando-os firmemente a seu torso para aprofundar seu decote.

- Você está certa; está ficando frio e ainda temos de caminhar de volta. Ela sorriu para Jared. - Foi legal te conhecer. Vou procurar por você na Feira.

- Será que vocês duas gostariam de um café antes de voltar? Acabei de fazer uma garrafa. Eu tenho que ficar acordado para tomar conta dos cavalos já que todos os outros cavaleiros estão doentes.

- Você está brincando? Eu adoraria um pouco de café, Laurie respondeu antes que Keelie pudesse dizer não.

Ouvir sobre os cavaleiros doentes, Keelie queria correr de volta e verificar o pai. E ela não queria que ele ouvisse dos trabalhadores da Feira que ela estava indo para Rivendell.

Jared colocou sua guitarra para o lado e levantou-se. Talvez uma xícara de café não fizesse mal. Mas já que não havia fogueira com uma cafeteira sobre ele e não havia gerador rugindo lá fora perturbando a noite, o café, provavelmente, não era fresco. Mas talvez Laurie perdesse o olhar vidrado se ele servisse aquela porcaria.

- Venha para o Kasbah. Isso é o que chamamos de sala interna da nossa tenda.

Elas seguiram Jared através das tiras coloridas de tecido transparente até um quarto vindo direto dos cavaleiros árabes. Grandes almofadas de seda cobriam o chão coberto de carpete, iluminado por velas tremeluzentes em suportes de ferro altos. O quarto tinha uma sexy sensação de caravana Silk Road.

Aqui tinha que ser a festa principal. Os travesseiros fofos provavelmente tinha visto muita ação, mas Keelie não se sentiu em perigo. Era dois contra um.

Ela sentou-se contra os travesseiros. Era realmente muito confortável. Laurie esparramada ao lado dela, os olhos brilhantes olhando como um convite a uma sentença de prisão. Talvez isso não tivesse sido uma boa idéia.

Jared não se atirou entre elas, para alívio de Keelie. Em vez disso, ele foi

para o canto da tenda, onde o senhor café estava, em uma mesa de madeira. A luz de “ligada” brilhava laranja brilhante.

Keelie franziu a testa. - Como você está ligando a cafeteira? Se ela mantivesse o foco longe de Laurie, talvez elas pudessem sair dali rapidamente.

Jared fez uma pausa e empurrou a parede da tenda. A régua de energia foi fraudada para um enorme quadrado de plástico. - Bateria. Nós não usamos muito, para economizar energia. Mas eu tenho que ficar acordado para ver os cavalos. Ele sorriu para Keelie com suas covinhas definidas se pronunciando. - Não é possível deixar para trás a civilização, podemos pombinha?

Pombinha? Keelie sorriu fracamente para Laurie, que lhe lançou um olhar venenoso. Jared colocou um pouco de café em uma pequena xícara de porcelana verde. Keelie sorriu com a reação da amiga. Ela havia sido chamada pombinha e Laurie não.

O cheiro da xícara flutuava para fora para cumprimentá-la, como a chamada de uma sereia para seu paladar.

Ela aceitou a xícara de porcelana verde com a asa quebrada. Jared deu a Laurie um copo branco pintado com rosas delicadas. O sorriso agradecido de Laurie era o maior.

- Desculpe as canecas aleatórias. Com todas as viagens, vamos acabar em uma confusão de louças.

- Você viaja de Feira em Feira? Laurie soprou seu café. - Isso é tão cigano.

Keelie poderia ter chutado ela, mas Jared podia notar.

Jared sorriu. - Sim, eu estou no circuito.

-Você é Robin Hood em toda Feira?

- Não, Feiras diferentes têm temas diferentes. Eu faço a audição como todos os outros. Isso depende do papel. Às vezes eu sou apenas um

cavaleiro, e atuo como o Campeão da Rainha ou o Cavaleiro Negro.

- Ouvi dizer que as audições são difíceis. Na nossa escola em Los Angeles o nosso amigo Ashlee estava sempre fazendo testes para papéis na TV.

- As duas são de LA? Jared sentou-se em uma pilha alta de travesseiros com sua própria fumegante xícara de bebida.

- Sim, e eu ainda moro lá. Laurie provavelmente pensou que ele ficaria impressionado.

- E eu estou morando com o meu pai, Keelie respondeu com um sorriso. Ela estava feliz que ele não estava caindo no flerte de Laurie.

Laurie se inclinou para frente, ainda tentando agir graciosamente.

- Você vai fazer outra Feira depois desta?

- Não. Esta é a última temporada para mim. Jared tomou um gole de café e olhou para Keelie. - E você e seu pai?

- Esta é a nossa última Feira da temporada também. Papai passa o inverno fazendo móveis, por isso estamos indo para sua casa na Floresta do Pânico quando esta Feira fechar.

- Floresta do Pânico?

Ela deveria manter o local em segredo? Keelie não conseguia se lembrar. - Eu acho que soa como se estivesse localizado na Transilvânia, mas é no Oregon.

Knot sentou ao lado de Jared, que estendeu a mão distraidamente para coçar suas orelhas. Knot fechou os olhos satisfeitos, mas sua cauda balançava para frente e para trás como uma cobra peluda.

Laurie deu a Keelie um olhar de "sai pra lá". - Então, você está sozinho aqui? Nós pensamos que você estava dando uma festa.

- Esta é a barraca de festa, mas apenas a pessoa que toma conta dos cavalos dorme aqui. Algo vem os assustando, por isso estou de vigia a noite toda.

Keelie sorriu para Laurie. - Provavelmente é um urso.

Jared riu. - Tenho certeza de que não existe nenhum urso por aqui. É, provavelmente, esse cavalo branco selvagem. Eles ficam muito chateados quando o veem.

- Eu o vi!, Exclamou Laurie. - Você não pode pegá-lo?

- Ainda não. Fiquei espantado de ele deixar Keelie chegar tão perto.

Ele parecia pronto para falar mais sobre o cavalo branco misterioso, então Keelie mudou de assunto. - Eu mal posso esperar para que Laurie possa ver a Feira em ação. Você é muito convincente como Robin Hood.

Ele envaideceu-se. - Obrigado. Você já viu Robin Hood e seus Homens Felizes interpretando tudo?

- Não, eu estive ocupada trabalhando como uma faz tudo para Srta Finch e na loja do meu pai.

- Ah, Finch, o dragão da feira. Jared revirou os olhos e fez uma careta. - Sim, ela tem todos os atos programados para aparecer no dia Primeiro de Maio amanhã. Vai ser um engarrafamento, e se Sir Brine o Homem Pickles aparecer, então eu mesmo vou matá-lo com um arco e flecha.

- Dragão da Feira? Laurie parecia confusa. - Sir Brine?

- Eu vou explicar tudo mais tarde. Keelie não tinha certeza se ela mesma tinha entendido tudo. - Basta dizer que, Finch é minha chefe e você vai ter o prazer duvidoso de conhecê-la amanhã.

- Você está trabalhando? Os olhos de Laurie estavam arregalados.

- Como, um emprego?

- Não fique tão chocada. Outra onda de calor deixou Keelie vermelha.

- Eu preciso.

- Bem, eu estou aqui para me divertir. São férias de verão. Laurie chegou

mais perto de Jared e passou o braço pelo seu cotovelo. - Você é um ator e um cavaleiro. Isso é tão legal. Parece que eu vou ter muito tempo livre amanhã. Talvez você possa me mostrar o lugar.

Jared pigarreou. - Eu tenho que ser Robin Hood, então, infelizmente, eu não vou ser capaz de lhe acompanhar, minha bela dama.

- Bem, eu vou me certificar de dizer “oi” para você. Diga-me, qual a coisa mais excitante que já aconteceu com você numa Feira?

Jared sorriu e começou a contar para Laurie contos da vida Renascentista. Keelie queria bater nela com um travesseiro. Não era justo. Laurie podia vir para a Feira e se divertir e depois voltar para a sua vida na Califórnia. Ela dançou para a nova vida de Keelie, encantando Sir Davey, e agora estava flertando com Robin Hood, enquanto Keelie vinha trabalhando. A única coisa que tinha que mostrar para ela era mais trabalho pela frente, graças ao seu pai e suas idéias sobre valores de aprendizagem e construção de caráter.

Em seguida, a realidade a atingiu como um balde de água fria. Papai ia cordar logo. Muito em breve.

- Que horas são?

Jared olhou para o relógio. – Quatro e meia.

- Laurie, precisamos voltar ou vamos ficar de castigo.

- De castigo pelo seu pai? Ele é muito doce. Laurie deu a Jared um sorriso meloso. - Até agora estou muito impressionada com os homens bonitos desta Feira.

O olhar de Jared saltou de Keelie para Laurie. – Keelie está certa. O pai dela é difícil. Ele enviou um memorando a todos os cavaleiros dizendo que era para ficar longe de sua filha.

Keelie se sentou, indignada. - Ele fez o quê?

- Ele não estava brincando.

Pela enésima vez, Keelie corou. - Laurie, é hora de ir. Laurie aconchegou-se mais perto de Jared.

- Nós já estamos em apuros apenas por sair da RV. Então, o que mais ele pode fazer?

O talismã de coração de Aspen ficou quente contra a pele de Keelie. Ela colocou a mão para tocar a camiseta cobrindo-o. Einhorn estaria de volta? Ele não tinha reagido ao unicórnio antes.

- Estamos tendo uma festa? A voz profunda de barítono veio de fora da parede de cortina colorida. Um homem entrou e Keelie encarou. Ele era um estranho, mas parecia familiar.

- Lorde Niriél. Eu não sabia que alguém ia aparecer. Jared parecia desconfortável.

Laurie deu uma risadinha. - É tão legal a maneira como todo mundo chama o outro de Lorde isto e aquilo.

Lorde Niriél não parecia divertido. - Você deveria estar tomando conta dos cavalos, não entretendo senhoritas.

Keelie cutucou Laurie nas costas, tentando fazê-la calar a boca. O homem parecia jovem, mas havia algo sobre ele que dizia que ele era muito mais velho. Ele estava em forma, com ombros largos e uma cintura fina, e ele tinha um rosto majestoso com um nariz aquilino. Embora o único sinal de idade fosse um par de rugas vincadas nos cantos de seus olhos, a sabedoria se agarrou a ele como um manto. Ele parecia que devia estar usando vestes longas, mas ele estava vestido com calça jeans e uma camisa pólo de manga comprida com uma folha brilhante bordado no bolso esquerdo.

Jared estava com graça atlética e curvou-se. - Lorde Niriél, você estava certo, o cavalo branco voltou. Ele apontou para Keelie. - Eu o vi se aproximar de Keelie.



Lorde Niriel arqueou uma sobrancelha. - Ah, Keelie Heartwood. Então o seu charme se estende a cavalos errantes. Eu acho que coletar os corações dos cavaleiros seria trabalho suficiente para você.

Jared olhou para ela com interesse renovado.

O coração de Keelie disparou. - Eu não sei do que você está falando. Ele quis dizer Sean, é claro. Suas mãos estavam suadas com o pensamento dele. Ela limpou as mãos em suas calças de pijama e esperava que não tivesse cheiro de canela.

- Oi, eu sou Laurie. Eu vou ficar com Keelie. Laurie estendeu a mão, desafiando Lorde Niriel a não aceitar.

Ele pegou a mão dela e inclinou-se ligeiramente sobre ela, em seguida liberado voltou-se para Keelie. - Estou falando, é claro, de Sean o 'the Wood.

- Você conhece Sean? Você falou com ele? Ele ainda está na Flórida? Sean deve ter falado dela para este homem. Ele estava pensando nela.

Jared acenou para as almofadas. - Por favor, milorde, sente-se.

Niriel sentou-se perto de Keelie. - Ele está na Flórida e foi estava bem quando o deixei. Eu dirigi a noite toda para chegar aqui, quando eu ouvi que a maioria dos cavaleiros da minha empresa estava doente.

- Você deve ser o chefe dos Cavaleiros do Galho de prata. Isso explica a crista de folha em sua camisa.

Ele curvou-se novamente.

- Meu pai falou de você. Ele disse que estava no Conselho. Isso explica o nome de sonoridade élfico. - Se você acabou de chegar aqui, então perdeu a reunião.

Lorde Niriel olhou rapidamente para Jared e Laurie, em seguida, levantou uma sobrancelha para Keelie, como que advertindo para ela ficar quieta.

- Sean é o cara que você conheceu na Feira de Montanha Alta, certo?

Laurie fez beicinho. - Pena que ele está na Flórida. Eu estava morrendo de vontade de conhecê-lo. Ela sorriu para Jared, como que para reforçar a ideia de que Keelie estava comprometida, mas ela não estava.

- Ele está se divertindo na Feira na Flórida? Keelie estava começando a ficar sem conversa, e ela estava desesperada para voltar para a RV antes de o pai acordar.

- Um pouco, embora ele esteja confuso. Lorde Niriël olhou diretamente em seus olhos. - Sean é meu filho, e ele me disse que você não retornou nenhuma das suas cartas.

Keelie olhou para ele, chocada. Ela engoliu em seco. - Que cartas?

Antes que ele pudesse responder, as tiras coloridas que formavam a parede foram empurradas violentamente para o lado e seu pai apareceu. Foi-se o artesão bem-educado. Ele parecia um guerreiro vingador.

Keelie desejou que ela pudesse desaparecer como a Bhata. Mas o pai dela nem sequer olhou para ela. Seu olhar de aço foi fixado em Lorde Niriël que o encarava também. Nenhum amor perdido ali.

- Keelie, Laurie. Venham comigo.

As meninas correram. As pernas de Keelie vacilaram de nervoso. Lorde Niriël estava olhando para ela, com os olhos dissimulados. O pânico dela era tão óbvio?

- Eu preciso falar com o seu pai, disse ele. - E agora é um bom momento quanto qualquer outro. Desculpe-me, senhoritas. Zeke siga-me. Ele empurrou seu pai, atravessou a sala exterior, em seguida, passou pela porta da barraca para dentro da noite.

Keelie ficou surpresa quando seu pai o seguiu sem uma palavra. Ela viu um canto da túnica azul do pai do lado de fora antes da lona pesada cair

no lugar mais uma vez. Ela correu para o quarto exterior e inclinou-se para ouvir a conversa.

- Zekeliel: Lorde Niriel disse, seu tom gelado.

- Eu vim pela minha filha. A voz suave rachada.

O que havia de errado com ele? Keelie nunca tinha tido tanto medo. Seu pai parecia irritado, mas parecia doente também.

Laurie levantou-se. - Você está bem? Nós deveríamos ter voltado horas atrás.

A voz de seu pai se levantou. - Ela é minha filha, e eu vou decidir o que acontece com ela.

- Uh-oh. Keelie olhou para Laurie.

- Ele está surtando apenas porque está preocupado. Laurie acenou com desdém. - Aqui está o que você tem que fazer quando você é pego: você encontra uma maneira de distorcer tudo ao seu redor e faz ele se sentir culpado. Quando minha mãe me pegou bebendo na Primavera deste ano, ela ia me colocar de castigo e ia tirar meu cartão de crédito. Eu disse a ela que se ela o fizesse isso eu ia fugir. Eu disse que era culpa dela eu estar bebendo porque amava seu novo namorado mais do que eu.

Keelie percebeu que estava de boca aberta e fechou-a. Ela não podia acreditar no que estava ouvindo, mas ela detectou profunda dor por baixo da atitude indiferente de sua amiga. Ela se perguntou se era assim que ela parecia para os outros.

- Keliel Heartwood, aqui agora!

Antes que ela pudesse se mover, a aba da tenda se abriu novamente. Seu pai apareceu com uma lanterna erguida, lançando sua luz brilhante para Keelie e Laurie. Isso foi tão surreal, como se ela fosse um daqueles personagens de filme que acabou de escapar da prisão e foi pego em flagrante com todos os holofotes voltados para ele.

A testa do papai estava profundamente franzida. O braço que segurava a

lanterna no alto tremeu um pouco, fazendo com que as sombras em torno deles cintilassem. Jared começou a se afastar dos homens mais velhos, em seguida, virou-se e empurrou Keelie e Laurie com um murmuro: - Eu preciso verificar os cavalos.

Papai olhou-os e em seguida, virou-se. – Sigam-me.

Keelie e Laurie o seguiram. Lá fora, Lorde Niriël estava ao longe conversando com Elianard e Elia. Keelie hesitou, perguntando o que eles estavam fazendo aqui. Todo mundo estava de pé essa hora da noite?

A menina elfo fez uma careta para Keelie. Este era provavelmente o momento que ela estava esperando. A sensação de mal estar bateu na boca do estômago de Keelie quando ela imaginou o belo rosto de Sean quando Elia contasse que tinha estado na tenda Rivendell com Jared, é claro, deixando de fora o fato de que Laurie tinha estado lá, também.

Dad acenou para eles. - Nós estamos indo para casa. Ele parecia exausto. Seus ombros caíram e ele passou a mão na testa. A culpa bateu em Keelie. Ela notou como Niriël, Elianard e Elia, mesmo sob o brilho da luz da lanterna de Rivendell, brilhavam com a saúde radiante. Eles não estavam doentes como os outros elfos, ou mesmo cansados como papai. Muito curioso.

Incapaz de aguentar o silêncio de seu pai e o peso de sua decepção, Keelie começou a falar, mas só conseguiu "Eu ..." antes de seu pai a cortar.

Sua voz tinha um misto de raiva e contenção controlada. - Vamos discutir isso mais tarde.

Keelie ficou em silêncio.

- Keelie saiu para procurar o gato branco perdido. A voz de Laurie foi aguda; ela não ficou imune à atmosfera tensa. - Quero dizer, ela se preocupa com ele, e então ela se apavorou quando o cavalo branco galopou pela floresta.

Elia engasgou.

Keelie queria chutar Laurie no joelho por abrir sua boca grande. Elianard e

Elia não precisavam saber sobre o seu envolvimento com o unicórnio. A partir de sua reação, eles iriam somar dois mais dois. Mas isso provavelmente não iria colocar Einhorn em perigo ... todos os elfos sabiam sobre o guardião da floresta.

O olhar do pai se fixou no trio élfico.

Lorde Niriel levantou a cabeça. - Que interessante. Ele chegou mais perto de papai. - Zeke, como eu cheguei demasiado tarde para a reunião do Conselho, vamos ficar juntos no alojamento para discutir a doença que se abateu sobre nós. Ele olhou para Elanard. - Você pode se juntar a nós?

Elanard assentiu.

- Bom. Então vamos dizer que daqui três horas. Eu tenho que encontrar o diretor da Feira primeiro e depois vou avaliar os cavaleiros disponíveis para o show de hoje, mas vai ser uma reunião curta.

Os olhos do meu pai se estreitaram, e ele deu um suspiro resignado.

- Eu estarei lá.

- Vejo que você estará. A voz autoritária de Lorde Niriel dizia a Keelie que ele estava acostumado a ser obedecido. Mesmo que ele fosse o pai de Sean, ela não gostou da forma como ele falou com seu pai.

Elanard avançou com Elia com suas vestes arrastando. Ele parou com um sorriso bajulador em seu rosto. - Até o nosso encontro no alojamento, Zekiel.

Papai deu um leve aceno.

Alguma coisa estava acontecendo com os elfos e o medo pelo seu pai fez Keelie esquecer a sua própria situação e o fato de que ela provavelmente ficaria de castigo para sempre. Ela se perguntou novamente se havia uma conexão entre a saúde debilitada de Einhorn e os elfos. Como o pai sempre dizia: “como a floresta está, então os elfos também estão”.

Elanard passou por ela, e Elia, como uma filha obediente, seguiu depois de seu pai. Ela levantou a cabeça um pouco e olhou para Keelie, então zombou de Laurie, a humilde humana.

- Seu rosto vai congelar desse jeito, disse Laurie casualmente.

Elia olhou surpresa, como se uma cadeira a tivesse insultado.

Papai começou a descer o caminho, a lanterna constante na Escuridão. - Vamos voltar à RV.

Na caminhada de volta para Sir Davey, Keelie não podia aceitar o silêncio de seu pai e sua decepção. - Pai, eu ...

- Por que você estava na tenda?

- Estava frio e escuro lá fora.

Papai parou e segurou a lanterna por cima de sua cabeça, fazendo com que parecesse que ele tinha uma aureola. - Keelie, você tem idade suficiente para ser responsável pelas consequências de suas ações. Há consequências, terríveis, se você tomar o caminho errado. Ela pode levar à escuridão, à solidão e ao desespero. Eu confio em você Keelie para não partir os corações daqueles que a amam, aqueles que terão que viver com as consequências de suas ações para o resto de suas vidas.

Chocada, por um segundo Keelie não conseguia encontrar palavras para dar uma resposta. Parecia tão extremo. Ela olhou para Laurie. Ela não podia explicar sobre Einhorn na frente de sua amiga. - Tavak me chamou. Eu tive que vir. A expressão do pai não se alterou. Parecia ser uma mistura de amor, piedade e medo.

Havia mais coisas acontecendo com os elfos do que o unicórnio e a doença que os afligia. Muito mais. Talvez seja isso que papai esteja insinuando. Consequências terríveis. Certo. Não era como se ela estivesse prestes a se transformar em Darth Vader ou outra coisa.

Na RV, Sir Davey os cumprimentou com um sorriso cansado.

- Preparando um Café.

Laurie bocejou. - Que horas são?, - Seis, respondeu papai.

- Você pode me acordar, digamos, meio dia?
- É melhor você ficar acordada. Sir Davey se apressou até a cafeteira. - Ir para a cama agora é inútil, já que a Feira abre em duas horas. Há muito que fazer.
- O quê? Minha mãe nunca ...
- Se você pode ficar acordada a noite toda, então você pode ficar o dia todo. Papai não parecia disposto a ficar mais um segundo.

Laurie parecia ter ficado sem palavras. Keelie tinha certeza de que se estivesse em plena luz do dia, o rosto de sua amiga estaria branco de choque.

- Eu sugiro que se você quiser um banho quente, vá tomar agora. O último provavelmente estará frio. Papai virou-se para Sir Davey.
- Vamos começar com o mingau de aveia.

O estômago de Keelie se revirou. Elfos políticos, unicórnios, árvores, fadas e o pai de Sean. As cartas desaparecidas de Sean. Ela precisava de um tempo em silêncio para processar tudo o que acontecera esta noite. Ela precisava dormir. E em poucas horas, ela teria que enfrentar Finch.

## 18

Laurie seguiu a dica de Zeke e foi para o chuveiro. Keelie ficou perto da porta da RV e viu como seu pai caiu sobre um dos sofás e balançou uma cópia enrugada da Gazeta de Wildwood.

Sir Davey piscou para Keelie e entrou na área da cozinha. – Mingau de aveia chegando. Qual é o plano para hoje, Zeke?

- Eu tenho uma reunião do Conselho às oito horas e tenho que verificar os carvalhos, vá para a floresta perto do córrego e abra à cabana. Papai chacoalhou o jornal demonstrando sua raiva.

Knot pulou ao lado dele, colocando uma pata laranja no joelho do papai em

um gesto reconfortante. Gato estúpido. Agindo todo amoroso e ingênuo para chegar no lado bom do papai.

Sir Davey assobiou quando ele olhou para o balcão. - Eu vou imprimir as informações solicitadas sobre a floresta antes de a barragem ser construída. Você vai precisar dele.

Desviando-se do seu jornal, papai encarou Keelie. Ela sentiu o fluxo de tensão em direção a ela como uma corrente elétrica invisível conectando-os. Ela estendeu a mão para o cristal rosa em seu bolso e fechou a mão sobre os seus contornos familiares, mas não ajudou.

Serviu-se de uma xícara de café e observou Sir Davey. Ele estava ocupado no teclado do computador em sua mesa de escritório, que foi convertido a partir da despensa na extremidade do balcão da cozinha. Sua atenção estava voltada para uma esfera de cristal ligada ao seu computador. Um mapa topográfico brilhou em sua tela, algumas áreas fortemente delineadas em verde e outros em bege como um deserto. A parte inferior da tela se lia "Wildewood." A imagem cresceu quando Sir Davey clicou em um retângulo pálido com um rio correndo e florestas ao longe tanto quanto os olhos podiam ver.

- Essa é uma imagem de Wildewood quando era a Antiga Floresta, antes de ser derrubada.

O coração de Keelie doeu com a visão da beleza diante dela. Pensou nos carvalhos da Feira, os únicos sobreviventes dessa floresta antiga, não imaginou o quanto emocionalmente estavam assustadas. Ela olhou para seu pai. Diga alguma coisa, ela pensou. Qualquer coisa.

O som do chuveiro ligado, seguido por um grito agudo, quebrou o silêncio tenso. Laurie provavelmente tinha batido sua cabeça no chuveiro tamanho Sir Davey. Ótimo! Se elas não tivessem entrado na tenda, Keelie não estaria nessa confusão. Papai não teria que ir a essa reunião estúpida do Conselho e ela teria tido tempo para ajudar Einhorn. Era exatamente como na escola, quando Keelie entrava em confusão por causa de Laurien e suas ideias não tão brilhantes. Engraçado o que você esquece quando quando está longe de alguém por alguns meses.

Papai dobrou o jornal. – Keelie, hora de conversar. Lá fora.



Ela deixou os ombros caírem e manteve a cabeça baixa, se a linguagem corporal convencesse que ela estava sendo muito humilde, talvez ele pegasse leve com ela. Ela fechou a porta da RV atrás deles, então segurou sua xícara de café na frente dela como um escudo.

Papai olhou para as árvores no limite da clareira e soltou um suspiro.

- Eu sei que Lorde Einhorn convocou você. Tavak me contou.

Keelie franziu a testa. – Eu não entendo porque Tavak me enviou para ajudar o unicórnio. Você é totalmente superior a mim . O que eu poderia fazer que você não podia?

- Ele confia em você, disse papai suavemente. Lorde Einhorn tem motivos para não confiar nos elfos. Ele escolheu você.

As mãos de Keelie apertaram a xícara. – Tudo bem, explique isso para mim, pai. Estou prestes á completar dezesseis anos. Elia, que parece ter sessenta, me chamou de vira-lata e ela não está errada. Eu não sou um elfo, eu não sou humana, e acabei de descobrir sobre essas coisas deste “outro mundo”. Então, por que eu? Por que você não pode ajudar? Por que não os outros elfos? Ou a magia da terra de Sir Davey? Ou Janice com seus conhecimentos em ervas? Quero dizer, se Lulu pode fazer mágica, por que diabos eu sou a escolhida? Ela percebeu que estava gesticulando e sentou-se nos degraus da RV. – Você nunca explica nada. Eu preciso de respostas.

Papai suspirou. – Eu não posso protegê-la. Eu pensei que podia até você saber mais, mas sua magia parece desenhar problemas. Quanto ao porquê de ser você, somente Lorde Einhorn sabe, mas eu suspeito que seja porque você é filha de dois mundos e está fora de nossa luta.

Keelie franziu a testa. – Portanto, a resposta é que não há nenhuma resposta? Você não sabe, e é isso?

Papai desatou o saco de veludo verde de pedras do cinto. Ela ficou satisfeita que ele estava com ela.

Ele fechou as mãos em punho, em seguida, distraidamente esfregou as rochas em conjunto, fazendo elas se tocarem umas contra as outras. Um

vislumbre verdejante brilhou por entre seus dedos. Seu talismã de coração da rainha Aspen estava quente. Keelie não achava que estava fazendo qualquer tipo de magia. Normalmente, formigamentos corriam por seu corpo. Deve ser papai.

Ela apontou para as pedras. Mas, ele colocou seu dedo contra os lábios. Ele não queria que ela dissesse nada. Ele abriu suas mãos e as pedras brilhavam com energia verde, levitavam uma por uma, como satélites no espaço, flutuando acima da terra. Keelie respirou fundo.

Papai olhou para ela. – Por que Laurie estava no prado com você?

- Laurie me seguiu. Eu falei para ela que estava procurando por Knot e pelo gato branco.

- Ela acreditou em você? As pedras, brilhando em verde, ainda suspensas no ar, pairaram sobre a sua mão estendida.

- Não, ela perguntou se eu ia fazer algum tipo de ritual. Ela ouviu Robin Hood, quero dizer, Jared tocando violão e viu a tenda de festa. Então ela entrou. Laurie é a verdadeira borboleta social.

- Eu falei com a mãe de Laurie . As pedras caíram uma por uma na sua mão. Ele apertou o punho em volta delas. – Essa mulher é uma figura. Eu a segui usando magia das árvores. Ela está no Lago Tahoe com o namorado. Ela não quer que eu mande Laurie de volta, me disse que se eu quiser colocá-la de castigo eu posso. Isso vai fazer com que a garota pense nas consequências. Eu não acredito que você quer ir morar com essa mulher. A expressão de papai se tornou sombria enquanto apertava seu punho em torno das pedras caídas e o brilho verde desapareceu.

Era hora de controlar os danos. – Isso foi há muito tempo atrás. Eu estava desesperada para voltar porque eu achei que seria o mais próximo de ter uma mãe.

Papai estendeu a mão e bagunçou seus cachos. – E agora?

- Estou em casa. Keelie inclinou-se e ele colocou seu braço em volta de

seu ombro. – O que acontece agora?

Suspirando, o pai olhou para as árvores como se a Bhata pudesse estar segurando um cartão de sugestão sobre o que fazer com uma filha adolescente e sua amiga rebelde. – Não fale do unicórnio com ninguém, e Keelie, não vá para a floresta sem mim. Eu disse que Einhorn tem motivos para não confiar nos elfos, e você também.

- Isso soa como um aviso.

- E é. Não posso perder você de novo.

- Então me deixe ajudar, pai. Ela se afastou dele, irritada. - Você está me tratando como criança. Se há perigo real, então me diga o que está acontecendo. Este "apenas Einhorn sabe" é besteira ".

Ele arqueou as sobrancelhas em surpresa. - Eu estou tentando protegê-la. Você já passou por muita coisa nos últimos meses. Magia é algo novo para você e eu ainda estou tentando lidar com o quão poderosa é a sua magia. A melhor coisa para você é ficar fora da floresta e ficar longe do unicórnio.

- O unicórnio, os cavaleiros. Claro, eu vou ficar longe de tudo e de todos. Apenas me tranque no Chalé Suíço e me chame de Rapunzel. Eu ouvi sobre o recado enviado aos cavaleiros. Jared me disse.

- Fique longe dele também.

- O Quê? Tudo bem, com quem eu posso falar? Sua voz levantou-se com cada palavra frustrada. - Você, Janice, Sir Davey, Knot, e eu acho que as árvores.

- Nem as árvores.

- Ótimo. A palavra saiu em um grito. - Deixe-me saber como mantê-los fora da minha cabeça, pastor das árvores.

Ele passou a mão sobre o rosto e encostou-se numa muda de castanha, como se tirando conforto dela. - Eu não sei o que te dizer. Eu quero que você esteja segura.

- Desde que chegamos a esta Feira, você mudou pai. Conversamos por todo o caminho até aqui, e então de repente você se cala. Você estava me ensinando sobre as árvores, sobre os elfos, e desde que eu vi o unicórnio você não disse nada exceto para eu ficar longe da floresta. Olá? É uma oportunidade para ensinar. Eu não posso aprender tudo por osmose.

- Há algo de muito errado com a floresta aqui, algo que poderia ser perigoso para você. Você não sabe o suficiente sobre a sua magia, e eu não posso ajudá-la agora. Eu tenho a floresta e o unicórnio para lidar. As pontas de suas orelhas pontudas estavam vermelhas e seu rosto estava pálido, tornando as olheiras sob seus olhos mais gritantes.

- Eu derrotei o Barrete Vermelho, não foi? A pequena criatura assassina quase matou Sir Davey.

- Tivemos sorte e não há nenhuma garantia de que você vai vencer na próxima vez que acontecer. Então, por favor Keelie, fique longe da floresta.

Keelie estava preparada para gritar com ele novamente, mas ela parou. Tudo bem. Ela ficaria longe da floresta. Por enquanto. Mas na próxima vez que o unicórnio chamar, ela iria.

Os olhos cor de folhas verdes de papai olharam vidrados. Ela o abraçou. - Vamos falar sobre isso mais tarde. Ela faria o que tinha que fazer. - Eu sei que você estava doente ontem e você não parece muito bem.

Ele a abraçou de volta. - Eu vou ficar bem. Só estou cansado. Eu não estou ansioso por esta reunião. Eu acho que vou beber um pouco de café do Davey.

Keelie estava chocada, não podia acreditar que o pai iria sequer considerar beber café. Ele deve estar à beira da exaustão.

- Bem, Olá, Laurie. Seu pai estava olhando por cima do seu ombro.

Keelie se virou e viu Laurie em pé na porta da RV, vestindo jeans e Keelie não podia acreditar, a blusa da Vampire Girl de Keelie, aquela que tinha comprado com seu próprio dinheiro em La Jolie Rouge. - O que você está fazendo com a minha blusa?

- Eu achei. Fica bem em mim, não é? Laurie desceu e de uma volta para mostrar.

Ela ia matar Laurie. Essa blusa foi cuidadosamente dobrada dentro de uma mala, escondida onde Knot não podia encontrá-la, o que significava que Laurie tinha ido cavar nas coisas de Keelie.

- Você tem montanhas de roupas novas, então por que você está caçando o que é meu?

- Suas roupas são novas para mim. Vamos lá, amiga, você e eu sempre compartilhamos roupas. Qual é a diferença?

A diferença é que, graças a Knot, suas roupas da moda cabem em um saco plástico, e agora Laurie estava usando as patéticas poucas roupas da moda do esconderijo de Keelie. Mas Keelie deixou pra lá. Laurie estava olhando para seu pai como se ele estivesse prestes a cortar sua cabeça fora.

- Você vai me mandar de volta para casa? Laurie parecia que tinha sido usada em discussões de adultos, como se ela fosse uma bagagem pronta para ser despachada. Mais cedo, Keelie teria ficado do lado dela, mas aquela blusa a fez pensar que faria Laurie ter um bom motivo para suar.

- Você pode ficar com a gente, mas você vai ter que obedecer as minhas regras, as mesmas regras que Keelie tem de seguir. Papai parecia sombrio.

Laurie exalou, obviamente aliviada. - Eu vou. Vou seguir suas regras ao pé da letra. Obrigada por me deixar ficar.

Keelie estava feliz porque Laurie podia ficar, mas elas teriam que conversar sobre suas regras também. Keelie nunca violou a privacidade de sua amiga. Elas dividiam roupas e segredos no passado, mas essas coisas eram livremente dadas, não tomadas. Ela teria que estabelecer parâmetros com Laurie, especialmente se ela ia ajudar o unicórnio. Conciliar magia com a vida real era difícil.

- Hoje é meu primeiro dia na Feira, então o que vamos fazer? Laurie Esfregou as mãos.

Irritada, Keelie notou como sua amiga rapidamente tinha mudado de comportamento agindo de uma adolescente arrependida para uma hóspede de um resort à espera de ser atendida. - Este não é um Clube Medieval.

- Keelie tem que ir para o prédio da administração para falar com Finch, a diretora da Feira. Keelie tem um trabalho, enquanto você, Laurie, terá uma dama de companhia para acompanhá-lo ao redor de Wildewood.

- Dama de companhia? Laurie balançou para trás em seus tênis Converse como se ela fosse desmaiar.

- Quem é que vai acompanhá-la?, Perguntou Keelie, igualmente horrorizada. - Knot?

- Seu gato?, Laurie fez uma cara de “isso pode ficar pior”?

- Eu, respondeu uma voz que Keelie não ouvia há semanas. - Eu cheguei tarde na noite passada e fui recrutada por Sir Davey para tomar conta de alguma criança esta manhã.

Keelie girou e, para sua alegria, viu-se frente a frente com sua amiga Raven. Gritando com alegria, ela correu para abraçá-la.

Raven estava totalente vestida em estilo Renascentista gótico, como a rainha das fadas gótica. Ela usava um corpete de vinil brilhante, que enfatizava sua figura esbelta e parecia elegante contra o branco suave de sua blusa ombros de fora. A saia era preta de babados em cascata com bordas recortadas em vermelho, que foi puxada para cima de um lado e dobrada no cóis da saia para mostrar seu forro preto, com anágua branca de babados e botas de camurça preta.

Raven riu, abraçando Keelie apertado enquanto davam pulinhos. – Pare. Pare. Pare. Fico feliz em ver você também. Mas eu tenho que te dizer que não estou nem um pouco feliz por estar aqui. Meu Deus. Quem levanta tão cedo assim? Raven pressionou a mão na sua cabeça como se ela sofresse de uma ressaca. Ela tirou a mão e bateu os cílios, tornando óbvio que ela

estava apenas brincando. Ela sorriu para Laurie. – E você deve ser a famosa Laurie. Eu já ouvi falar muito de você.

- Prazer em conhecê-la, eu acho. Laurie olhou para Keelie em busca de ajuda.

- Ouvi dizer que vocês escaparam para Rivendell. Estou impressionada. Mas você sabe que a festa não começa sem mim. Raven estalou os dedos e fez uma pose.

Papai pigarreou. - Não vamos incentivá-las.

Raven balançou a cabeça como se concordasse. - É claro, Zeke. Ela piscou para Keelie. - Mas você me deve essa.

Keelie estava de repente no céu. As duas meninas que ela mais se importava no mundo, e elas estavam aqui com ela. Ela adoraria ir a Feira e apenas ser despreocupada e se divertir. Mas ela não podia. Ela tinha um emprego, e tinha um unicórnio para salvar, sem mencionar as árvores.

Papi franziu as sobrancelhas. - Certo. Meninas, eu tenho olhos e ouvidos em toda a Feira e no prado. Ele disse isso ao olhar fixamente e diretamente para Laurie, que parecia alheia ao papai e seu olhar significativo, porque ela estava muito ocupada ficando de boca aberta por Raven. Ele deu a Keelie um olhar severo, em seguida, desistiu e foi em direção ao estacionamento.

- Tenha cuidado pai. Ele disse para ela não confiar em ninguém e ela estava dando a ele o mesmo aviso. A reunião com Lorde Niriël não parecia amigável.

Ele acenou. – Eu vou.

Laurie não notou que ele havia saído. Seus olhos ainda estavam grudados em Raven. – Adorei suas roupas. Onde você conseguiu isso?

- Eu comprei na loja da Francesca na frente dos portões, Raven respondeu. – É da coleção Era das Trevas. Você tem ser realmente descolada para usar esse look. Sinto muito, querida, você é muito loira para usar.

Laurie engasgou. - Eu posso usar preto.

- Vamos fazer o seguinte, nós vamos à loja da Francesca e ver o que combina para você.

- O Quê? Vocês vão fazer compras sem mim? Keelie seria escravizada, enquanto suas duas melhores amigas iam às compras juntas. Elas iam precisar dela para dar opinião, especialmente na loja de Francesca. Totalmente injusto.

- É uma droga que você tenha que trabalhar. Raven pareceu simpática.  
- Mas bem vinda ao mundo real.

- Eu vou sentir sua falta. Não parecia que Laurie realmente quis dizer isso, mas até mesmo a falsa simpatia fez Keelie se sentir um pouco melhor. - Sim, eu vou estar ocupada com algum tipo de tortura que o dragão da Feira tem para mim hoje.

Raven sorriu para ela. - Não faça beicinho. Você tem que trabalhar, porque você foi fazer primeiro as compras. Certo? Eu ouvi sobre suas botas de grife. Está possuída? Você tem as botas de sua mãe e as que a minha mãe te deu na Feira de Montanha Alta. Não é como se precisasse de outro par.

- Eu não sei. Keelie balançou a cabeça. - Elas eram tão lindas que eu não pude resistir.

A excitação de Laurie cresceu. - Você comprou botas de grife aqui? Será que eles ainda têm alguma? Onde?

- Na Feira. Keelie se perguntou se ela poderia manter Laurie longe de descobrir sobre Lady Annie. Laurie apenas sacaria seu cartão de crédito, e, em seguida, ela teria um par também.

- Às vezes, compras por impulso voltam para morder seu traseiro, não é?, Disse Raven, sorrindo. Então, como se tivessem esgotado o assunto das



botas de Keelie e problema do trabalho, ela virou-se para Laurie. - Ei, você dança a dança do ventre?

- Não, mas eu sempre quis aprender.

- Bem, eu posso apresentá-la a Rhiannon Rose. Eu realmente não quero passar o dia fazendo compras. Talvez Rhiannon possa lhe dar algumas aulas de dança do ventre ou algo assim.

Keelie olhou ameaçadoramente. Laurie nunca disse nada sobre querer aprender a dança do ventre quando elas estavam em Baywood. Além disso, a dança do ventre era algo que ela e Raven faziam juntas. Não Laurie e Raven. Só de pensar em seus nomes juntos a fez se sentir miserável.

- Rhiannon estará se apresentando mais tarde no palco do Fletcher Row, e ela é totalmente incrível.

Você vai amá-la. - Raven notou o brilho de Keelie apontando para ela e sorriu ainda mais amplamente. - Não seja um bebê, Keelie. Vamos passar por aqui para ver onde você estará trabalhando. Uma vez que você pagou por suas botas, você pode se divertir também. Eu tenho que trabalhar e pagar pelas minhas coisas. Mamãe diz que constrói o caráter.

Laurie deu de ombros. - Minha mãe não está construindo caráter; ela só me dá seus cartões de crédito.

- Ah, vamos lá, Califórnia, por aqui caráter são apenas personagens assumidos. Talvez você possa comprar um. Raven balançou a mão em direção a Feira com suas bandeiras coloridas e a torre pontiaguda visível através das árvores. - E se você me trouxer algum problema, eu vou mandar você para ser voluntária no Show de Lama.

Laurie olhou horrorizada. -Eu não sei o que é, mas parece horrível.

A Porta da RV abriu e Sir Davey desceu, segurando a porta para se equilibrar. - Ainda aqui? Oh, Raven veio para o café da manhã.

- Oi, Sir Davey. Tem algum café? Se eu não tiver algum logo, eu ficarei mais irritada do que Finch.

- Falando em Finch, eu saí para dizer Keelie que é hora de ir até a administração. Davey desapareceu na RV novamente.

Keelie sabia que tinha que se concentrar no trabalho para pagar as botas. Ela não podia perder outro emprego, não importava o ciúme que sentia da amizade de Raven e Laurie. Era hora de encarar o dragão.

O prédio da administração estava fervendo em atividade. Keelie empurrava as pessoas que iam e viam no salão estreito acarpetado que levava a sala de provas de figurino. O escritório de Finch estava vazio, mas Keelie ouviu sua voz ecoando acima do barulho. Um homem gritava de volta. O cheiro de picle em conserva permeava o salão.

Keelie entrou na sala de provas de figurino, então parou, espantada. Ele era o homem que tinha deixado Lulu muito furiosa na semana passada. Ele foi um desastre fashion ambulante. Alguém devia ser preso por deixá-lo usar sua reveladora calça tão apertada, para não mencionar a camisa de poeta verde hediondo. Ele era um suicida, também. Ele estava cara a cara com Finch, gesticulando de forma dramática.

- Eu preciso de ajuda, ele gritou. Ele parecia um duende alto com pele avermelhada, cabelo loiro tipo morango e um grande e espesso bigode. – Minha segunda Dilly em duas semanas e ela está doente. Eu não posso ter uma Dilly vomitando. Eu preciso de ajuda, estou dizendo!

Ele precisava de ajuda com o seu traje. Ou melhor, ainda, ele precisava comprar o DVD de malhação Buns of Steel, porque seu collant expôs suas nojentas covinhas de queijo cottage no bumbum. Keelie se afastou antes que ficasse totalmente enojada. A polícia da moda renascentista devia proibir calças apertadas e porta-pênis.

Ela se esqueceu dele quando viu Lorde Niriel no canto da sala. Ele devia estar aqui para falar com Finch sobre os cavaleiros. Mas ele estava encostado confortavelmente contra a parede, ignorando o drama e sua atenção estava sobre a prancheta em suas mãos. Mesmo durante o dia Lorde Niriel parecia jovem, quase tão jovem quanto Sean. Todos os elfos tinha essa qualidade, mas ele se misturava com o mundo humano ainda mais fácil do que seu pai.

Usava uma camisa polo por dentro da calça jeans. Seu cabelo castanho arenoso estava amarrado para trás com uma fita marrom, mas solto o suficiente para cobrir suas orelhas de elfo. Tinha um ar competente e eficiente, nada como o loiro de seu filho, com olhar de surfista descontraido.

Keelie corou quando seu olhar encontrou o dela, e ela se virou quando seu olhar se tornou minucioso. Ela precisava falar com ele sobre as cartas desaparecidas de Sean, mas ela não seria capaz depois que Finch a visse. Lorde Niriel estava para descobrir que ela era o faz tudo da Feira e ele provavelmente iria ouvir o que quer que Finch tinha para falar sobre ela. E se Elia já tivesse falado sobre os seus fracassos no trabalho? Este seria um bom momento para estar em outro lugar.

Finch a viu e fez um gesto com a mão. – Heartwood por aqui. Ela ainda estava quase nariz com nariz com o enorme duende que estava tendo uma conversa com ele mesmo, porque Finch não estava escutando.

Um alarme estremeceu o corpo de Keelie enquanto olhava de Finch ao pesadelo verde. Não. A vida não podia ser tão cruel. Sua sorte não podia ser tão ruim.

- Keelie, este é Sir Brine de Cucumberton. Você é exatamente a pessoa que ele precisa para ser sua assistente, Dilly de Dale.

Brine. O verde de repente fez sentido, e lembrou-se do caminho repleto de picles mutilados e a pobre menina empurrando o carrinho atrás dele. O Homem Picles. Oh Deus, ela estava indo trabalhar para o Homem Picles. Seus pés pareciam congelados no piso de madeira.

Ela ficou com medo da reação de Raven e Laurie se a visse trabalhando com Sir Brine. Pelo menos nenhuma delas tinha testemunhado o fiasco do Plumpkin ou o desastre do Filé na Estaca. Laurie iria voltar para a escola e dizer a todos os seus amigos da Academia Baywood que Keelie tinha um emprego como vendedora de picles. Que humilhante. Finch franziu os lábios e esfregou a mão contra sua têmpora quando Sir Brine de Cucumberton falou. Talvez Plumpkin fosse sair da aposentadoria.

Então Finch apontou para Keelie, e o Homem Picles se virou para ela. Ele a olhou de cima a baixo, em seguida, zombou e balançou a cabeça. - Eu

preciso de um trabalhador forte. Essa garota magra não pode empurrar o carrinho.

Keelie suspirou aliviada. Tudo bem, dê a ela um pouco de crédito. Ele sabia, olhando para ela, que eles não trabalhariam bem juntos.

Finch levantou as mãos como se dissesse: - é isso, é pegar ou largar.

Os olhos de Lorde Niriël passou de Finch ao Homem Picles e para Keelie. Ela sorriu fracamente para ele.

Sir Brine colocou as mãos nos quadris e bateu o pé, os olhos piscando enquanto a verificava lá fora. Em seguida, ele assentiu.

Não, não acene, Keelie pensou. Faça cara feia e olhe para outra pessoa.

Finch sorriu largamente, certa de que ganhou com argumento. Ela sempre ganha.

Oh Deus. Talvez eles lhe dessem uma máscara para vestir.

Lorde Niriël caminhou até ela. - Se a sua inclinação para a má sorte com os empregos na Feira Renascentista continuar com o Homem Picles hoje, então venha me ver. Desde que você consegue encantar um tipo especial de cavalo, então você tem sem dúvida charme com os outros cavalos. Você daria um grande escudeiro.

Keelie não sabia se deveria ficar chocada, aliviada ou honrada. Absolutamente todos na Feira deve ter ouvido falar sobre o seu registro de trabalho desastroso, mas agora um Lorde élfico, o pai de seu namorado, tinha oferecido a ela um emprego na companhia de cavaleiros. Mas antes que ela pudesse responder ele foi embora, cantarolando e estudando sua prancheta, como se tivesse esquecido que ela estava lá.

Finch estalou os dedos na frente de seu rosto. - Preste atenção, Heartwood. Sir Brine de Cucumberton diz que vai aceitá-la. Graças a Deus, se eu tivesse que escutá-lo zumbindo por mais um segundo, então eu ia enfiar um pepino na boca para fazê-lo calar a boca.

Keelie sentiu um amargo em seu estômago. Alguma coisa ruim ia

acontecer. - Você tem certeza? Quero dizer após o incidente no Filé na Estaca você realmente quer que eu trabalhe com comida?

Finch pigarreou. - Você está brincando comigo? Com todo mundo ficando doente eu estou feliz por ter alguns corpos quentes para preencher algumas das vagas. Fique feliz que você não está no torneio. Você vai adorar este trabalho. Você vai empurrar o carrinho de pickles enquanto Sir Brine canta sua música e dança. Em seguida, ele vai recolher o dinheiro e você só vai servir os pickles para os clientes pagantes. Deve ser tudo judeu. Finch riu da sua piada estúpida.

- A propósito, seu pai disse que conversou com o seu gato. Ele entende sobre as restrições da Feira agora e não devemos mais ter problemas com gatos.

Viu, até Finch sabia sobre o meu pai conversando com Knot, não de Knot.

Sir Brine de Cucumberton arqueou uma sobrancelha: - Seu pai fala com o seu gato?

- É uma longa história. Keelie deu de ombros.

Ele fez um movimento de varredura com a mão. - Apresse-se e pegue o seu traje. Os portões abrem em trinta minutos. Eu espero que você seja uma boa aquisição, Heartwood. Ou devo dizer Dilly? Ele riu uma gargalhada um pouco estranha.

Trinta minutos mais tarde, Mona a costureira recheou Keelie com uma camisa de camponês verde manchada, calça de casimira abaixo do joelho. Keelie olhou melancolicamente para a cabeça do Plumpkin, que agora jazia abandonada e desamparado ao lado da cabeça de unicórnio. Ela percebeu que era nostálgico mas só porque não estava perto o suficiente para sentir o cheiro.

O carro de pickles estava estacionado em frente. Era um barril de pickles pesado, a ponta de cima com duas grandes rodas verdes de cada lado e longos cabos de madeira que pareciam ser feitos para um burro ou um pônei puxar. Sir Brine trotou pela frente e Keelie agarrou as alças e empurrou o carrinho pesado no caminho de cascalho depois dele. Sir Brine de Cucumberton cantava: “Você conhece o Homem Pickles, o Homem Pickles, o Homem Pickles? Você conhece o Homem Pickles, que caminha

pela Nottingham Lane?

Mesmo que Sir Brine tivesse uma boa voz de barítono, sua estúpida canção de pickles já estava dando nos nervos. Pior, agora que ela estava lá fora, Keelie sentiu que algo estava diferente; algo estava errado. Não era o Pânico, mas algo semelhante a isso que contaminou parte da manhã. Ela não poderia se envolver, mas sua pele se arrepiou e sua cabeça doía como aconteceu depois de muita magia de árvore. Sua visão ficou distorcida e o ar estava nebuloso como se uma névoa espessa de discórdia cobrisse a Feira.

Keelie pensou que ela devia ser a única pessoa que podia sentir a estranheza, porque eles venderam dezenas de pickles. As pessoas pareciam amar Sir Brine. Ela se perguntou se eles realmente comiam os pickles ou compravam porque achavam o vendedor engraçado.

Eles andaram em círculo, desde os portões da frente até a arena dos torneios e de volta a Alameda Encantada. Eles estavam quase na loja Heartwood quando viu que estava fechada. Papai ainda devia estar no alojamento. Foi então que Keelie percebeu que algo estava muito diferente sobre a paisagem.

- Dilly apresse-se. Eu quero parar para almoçar depois fazemos isso de novo. Ele começou a cantar sua canção pelo que parecia a milésima vez.

Keelie revirou os olhos e inclinou-se para empurrar o carrinho sobre o caminho coberto de frutos.

- Cuidado moça, você vai bater nessa árvore. O homem picle puxou e agarrou a frente do carrinho para puxá-lo para o lado.

Keelie parou de empurrar e o carrinho rolou para o lado dela, batendo no seu quadril. Ela quase não sentiu o choque, sua atenção estava fixa no enorme e delgado carvalho no caminho. A árvore não estava neste lugar hoje de manhã. Um dos carvalhos da alameda tinha se movido e agora estava parado entre a loja de seu pai e a loja de fantoches da Lulu.

Ela olhou em volta para as lojas. Ninguém pareceu notar a árvore. Ela colocou a mão em direção à casca, em seguida, puxou-a para trás e, em vez de abrir-se para a floresta. Raiva. Ela ficou surpresa ao sentir forte

fluxo de animosidade fluir com ela, junto com um sentimento realmente nojento. Doença. Até estas árvores estavam doentes. Um enjôo fez seus joelhos ficarem fraco. Ela procurou descontroladamente pelo cristal rosa que neutralizaria o efeito da magia da árvore, ela percebeu que seu traje não tinha bolsos. Seu cristal estava na administração no bolso da calça jeans. Sentia-se totalmente aberta, exposta à magia ao seu redor. Ela ia ter que encontrar uma maneira de ficar longe de Sir Brine e voltar à administração.

Sir Brine olhou em volta. - Nós podemos ficar aqui por um tempo.

- Ficar aqui? Se Laurie e Raven foi para a loja de ervas de Janice elas teriam que passar direto por ela.

- Certamente. Nós andamos para cima e para baixo nas ruas, então paramos por um tempo. Nós podemos ficar aqui cerca de vinte minutos e ver como o negócio anda. - Ele empurrou o carrinho para o lado do caminho e começou a cantar novamente.

Eles estavam na frente da loja de Lulu. Lulu tinha companhia, um homem de aparência austera em vestes de feiticeiro que ela tinha visto observando Lulu pelos portões da frente no dia da abertura. Ele se sentou em uma cadeira atrás do balcão enquanto Lulu acenava desanimadamente para as crianças que passavam por sua loja. Seu traje estava amassado e suas asas tortas e mal penduradas nas costas como se tivessem sido deixadas na chuva. Ela pegou uma garrafa embrulhada em um saco de papel marrom e bebeu dela.

Lulu então notou o carrinho, e chegou à porta da loja. Ela não tinha visto Keelie ainda. Ela zombou de Sir Brine. - Saia daqui e vá vender seus picles em outro lugar, seu idiota verde.

Sir Brine olhou para ela. Ele colocou as mãos nos quadris e cantou,  
- A velha mãe marionete foi até o armário, à espera de encontrar Elianard, mas quando ela chegou lá, ela descobriu que estava nua, e agora ela está sozinha.

- Ah, cala a boca. Lulu bebeu tudo o que estava em sua garrafa marrom.

Keelie não podia acreditar que a rejeição de Elianard havia quebrado seu



coração. Ela não achava que uma bruxa que caçava a imaginação das crianças poderia ter um coração.

Uma multidão de frequentadores da Feira se reuniu em volta e assistiam, rindo como se a batalha dos vendedores fosse parte do show. Sir Brine sorriu e começou sua canção de Homem Picles. Ele moveu suas mãos, como se estivesse dirigindo uma orquestra, em seguida, virou-se para Keelie. - Ok, Dilly junte-se ao coro. Sim, eu sei que o Homem Picles, o Homem Picles, o Homem Picles, que caminha pela Alameda Encantada.

Keelie fitou-o com os braços cruzados sobre o peito. Ela não ia cantar.

Ele sorriu para ela e novamente animadamente moveu seus braços com grandes gestos. - Cante, Dilly. De jeito nenhum ela iria cantar. Ela não. Não vai acontecer. Ela apontou para sua orelha e abanou a cabeça, imitando que ela era surda.

Ele arqueou uma sobrancelha, colocou as mãos nos quadris e bateu o pé. Keelie sorriu para ele, em seguida, chegou para o barril de picles com suas grandes pinças de prata e tirou um enorme e verrugoso picle verde. O cheiro picante de vinagre e especiarias encheu o ar. Talvez se eles exibissem o produto ela poderia desviar a atenção de Sir Brine de sua música e de sua dança.

Uma menina com cabelos cacheados, vestida com uma roupa rosa de fadas, apontou para ela com um dedo gordinho. - Icle.

Ah, que fofinha!

Mãe da menina procurou dinheiro na bolsa. - Ela adora picles. Quanto custa?

Keelie apontou para a placa de madeira que tinha R\$1,00 entalhado nela. Ela queria perguntar quantos anos tinha a menina, mas ela teve que ficar no personagem.

A mãe deu um dólar e Keelie entregou um picle embrulhado num guardanapo para a menina. Pelo canto do olho, ela viu três dos carvalhos em frente à Heartwood levantar seus ramos em perfeita sincronia, como se estivessem tomando direções de palco de alguém nas proximidades.

A menina franziu o rosto quando ela olhou para as árvores e Keelie seguiu seu olhar. A casca dos troncos das árvores tinham formado rostos. Olhos verdes escuros piscaram da casca. Uh oh. Este não era um comportamento normal de árvore, mesmo para a floresta do unicórnio. Ela tinha que entrar em contato com o pai antes que mais pessoas notassem.

O pequeno gato branco atravessou a pista e foi para as escadas da Loja Heartwood. Keelie se perguntou se Knot estava por perto também. Ele poderia levar uma mensagem ao papai. Melhor ainda, ela mesma poderia fazer isso. Ela fechou os olhos e abriu sua mente para as árvores, procurando por aquela sensação verde, como seiva correndo pelas suas veias. Por um segundo estava lá, então rapidamente foi cortado e ela se sentiu enjoada.

Ela cambaleou e agarrou o carrinho para se firmar. Chocada, ela percebeu que os carvalhos haviam bloqueado sua tentativa telepática de se comunicar com eles. O coração Aspen estava frio contra sua pele.

Os carvalhos balançavam para lá e para cá como se um vento forte valsasse através de suas copas, o silvo de suas folhas eram tão alto como se uma tempestade estivesse se aproximando. As pessoas estavam olhando para cima, buscando o céu por nuvens. Keelie olhou para cima também, mas ela procurou nas copas mais altas das árvores por qualquer sinal de Bhata causando problemas. Ela fechou os olhos, abrindo-se para as árvores mais uma vez. Ainda assim, o coração Aspen estava frio e desta vez a náusea que se seguiu a colocou de joelhos. Ela sentiu a hostilidade. As árvores não a queriam por perto.

Uma única nota adorável tocou pelo ar e Elia pisou em um feixe de luz solar no meio da Alameda Encantada. Ela tocava sua harpa e cantava: "Aqui está a canção da menina Picles, a maior perdedora do mundo. De dia ela tem cheiro a suco de picles, cuidado quando ela está a solta"

Era apenas Elia. Keelie poderia lidar com ela, apesar da menina elfo ter ido muito mal à intervenção poética. Ela tinha alguma coragem, chamando Keelie de perdedora quando suas rimas eram tão horríveis.

Enquanto Elia se aproximava, a menininha vestida de fada deixou cair seu picle e escondeu o rosto na calça jeans da sua mãe.

Sir Brine se aproximou e pegou o picle descartado, agora empoeirado. - Dilly, dê a essa princesa fada outro.

Elia passeou mais perto do carrinho de picle e jogou outro acorde em sua harpa. Os cabelos no pescoço de Keelie se levantaram.

A menininha manteve seus braços firmemente enrolados em volta da perna de sua mãe. Keelie notou que o olhar de Elia estava voltado para a criança. Atrás deles, as árvores balançavam juntas na mesma direção, como dançarinos coreografados da floresta.

Instintivamente, Keelie correu para ficar na frente da menina e sua mãe quando todos os carvalhos agiam como estilingue vivo, enviando uma enxurrada de frutos que voavam em direção a eles. Ela estendeu a mão com a palma para fora e visualizou um escudo de magia verde para protegê-los. Formigamentos de magia fluíam por ela enquanto seu talismã, o coração da rainha Aspen, ficava quente.

A voz de Sir Brine levantou-se sobre a multidão. – Fiquem calmos, é apenas o vento soprando.

Keelie telepaticamente convocou Tavak. Eu preciso de sua ajuda. Ela permitiu que a árvore visse através de seus olhos, como se ela fosse uma câmera de vídeo.

Tavak respondeu imediatamente. Pastora das Árvores, o medo às fizeram selvagens.

Medo de quê?

A resposta de Tavak foi abafada; então ele ficou em silêncio. Keelie se perguntava o que estava acontecendo por aqui.

Um grito irrompeu atrás dela. Ela se virou, temendo que a mãe e a menina tivessem sido feridas, mas foi Lulu quem tinha gritado. Centenas de frutos cobriram a entrada de sua loja. Frutos rolavam pelo telhado e vergões vermelhos cobriam seu rosto, onde ela era atacada pelos projéteis de noz. O feiticeiro almofadinha que estava vigiando-a encarou Lulu como se a nevasca de frutos fosse culpa dela.

O carvalho que estava entre Heartwood e a loja de Lulu parecia tornar-se mais vivo, mais animado. Um rosto se formou a partir dos nós em seu tronco. Keelie olhava, fascinada. Ela tinha visto o rosto de uma árvore antes, nos prados da Feira de Montanha Alta, mas ela tinha considerado Hrok sua amiga. Esta árvore era uma estranha.

A menina engasgou e apontou para os olhos fechados, o nariz e os lábios que se formaram na casca. A mãe olhou, mas, aparentemente, não viu nada. Keelie observava a menina, perguntando o que ela poderia fazer para diminuir seu medo.

Keelie acenou para chamar a atenção da mãe. - Senhora? Há um zoológico ali com ovelhas, galinhas e pôneis. Ela apontou para a placa que marcava o caminho para o jardim zoológico.

- Você pode falar, a criança disse em tom de acusação.

Keelie colocou o dedo indicador contra o lábio e piscou.

A menina deu uma risadinha.

Estamos com você, Pastora das Árvores. Tavak falou novamente em sua cabeça. Toque no carvalho. Lorde Einhorn vai usar sua magia para ajudá-la a entrar em contato com ele.

Ela estremeceu e se perguntou onde ele estava, desejando que ele não confiasse nela. É para isso que meu pai está aqui. Ela olhou em volta, mas só viu a Feira ocupada e os rostos ávidos da multidão ao seu redor. O unicórnio estava tão doente que a sua guarda podia estar comprometida. Se ele saiu da floresta, talvez a criança pudesse vê-lo, assim como todos os outros inocentes aqui. Se apenas o papai estivesse aqui. Ele gostaria de saber que Einhorn queria falar com ela.

O gato vira-lata branco miou a seus pés. Keelie abaixou-se, pegou-o e o colocou no parapeito que beirava um lado da loja Heartwood.

– Gatinho bobo. Você pode se machucar. Volte para o acampamento e fique com Knot.

Ela estendeu a mão para o carvalho e ele abriu-se para ela, permitindo ver seus pensamentos pelo toque. Ela não precisava do unicórnio para falar

com uma árvore, especialmente este pobre carvalho. Estava machucando. Ela estendeu a mão e roçou sua casca áspera. Dor encheu sua mente. Cambaleando, ela caiu para frente, trazendo as duas mãos em pleno contato com a árvore, enquanto tentava se equilibrar. Ela gritou quando a dor do carvalho a percorreu. Caiu de joelhos, tentou livrar seus pensamentos da árvore. Mas ela estava presa.

## 20

Na escuridão verde, a mente de Keelie estava presa na mente da árvore, seus movimentos eram lentos. Ela latejava de dor e sede e desespero. Ela sentiu Lorde Einhorn, e viu que ele estava frágil e quase transparente. Ele tinha desistido de tudo pela floresta. Ele estava entre ela e o mal negro que ameaçava a todos.

Keelie era a árvore. Vozes a cercavam, como o farfalhar das folhas antes de uma tempestade. Ela tinha que encontrar o Pastor das Árvores, mesmo que ele não atendesse suas chamadas. Filha do Pastor das árvores era muito jovem, embora ela tivesse raízes profundas.

Como se ela fosse a árvore, ela sentiu a mudança de raízes. Onde seria a perna esquerda era uma torção de raízes que atingiram grosso e profundo, na terra nutritiva. Sua mente estava conectada com a árvore. Ela puxou, e a raiz mexeu-se novamente. Ela puxou mais forte agora, e foi puxada do chão e serpenteava através da parte superior da Terra. A dor era insuportável.

Keelie tentou mais uma vez se separar da árvore quando ela empurrou suas raízes mais para fora, e as extremidades e as raízes procuraram o solo e afundou-se novamente. Sua copa avançou novamente. Como se ela fosse a árvore, ela estendeu os seus ramos para se equilibrar e um ninho abandonado de Robin conseguiu se libertar do seu ombro e caiu, virando mais e mais a lasca para o chão abaixo. Os humanos invadiram em torno das suas raízes, correndo para trás. Ela se viu na base da árvore.

Brük, o nome da árvore era Brük e ela era uma muda do poderoso Silak do lugar antigo, a floresta intocada que não sentia nenhuma dor, exceto o fogo do céu que às vezes vinha antes da chuva.

- Dilly! Uau, moça, você está doente, também? Ela ouviu as palavras e as entendia, mas não tinha voz para responder.

Ela estava de volta. Keelie abriu os olhos. Ela estava deitada no meio do caminho de terra. Sir Brine estava sobre ela, um picle embrulhado em papel na mão e uma expressão preocupada no rosto.

- Você está de volta? Eu acho que você bateu a cabeça na árvore. Ele sorriu nervosamente. - Não quero que você fique doente, mocinha.

Por cima do ombro, viu Brük a árvore. O carvalho tornou-se mais realista, mais humano na aparência. Ele estava olhando para ela, sentado em um galho enorme mas seus olhos era do gato branco, com o queixo apontado para cima e os olhos em fenda fechados como se estivesse cheirando o ar. O rosto no carvalho piscou, então os olhos, o nariz e a boca se tornaram nós. O gato se sacudiu, depois parecia entrar em colapso, se contorcendo nos ramos. O cheiro de terra argilosa e florestas profundas em um dia frio de primavera a cercava, enquanto dava uma sensação de calma. O carvalho estavam tranquilo; dormindo e sem dor.

Keelie suspirou de alívio. O gato olhou para ela e miou compassivamente.

Sir Brine coçou a cabeça. - Eu podia jurar que vi um rosto naquela árvore. O que a administração da Feira está pensando? Nós pagamos mais e mais para poder manter nossos negócios, e eles estão gastando o dinheiro em fantasias animatronics em vez de investir em um balneário decente.

Keelie ignorou seu discurso retórico, mas ela não podia ignorar o fato de que ele tinha visto a árvore. Onde estava seu pai? Ela não podia lidar com tudo isso sozinha. Acima de tudo, como ela conseguiu tirar esse gato idiota fora do carvalho? Não que ela tivesse feito. A primeira coisa a fazer era conseguir uma aspirina, porque sua cabeça latejava. Keelie levantou-se e tirou o pó de seu traje de picles. Ela nunca deveria ter tocado a árvore sem

o cristal rosa. Ela sabia disso. Estar dentro de uma árvore foi uma experiência totalmente nova, no entanto.

- De volta ao trabalho, Dilly.

Sir Brine estava trabalhando, e Keelie obedientemente entregava picles para os compradores. Elia se aproximou, sua harpa em uma mão, e colocou a outra mão sobre a tampa do barril para impedir Keelie de obter outro picle. Seu cabelo dourado longo estava torcido em cachos brilhantes em cascata até sua pequena cintura. Ela usava um vestido longo equipado com amplas mangas verdes e luvas azuis apertadas, bordadas em ouro embaixo.

As mangas verdes foram vagamente atadas sobre um pano branco fino fofo. Um cinto de couro baixo foi apertado ao redor de sua cintura, todo trabalhado em volta com folhas de carvalho e frutos. Doeu em Keelie saber que Elia era tão bonita por fora e tão horrenda dentro.

Como que para provar que estava certa, a menina elfo se inclinou para frente e sussurrou: - Diga-me onde o unicórnio está e eu não vou machucar a menina humana.

Keelie olhou ao redor. A menina e sua mãe não tinham ido para o zoológico ainda. Eles estavam descendo os degraus da loja de Lulu. Lulu parecia pateticamente feliz em vê-las.

Keelie tirou a mão de Elia, em seguida, levantou a tampa, estendeu a mão e pegou um pepino em conserva. - Eu pensei que elfos não deveriam usar magia na frente dos seres humanos.

- Nós não devemos, mas eu preciso saber onde o unicórnio está. Se você não me disser, então eu vou seguir aquela menininha no zoológico e vou me certificar de que todos os animais vão machucá-la porque você foi legal com ela. Todos os tipos de coisas estranhas estão acontecendo na Feira hoje, não estão? Elia tocou uma corda da harpa para enfatizar o que tinha dito e sorriu sem sinceridade.

Keelie correspondeu a seu sorriso falso quando ela embrulhou o picle no papel de cera. - Eu não sei onde o unicórnio está.

- Ele está aqui. Eu posso senti-lo. E ele chamou você na noite passada.

Keelie lembrou do aviso de seu pai de não falar sobre o unicórnio. Nenhuma preocupação com isso. – Você estava esperando que ele viesse até você Elia, e ele não veio? Talvez você o tenha assustado.

- Muito engraçada. Mas se você não trouxer o unicórnio aqui agora mesmo, eu vou cumprir minha ameaça. Não se esqueça que eu amaldiçoei o seu pássaro, e posso amaldiçoar o porquinho humano horroroso.

Keelie fechou a tampa do barril nos dedos de Elia. A menina elfo gritou e agarrou a mão para trás, soltando sua harpa. Ela olhou para Keelie.

- Isso dói!

Keelie agarrou a harpa e segurou-a perto de seu peito.

- Tire suas mãos humanas sujas da minha harpa, gritou Elia.

Sir Brine as assistia de olhos arregalados, e uma multidão de frequentadores da Feira haviam se reunido pensando que as meninas estavam dando um show.

Não perdendo o momento, Elia embalou a mão contra o peito como se estivesse ferido. Sua voz se elevou plangente, sobre a multidão. - Eu tenho que encontrar o príncipe John, e vou fazer com que este mascate de picle ímpio seja punido. Agora me devolva minha harpa, sua miserável vilã.

Keelie deu de ombros, apontou para sua orelha, e balançou a cabeça.

Elia bateu o pé no chão e gritou. - Supere essa péssima atuação. Você pode falar. Eu quero minha harpa de volta.

- Dilly, você deve devolver a harpa para a princesa Eleanor. Sir Brine pegou uma extremidade da harpa e Keelie agarrou-se a outra. Sua voz baixou para um silvo. - Sua idiota. O que você acha que está fazendo?

Por alguns segundos, um cabo de guerra continuou entre Keelie e Sir



Brine, enquanto Elia ergueu a mão ferida e fingiu chorar.

- O que é isso? A voz familiar do Pequeno John cresceu ao longo da clareira. Ele colocou seu braço corpulento ao redor de Elia, que encarou ele. Então ela sorriu, quando uma idéia maléfica tinha se instalado em seu cérebro.

- Oh, Pequeno John, salve a minha harpa, ela guinchou como uma donzela em perigo. Eu fui atacada por este picle camponês bestial, e ela roubou minha harpa.

O rosto do Pequeno John ficou vermelho e seus olhos se estreitaram quando ele atirou para Keelie e Sir Brine um olhar muito desagradável.

Keelie tinha visto aquele olhar super zeloso antes. Ali estava alguém que ainda era o Pequeno John mesmo depois de a Feira fechar e os mundanos já tiverem ido para casa.

Sir Brine soltou a harpa e apontou para Keelie. - Ela roubou de Lady Eleanor.

Que covarde!

João Pequeno soltou Elia e segurou seu bastão diante dele. A multidão tinha crescido, e agora eles aplaudiam. - João Pequeno. João Pequeno. João Pequeno.

Ele socou o punho no ar, então se virou para Keelie. - Camponesa, você vai devolver a harpa a Lady Eleanor ou eu vou ter que persuadi-la? Ele girou seu bastão como se ele fosse um membro da Sherwood Marching Band. E ele estava olhando diretamente para Keelie.

Sim. Alguém não tinha tomado sua medicação nessa manhã e tinha escorregado de volta para seu próprio faz-de-conta de mundo medieval. Não valia a pena um braço quebrado.

Keelie empurrou a harpa na direção de uma Elia sorridente, que assobiou "Camponesa de orelha redonda". Ela pegou sua harpa e fez um grande show examinando se ela estava danificada, antes de jogar seus cachos e sair em um redemoinho de saias.

Vitorioso, o trapaceiro e delirante Homem Feliz segurou seu bastão para cima e a multidão aplaudiu.

João Pequeno fez um "V" com dois dedos e apontou para os olhos e, em seguida, para Keelie. Ele marchou para longe, acompanhado por seu grupo crescente de admiradores. Uma figura escura saiu da multidão e caminhou em direção a eles, aplaudindo com entusiasmo. Era Raven. Ela riu e se virou para assistir o desfile de João Pequeno pelo canto, em seguida, virou-se de volta para encarar Keelie e Sir Brine.

- E pensar que há apenas duas semanas, dificilmente poderia fazer você vestir uma fantasia. Você chegou a ser bastante a rainha do drama.

Atrás de Raven tinha alguém com uma fantasia de Francesca. Se Keelie não tinha ficado verde por fora antes, ela certamente estava agora. Laurie usava um delicioso vestido de Francesca em brocado verde e ouro com mangas longas fluindo. O painel da frente da saia foi impresso com ricas folhas douradas profundas contra um fundo de tecido verde e ela tinha uma guirlanda de flores se harmonizando em seu cabelo com fitas fluindo abaixo da parte traseira.

Keelie gemeu por dentro e se preparou para uma ladainha de comentários de picles. Ela esperou que eles comessem a rolar para fora da língua de Laurie.

Em vez disso, Laurie fez uma postura de giro. Keelie queria jogar um picle nela. Vamos ver se ela gosta de um pouco de vinagre em seu novo vestido. Mas ela colou um sorriso, assim como a mãe costumava fazer quando ela ia atender um cliente que não queria fora do escritório, e sufocou as palavras. - Isso é realmente lindo.

- Não é? É tão divertido fazer compras com a Laurie. Ela nem olha o preço nas etiquetas. Raven revirou os olhos. – Nós estamos indo no estande de tranças. Woo hoo!

Papai estava realmente, realmente, realmente em dívida com Raven.

Laurie sorriu. – Onde você vai estar? Eu quero te mostrar meu cabelo quando estiver pronto.

Keelie olhou para Sir Brine, que sorriu para Laurie. – Estaremos no Maypole senhora e eu tenho um grande picle para você.

Nojento. Ela se perguntou se Finch sabia que Sir Brine era um perverso.

Laurie colocou a mão sobre a boca, para evitar engasgar ou para rir. Antes de Keelie descobrir, Lady Annie saiu de seu estande e pendurou mais botas lindas em ganchos de exibição.

Os olhos de Laurie se arregalaram. - Oh. Meu. Deus. Olhe para essas botas cósmico-estelares. Eu tenho que ter um par.

O coração de Keelie caiu até os dedos dos pés. Laurie já estava atravessando a pista para ir até Lady Annie. A vida simplesmente não era justa.

Sir Brine colocou a mão em seu ombro e gritou: - Mexa-se, Dilly. Precisamos chegar ao Maypole.

Raven se aproximou de Keelie. - Eu vi o rosto no carvalho. Há vibrações muito ruins acontecendo por aqui. Agora a pouco, o passeio do Barril foi frenético. Precisou de quinze trabalhadores da feira para pará-lo, quando normalmente só precisa de dois.

- É mais do que más vibrações. Falaremos mais tarde.

- Dilly mexa-se, Sir Brine gritou, em seguida, virou o grito em um canto tirolês de picle.

- Dilly? Raven perguntou.

Tentando manter um pouco de sua dignidade, Keelie levantou as alças do carrinho de mão. - Eu tenho picles para vender. Pelo menos as botas tinha mantido Laurie longe para comentar sobre seu trabalho, mas viria, ela estava certa. Laurie não perdia nada.

Ela virou o carrinho, ansiosa para chegar ao Maypole antes que Elia

tivesse a chance de possivelmente ir adiante com sua ameaça contra a menina. Elia parecia desagradável, mas não má.

- Parece que você vai ser um picle esguichado, garota. Ele vai usar a catapulta. Lulu estava em sua varanda. Ela tomou um gole de sua garrafa, em seguida, chutou os frutos do degrau mais alto. - Você é aquela pirralha Heartwood que era o Plumpkin. Tive a pior sorte desde que me mudei para o lado de seu estande; é como um circo psicótico sem fim por aqui. Eu mesma vi o seu gato digitar com pata um número num telefone celular e miar para ele outro dia. Ela bufou e tomou outro gole.

Kont em um telefone celular. Mesmo Keelie tinha dificuldade em acreditar nisso. Talvez um determinado fabricante de fantoche estivesse tomando hidromel por muito tempo.

Keelie esperava que o pai voltasse da reunião logo. Ela se perguntava o quanto ele havia sentido da dor da árvore. Bruk vinha lutando para chegar até ele, e sabia que o unicórnio estava doente. Eles tinham muito que conversar e se Finch encontrasse a loja fechada, seu crânio iria se dividir e o dragão que cospe fogo interior iria explodir a partir de sua cabeça.

O gato branco sentou-se nos degraus do estande.

- Ei, coisa ruim. Como você saiu da árvore?

Ele olhou para ela com atenção, e por um momento Keelie viu um brilho iridescente em sua pele. Quando ela piscou os olhos, ele parecia um gato branco comum. Isto é o que aconteceu quando você fica fora a noite toda perseguindo unicórnios. Você começa a ver coisas que não existem. Ou talvez um dos Rennies tivesse colocado loção de brilho na pele do pobre gato.

- Dilly, ande comigo. Sir Brine estava muito à frente dela.

Keelie empurrou o barril, e ele começou a cantar. – Você conhece o

Homem Picle, o Homem Picle, o Homem Picle. Você conhece o Homem Picle, pulando para a Pottery Row?

Se Sir Brine pensou que ela ia cantar após o incidente com Elia, esqueça. Ela tocou na harpa de Elia, tinha segurado na mão dela. Agora que a menina elfo a tinha de volta, não havia como saber o que ela faria, o que significa mais trabalho para Keelie.

Ela estava começando a ver o pastoreio de árvore como se fosse o próprio trabalho. Não só implicava em manter as árvores na linha e em equilíbrio, mas também em protegê-las contra os efeitos nocivos incluindo dos seres humanos. Estranho ela começar a pensar em pessoas como "seres humanos".

Ela pensou em Bruk, o Príncipe Carvalho. Ele estava sofrendo muito, e mesmo assim ele se esforçava para chegar a Heartwood. Keelie tocou o coração de Aspen, que pulsava quente em seu peito num sinal tangível de sua herança. Ela rapidamente soltou-o quando o carrinho, fora de equilíbrio, girou para um lado.

- Dilly, apresse-se. O grito de Sir Brine ecoou embaraçosamente no falso estuque dos edifícios próximos. O suor escorria pelas costas de Keelie. As pessoas pararam e olharam para ela enquanto ela empurrava o carrinho pesado para cima. Ela verificou as árvores enquanto ela bufava pelo caminho. As coníferas que ladeavam a ampla pista inclinada estavam mais calmas do que os carvalhos tinham sido próximo a Heartwood. Seu talismã ainda estava quente contra sua pele, assegurando-lhe que estava ligada à magia. Keelie não tinha gostado de ter sua ligação mental com a floresta bloqueada pelos carvalhos na Alameda Encantada. Ela tinha que voltar a Heartwood o mais rápido possível, para verificar as árvores e para se certificar que papai tinha retornado do acampamento. Ela olhou para trás e viu Raven desaparecer na loja de Lady Annie, onde Laurie provavelmente estava acenando com cartão de crédito. A vida é uma merda.

Keelie foi parada por Sir Brine no cruzamento entre a Lincoln Green e a Sherwood e parou ofegante. Ela assistia enquanto ele girava e enrolava seu enorme bigode entre os dedos e cumprimentava os patronos da Feira enquanto elas passavam, em particular as mulheres com top de verão decotados. Ele olhou para Keelie. – Não está falando, hein? Ótimo, você está na personagem. Você não vai me dar nenhum desgosto então.

O que ela queria fazer era deixar o estúpido carrinho de pickles rolar colina abaixo e depois assistir Brine puxá-lo de volta. Ele precisava se exercitar.

Eles passaram pelo campo de duelos, a praça de alimentação, e o zoológico, e agora estavam na parte de trás da Feira em uma área onde havia muitas barracas de artesãos. Sir Brine levou Keelie a uma pequena tenda, não tinha nada mais do que um barril de madeira. Uma placa de madeira que estava balançando há um dois-por-quatro pregada ao lado do barril, foi esculpida com uma dança de pickles que tinha grandes olhos redondos e arregalados de desenhos animados.

- Doce lar do barril de pickles. Sir Brine inspecionou seu domínio por um minuto. Keelie inclinou-se para dar uma olhada melhor na pintura em torno da cintura do pickle dançante, em seguida, rapidamente se afastou.

Nojento. O pickle dançante usava um tapa-sexo.

Ela passou a mão pela testa. Tinha que ser perto do meio-dia, porque um monte de frequentadores da Feira estavam sentados à sombra comendo pernas de peru e bebendo em copos de papel que pingavam. Ela estava com tanta sede. Depois de empurrar o carrinho pesado, ficar de pé no estande de pickle em pleno sol lhe daria insolação se ela não fizesse uma pausa logo.

Sir Brine abriu uma porta que tinha sido cortada no barril e tirou uma engenhoca de madeira feita de pranchas de madeira articuladas. Ele fez

um movimento sobre ele como se fosse o seu bem mais precioso. - Eis o chunker pickle. Eu estou indo entreter a multidão, esteja preparada para pegar o dinheiro e dar a eles os pickles. Nós sempre temos grandes vendas depois do barril de pickles. - Sir Brine puxou um Martelo de borracha para fora e fez alguns exercícios de alongamento descontroladamente exagerados.

Pessoas curiosas já estavam se reunindo ao redor. Algumas sorriam em expectativa. Não poderia ser de todo ruim se suas vítimas do passado voltassem com um sorriso. Sem saber o que esperar, Keelie examinou o barril de pickle: uma caixa de madeira com uma longa alavanca ligada a uma extremidade. Uma corda pendurada a partir da extremidade da alavanca com uma pequena plataforma do tamanho de um pickle ligado a ele.

- Como isso funciona? Keelie nunca tinha visto nada igual.

- Então agora está falando comigo. É uma catapulta ou uma espécie de catapulta. Eu mesmo projetei. Posso até pedir uma patente. Você não diria que é uma catapulta?

- Não se parece com nenhuma catapulta que eu tenha visto nos livros de história.

- Livros de história! Será que eles não ensinam as crianças a “verdadeira” história nos dias de hoje? Keelie deu de ombros. À distância ela ouviu o tilintar dos sinos e pessoas cantando. Ela pensou ter reconhecido a voz de Jared.

Sir Brine levantou a cabeça ao ouvir o som. Ele esfregou suas mãos num contentamento estranho. – Ah, isso vai ser perfeito, Robin Hood e os Homens Felizes estão vindo. Finch fez besteira no cronograma e todo mundo está vindo para a Maypole.

Jared, vestido como Robin Hood apareceu montado num cavalo árabe branco com Lady Marin o seguindo num Andaluz preto com sinos prateados tilintando no freio. A menina sobre o cavalo desta vez era uma das amigas Elfos de Elia. A primeira Lady Marian deve ter voltado ao alojamento, muito doente para trabalhar. Os homens felizes andavam atrás, acenando para a multidão crescente que se acotovelavam para ter a

melhor vista de ambos os lados da pista.

Sir Brine levantou seu martelo para cima de seu ombro. - Eu vou lançar pickles para eles. Eu espero que o João Pequeno fique irritado e venha atrás de nós. Ele não gosta de você, então ele deve ficar ainda mais nervoso, e as multidões vão adorar.

- Eu trabalhei na frente da loja de Lulu no último fim de semana, lançando pickles durante seu show de marionetes, e ela ficou fula. Vendi toneladas de pickles.

De jeito nenhum Keelie ia deixar João Pequeno irritado. Se ele aparecer, ela estaria fora daqui. O homem grande tinha uma coisa com ela e ele era louco.

Sir Brine puxou um pickle, esmagado numa extremidade com um cheiro de cinco galões de vinagre e o colocou na plataforma. – Sempre verifique o ângulo, você não quer lançar os pickles lá. Ele apontou para a direita.

Keelie espiou ao redor do barril de pickles e viu O Coração de Vidro. Uma loja de vitrais. Fadas de vidro, dragões de vidro, e outras criaturas fantásticas de vidro brilhavam com esplendor de conto de fadas em ganchos pendurados em beirais da loja. Seus olhos foram atraídos para a peça central da loja, um belo vitral de unicórnio. Solda de prata delineou o vidro branco leitoso que formou o corpo do unicórnio e o vidro iridescente da juba e do chifre brilhava como se tivesse sido mergulhado na luz das estrelas. Um homem com cabelo loiro espetado sentou em um banquinho atrás de um balcão de madeira, olhando para os potenciais clientes.

Isso não era bom. Não era bom mesmo. Um pressentimento vibrou sobre a pele de Keelie, estabelecendo-se na base do seu pescoço.

- Ouvi, ouvi, Sir Brine gritou com uma voz profunda, em franca expansão. Uma pequena multidão de adolescentes em jeans e camisetas reunidos. Se Keelie ainda frequentasse a Baywood Academy ela os teria classificado como nerds e não teria conversado com eles. Agora, ela pensou que parecia interessante.

Robin Hood desmontou e caminhou até Lady Marian. Ele ergueu as mãos



enluvadas, oferecendo-se para ajudá-la a desmontar. Ela estava montando de lado, assim com uma pequena manobra da perna direita, ela pulou nos braços de Robin Hood, as saias rodadas romanticamente em torno deles. Ela olhou emocionada. Keelie teria ficado também, se tivessem oferecido o trabalho a ela. Por que ela tinha que ficar presa como a menina Picle?

Se Sean interpretasse Robin Hood, Keelie poderia ser sua Lady Marian, e juntos eles montariam através da Feira apreciando a adulação da multidão. Uma imagem de Knot cavalcando o dorso do cavalo de Keelie surgiu em sua mente, se intrometendo em sua fantasia.

- Dilly, preste atenção! Ela se assustou com o grito de Sir Brine. Talvez João Pequeno fosse atrás de Brine.

Lá no Maypole, as meninas interpretavam fadas da Renascença em trajes finos coloridos e maquiagens brilhantes dançavam ao redor dos outros, estaleiros desenlaçavam as fitas coloridas envolvidas em torno do mastro. Parecia um trabalho divertido.

Keelie fez um estalido no pegador de picles no tempo da música e olhou através dos cílios para Brine. Ele estava alinhando seus projetéis de picles numa linha organizada ao lado da catapulta. Isso ia acabar mal.

Os pais se reuniam em torno do perímetro da Maypole. As crianças foram ficando animadas. Em seguida, a flauta e o tambor da Banda Maypole foram cobertos por tambores e gaitas de foles. Era Rigadoon, a banda com saíote escocês que tocava melodias de sapateado a caminho de um dos pubs.

A bem humorada banda Maypole tocava junto com Rigadoon, e as fadas combinavam suas danças no ritmo mais rápido, estaleiros desenrolavam a fita flutuante quando as crianças bateram palmas em sintonia com a música. A menina que tinha visto a árvore estava aqui, pulando animadamente ao lado de sua mãe. Keelie acenou para elas e elas acenaram de volta.

Um dos Rigadoons começou a bater em um tambor com um ritmo forte. As trupes de dançarinas do ventre enfiadas no meio da multidão se reuniram no círculo empoeirado na frente da loja de vidro manchado, movendo graciosamente seus quadris e braços em sintonia com a música. As borlas

em seus cintos no quadril balançavam para frente e para trás. Knot iria ficar furioso se as visse.

Uma dançarina vestida em tons de vermelho tomou o ponto central, as moedas tilintando alegremente de seu cinto escarlate. As outras recuaram quando a dança do ventre mudou num ritmo sinuoso com a música. Uma das dançarinas gritou: "Vai, Rhiannon!".

Essa tinha que ser amiga de Raven, Rhiannon Rose. Raven e Laurie tinham planejado ver sua apresentação, mas Keelie viu primeiro. Ela não podia realmente apreciar o desempenho, porém, com um ouvido atento para o toque da harpa de Elia, sem mencionar a iminente acusação de um bravo João Pequeno.

- Em breve nós iremos interromper esses malandros de Sherwood. Eles vão estar em apuros, Sir Brine gargalhou quando ele acionou a alavanca para trás e anexou a corda esticada de um gancho na base. A alavanca arqueou para trás. Ele centrou o picle na plataforma de lançamento e preparou seu martelo para soltar a corda.

Ninguém prestou atenção a ele.

Na Maypole, as fitas foram desenroladas e as fadas da Renascença fez sinal para as crianças se juntarem a elas. As crianças correram para pegar suas cores favoritas, e algumas das dançarinas do ventre encaram como os outros dançando.

Keelie encostou-se a um pinheiro delgado e abriu sua mente, em busca por alguma palavra de seu pai. O ar ao redor dela estava cheio de energia nervosa, e ela sentiu a Bhata acima dela e no matagal que cercava a clareira. As gaitas de fole e a bateria as animavam. O jovem pinheiro estava gostando muito. Ela tentou ignorar o zumbido e ir mais longe, e finalmente encontrou um fio de magia do unicórnio, em meio ao verde amadeirado dos grandes carvalhos. Quando ela estava prestes a mergulhar no frescor verde, ela ouviu uma única nota - corda musical dedilhada de uma harpa.

Keelie desabou de volta a si mesma, no mesmo instante que Sir Brine bateu seu martelo contra o gancho, soltando a corda. Ele fez um som "kathunk", e o picle voou em um longo arco em direção a Robin Hood.

Keelie assistiu, horrorizada. Brine definitivamente estava louco. O picle disparou para cima, cima, cima, seguida por dezenas de olhos no chão. Ele atingiu o auge de sua trajetória, depois parou e virou à esquerda em direção a Maypole. A multidão arfou, os olhos sobre o rebelde míssil de picle. A boca de Sir Brine estava aberta.

Keelie gritou um alerta para sua pequena amiga Princesa Fada, esperando que ela ouvisse e olhasse para cima. Mas antes que pudesse chegar à menina, o gato branco disparou na frente dela. O picle mudou de direção novamente, e pousou no peito de uma mulher muito bem-dotada vestindo um espartilho de couro com saia combinando. Ela carregava uma enorme espada de madeira por cima do ombro. Ela encarou ameaçadoramente Sir Brine, que agora olhava horrorizado.

Removendo o picle de seu peito, a mulher esmagou-o sob sua enorme bota, em seguida, desembainhou sua espada de madeira e balançou sobre sua cabeça. - Sinta o gosto da minha espada, serviçal.

Não era uma arma branca real, mas se fosse atingido pela antiga espada escocesa seria como se apanhasse com um taco de beisebol. Sir Brine empalideceu e deu um passo para trás, com as mãos na frente dele como se pudesse afastar a mulher irritada.

A amiguinha de Keelie pulava; suas asas brilhantes saltando das suas costas. - Eu vi o gatinho mágico.

Keelie olhou rapidamente em volta, mas não havia nenhum sinal de Knot.

Pais irritados e fadas falsas olharam para o homem Picle, que estava encostado contra uma árvore pela mulher espadachim. João Pequeno emergiu da multidão. A mulher sorriu e curvou-se ligeiramente para o Homem Feliz.

- Arremessando picles nos pequeninos, Maligno? A multidão aplaudiu quando João Pequeno posicionou seu bastão em suas mãos em uma posição de batalha. - É melhor você correr por sua vida, Brine.

Sir Brine engoliu em seco e saltou para o outro lado da árvore. - Não se preocupe comigo, Dilly. Ele correu de volta pela pista. - Fique aqui e guarde

os picles.

João Pequeno rugiu seu bastão erguido, enquanto perseguia Sir Brine. A mulher com a antiga espada escocesa perseguiu-os. Keelie sentiu pena de Sir Brine, mas estava grata que eles não estavam atrás dela.

A multidão aplaudiu, e alguns até mesmo levantaram seus punhos no ar e gritaram: "Huzzah!".

Keelie estava presa vigiando o Picle. Perto da Maypole, uma varredura de azul chamou sua atenção. Elia. A menina elfo fez uma careta para Keelie e tentou se misturar com os Rigadoons.

Elia tinha que ser a única a tentar perturbar a Feira, para fazer Keelie dizer a ela onde estava o unicórnio. Ela não tinha conseguido, mas ela quase feriu pessoas. Keelie tinha certeza de que Sir Brine não iria fugir sem alguns hematomas.

Ela fez um "V" com os dedos e apontou para os olhos e, em seguida, a Elia, como João Pequeno tinha feito antes, na esperança de que a menina elfo entendesse o que ela quis dizer: Eu estou observando você.

Elia torceu o nariz, jogou seus cachos loiros por cima do ombro, e juntou-se aos cavaleiros.

As pessoas que passavam encaravam Keelie, e ninguém comprou picles. Um garotinho a vaiou. Não tinha sido Keelie que tinha lançado o picle na Maypole, mas ela estava recebendo a culpa. - Que vergonha, ela ouviu uma mulher dizer, e outro sacudiu a cabeça como se estivesse realmente decepcionado com ela.

Pelo menos ela ainda estava empregada. Seu estômago roncou. Mesmo que ela pudesse servir-se de um picle, ela nunca mais ia comer ou cheirar um novamente.

Então ela viu Laurie, que estava linda. O cabelo de Laurie foi intrinsecamente trançado e apesar do calor, ela usava um manto de veludo verde sobre sua roupa da loja da Francesca, preso no pescoço por um

fecho de ouro em forma de uma folha de carvalho.

Keelie sorriu, feliz por ver um rosto amigo. – Você viu o show?

- A maior parte, do outro lado. Laurie acenou em direção a rua do outro lado da Maypole.

Raven se juntou a elas, encostando-se ao barril de pickles com falsa exaustão. - É isso aí, nada mais de compras para mim. Eu quero comida, então vamos encontrar um local com sombra para que eu possa tirar uma soneca.

- As tranças estão lindas. O que mais você comprou?

Laurie sorriu como se tivesse um grande segredo, em seguida, levantou a saia. Em seus pés estavam réplicas exatas das botas que Keelie tinha encomendado. O estômago de Keelie afundou todo até o chão e de repente ela não estava mais com fome. Traição poderia fazer isso com uma garota.

Raven empurrou o sinal esculpido de pickles. Ele rangeu quando ela girou para trás e para frente. - Essa garota pode gastar algum dinheiro. Sua voz era cuidadosamente neutra, mas Keelie poderia dizer que ela estava com ciúmes.

Laurie girou. - Eu amo este lugar. Lady Annie disse que essas botas eram como as suas. Ela fez para alguém que cancelou o pedido e elas simplesmente me servem. Isso não é sorte? Ela me fez um grande negócio, e voila, aqui estou eu.

Keelie agarrou as pinças de pickles com muito rigor. Laurie tinha todo o direito de gastar o dinheiro dela do jeito que ela escolhesse. - Amei as botas. Sua voz soou um pouco chiada com o esforço.

- Obrigado. Laurie sorriu para sua nova compra.

Raven se inclinou para frente. - Está tudo bem, ela sussurrou.

- Lembre-se, quando alguém copia você, é uma forma de elogio.

Keelie estalou a língua no rosto de Raven. - Não, não é. Não quando eu estou tendo que trabalhar por aí para ganhar minhas botas, e ela rodopia e vai compra-las. Não. Não. Não. Eu não estou lisonjeada, Raven. Eu estou brava.

Raven fez um sinal para Keelie se acalmar. Os olhos de Laurie se arregalaram. - Eu fiz alguma coisa errada?

- Não, Keelie está irritadiça porque ela precisa de almoço. Raven olhou em volta. - Vamos trazer algo que não cheira como pickles.

O rosto de Laurie se iluminou. - Estou morrendo de fome, também. Vamos aquela agradável loja de chá. Podemos sentar lá dentro.

- Eu não posso deixar o carrinho de pickles. Keelie esperava que Laurie mantivesse suas longas saias abaixadas. Ela não queria ver as botas de novo.

- Sir Brine vai voltar? Raven olhou em volta, desconfiada. - Nós podemos comprar um sanduíche ou algo assim.

- O imbecil verde está se escondendo de João Pequeno. Keelie sorriu um pouco com a lembrança de Brine fugindo. – Ele disse para guardar os pickles.

Raven balançou a cabeça. - Não é bom ser o objeto da ira de João Pequeno.

Laurie assistiu a um grupo de meninas passando. Duas delas tinham intrincados desenhos pintados nas costas de suas mãos. - Olha, tem que haver uma loja de henna. Talvez eles coloquem piercing de umbigo também. Você pode colocar o seu, Keelie.

- Eu não posso. O papai me mata.

- Desde quando não ter aprovação de seus pais parou você? O riso tingia a voz de Laurie.

Por um momento, Keelie e Laurie se olharam. Em seguida, o olhar furioso

desapareceu quando ambas perceberam o quanto a outra tinha mudado. Um silêncio constrangedor pairou no ar.

Aqui estava Laurie, vestida com todas as coisas que a fariam se encaixar em Wildewood. Era como se ela estivesse procurando por algo, tentando encontrar um lugar que a pertencia. Mas uma vez que a Feira acabasse Laurie teria que voltar para casa na Califórnia, enquanto Keelie tinha a coisa real. Ela se lembrou de como seu pai tinha seus cachos desgrenhados, a maneira como ele sorria carinhosamente para ela esta manhã, mesmo ele estando muito bravo com ela. Algo derreteu por dentro, fazendo-a muito ciente do quanto ela era amada, e quanto ela amava o pai.

- Hey, vitrais. Talvez eu possa encontrar algo para a mamãe antes de comer. Vejo vocês daqui a pouco. - Laurie empurrou capa verde sobre os ombros e foi até a loja, atraindo olhares de admiração em seu caminho.

Keelie a assistiu partir, em seguida, olhou para os anéis de madeira sobre o barril. Ela o tinha tocado antes-: Carvalho dos Ozarks. Ela tocou um pequeno recuo redondo sobre o barril e sua ponta do dedo brilhou verde. Whoa! Rapidamente, Keelie puxou a mão de volta. Ela não queria que nenhum ramo brotasse da madeira. Ela levantou a cabeça para ver se alguém tinha visto.

Raven estava movendo a catapulta de picles para cima e para baixo.

- Você já lançou um picle? Pode ajudar com as vendas .

- Talvez. Keelie inclinou a cabeça. - Você não ouve uma harpa, não é?

- Elia usou seus truques de novo? Eu vi na hora do picle voar.

Raven balançou a cabeça. - Por que ela está autorizada a fazer esse tipo de coisa? Elianard deve ser realmente poderoso. Eu não acho que ela esteja por perto agora. Tente um.

Keelie estava tentada.

Laurie voltou. - Há algumas belas peças naquela loja. Mamãe iria adorar daquela grande janela de unicórnio, mas custa uma fortuna.

- Eu vi e você está certa, é linda. Pelo menos elas estavam se falando.

- Keelie vai lançar um picle, Raven anunciou a alguns transeuntes, que olhavam com curiosidade.

- Eu estou pensando sobre isso. Keelie olhou em volta. Nenhum sinal de Elia.

- Ah, vamos lá, Keelie, um picle. Quero ver você fazer isso. Laurie verificou possíveis alvos. - Que tal jogar uma em direção à Maypole? Ninguém está lá agora.

Keelie queria impressionar Laurie. No começo do dia, ela estava com medo do que Laurie pensasse que trabalhar na Feira era uma coisa idiota de se fazer, mas agora Laurie parecia genuinamente interessada. Keelie ainda estava em contato com seu lado humano. Ela ainda podia se divertir como Laurie.

Ela puxou a alavanca para trás, e segurou-a com as duas mãos e Raven anexava ao final do gancho. Em seguida, ela pegou um pepino em conserva e colocou-o na catapulta.

Raven pulou para a pista e chamou a atenção. - Ouvi, ouvi. Venham testemunhar o incrível Lançamento do Picle. Pegue o picle e ganhe outro! Ouvi!

Keelie revirou os olhos. Sim, como se as pessoas fizessem fila para pegar picles. Mas quando ela olhou para cima, uma multidão se reuniu e outros foram chegando.

Ela alinhou a catapulta, certificando-se que o picle voaria longe das lojas, em seguida, pegou o martelo. Ela virou-o para o gancho. "Picles voadores!"

O martelo empurrou o gancho de lado e o braço da catapulta balançou para cima, a corda batendo frouxamente, e o picle voou em direção ao céu. O plink de uma corda de harpa vibrou ao redor dela, como se ela estivesse ao lado de uma enorme onda de som ao invés de estar na feira no meio do dia. Ela assistiu com horror silencioso quando o picle formou um arco para o lado e disparou como um míssil verde para a loja de vitrais e para a



janela de unicórnio.

Com o impacto do picle, a janela quebrou. Era como se o tempo tivesse sido suspenso. Centenas de peças de vitrais explodiram e cascatas no chão como uma nevasca espumante de cacos mortais.

- Oh. Meu. Deus! Os olhos de Raven estavam arregalados.

Laurie ficou de boca aberta. - Ele nem sequer foi lançada nessa direção.

Atordoada, Keelie olhou se perguntando o que fazer. O pobre dono da loja jazia estendido no chão. Ele desmaiou com o choque de ver sua obra-prima quebrada por um míssil de piclel descontrolado.

- Estou morta, Keelie sussurrou.

Laurie abriu um grande sorriso. - Isso significa que você pode ir almoçar?

- Eu não deveria deixá-la viver.

Finch estava com o rosto vermelho de tanto gritar. Os ouvidos de Keelie zumbiam por causa da palestra de oitenta decibéis que ela estava ouvindo durante os últimos vinte minutos.

- Se esta fosse a Idade Média, sua cabeça seria um pique nas portas como um aviso a todos os outros trapalhões e tolos. Você custou centenas de dólares para Feira.

- Eu pensei que eu ia pagar por isso. Keelie lamentou as palavras assim que falou.

O cabelo de Finch, já em pé, parecia se atizar mais alto e sua tez passou de tomate para fogo de artifício. Ela pairava sobre Keelie como um dragão de espartilho, pronta para cuspir fogo.

- Criança Insolente! Finch foi provavelmente sufocando os piores palavrões. Ela jogou a prancheta no chão e pisou nela com as botas, quebrando o feixo de metal.

Keelie engoliu. Mamãe teria dito que isso era bom, transferir a agressão a um objeto inanimado e não à pessoa real. Ela se perguntou se ela estaria pagando por uma nova prancheta também. Ela enfrentou a diretora da Feira esperando que Finch não fosse matá-la. Será que os elfos tinham discursos para pastoras de árvores mortas? Talvez Knot sequer chorasse por ela. Papai poderia sair com alguém de novo se ele não tiver uma filha por perto.

Finch sentou-se em sua cadeira e abaixou a cabeça nas mãos. Ela disse em voz muito baixa, - Aquela janela sozinha foi novecentos e cinquenta dólares.

O mundo se estreitou e ficou escuro. Eu não vou desmaiar.

Do outro lado da sala, os médicos da Feira estavam atendendo o proprietário da loja de Vitrais. Ele parecia melhor a cor estava voltando para o seu rosto, mas ele tinha que respirar em um saco de papel a cada poucos minutos, especialmente quando ele tentava dizer "janela." Ele

continuava falando "vencer, vencer", e então ele teve que respirar dentro do saco.

- Acrescentando a isso o traje do Filé na Estaca, continuou Finch. - A limpeza a seco do traje Plumpkin, uma grande garrafa extra de Febreze. Ela socou alguns números na sua calculadora de mesa.  
- Isso são quarenta e cinco dólares, somada a novecentos e cinqüenta, que dá um total de 995 dólares. Vamos arredondá-lo para mil. Você tem até o final do dia para pagá-lo.

O coque de Finch tinha descido, e fios de cabelo vermelho estavam selvagens e soltos. Parecia a Medusa. Poderia ter sido mais fácil enfrentar a Medusa neste momento do que ela. Ela enfiou a mão na gaveta da mesa, tirou um frasco de prata e tomou um gole. - O que você está esperando? Saia daqui, e não volte até que você tenha o meu dinheiro.

- Vai me arrumar um novo emprego?

- Não! Finch rugiu, e as veias em sua testa saltaram para fora nos mínimos detalhes. - Você está demitida.

Keelie correu. Do lado de fora, Raven e Laurie estavam esperando por ela.

- Nós ouvimos cada palavra, disse Laurie, os olhos arregalados. - Ela realmente sabe ofender.

A expressão de Raven era estranha, como se ela tivesse acabado de descobrir que um inseto tinha subido em sua perna. Então ela desistiu de tentar controlar sua expressão e gargalhou. - Você era o Plumpkin?

- Não é engraçado, Keelie resmungou. Ela não deveria ter que pagar para limpar esse traje nocivo. Ela o queimaria para eles de graça.  
- Humilhante, sim. Hilário, não.

Laurie colocou seu braço sobre os ombros de Keelie. - Eu vou te dar o dinheiro. Você não tem de dizer ao seu pai sobre os mil que deve.

Mil dólares. Mesmo que ela tivesse trabalhado tempo integral durante todo

o verão, ela não teria ganhado tanto assim. Keelie encostou-se a uma árvore de bordo. Ele enviou ondas de conforto para ela. Ela pressionou a cabeça contra sua casca. - Eu tenho que dizer a meu pai. Ele vai descobrir.

- Sim, ele vai. Laurie suspirou, e em seguida, sua voz tornou-se muito alegre. - Uma coisa boa é que, se você alguma vez voltar para LA você pode trabalhar como um personagem de parque temático. Você sabe, eu acho que eu gostaria de fazer isso. Conhecer pessoas em um parque temático, você começa a ver as famílias reais que estão felizes e prontas para se divertir com seus filhos.

Keelie lembrou ter pensado a mesma coisa a primeira vez que pôs os pés na Feira da Renascença. Todas as famílias pareciam tão felizes. Sua mãe tinha acabado de morrer e ela estava sozinha. Laurie deve estar se sentindo da mesma maneira.

- E mais uma coisa boa é que você não tem que usar aquele traje hediondo do Filé na Estaca nunca mais. Laurie estremeceu. - Eu vi as meninas neles e você devia processar a Feira por impor tanta gordura em você. Eca, os clientes tinham de olhar para eles. Você poderia fazer uma ação coletiva. Melhor ainda, agradecer o seu gato por estragar esse trabalho.

Keelie sorriu, os olhos fechados enquanto extraia conforto da árvore. Laurie estava se esforçando para animá-la. - Eu preciso voltar para a loja e contar ao papai antes de ouvir isso de alguém. Se ele estivesse lá. Ela também precisava ter certeza que os carvalhos ainda estavam tranquilos, embora ela tivesse ouvido se tivessem despertado.

Perto havia um quiosque especializado em jóias de prata. Laurie estava olhando saudosamente em direção a ela. - Você se importa se eu olhar essa joalheria?

- Não, vá em frente. Keelie sentou-se no chão. Ela se inclinou para trás o máximo que pode abrangendo o máximo de conforto do bordo. Abraços verdes mágicos.

Pastora das Árvores, você precisa de nós?

Tavak?

Sim.

Você sentiu Elia usar magia hoje?

Ela foi se juntar ao pai no alojamento.

A árvore estava fugindo da sua pergunta.

Me avise se ela voltar.

Sim, Pastora das Árvores.

Como estão os carvalhos do outro lado da nossa loja?

Eles dormem, mas não por muito tempo. Você precisa voltar em breve, Pastora das Árvores.

Estou a caminho.

Engraçado. Papai já deveria estar lá agora para ficar de olho nos carvalhos. Talvez ele estivesse ocupado com os clientes. Ela deveria ter perguntado a Tavak. Ela lembrou as olheiras sob os olhos do pai, esta manhã. Sua má notícia não iria ajudá-lo a se curar.

- Fazendo seu lance de árvore?

Keelie abriu os olhos. Raven tinha um enorme sorriso no rosto. Keelie queria desmanchá-lo

- Estou feliz que a minha vida é como uma comédia para o seu prazer pessoal. Ela olhou para o quiosque, onde Laurie estava pagando o vendedor. Pelo menos a amiga era boa para a saúde econômica da Feira.

Raven balançou a cabeça. - Me desculpe, eu não pensei quando falei sobre o traje Plumpkin e Vernerd. Eles são lendários. Mas no ano que vem você vai achar que é engraçado e vai falar a todos sobre isso.

Até então, Keelie seria parte da lenda também. Ela decidiu mudar de assunto. - Por que você está aqui? O que aconteceu com o material de marketing do perigoso pirata que você ia fazer pelo Capitão Dandy Randy?

- A empresa que comprou o seu jogo foi com uma empresa de marketing de grandes dimensões fora de LA. Ele não tinha nenhum controle sobre quem fez o anúncio.

Keelie franziu a testa. - Oh. Mas o que aconteceu exatamente na Doom Kitty? Janice disse que você amava.

Raven sentou-se em uma rocha perto do bordo. Ela arrancou um dente de leão do solo e girou em torno de sua mão. Ela olhou para Keelie. - Eu gostava. Eu surgi com essa promoção realmente grande para este grupo. A vocalista, Poison Ivy, adorou. Ela adorou. Então, no dia seguinte, ela odiou, e era como se ela tivesse rancor de mim. Eu acho que ela lançou um feitiço em mim ou algo assim, porque tudo o que eu fazia dava errado a partir desse dia. Se eu arquivava documentos, a gaveta do armário de arquivo deslizava para fora e caía no chão. Lápis afiados voavam pelo ar como flechas. Se eu fizesse café, todo mundo iria ter diarreia. Havia uma má vibração no ar. E havia esse cheiro de canela em todos os lugares. Eu não quero um rolo de canela nunca mais. Eu associo com coisas ruins. Eles me demitiram. Disseram que eu tinha mau agouro e chamaram um xamã para exorcizar o lugar. Raven olhou para o dente de leão, surpresa. Ela tinha desfiado ele. Ela largou e limpou as mãos na saia.

O cheiro de canela. Keelie conhecia bem, mas ela não achava que os seres humanos associavam com a presença de magia élfica. Ela olhou para a amiga de perto. As orelhas de Raven estavam à vista, com topos arredondados.

Keelie se aproximou e sussurrou: - Você tem inimigos elfos?

Raven lhe deu um olhar. - Só a menina elfo ciumenta de costume. Ela não é exatamente um inimigo, no entanto. Ela é assim com todos.

- Além dela. Keelie parou. - A menos que você ache que Elia é poderosa o suficiente para colocar um feitiço em você por todo o caminho em Manhattan.

- Você sabe que a filha do papai recebe tudo o que ela quer. Os olhos de

Raven se estreitaram. - Elia. Nunca me ocorreu. Mas por que ela? E o que fez você suspeitar que fosse magia élfica?

- O cheiro de canela. É uma dádiva. Embora - Keelie hesitou. - Eu não acho que humanos possa sentir o cheiro.

As sobrancelhas de Raven se ergueram. - Sério?

- Sim, pense nisso. Alguém mais em Doom Kitty notou o cheiro?

- Não, Raven disse lentamente. - Ninguém. Foi muito forte, também.

- Raven, o que você sabe sobre o seu pai? Keelie prendeu a respiração, sem saber como sua amiga reagiria a uma questão tão pessoal.

- Eu nunca o conheci. Mamãe é meio desconfiada sobre coisas assim. Sempre fomos nós duas. Ela sempre disse que era um cara que ela saía quando era jovem. Eu parei de perguntar quando eu tinha dez anos ou mais. Não parecia mais importante. Você acha que meu pai era um elfo?

- Eu acho que não. Mas talvez seja outra coisa. Eu queria poder perguntar ao meu pai. Porém, ele tem um monte de coisas acontecendo, além de estar doente.

- O que quer que esteja acontecendo ao redor é difícil. Algumas das lojas estão fechando.

Laurie veio até elas, estendendo a mão, como se tivesse um anel de diamante de três quilates em seu dedo em vez de uma banda de prata lisa esculpida com estrelas. - Você não ama isso? Raven e Keelie assentiram.

Keelie levantou-se, tirando a poeira de suas calças de picles. - Eu preciso voltar para Heartwood. Eu preciso falar com o papai. Raven, você poderia pegar minhas calças jeans e camiseta? Eles estão sob o rack de roupas em frente à cabeça do Plumpkin. Eu tenho medo de ir lá dentro.

Raven riu. - Você não tem medo de muita coisa, mas eu vou fazer isso para você. Ela marchou, as saias pretas girando quando ela fugiu pela porta.

Keelie e Laurie observaram e esperaram. Nenhum ruído, nenhuma fala. Então, de repente, um grito indignado dividiu o ar. Raven apareceu na porta como um morcego que parecia que ia voar, com os jeans de Keelie arremessado sobre seu braço. "Corram!"

Elas se viraram e correram, rindo e esquivando-se dos patronos da Feira até chegarem às mesas de piquenique. Elas caíram no banco, sem fôlego, ainda rindo, então se abaixaram enquanto Finch passava perto em seu carrinho de golfe.

- O que aconteceu? Keelie agarrou sua calça jeans e tirou as calças de picles, não se importando que vissem sua calcinha. O cristal rosa era um pedaço reconfortante no bolso da calça jeans.

- Puta merda, disse Raven. – A velha Finch deu uma olhada em mim e soltou fogo. Você acha que as calças jeans de Keelie faziam parte de seu tesouro pessoal. Eu já te contei sobre quando eu era a Faz tudo da Feira?

- Você? Keelie piou. - Oh, você tem que contar tudo.

Raven acenou ambas as mãos com desdém. - Eu não posso superar você, garota. Você vai entrar para a história como a pior faz tudo de todas.

Laurie também riu, mas ela parecia melancólica. Não há histórias para compartilhar. Keelie terminou de trocar de roupa e voltaram para Heartwood deixando a roupa de picle estendida sobre a mesa de piquenique.

Assim que viraram para a Alameda Encantada, Keelie sabia que algo estava errado. Nenhum pássaro cantava. Ela levantou a cabeça para estudar as copas das árvores, mas não havia Bhata ao redor. A Loja de Lulu estava fechada e havia apenas algumas pessoas andando pela Alameda Encantada. Keelie abriu a mente para as árvores, para Tavak, mas algo a bloqueou.

- O que há de errado? Raven estava estudando sua expressão.

- Eu não sei. Keelie correu para Heartwood seguida por suas amigas.



Estava fechada. Papai não estava lá, mas Knot estava sentado na entrada, seu pelo desgrenhado ao máximo. Tufos de pêlo de gato branco estavam por toda parte. - Você teve uma briga com o vira-lata branco?

- Heartwood venha aqui.

Keelie congelou. Era Finch. Ela os pegou, ou talvez ela tenha vindo pelo dinheiro. Ou ela estava aqui para contar a Zeke tudo sozinha? Raven escapuliu, com o gatinho branco em seus calcanhares.

Finch ainda parecia um dragão humano híbrido com uma aura Viking, mas ela não parecia estar prestes a cozinhar ninguém. Em vez disso, ela parecia preocupada e Keelie fez uma dupla avaliação quando viu Sir Davey de pé ao lado dela, seu rosto também forrado com preocupação.

- Ok, Davey aí está ela. Eu tenho que voltar para o escritório. - Ela suspirou. - Agora que eu tenho a EPA e o CDC para me preocupar.

- O CDC? Isso é o povo das doenças, Laurie sussurrou.

Keelie sentia frio. - Sir Davey, onde está papai?

Davey parecia considerar suas palavras. - Ele está mais doente do que todos nós pensávamos. Ele escondeu isso de você e de mim, moça.

O coração de Keelie disparou. - Onde ele está? Ele estava bem esta manhã. - Com exceção das olheiras. Exceto pela fadiga.

- Ele está com os outros no alojamento.

Com Elia e os elfos. Ele não estava seguro lá. - Eu tenho que ir até ele. Ele precisa estar aqui comigo. Eu vou cuidar dele.

- O que está acontecendo? Raven reapareceu quando Finch saiu. - A minha mãe está bem?

- Zeke foi colocado em quarentena com os outros no alojamento. Janice está bem, Raven. O CDC está investigando a origem da doença, e eles estão tentando identificá-la.

Keelie sabia que seu rosto estava branco de medo.

- Se o CDC faz testes neles, então, é bom, porque eles podem descobrir o que está acontecendo, Laurie falou confiante. – Eles podem ser curados.

Keelie encontrou os olhos de Davey. Não é bom, se eles descobrirem que não são humanos.

Raven ainda parecia preocupada. - E sobre os trabalhadores da feira, artesãos e os mundanos eles estão em perigo?

- Alguns trabalhadores da Feira ficaram doentes, mas é principalmente o pessoal do alojamento, Sir Davey respondeu. - Raven, os únicos que ainda estão aqui saudáveis do grupo, são Elianard, Elia, Lord Niriel e Keelie.

Todos os elfos estavam doentes. Todos. Keelie era apenas metade elfo, de modo que isso podia explicar porque ela não tinha sido afetada, mas não explicava por que Elia e Elianard pareciam melhor do que nunca. Lorde Niriel também. Ela se perguntou o que os três tinham em comum.

Raven correu porta afora. - Keelie, eu volto logo. Eu preciso ter certeza que mamãe está bem.

- Claro. Keelie ouviu um espirro ao nível do solo. Knot espirrou novamente e deu patadas na porta da loja, em seguida, miou.

Mesmo que ele não falasse com ela do jeito que ele falava com o pai dela, ela compreendeu. Ele queria ir para dentro.

Sir Davey observou Raven ir. - Zeke diz que o trabalho deve continuar o mais normal possível. Ele diz que vai criar uma diversão para você. Ele quer que você se lembre de que você é uma Heartwood e ele precisa de você para ajudar com... Ele inclinou a cabeça para o outro lado da pista.

Keelie compreendeu. - Mas eu quero ficar com ele. Como vou saber que ele está bem?

Knot miou novamente.

Sir Davey parecia hesitar em sair. - Eu vou mantê-la informada. Volto para verificar você em uma hora.

- Eu vou ajudá-la, Keelie. Laurie colocou a mão em seu braço. – Acho que eu chegarei a ser uma menina trabalhadora depois de tudo. Isto vai chocar a minha mãe, e você sabe que quase nada a choca.

Apesar de tudo o que estava acontecendo, Keelie não podia deixar de ficar totalmente surpresa com a oferta de Laurie. - Você tem certeza?

- Hey, eu ouvi dizer que trabalho constrói o caráter.

Keelie entrou na loja e passou a mão numa cadeira de madeira que estava próxima. Olmo do Maine. Ela teve que segurar as lágrimas.

- Pai.

Agora não era o momento para desmoronar. Knot foi para trás do balcão e arranhou um pequeno armário, à direita das prateleiras, que tinha os recibos, canetas e as pastas de projetos de móveis. Keelie abriu-a e Knot apalpou algo lá dentro.

Ela se abaixou e pegou o objeto. Era um telefone celular ou o que parecia ser um telefone - uma caixa de madeira decorada com uma árvore prateada filigranada. Quando Keelie abriu a tampa com dobradiças de prata embutida, runas parecidas com símbolos brilharam verde. Ela podia sentir a clorofila do seu interior.

Ela inclinou a cabeça e olhou para Sir Davey. - Isso é o que eu acho que é?

- Sim. Sir Davey removeu um pequeno cristal de uma bolsa de couro amarrado ao cinto. - Parece que Knot sabia onde ele escondeu. Ele entregou o cristal para Keelie. - Isso vai aumentar a potência de seu sinal. Zeke parou de usá-lo porque ele ficava caindo chamadas.

Keelie olhou para Knot. - Eu deveria chutá-lo para o outro lado da Feira por esconder isso de mim.

Laurie se debruçou sobre o balcão. - Isso não se parece com nenhum telefone celular que eu já tenha visto. Qual a empresa que você usa?

- Rede Terra, Sir Davey respondeu facilmente. - Eles são uma empresa subterrânea trabalhando com os recursos naturais. Zeke usa Norte Oeste Silvestre.

- Muito eco legal. Laurie parecia impressionada. – Tão verde.

Knot colocou uma pata no braço de Keelie, suas garras agarradas em sua camisa de algodão. Ela olhou para ele. Seus olhos estavam totalmente dilatados. Ele a soltou e apertou sua pata em um símbolo em forma de espiral.

O mundo inclinou. Keelie fechou os olhos; ela sentiu como se estivesse viajando através de um portal verde. Ela estava ligada desde a floresta daqui até a floresta descendo as montanhas Apalaches. A sensação era semelhante ao Google e via imagens de satélites. As imagens de florestas passaram pela sua mente. E então ela ouviu a voz de Sean.

- Olá?

- Sean, é você?

- Keelie? Por que você não respondeu minhas cartas?

- Eu nunca as recebi, mas nós podemos falar sobre isso mais tarde. Eu preciso de sua ajuda. Todo mundo aqui está doente e o CDC vai executar testes neles. Todo mundo está doente, exceto eu, Elianard, Elia e seu pai.

Laurie estava observando Keelie com os olhos arregalados. - Sean? O Sean?

Keelie sabia que não podia dizer nada sobre o unicórnio na frente de Laurie. Ela já podia estar dizendo muito.

- Keelie, você tem que parar o CDC. Eles não podem saber mais sobre nós. Sua voz soava urgente.

- Como posso impedir?

- Vá até meu pai, Sean insistiu. - Ele é o...

Houve um som como o farfalhar das folhas e o Plink de uma seqüência de harpa, depois o silêncio.

- Caiu a ligação? Laurie era simpática. - E depois de todo esse tempo, também.

- Você poderia dizer isso. Keelie colocou o telefone celular de madeira sobre o balcão. - Acho que seria melhor começar a trabalhar.

## 23

Laurie acabou por ser uma ótima vendedora, o que foi bom, pois Keelie tinha gastado toda a tarde e toda aquela noite mantendo os carvalhos dormindo. Ela tinha canalizado magia através do coração da rainha Aspen e sua cabeça latejava com o esforço.

- Chega de Tylenol. Raven pegou a garrafa dela. - Ele vai destruir o seu fígado.

Keelie sentou no balcão de vendas de Heartwood, seu rosto pressionado contra a madeira fria da bancada. - Mas a minha cabeça ainda dói, ela gemeu. Os dedos das mãos e dos pés estavam ficando num tom verde também, por passar tanto tempo falando com as árvores.

- Mamãe vai lhe arrumar algo. Raven empurrou para a frente uma garrafa de vidro azul escuro com uma rolha de cortiça.

Keelie abriu um olho. – O que é isso?

- Infusão de ervas com mel. Não me pergunte o que tem nele, exceto pelo mel. Ela disse que era para ficar com o gosto melhor.

- Eu aceito isso. Keelie sentou-se cautelosamente e puxou a garrafa em

sua direção. - Quanto devo tomar?

- Tudo.

Ela teria dado de ombros, mas teria feito a cabeça latejar mais. A rolha estava presa bem apertada. Keelie puxou com força e ela se soltou com um pop alto. Um cheiro doce subia do gargalo estreito.

Keelie respirou fundo, em seguida, levou a garrafa aos lábios e bebeu. Não havia muito nele, apenas cerca de metade de um copo. O gosto não era muito bom, mas o mel tornou tolerável.

Raven pegou a garrafa vazia e a fechou. - Dê um tempo para funcionar. Mamãe diz que é infalível.

- Eu diria que você está me chamando de idiota, mas seria necessário muito esforço. Keelie colocou a cabeça para trás e viu quando Laurie passou levando três mulheres muito bem vestidas em trajes de época. Playtrons. É assim que o povo da Feira Renascentista chama os clientes com traje, patronos que reforçaram a sensação do evento com todos vestindo trajes como os atores.

Laurie sorriu e acenou. - Estas senhoras não sabiam sobre os móveis de madeira artesanais do lado de cá da Feira.

Keelie forçou um sorriso. - Bem-vindas.

As três mulheres elaboradamente vestidas sorriram, parecendo versões mais altas dos três fadas madrinhas no filme da Disney A Bela Adormecida. Uma delas usava verde, a outra azul e a terceira usava violeta.

Knot cambaleou até o pé do tamborete alto de Keelie e caiu em uma pilha peluda. A senhora de verde sorriu e inclinou-se para acariciar sua cabeça. - Eu amo gatos de loja. Eles acrescentam um sentimento tão acolhedor para um lugar.

Laurie apontou para a parte de trás da loja. - Senhoras, se vocês me acompanharem, este é o lugar onde vocês vão encontrar as casas de bonecas personalizadas que falei.

As quatro varreram pela loja, literalmente. Suas saias se arrastando empurrando folhas e frutos para o lado à medida que avançavam pelo corredor. Keelie as observava, divertida. Laurie realmente gostava de falar com os compradores. Quem diria?

Seus pensamentos foram interrompidos pelas árvores. Alguma coisa estava movendo-se rapidamente através da floresta e as árvores seguiam seus movimentos. Keelie não sabia dizer o que era. Provavelmente não era um veado. As árvores não se preocupavam com moradores habituais da floresta, o que significava que este provavelmente não era o unicórnio, também.

Os olhos de Raven foram ao rosto, tenso e preocupado. - É o Barrete vermelho? Ela tinha visto a calamidade que a fada do mal tinha causado na Feira de Montanha alta.

Keelie baixou a voz. – Nada de Barrete Vermelho, graças a Deus. Desta vez é um unicórnio. E Elia está olhando para ele.

Raven engasgou, depois sorriu. - De jeito nenhum. Você já viu um unicórnio de verdade? Sempre houve histórias sobre um unicórnio em Wildewood. Eu pensei ter visto uma vez, quando eu estava prestes a fazer 11 anos, mas todo mundo riu de mim, então eu percebi que eu tinha imaginado. Você na verdade o viu? Ou você falou com ele?

Raven podia ser confiável para contar seu segredo. - Ele, definitivamente. Seu nome é Lorde Einhorn e ele está muito doente e precisa da minha ajuda. - O gato branco saltou sobre o balcão. Ele sentou-se, a cauda enrolada ordenadamente em torno de seus pés, e olhou para Raven.

Raven acariciou a cabeça do pequeno gato. - Ele tem estado pela Feira por anos, ou os seus ancestrais. Eu brincava com seu avô, provavelmente, porque tinha um igual a ele quando eu era criança. O gato fechou os olhos e se inclinou em sua carícia. - Keelie, é tão legal essa história do unicórnio. Não o fato dele estar doente, mas que ele é real. Raven parecia uma criança que acabara de vislumbrar Papai Noel em seu trono no shopping. - O que posso fazer para ajudar?

Laurie interrompeu. - Elas perguntaram se você aceita Master Card ou Visa Lady.

Keelie olhou para ela fixamente, sua mente ainda dividida entre o que estava correndo pela floresta e o que estava dizendo a Raven sobre o unicórnio. A pergunta de Laurie finalmente fez sentido. - Papai tem uma máquina de cartão de crédito em algum lugar.

Raven caminhou até o outro lado do balcão. - Olhe sob as prateleiras. Mamãe empurra a dela lá quando ela termina o dia.

Ela e Keelie olharam por cima das prateleiras. Os dedos de Keelie pararam quando tocou a caneca de chá verde de Zeke. Então ela abriu a porta do armário, tendo a visão de uma floresta de pinheiros no Alabama e tirou uma máquina do tamanho de um tijolo coberto de galhos de árvores filigranado de prata. Uma placa na parte dianteira inferior lia-se "O Banco da Floresta do Pânico" no roteiro caligráfico.

- Deve ser isto. Ela tocou no topo e a máquina zumbiu a vida, brilhando com a luz verde brilhante. Seus dedos formigavam por causa da clorofila. Ótimo, como se ela precisasse de mais. Ela sabia que vinha das árvores, mas lembrou da radiação, e ela sabia que a exposição excessiva iria deixá-la doente.

Raven olhou. - Uau, você não tem que ligá-lo. Ele acabou de ligar quando você tocou.

- Sim, e quanto a isso. Deve ser wireless. - Keelie cutucou um par de botões. A máquina zumbia como um inseto.

A mulher vestida de verde veio para o balcão. - Você pode mandar entregar essa grande casa de boneca?

.  
- Claro, disse Keelie, depois parou. Ela ouviu seu pai fazer arranjos de transporte, mas não sabia o que fazer a seguir.

- Permita-me. Raven a empurrou gentilmente de lado. - Dinheiro ou cartão?

Com Raven no comando, Keelie foi para o fundo da loja para ver se Laurie precisava de ajuda. Sentia-se muito melhor graças a infusão de ervas de Janice. A mulher de violeta a deteve.



- É esta aqui querida. Você que fez? Ela segurou uma das bonecas menores em seus braços.

- Não, meu pai é o carpinteiro. Deixe-me pegar uma caixa para você. Keelie foi para a parte de trás para pegar uma da pilha pequena que papai sempre guardava para os clientes. Quando ela pegou a caixa um galho de árvore atravessou a janela alta, abrindo a janela e tocando em seu braço. Árvores em movimento já não a assustavam mais, um sinal claro de que ela não era mais a Keelie da Califórnia.

- Vai ficar tudo bem, disse ela a árvore, acariciando seus ramos ásperos. Ela mentiu. Ela não tinha idéia do que fazer, e Raven não poderia empurrá-la de lado e ajudar com isso. Ela precisava do pai. Os elfos estavam doentes, o unicórnio estava doente, e duas agências governamentais estavam rastejando por toda a feira. Ela não conseguia entender como ou se tudo estava conectado.

Ela pegou uma caixa e começou a voltar, onde ela arrumou a casa de bonecas enquanto Raven pegava o cartão da mulher. Ela passou o cartão através da máquina e um recibo foi impresso.

Graças ao Banco da Floresta do Pânico, eles estavam no negócio.

A mulher assinou o recibo com uma caneta de madeira. - É difícil encontrar brinquedos tão encantadores à moda antiga.

Raven riu. - Uma coisa que os Heartwood certamente pode fazer é trazer o encantamento na madeira.

A senhora loura de verde exclamou sobre um saco de blocos de construção cilíndricos e acrescentou-lhes a compra.

Apesar da tontura de clorofila, Keelie sentiu-se orgulhosa de seu trabalho. Seus ombros doíam um pouco por causa de toda a serragem, mas ela fez uma contribuição para o orçamento familiar. Ela mal podia esperar para contar a seu pai. Ela piscou para conter as lágrimas e deu um passo atrás de uma coluna, de modo que os outros não a vissem.

- Minha melhor amiga vai ter um bebê, disse a mulher, puxando a carteira novamente. - E ela vai adorar estes blocos.

Laurie pegou seu cartão de crédito. - Você sabe, em LA seria o triplo desse valor. Sua amiga vai totalmente adorar .

Raven embalou-os em um saco de papel marrom com uma alça de ráfia.

Knot deixou as mulheres o adorando e caminhou sobre Keelie. Ele colocou sua pata em sua mão e em seguida, pulou o balcão e saiu. Ele parou em um carvalho, esticado para cima e afiou suas garras na casca. O carvalho levantou uma raiz e chutou ele.

Maldito gato. Depois de todo o trabalho para manter os carvalhos dormindo. Keelie olhou rapidamente para as mulheres, certa que uma delas devia ter visto o movimento. Elas ainda estavam agitadas sobre suas compras.

Uma pequena Bhata desceu do tronco da árvore, olhando como uma marionete da floresta feita de ramos e colada com musgo. A cauda de Knot desenrolou e ele sussurrou para ela. Ela inclinou o rosto cheio de folhas e examinou-o com seus olhos de baga.

Uma das mulheres olhou para Keelie, em seguida, seguiu seu olhar e engasgou. Ela apontou para a Bhata, olhando diretamente para ela.  
- Que fantoche incrível!

A mulher podia ver a Bhata. Isto era totalmente errado. Adultos nunca viam fadas.

- Uau, eu nunca vi nada assim. Laurie estava de boca aberta.

Keelie gemeu. Laurie, também. Então ela notou que Raven estava olhando para a criatura em reverência, provavelmente a única que tinha uma idéia do que isso realmente era.

Keelie se lembrou do que seu pai disse sobre desviar os humanos que viam magia. - Esse é um novo boneco que meu pai está trabalhando. Ele ainda está em fase de planejamento, então ele não está à venda.

- Eu não vejo nenhuma corda e é tão natural. A mulher vestida de violeta juntou as mãos em delírio. - Como é que fazem?

- É um segredo de negócio. Papai fez um pedido de patente. Keelie caminhou cuidadosamente em direção à árvore, uma mão estendida em direção a Bhata, que parecia estar esperando por ela.

- É como arte primitiva, mas ainda assim, tão real. A dama de azul apertou os olhos, tentando ver cordas ou varas.

- Você tem certeza que não tem nenhum para vender? A senhora de verde procurou por uma cesta esquecida de fantoches Bhata.

Keelie balançou a cabeça. - Como eu disse, eles ainda estão em desenvolvimento. Ela baixou a mão e permitiu que a Bhata subisse na sua luva. Ela agarrou-se a seu ombro e acariciou sua bochecha com sua mão de vara.

- Uau. A mulher vestida de azul sorriu para suas amigas. Ela se virou para Keelie. - Você tem uma lista de correio?

Knot miou e desapareceu sob o balcão. Ouviram sons de arranhões, então um baque. Raven olhou para seus pés, em seguida, inclinou-se e reapareceu com um caderno em branco.

- Vamos lá. Nome, endereço, telefone, e-mail, por favor.

Laurie parecia estar dividida entre olhar para a Bhata e para Knot, que ainda estava sob o balcão com os suprimentos. - Esse gato devia estar em filmes.

Enquanto as senhoras se alinhavam no livro para rabiscar suas informações de contato, Raven deu a Keelie um olhar sobre suas cabeças. Um olhar tipo "você tem que me contar a verdade" .

Keelie revirou os olhos. A Bhata subiu pela sua cabeça e, em seguida, saltou e desapareceu nas vigas expostas da loja, misturando-se com a madeira escura.

- Este lugar é maravilhoso, a mulher de violeta disse a mulher de azul.

A senhora de azul assentiu enfaticamente. - Nós vamos ter que voltar no próximo ano, e trazer todos os nossos amigos.

Depois que elas saíram, carregadas com caixas e sacos, Laurie e Raven tocaram as mãos e dançaram ao redor do balcão. Keelie olhou para os valores.

- Na última hora, nós conseguimos fazer perto de dois mil dólares.

- Nada mal para uma hora de trabalho. Laurie parecia satisfeita. - Você pode pagar a malvada Finch.

Raven estendeu a mão com um dedo, e a Bhata se inclinou para baixo das vigas. Bagas vermelhas envoltas em musgo saltaram da confusão que formou no seu rosto, dando-lhe um sorriso torto. Raven sorriu de volta. - Keelie, o que é isso?

- Sim. Laurie olhou pela frente aberta da loja. - Eu acho que você precisa explicar algumas dessas coisas da Feira para mim, porque eu acho que vejo um carvalho andando do outro lado da pista. Isso é muito animatronics, que, não me interprete mal, eu não acho que sua pequena Feira pode pagar, ou todos nós temos nos alimentado com chá alucinógeno.

Keelie ficou de boca aberta. - Oh, não. Um carvalho estava de fato, levantando-se do outro lado da pista. Ela agarrou o balcão de pinho. Vários mundanos se reuniram para assistir ao carvalho andante, provavelmente pensando que era uma performance.

Keelie saiu correndo da loja e correu para as árvores, convocando energia e magia. Seu encontro mágico com Elia ontem a havia drenado, e a magia que tinha usado para manter as árvores adormecidas estava desmoronando.

Ela fechou os olhos e abriu a sua mente.

Tavak, você pode me ouvir? Keelie permitiu que a árvore visse em sua

mente o que estava acontecendo com o carvalho.

*Crie um escudo. Canalize sua energia.*

Keelie não achava que tinha sobrado muita energia, mas ela empurrou suas mãos na direção das árvores e sentiu lentamente o núcleo da floresta mágica que tinha descoberto profundamente dentro de si mesma. Energia verde fluíu de suas mãos. O vento começou a soprar, areia e detritos giravam em torno dos seres humanos, envolvendo-os em pequenos ciclones. Energia verde também cercaram os mundanos, mas eles tinham coberto os olhos para se proteger do vento e não viam o brilho.

*Tavak falou novamente. Estamos ajudando você, filha do Pastor das Árvores. Os seres humanos não vão ver as árvores.*

Você está brincando? Um carvalho do tamanho de uma casa de dois andares estava pisando no beco lateral entre a loja de ervas e as latrinas. Janice ficou na sua porta, com a boca aberta em um círculo perfeito de espanto. Eu estou achando que eles estão visíveis para alguns.

*Ajude Oamlik, Pastora das Árvores. Tavak parecia estressado.*

Oamlik deve ser o carvalho rebelde. Keelie teve a impressão de grande idade, embora Oamlik não fosse a árvore mais alta na floresta e nem a mais brilhante. Ela caminhou até Oamlik e estendeu a mão. A árvore agarrou-lhe o braço com o que parecia dedos de galhos finos.

Janice observava enquanto Keelie andava com Oamlik de volta para o bosque em frente a Heartwood. Era como se ela estivesse escoltando uma pessoa idosa através de um cruzamento movimentado. Este era o primeiro, pensou. E se ela tivesse sorte, o último também.

Enquanto eles faziam seu caminho para o bosque, dezenas de Bhata subiram na árvore e tocou-lhe, como se em tributo. Uma tocou suas pálpebras, fazendo-a fechar os olhos. Ela não queria ficar com os olhos picados por uma fada vara, mas quando ela os reabriu tudo era verde brilhante.

Ela tinha ouvido falar sobre ver o mundo através de óculos cor-de-rosa, mas esta era a versão da floresta. Era como se ela estivesse vendo dois

reinos diferentes empilhados um em cima do outro.

O mundo humano, o mundo em que vivia, estava lá; mas com a visão mágica ela viu o mundo oculto, também. Foi por este caminho que seu pai viu a floresta? Foi esta a diferença entre ver com olhos humanos e os olhos dos elfos?

Havia Bhata em todos os lugares, de todos os tipos. Fadas feithid daoine, fadas insetos que eram inteligentes e às vezes más. Knot gostava de persegui-las. E ela podia ver os rostos nas árvores, as árvores como elas realmente eram e elas eram tão diferentes quanto os seres humanos. Havia algumas com rostos largos e algumas com rostos angulares. Algumas tinham expressões solenes, com lábios de casca enrugada austeros, enquanto outras pareciam ter sido uma vez felizes, com linhas de sorriso e ranhuras em sua casca. Sua alegria havia desaparecido, no entanto, e muitas das árvores e algumas das Bhata e feithid daoine estavam manchadas com um líquido espesso azul escuro luminoso. Algumas das árvores tinham o material escorrendo para baixo de seus troncos.

Quando Oamlik afundou suas raízes profundas no solo, Keelie notou que as raízes do velho carvalho também estavam cobertas na substância azul pegajosa. Ela abriu a mente para Tavak e Oamlik.

O que é isso?

Nós chamamos isso de venumiel. Desde que Lorde Einhorn ficou doente, ele não pode nos proteger dos venenos que os humanos fazem.

Compaixão a preencheu. As árvores estavam cansadas, e elas estavam doentes há muito tempo. Keelie olhou nas memórias de Oamlik e viu o unicórnio correndo pela floresta. Sua magia protegia as árvores das chuvas ardentes, do ar escuro e sujo, das vibrações dolorosas das casas de metal dos seres humanos do outro lado da montanha. Keelie viu na memória da

árvore como o unicórnio tocou seu chifre nas árvores doentes e estendeu sua magia sobre todos, protegendo esta floresta.

O unicórnio estava em uma clareira. Isso estava acontecendo agora, Keelie viu. Longe, mas acontecendo neste exato momento. Prédios atrás dele, e o que parecia ser uma chaminé. Ele cambaleou quando tocou seu chifre numa árvore sem folhas. Mesmo agora, doente como estava, ele estava tentando proteger seu reino. Ela iria ajudá-lo. Ela tinha que ajudá-lo.

Keelie abraçou a árvore. Ele passou os galhos em volta dela, e depois o verde desapareceu de sua visão e ela percebeu que estava cercada por uma pequena multidão, batendo palmas.

Ela olhou para cima, mas o rosto de Oamlik tinha voltado ao formato de nós.

Exausta, Keelie curvou-se para a multidão, mas não muito baixo caso ela caísse para frente na poeira. Ela se perguntou o que as pessoas tinham visto, ou achavam que tinham visto, e começou a voltar para Heartwood.

Os meninos nerds que tinham visto o lançamento dos picles no dia anterior a seguiram. - Isso é tão incrível! Você está usando algum tipo de programa de robótica? Isso foi legal. Como você e aquela árvore nunca reagiram aos cavaleiros.

- Cavaleiros? Ela devia ter estado totalmente longe. Cavaleiros sempre abalavam a terra enquanto galopavam em seus enormes corcéis blindados.

- Sim, quando vocês dois estavam atravessando a rua e os cavaleiros vieram com aqueles grandes cavalos e você continuou andando. Tão legal! Para onde foram os cavaleiros? Os meninos olharam em volta, como se os fantasmas dos cavaleiros fossem reaparecer.

Agora Keelie entendeu o que Tavak quis dizer; as árvores tinham criado uma ilusão de cavaleiros para que todos pensassem que a árvore andante fazia parte do show. - Eu aposto que eles foram para o torneio.

Um cara corpulento vestindo um kilt bufou. - Isso não era um robô. Há algum ator nesse traje de árvore, não é garota?

Keelie balançou a cabeça. - Nenhum ator. Acredite em mim.

- Eu diria que é um ator, e eu vou provar isso. O homem pegou uma vassoura que estava encostada a um prédio vizinho e foi em direção a Oamlik. Quando ele passava por um dos outros carvalhos, um ramo pareceu balançar com uma brisa que passava. Ele agarrou seu kilt, revelando a cueca boxer de seda azul com o logotipo do New York Yankees 'estampada em vermelho na parte traseira.

Risos estouraram da multidão. O cara puxou o kilt de volta para baixo, com o rosto vermelho como as letras em seu traseiro. Keelie sorriu. Árvores com um senso de humor. Quem poderia imaginar?

24

Quando Keelie voltou a Heartwood, encontrou Laurie e Raven à espera de novos clientes. Knot deitou num raio de sol no balcão, que deu a sua geralmente demoníaca pele laranja um brilho dourado angelical. Ele ronronou como um gatinho da Ferrari. Pessoas acariciavam enquanto passavam e lhe dizia que era um gato adorável. Mas Keelie poderia dizer que ele ainda estava doente, e agora ela viu o azul na beirada de suas narinas de gato. Ela se perguntou se ia ver venumiel no papai. Ele disse que as árvores e os duendes estavam intimamente ligados, e isso era um sinal claro.

Mesmo doente Knot estava curtindo a adoração dos clientes que tinha encantado. Não haveria de estar com ele agora. Keelie se perguntava se era uma variação do charme elfo. Não, isso não era possível. Ainda assim, ela o cheirou quando passou, verificando se tinha o perfume de canela revelador de duende mágico.

Laurie estava mostrando a um casal um berço feito de galhos e incrustado



com pedras semipreciosas. A mulher estava enormemente grávida. O casal de mãos dadas se olhou com adoração, quando Laurie contou-lhes como era um suporte especial que tinham decidido comprar. - Assim como o da Bela Adormecida.

Keelie havia se trocado com um dos vestidos longos e esvoaçantes que comprara no Closet de Galadriel na Feira de Montanha Alta. Vestindo seu próprio traje se sentiu muito bem após a variedade de roupas estranhas que ela teve que vestir. Tinha certeza de que ela ainda podia sentir um sopro de picle em sua pele de vez em quando.

Raven estava trabalhando na máquina de cartão de crédito. Keelie aproximou-se e Raven franziu a testa. - Por que você não corre de volta para a RV e tira uma soneca? Você não dormiu nada em dois dias.

- Eu não posso. Eu tenho que manter os carvalhos longe de tumulto. Keelie afundou em um banquinho e apoiou a cabeça contra a parede. Sua cabeça estava cheia e a dor de cabeça de trovão estava voltando.

- Ei Laurie, por que você não arranja um pouco de café para nós? Vou cuidar da loja para Keelie.

Laurie pegou dinheiro do caixa e cutucou o braço de Keelie. - É Dia de Saint Patrick?

Keelie olhou para baixo. Seu braço estava verde. Não é nada bom.

- Eu concordo com Raven. Você precisa descansar. Laurie franziu a testa, mas ela não notou a Bhata escalando as colunas da loja. A magia estava segura por mais algum tempo, mesmo que Keelie estivesse se transformando em um brócoli humano.

Quando Laurie voltou com três cafés, Keelie aceitou o dela agradecida. Seu velho amigo sentou-se à sua frente e assistiu beber.

- O que está acontecendo com as árvores, estes fantoches de vara, e você ficando verde?

Keelie engoliu pelo caminho errado e começou a tossir. Laurie lhe entregou uma pilha de guardanapos, como se estivesse preparada para essa reação.

Ela se perguntava o quanto devia dizer a Laurie. Ela já tinha falado quase tudo para Raven, mas Raven era praticamente da família e ela tinha crescido em torno dos elfos. - O que você sabe sobre magia?

- Oh, por favor. Não venha com essa de Senhor dos Anéis pra mim. Laurie sentou-se ereta, olhando com raiva. - Se você não pode confiar em mim com a verdade, então cale a boca.

Keelie suspirou. - Você acha realmente que viu bonecos?

Raven encontrou os olhos de Laurie e balançou a cabeça lentamente. Depois de um momento, os olhos de Laurie se arregalaram. - Você não pode estar falando sério.

- O que você sabe sobre magia? Keelie repetiu.

Laurie deu de ombros. - Coisas que li nos livros que comprei na loja New Age e coisas que Margaret Seastrunk me disse. Quer dizer, ela compra todos esses livros Wicca da livraria e leva para a escola, e confesso que nós já lançamos alguns feitiços para tentar fazer alguns rapazes bonitos se apaixonar por nós. Não funciona!

O calor de Laurie fluiu através de Keelie. Laurie tinha sido sua amiga de longa data e se elas iam continuar sendo amigas, então ela teria de dizer a verdade. Manter o mundo humano e o mundo élfico separados ia ser difícil e Keelie precisava de suas amigas para fazer isso dar certo.

- Olhe para as minhas mãos. Keelie as ergueu. Suas cutículas e as pontas de suas unhas estavam verdes.

- E quanto a elas, além de realmente estar precisando de uma manicure? Perguntou Laurie. - Isso não é um fungo de unha, é?

- É clorofila.

- Clorofila? Como na aula de ciências do Sr. Stein?

- Laurie, você realmente viu aquela árvore andando do outro lado da rua e você realmente viu uma pessoa como uma vara. Elas são chamadas de

Bhata. Keelie examinou o rosto da amiga, tentando avaliar a reação dela.

- Sai fora. Butter? Laurie riu.

- Bhata. E elas não são as únicas coisas estranhas por aqui. Muitas das pessoas com orelhas de elfo não estão usando maquiagem.

Raven estava encostada por perto, escutando.

- Meu pai é um elfo e Elia, a menina com a harpa, é um elfo também. Ela também não é muito boa.

- Sai fora! Gritou Laurie. - Um elfo de verdade? Isso bate Margaret Seastrunk e seus feitiços de amor em qualquer dia. E isso explica muita coisa, essa orelha, e como você sempre saia por aí brincando de fadas e o jeito como você arfa quando ri.

Keelie olhou para ela. - Eu não arfo quando rio. Mas tudo é verdade.

Raven estava balançando a cabeça lentamente. - E o unicórnio?

A boca de Laurie caiu aberta. - Um unicórnio?

- Sim, disse Keelie. - Eu fui para a floresta na outra noite porque fui chamada por um unicórnio.

- Mas ele não estava lá? Laurie olhou para ela. - Eu não vi e eu estava bem atrás de você.

Keelie olhou com respeito para sua amiga. Laurie parecia aceitar melhor todas essas coisas de outro mundo do que Keelie tinha aceitado quando seu pai e Sir Davey tinha dito a ela pela primeira vez sobre sua verdadeira natureza. – Estava lá, esperando por mim.

- Você quer dizer na floresta? Era apenas um cavalo branco.

- Sim, sobre isso. Keelie pausa. - Você tem que ser virgem para vê-lo.

Laurie sentou-se e em seguida, caiu em prantos.

Keelie correu para abraçar a amiga chorando e Raven segurou o café de Laurie e virou-se para ficar de olho nos clientes.

- Eu não estou te acusando de nada, Laurie. Você não tem que falar sobre isso, se você não quiser.

- Eu não quero. Laurie soluçou e se virou.

Keelie voltou para o balcão, triste por que Laurie não queria compartilhar seus segredos. Não que ela devesse reclamar, ela tinha mais do que alguns segredos. Ela desejava que pudesse apenas ir para a cama e dormir o resto do dia. Bebericando seu café, ela esperou Laurie se recompor. Raven estava de repente ocupada arrumando a loja.

Depois de um tempo os soluços se transformaram em suspiros, e em seguida, Laurie se juntou a elas. Seu rosto estava manchado de tanto chorar e seus olhos azuis estavam arregalados de choque da revelação de Keelie ou da sua própria revelação. Mas antes que ela pudesse falar de novo o telefone celular de madeira tocou da prateleira por baixo da bancada de pinho.

Assustada, Keelie quase derramou o conteúdo de sua xícara de café. Ela pegou o telefone com a mão trêmula, esperando que não fosse Elia. Knot pulou em cima do balcão e colocou uma pata em seu braço quando ela agarrou o telefone.

- Eu deveria atender?

O gato laranja piscou seus olhos totalmente dilatados. Keelie não sabia se ela estava pronta para encarar a menina elfo novamente. Elia tinha usado magia no velho telefone celular de Keelie no Colorado, fingindo que era Laurie. Naquela época Keelie vinha conspirando para voltar para a Califórnia, desesperada para recuperar a vida da qual ela tinha sido arrancada quando sua mãe morreu. A vida tinha mudado certamente para ela nos últimos meses.

Knot coçou a cabeça contra seu braço, que ela entendeu como sim, ela devia atender ao telefone. Ele tocou de novo. Talvez fosse o pai.

- Você vai atender? A voz de Laurie assumiu um tom estridente enquanto ficava agitada.

- Sim. Keelie apertou o botão em espiral e a tela do telefone celular se iluminou. Um zing vibrou através de seu corpo e o quarto girou. Ela firmou-se contra a borda do balcão enquanto sua mente se enchia com a imagem de uma floresta grande, estranhamente iluminada, cheia de árvores gotejando obscurecida pela névoa.

Uma vez que estava com a cabeça clara, Keelie percebeu que as unhas que estava segurando o telefone se tornaram verde mais escuro. - Alô, Heartwood.

- Quem é? A voz era feminina e mandona. - Eu preciso falar com Zekiel Heartwood imediatamente.

Knot assobiou.

- Ele não pode... vir até o telefone, mas eu posso levar uma mensagem.

- É Keliel?

Apenas outra pessoa iria chamá-la pelo nome élfico. - Sim.

- Esta é a sua avó, Keliatiel. Diga ao seu pai que eu preciso falar com ele, agora.

Essa vaca nervosa não soou nada maternal. Irritação brotou dentro de Keelie. Ela não tinha ouvido falar de sua avó desde que ela veio morar com seu pai, além de uma nota sucinta.

- Alô? Alô? A voz da avó de Keliatiel ecoou do telefone. - Keliel?

- Sim vovó.

- Lorde Elianard telefonou-me sobre as circunstâncias terríveis em Wildewood. Como está meu filho?

Seu filho! Sentindo-se territorial Keelie pensou que enquanto seu pai podia

ser filho da avó de Keliatiel, ele era o seu pai. - Papai está doente. Ele está em quarentena com os outros elfos no alojamento da cidade. Eu não sei muito mais do que isso, além do que Sir Davey me disse.

Laurie tinha se afastado e estava arrumando as casas de bonecas.

- Davey? Quer dizer Jadwyn. Esse anão está sempre enfiando o nariz nos assuntos dos elfos.

Keelie não gostou do tom de sua avó. Pelo menos Sir Davey estava aqui com ela e não em alguma floresta no noroeste.

A avó de Keliatiel se sentiu no controle. - Fiquei decepcionada ao ouvir de Lorde Elianard sobre sua atitude desrespeitosa para com ele e seu comportamento abominável com Elia. Isso não é maneira da filha do pastor da árvore se comportar. Eu suspeitava que teríamos anos de educação humana para superar. Vamos começar assim que você estiver em casa na Floresta do Pânico. Nesse meio tempo, eu quero que você obedeça a Lorde Elianard.

Keelie decidiu ali mesmo que não gostava de sua avó. Ela não estava ansiosa para conhecê-la e Keliatiel não parecia ter qualquer amor por sua neta há muito perdida. Provavelmente haveria muitas palestras severas e expectativas élficas de perfeição que Keelie nunca seria capaz de obter. Ela não podia acreditar que seu bondoso e gentil pai foi criado por esta megera que odeia humanos.

Knot se esticou sobre as patas traseiras e bateu no telefone com sua pata. - O quê?

Ele colocou uma garra na filigrana de prata e puxou o telefone. Ela estendeu para ele e ele miou no bocal. Em seguida, ele baixou as pernas da frente, fechou os olhos e ronronou como se tivesse realizado uma missão.

Keelie levantou o telefone de volta para sua orelha e ouviu a avó Keliatiel dizer tensa, - Eu entendo que Knot está aí com você.

Aparentemente não havia nenhum amor perdido entre a avó Keliatiel e Knot. Heh.

- Sim, ele está aqui. Ele é meu guardião, você sabe.

Laurie olhou para o gato com espanto. Raven parecia doente.

- Eu vou dizer ao papai que você ligou quando eu vê-lo. Keelie revirou os olhos para suas amigas.

- Por favor, faça isso e diga para ele me telefonar logo que possível. Diga aos outros que uma equipe de emergência deixou a Floresta do Pânico. Se você precisar de alguma coisa, Elianard me garantiu que ele vai fazer o que puder para você e para o seu pai.

Aposto que faria. Enquanto eu lhe mostrar o unicórnio e então ele me empurra de um penhasco.

- Vou me lembrar disso. Adeus, Vó... como devo chamá-la?

- Vovó Keliatiel. Sua voz tornou-se mais quente, carregada de preocupação. - Se o seu pai piorar, me avise o mais rápido possível.

- Eu aviso

- Até nos encontrarmos pessoalmente, Filha da Floresta, cuide de seu pai o melhor que puder.

- Eu vou. Filha da Floresta? Essa era nova. Ela teria que começar uma lista de todos os seus novos nomes. - Adeus, Avó Keliatiel.

Desligando o telefone, Keelie tinha essa horrível premonição de que a vida na Floresta do Pânico seria verdadeiramente terrível, como uma espécie de academia militar élfica, com Elia na cabeça da classe. Dor pulsava por trás do olho direito de Keelie enquanto pensava sobre quanto tempo ela estaria na escola. Elia já tinha sessenta anos.

Laurie se debruçou sobre o balcão. - Você está bem? Você está parecendo um pouco verde. Quer dizer, mais verde do que antes. Você sabe, você fica dessa cor quando está em torno de um monte de árvores. É a sua alergia de árvore?

- Nunca houve uma alergia de árvore. Keelie levantou a mão e olhou para ela na luz. Sim, ela estava ficando realmente verde. Se Sir Brine a visse agora, ele ficaria muito feliz.

“Oh. My. God. You’ve really had this magic elf thing going since we were kids, haven’t you?”

- Oh. Meu. Deus. Você realmente tinha essa coisa de elfo mágico desde que éramos crianças, não é?

Keelie assentiu. - Eu não sabia. Foi a mamãe quem me disse que era alergia de árvore.

- O que é realmente?

- É um efeito colateral por usar magia de árvore. De ser intoxicada por magia de árvore, Keelie pensava. Ela enfiou a mão no bolso de seu vestido para buscar o cristal rosa, mas ele não estava lá. Encheu-se de pânico e ela teve que respirar fundo algumas vezes para acalmar sua ansiedade. Ela tinha que manter a cabeça, mas ela precisava desesperadamente do cristal rosa para neutralizar a reação de seu corpo a magia de árvore.

A dor aumentou três vezes atrás de seu olho e ela se apoiou no balcão, com a cabeça na mão. - Eu preciso me deitar, Laurie.

Rapidamente, Laurie caminhou ao redor do balcão e colocou o braço em torno de Keelie. - Onde?

- Lá atrás.

Passos pesados bateram nos degraus fora da loja. Keelie forçou-se a levantar a cabeça, fazendo uma careta quando a dor bateu através dela como se tivesse sido agredida por um dos ramos do carvalho. Ela encostou-se em Laurie e firmou-se contra o balcão.

Era Finch que entrou na loja. O que não era surpresa, devido aos mil dólares que tinha em dívida com ela. Mas Keelie ficou chocada com a aparência da diretora da Feira. O coque vermelho de Finch estava caído e cachos murchos emolduravam seu rosto. Seu espartilho também estava caído. A tez pastosa substituiu um irritado vermelho brilhante que ela normalmente usava.



- Fechem meninas. Só tenho a notícia de que o CDC e a EPA estão fechando a Feira e quando olharem para você Heartwood, não vai demorar muito.

- O quê? Eles não podem fechar a Feira. Será que o papai sabe?

- Minhas ordens da sede são para dizer a todos para dar o fora de Wildewood. Você tem 24 horas para arrumar seu veículo e todos os seus pertences pessoais, mas já que seu pai está doente e vocês são menores de idade. Ela suspirou. - Eu acho que eu preciso alertar o serviço de bem-estar infantil local.

- Isso não será necessário. As meninas vão ficar comigo. Sir Davey entrou na loja com um enorme geode de ametista em seus braços.

- Zeke disse que desde que as meninas fiquem comigo, vai ser fácil dirigir para algum lugar perto e esperar a quarentena até que Zeke seja liberado.

O aroma de canela permeava o ar. Os cabelos no pescoço de Keelie subiram em alarme.

Elanard tinha seguido Sir Davey até loja. - Como sabemos que esses são os desejos de Zekeliel, Jadwyn? Falei com a avó de Keelie e ela deseja que eu cuide do bem-estar de sua neta. Os olhos de Elanard dispararam pela loja como se ele procurasse por algo.

Knot assobiou e sua cauda balançou. Elanard se avastou. - Mas você pode pegar o gato.

O Quê? De jeito nenhum Keelie iria com o cheiroso Elanard. Knot, também.

As sobrancelhas de Sir Davey aumentaram. - Você pode ter falado com a avó de Keelie, mas é o pai da moça que toma a decisão final quanto ao local aonde ela vai.

Elanard não parecia satisfeito. Seu rosto se tornou ainda mais comprimido do que o normal. O canto esquerdo do lábio superior levantou e seus olhos

estreitaram-se. Ele engoliu em seco, como se estivesse sufocando sua réplica a Sir Davey.

- O pai dela está bastante doente. Ele não está em condições de tomar tais decisões. Keelie é parte da minha família estendida, por assim dizer, portanto, eu sou naturalmente a pessoa para cuidar dela e de sua amiga e o negócio de seu pai. Elianard correu o dedo indicador ao longo da borda do balcão. - Tal como ele é.

Mais canela flutuou em direção a Keelie. Talvez ir com Elianard não seja tão ruim.

...

Ela balançou a cabeça, envolvendo-se em magia verde de árvore para limpar o feitiço, mas não funcionou. Canela... Keelie percebeu que ele estava usando o charme mágico élfico sobre ela. Seus dedos se fecharam ao redor da bolsa em sua cintura. Claro. Foi aí que ela colocou o cristal rosa. Ela segurou com força e o cheiro desapareceu. A dor de cabeça diminuiu para um ruído maçante.

- Obviamente a criança não está se sentindo bem. Ela pode descansar e Elia pode cuidar dela. Ele forçou os músculos raramente usados em torno de sua boca em um sorriso. Parecia realmente assustador para ele. - Nós podemos fazer arranjos para enviar sua amiga de volta para a Califórnia. Laurie put her fists on her hips. "I'm staying with Keelie. She needs me." Laurie colocou os punhos nos quadris. - Eu vou ficar com Keelie. Ela precisa de mim.

- Eu quero ir com Davey. Na verdade, Keelie não queria ir a lugar nenhum até que o unicórnio fosse curado.

- Você vai desobedecer a vontade de seu pai e de sua avó? Os olhos verdes de Elianard escureceram. Algo como fumaça nadou em sua íris.

Keelie fez sinal com a mão para o telefone celular ainda no balcão.

- Vamos ligar para ele e descobrir.

Laurie pegou-o de volta e agarrou-o. - Vou discar o número para você.

- Eu sei o número. Sir Davey estendeu a mão para o telefone. - Vamos perguntar a Zeke. Ele segurou o olhar de Elianard.

- Você realmente quer acordar seu pai Keelie? Ele precisa descansar. O rosto de Elianard estava cheio de falsa preocupação.

Ela não queria acordar o pai, mas ela não queria ir com Elianard. Ela sabia que o pai não queria que ela fosse com ele, mas Finch precisava ouvir por si mesma.

- Ligue para ele, Sir Davey.

Finch arqueou uma sobrancelha. - Sir Davey, leve as duas meninas. Eu sei que Zeke confia em você.

Elanard estava prestes a falar, mas Finch fez um movimento de corte com a mão sobre o pescoço. - Escute, eu não me importo com o que a vovó disse. Além disso, eu não iria submeter um rato aos cuidados da sua filha.

O rosto de Elanard ficou vermelho. Ele endireitou-se e apontou o dedo para Finch, que, por sua vez, levantou o peito com o espartilho e disse bem alto: - Eu não tenho tempo para isso, Elanard. Eu tenho que ir e dizer a todos nesta Feira que eles têm que sair e vai levar horas para fazê-lo e não é só isso, eu vou ter que ouvir as pessoas reclamarem como crianças no jardim de infância porque não querem ir. Eles estão perdendo dinheiro, e porque a vida não é justa. Então, eu não tenho tempo para ficar entre um de seus acessos de raiva, e se você continuar me forçando, você vai me deixar louca. E você realmente não quer me deixar louca, não é?

Elanard se afastou. Finch saiu.

Sir Davey olhou em volta. - Vocês meninas precisam de ajuda para fechar a loja?

- Você vai se arrepender por essa interferência, anão, disse Elanard.

- Keelie vem comigo.

O interior do geode de ametista começou a brilhar com uma luz roxa brilhante. Sir Davey colocou em seu ombro como uma bazuca. - Se você não sair daqui, então seus curandeiros elfos terão que arrancar cristais roxos de seu traseiro.

Elianard manteve um olhar atento sobre Sir Davey quando o anão avançou sobre ele. Então ele se virou e foi embora, não em uma apressada tentativa de fugir de um anão, mas Keelie notou um ritmo mais rápido no seu passo.

- Uma bazuca de cristal. Mamãe iria morrer. Laurie parecia impressionada.
- Você sabe, nós temos uma boa quantidade de crime em Los Angeles.

Keelie puxou o cristal rosa para fora de sua bolsa, tentada a beijá-la. Elianard tinha quase conseguido. E quem teria pensado que Finch viria a ser o seu herói?

25

Naquela noite, na mesa de jantar da RV, Keelie esfregou sua tektite entre os dedos e viu como Sir Davey usava o alicate para cortar várias vertentes de fio prata de um grande rolo. Usava óculos com lentes de aumento que realmente super-dimensionava as sobrancelhas, fazendo-as parecerem lagartas mutantes.

Laurie procurou em uma cesta de pedras preciosas, escolhendo suas pedras pessoais por insistência de Sir Davey.

E não escolha uma porque vai combinar com uma determinada roupa. Você tem que achar uma que você se sinta bem e você saberá quando encontrar. Keelie conseguiu. Ele estendeu a mão para o tektite e em seguida, levantou o fragmento de meteoro em forma de folha contra a luz, examinando-o como um joalheiro faz com um diamante.

A garrafa azul, com um dragão de prata gravado na parte superior, estava sobre a mesa entre eles. Keelie pensou que o dragão parecia Finch, especialmente a fumaça que saía de suas narinas. Ela teve que beber três xícaras de café super forte de Sir Davey antes de sua dor de cabeça se dissipar. Mas seu tempo de recuperação tinha melhorado drasticamente. A primeira vez que ela tinha usado magia de árvore, tinha levado alguns dias para melhorar e desta vez tinha sido menos de 12 horas.

- Acho que encontrei a certa. Laurie levantou uma pedra, em seguida, deixou cair, decepcionada. - Não, eu não sinto nada.

- Continue procurando.

Keelie olhou pela pequena janela e viu as árvores balançando ao vento. Havia nuvens negras penduradas no horizonte, lembrando-a dos olhos de Elianard mais cedo. Havia algo de ameaçador no ar. Se houver uma tempestade, ela teria que sair nela. Tinha que encontrar Einhorn. Ela olhou para a garrafa e, em seguida, serviu-se de uma xícara de café, pensando que ela teria que ficar acordada para fazer a busca.

Laurie gritou. - Whoa, eu estou sentindo a vibração desta aqui. Ela levantou uma pedra branca que refletia pequenos arco-íris na luz.

- Ah, uma boa escolha Laurie. Sir Davey sorriu. - É uma pedra da lua. Ela vai protegê-la, mas a maioria traz a felicidade para quem a possui. E ajuda o usuário a aceitar mudanças em sua vida.

- Legal. Depois das coisas que eu vi e ouvi hoje, o olhar de Laurie segurou o de Keelie. - Eu preciso de uma pedra da lua em minha vida.

- Eu vou enrolar seu tektite em um fio de prata de modo que você possa usá-lo. Sir Davey desenrolou tiras finas de prata do carretel. - É hora de fazer alguma magia da Terra.

Ele formou uma rede de fio de prata em torno do tektite e enrolou uma ponta para formar um laço, em seguida, entregou-o a Laurie, que enfiou num cordão de couro e amarrou no pescoço de Keelie.

O pingente de tektite parecia pesado ao lado do coração da Rainha Aspen, mas Keelie não teve que recorrer a ela como fez com o cristal rosa. Ela sentiu-se envolvida por um escudo invisível.

As onze horas, Sir Davey guardou suas ferramentas. - Estou exausto. Vamos limpar amanhã. Mas lembrem-se moças, usem suas pedras de proteção onde quer que vocês vão.

- Nós vamos. Keelie deu em Sir Davey um beijo na bochecha, e Laurie também, que agora usava a pedra da lua pendurada em um cordão de seda rosa.

À meia-noite todos se acomodaram para dormir, exceto Keelie, que estava determinada a ficar acordada. Sir Davey tinha ido para o beliche com os dois restantes dos homens felizes ao lado.

Laurie estava deitada na enorme cama de Davey, parecendo pequena e sozinha no meio dela. Ela observou Keelie escovar os cabelos.

- Você sabe, eu deveria estar surtando sobre você ser um elfo e ter magia. Eu deveria estar correndo de volta para a Califórnia. Mas você sabe, eu sempre senti que a vida nem sempre foi só o que podemos ver. Quer dizer, eu queria que fadas fossem reais. Eu queria que mágica fosse real, e é.

Keelie afastou-se do espelho para olhar sua amiga. - Magia é real, mas não é tudo conto de fadas como Cinderela. Quero dizer, Elia ameaçou prejudicar a criança na Maypole e na Feira de Montanha Alta ela cegou um falcão chamado Ariel.

Laurie bocejou e balançou a cabeça. – É porque Elia é uma vaca cruel. Você pode salvar as árvores e seu pai, Keelie. Você tem que encontrar um caminho. Eu vou ajudá-la. Ela bocejou novamente.

- Boa noite, Laurie.

Nenhuma resposta. Laurie já estava apagada.

As pálpebras de Keelie estavam pesadas também. Estava tão cansada. Ela pensou em Einhorn, Oamlik o carvalho e seu pai. Todos eles precisavam dela. Ela sentou-se ao pé da cama e esfregou os olhos. Ela não conseguia ficar acordada. Quando seus olhos finalmente se fecharam, Keelie ouviu sons de uma harpa ecoando em sua mente.

A imagem do rosto de Elianard se formou. Ele estava girando um cordão com um pingente de bolota envolto com espinho no final. O cordão girou, girou e girou e a voz paterna de Elianard perguntava vez após vez "Onde está o unicórnio?".

Uma harpa tocando, música de fundo para o seu zumbido repetitivo. Keelie não poderia acordar; ela não poderia escapar de Elianard. Ela correu, mas sua cabeça sem corpo apareceu na frente dela. Em uma visão, ela se encontrou no topo de uma montanha e Elianard estava ao seu lado e acenou com a mão.

- O unicórnio usa sua magia para se esconder de mim e agora os cientistas humanos vão encontrá-lo antes que eu possa completar o meu trabalho. Acho que você sabe onde esse animal astuto está se escondendo.

Uma imagem de um dos agentes da EPA se formou. Eles estavam no acampamento no outro lado da usina. Em algum lugar nas proximidades estava o unicórnio. Ela tinha que chegar até ele. Lembrou-se das imagens de satélite da área no computador de Sir Davey. A área da floresta em torno da usina havia sido uma vez senciente, mas agora estava morta, porque o seu guardião estava morrendo.

- Você está matando o unicórnio. Keelie queria ficar longe de Elianard, mas ela não podia. Sua imagem pairava sobre ela como se estivesse em uma tela de cinema IMAX.

- Eu não vou matá-lo; Eu só estou pedindo emprestada sua magia. Os

seres humanos são os culpados, com seus venenos. Elianard franziu a testa. - Eu não tenho que me explicar para uma Orelha redonda insignificante. Diga-me o que eu quero saber.

- Não. Keelie tentou agarrar-se a visão do unicórnio, mas ela falhou e desapareceu.

- Talvez haja alguma coisa que possa persuadi-la.

De repente, eles estavam em uma sala à luz de velas. As chamas bruxuleantes lançavam sombras altas nas paredes de madeira. A pequena cama estava em um canto de outra sala vazia. Papai estava sobre ela, úmida e cinza e ele parecia muito doente. Keelie correu para seu lado. - Pai, você pode me ouvir? Sou eu, Keelie.

- Ela tentou tocá-lo, mas sua mão passou por ele. Isto era apenas um sonho, disse a si mesma.

Ela se virou para olhar para Elianard. Ele parou diante dela, parecendo real o suficiente para tocar. Em torno deles havia rostos de fantasmas de árvores. Suas bocas se moviam silenciosamente, tentando falar com ela, mas ela não ouvia nada.

- Diga-me onde está Einhorn ou a morte de seu pai estará em sua cabeça. Elianard falou como se sua escolha o perturbasse. O verde de seus olhos estava com círculos pretos, uma escuridão que ela tinha visto antes, a marca da magia negra. - Se você me ajudar, a doença vai embora e você vai ter salvado a Floresta do Pânico também. O que é um unicórnio triste? É uma bênção poder tirar dele sua dor.

Ela olhou para seu pai. Isso era mais do que um sonho. Em algum lugar seu pai estava deitado doente e ela não tinha como saber onde ficava esta cabana nessa vasta floresta ao seu redor. Ela tinha que escolher. Einhorn ou seu pai. A floresta podia crescer novamente, mas ela tinha apenas um pai. Claro, talvez ele não fosse perdoá-la se ela deixasse o unicórnio morrer.

A música da harpa aumentou e o espinho entrelaçado na bolota girava e girava no tempo da música.



- Diga-me, Keliel. Elianard andou para frente e Keelie recuou até o pé direito bater no ar então percebeu que eles estavam de volta no topo da montanha e ela desceu para o nada. Ela caiu através do ar. Deve ser assim que Ariel se sente quando voa. Ela bateu no chão - e acordou. Algo realmente pesado caiu sobre seu peito e sua respiração estava acelerada. Knot sentou-se em seu estômago e olhou para ela. Seus olhos brilhavam prateado com o luar refletido.

Ela arfou por ar. - Gato maluco. Eu quase pulei para fora da minha pele.

Algo estava batendo no trailer com duros golpes. Estava balançando para trás e para frente. Um terremoto!

Lá fora, ouviam-se gritos da barraca dos Homens Felizes. Keelie ouviu a voz de Sir Davey no caos.

Ela sacudiu o ombro de Laurie. Sua amiga murmurou "O quê?" Em seguida, Laurie se sentou.

- Terremoto! Seus instintos de californiana bateram nela e ela rolou para o chão e se arrastou até a porta.

- Não é um terremoto. Eu acho que as árvores estão atacando as tendas. Vamos lá, temos que sair daqui. Temos de ajudar os outros.

Lembrou-se da ameaça de Elianard. Keelie sabia que não tinha sido um mero sonho. Seu pai estava num terrível perigo, mas agora ela também estava. Ela pulou da RV, Laurie bem atrás dela e inclinou-se para o vento que soprava em rajadas fortes. Levou um segundo para entender o que estava vendo. Gritos e berros furiosos encheu a noite. Formas escuras se moviam por todo o acampamento. De um lado, um carro incendiado, mas ninguém parecia tomar conhecimento. O ar estava cheio com o cheiro de terra mexida, misturada com o cheiro de borracha queimada.

As formas ameaçadoras eram árvores. Um barulho enorme de metal triturado as fez se virarem. Um ramo estava em um vinco na parte superior da RV de Sir Davey. Keelie gritou quando percebeu que ainda estava ligado à árvore, que estava levantando o ramo enorme para bater mais uma vez.

Laurie olhou para cima. - Cuidado! Ela gritou, pulando para o lado. Keelie cambaleou para trás quando um ramo veio com força entre elas.

Ela agarrou o coração da Rainha Aspen e abriu seus pensamentos, mas sua mente fervia com a fúria assassina da floresta ao seu redor. Keelie liberou rapidamente o talismã para quebrar o vínculo. Não havia como raciocinar com estas árvores. Elas estavam loucas. - Corra! Ela gritou.

Laurie correu, mas uma árvore surgiu na frente dela e ela rapidamente virou para Keelie. De repente, uma figura de ombros largos bloqueou seu caminho. – Fiquem atrás de mim, meninas. Era João Pequeno, vestindo nada além de um kilt, botas e o bastão em suas mãos.

Ele confrontou a árvore com sua arma, que foi formidável para um ser humano, mas parecia lamentável contra o enorme carvalho que ele enfrentava. Atrás da árvore, sem nuvens marcando o céu negro perfeito.

A voz estridente de Finch ecoou pelo campo de batalha que era o acampamento. - Davey!

Davey. Onde ele está? Keelie olhou na direção da beirada da área de acampamento onde a administradora da Feira olhava, mais do que nunca, como um dragão de fogo, seu cabelo vermelho balançava ao vento e seus braços estavam estendidos como se ela inviabilizasse a árvore que se atrevesse a chegar perto dela.

Finch levou as mãos à boca e gritou novamente. - Reunam todos e tragam à administração.

Sir Davey apareceu impetuoso ao levantar as raízes das árvores com um pacote preto em seus braços. Keelie gritou para ele, ele se virou e correu em direção a elas. João Pequeno estava envolvido em uma batalha, gritando um grito de guerra quando estalou seu bastão contra os ramos que o ameaçavam. Keelie de repente estava contente que João Pequeno nunca deixou sua persona Rennie.

O rosto de Davey estava coberto de sujeira.

- Jared e Niriel estão levando os cavalos e as pessoas para a cidade na

estrada principal, disse ele, sem fôlego. - Nós temos que chegar a administração. Ele tem uma fundação de pedra, então eu posso proteger o edifício facilmente com a magia da Terra.

Eles começaram a correr em direção à estrada, onde se podia ver pessoas correndo com lanternas e suas luzes balançando. Um tanque de propano explodiu, iluminando o local com luz amarela medonha. Keelie viu que João Pequeno se juntou a eles. Ele segurava um pedaço de seu bastão lascado, agora mais parecido com um taco de beisebol.

Uma gaiola de madeira de repente apareceu ao seu redor e uma barra bateu em sua cintura. Ela se sentiu levantar, como se ela tivesse desfilado num louco carnaval. Laurie gritou nas proximidades. A árvore havia os seguido. Eles estavam sendo levantados para a noite.

26

Keelie viu Sir Davey e os outros muito abaixo. Eles tinham corrido na frente e estavam quase no caminho seguro. Os galhos estavam apertados em torno dela, mas ela não resistiu com medo que pudesse cair.

Com uma guinada, a árvore virou. Agora elas estavam sendo carregadas no sentido oposto. Keelie se lembrou da sensação de voar no seu sonho, e de cair. Ela agarrou o galho em torno dela com as duas mãos.

Talvez ela pudesse se conectar com essa árvore. Eles estavam voltando para a floresta. A luz do carro em chamas mostrou que o Chalé Suiço estava intacto.

- Laurie cala a boca, ela gritou, tentando ser ouvida através dos gritos, do som agudo de metal esmagado e de madeira quebrando.

O rosto chocado de Laurie a encarou de sua prisão no galho da árvore. – Cala a boca? Ela berrou. – Estou sendo raptada por uma árvore.

- Eu vou tentar uma coisa, Keelie gritou de volta. – Prepare-se para correr.

Ela fechou os olhos, tentando sentir a energia da árvore, mas a única coisa que ela conseguia sentir era sua raiva. Extrema raiva e dor, A Bhata rastejou pelo seu ombro e tocou seus olhos e ela conseguiu ver através da magia. Essas árvores estavam morrendo. O luminoso líquido azul cobria seus troncos e escorria de feridas abertas na casca. Elas estavam tentando se salvar, mas magia negra tinha transformado sua dor em raiva e agora elas queriam vingança contra os humanos.

Keelie convocou Tavak, mas ele não respondeu. Ela fechou os olhos e abriu sua mente para que pudesse se comunicar através da dor das árvores. Tudo que viu foi uma névoa negra pegajosa encobrindo cada árvore. Ela ouviu, e dessa vez a cadência inconfundível da música de uma harpa tocava a distância. Elia.

Keelie fechou os olhos e convocou a Bhata, mas nenhuma respondeu exceto aquela que estava penduada em seu ombro.

Ela chamou as sempre-vivas em um vale a vários quilômetros de distância. Eu sou a Pastora das Árvores e preciso da sua ajuda.

Um adorável cheiro de árvores de Natal a cercou. Energia verde escuro encheu sua mente quando uma conífera chamada Evas respondeu seu apelo.

*Pastora das Árvores, nós vamos fazer o que pudermos, mas o único que pode parar as árvores é Lorde Einhorn.*

Evas, eu preciso da energia das sempre-vivas.

*É sua. Nós vamos fazer o que pudermos para ajudar nossos irmãos.*

Ela seguiu os pensamentos de Evas e deslizou para a mente do carvalho que as transportava. Seu nome era Ovrom. Keelie tocou seus pingentes em seu peito e sentiu entrelaçados com magia verde e um escuro e quente canal de magia da terra. O tecktite. Ela empurrou vibração da terra para

Ovrom e sentiu sua dor diminuir. O venumiel azul secou e voou em flocos. Eu preciso ajudar Lorde Einhorn. Você precisa parar de atacar os humanos ou eu não poderei ajudá-lo também.

A árvore parou de se mover e os ramos baixaram até que ela e Laurie pudessem tocar o chão. Elas se contorceram livres de suas gaiolas de madeira pontiagudas.

*Você me curou, filha do Pastor das Árvores, Ovrom respondeu. Mas sou obrigado. A música dela nos machuca muito.*

Keelie sabia que ele estava falando de Elia.

Eu vou fazer o que puder para detê-la, mas eu tenho que encontrar Lorde Einhorn. Keelie já estava exausta e ela sentiu o pânico se formando. Se os seres humanos ficarem com muito medo de se mover, e as árvores começarem seu ataque mais uma vez, não teriam nenhuma esperança de sobrevivência. Os pulmões de Keelie queimavam e a cabeça latejava.

Ela tocou a tektite em volta do pescoço, o cristal rosa em sua outra mão. Calma, energia calmante fluía através dela como se ela tivesse sido mergulhada em água fria, aliviando a dor dela.

O Bhata agarrou-se a seu cabelo.

- Keelie, não podemos ficar aqui. Nós vamos morrer. Temos que ir.

- Não Laurie, isso é apenas o Pânico. Eu preciso de você. Temos que ir em frente e encontrar o unicórnio, e eu não posso fazer isso sozinha.

Laurie gritou com medo e frustração. - Eu não quero morrer!

Em torno dela as formas gigantescas moveram-se para a noite. Keelie viu flâmulas verdes crescendo na cabeça de sua amiga. Envenenamento por clorofila. Keelie estava bem, mas Laurie não iria durar muito mais tempo.

Alguém gritou acima dos estrondosos uivos do vento, - Vamos! Sir Davey disse para levar todos para o prédio da administração.

Laurie let go of Keelie and started to run toward the voice.

Laurie soltou Keelie e começou a correr em direção à voz

- Volte, gritou Keelie. - Eu preciso de sua ajuda. Ela correu atrás de sua amiga e a agarrou. Elas rolaram na grama e viram quando um carvalho esmagava uma caminhonete em duas.

Laurie gritou e se contorceu no chão. Keelie sabia que o Pânico a tinha em seu alcance. O som de rangido de madeira e metal quebrado era ensurdecedor, e enquanto ela lutava para segurar Laurie viu outros correndo em direção à beira do acampamento, onde o caminho para a o prédio da administração serpenteava ao lado do bosque.

Laurie chutou a perna de Keelie. Keelie gritou e deixou cair o cristal rosa. Imediatamente ela sentiu o medo paralisante do Pânico.

Ela queria se enrolar e gritar, mas forçou-se a se ajoelhar e passar as mãos pelo chão, tentando encontrar sua pedra. Ela não conseguia respirar. Ela sentiu os dedos se fecharem em torno do cristal rosa, mas Laurie estava de pé e correndo.

Keelie amaldiçoou as árvores e correu atrás dela novamente. Ela nunca encontraria Eunhorn se ficasse atrás de Laurie. Uma raiz de árvore passou por sua cabeça e ela abaixou para o lado, então canalizou sua estrela interior na pista e alcançou sua amiga agarrando seu longo cabelo loiro e puxando-a para trás.

Laurie virou para ela, os olhos arregalados e em pânico, e seu punho segurava a mandíbula de Keelie. O cristal rosa saiu voando novamente. Luzes brilhantes explodiram quando a cabeça de Keelie balançou para trás, mas com uma mão ela manteve seu domínio sobre o cabelo de Laurie e a segurou no chão. Ela se sentou nas costas de Laurie, esquivando-se dos chutes.

Ela precisava do cristal rosa. Sentia isso em sua mente, lembrando o efeito calmante que teve sobre o Pânico. Um filete de energia se manteve em sua mão e ela esticou-se para o lugar onde tinha deixado cair. Espantada, ela sentiu que respondia. Ela continuou assim até o Pânico recuar e, em seguida, colocou a energia rosa em torno de sua amiga.

A respiração pesada de Laurie diminuiu e ela virou-se de costas, cuspiendo

terra e grama. - Que diabos foi isso?

- O Pânico.

Laurie estremeceu. - E agora? Não acabou não é? As árvores haviam seguido os seres humanos em fuga em todo o terreno da Feira, mas o tektite havia protegido Keelie e Laurie. E com o cristal rosa, elas haviam superado o Pânico.

Keelie fechou os olhos, apertando a mão sobre o tektite. Ela se levantou e ajudou Laurie. A trilha do cristal rosa parecia clara e ela o achou na grama a alguns metros de distância. Brilhava rosa quando ela o pegou.

- Nós temos que chegar ao edifício da administração. Laurie estava olhando em volta nervosamente, como se as árvores pudessem voltar. Desde a colisão do outro lado do acampamento, a Feira nunca mais seria a mesma.

Keelie agarrou o braço de Laurie. - Nós não vamos para o prédio da administração. Vamos salvar o unicórnio, e eu preciso de sua ajuda. Venha.

A Bhata correu de volta para cima de seu ombro e Keelie de repente tinha uma imagem mental clara do unicórnio no círculo de árvores mortas perto da usina. Em seguida, uma imagem formada dos agentes da EPA e ela viu que sua visão se expandiu da montanha para a usina, onde o unicórnio estava fraco demais para se mover.

O problema era chegar lá a tempo. Ela não podia andar pela floresta, que era perigoso agora, cheio de árvores devastadas pela dor e magia negra. Além disso, levaria muito tempo. Mas o caminho que ela tinha feito com Kont, quando ela foi demitida do Filé na Estaca, era a antiga estrada madeireira.

- Nós podemos dirigir o trailer do papai até a estrada madeireira abandonada. Papai dirige para cima e para baixo nas estradas que parecem toboáguas. Podemos dirigir também. Ou, você pode. Eu não sei dirigir.

- Sim, claro. Vamos dirigir direto até a montanha no caminhão Jethro de

seu pai com árvores possuídas nos perseguindo. E a bruxa malvada vai conceder o nosso desejo e então vamos bater nos nossos calcanhares juntos...

- Não é uma piada, Laurie. É a única maneira de chegarmos lá a tempo de salvar o papai e o unicórnio.

Com a deixa, Knot correu em direção a elas, uma coisa brilhante tilintando em sua boca. Ele deixou cair a seus pés. O chaveiro de seu pai.

- Esse gato é outra coisa. Laurie olhou para ele. - Onde está o seu amiguinho branco?

- Ele provavelmente está escondido em algum lugar seguro. Keelie virou e segurou o cristal rosa para o alto e em seu brilho rosa ela viu que os olhos de sua amiga ainda estavam vidrados de medo. A música da harpa soou novamente da floresta, chegando mais perto. Keelie pegou as chaves. - Você vai para a administração se quiser. Eu vou dirigir.

- Você acha que eu vou ver o unicórnio se eu for com você? Laurie parecia esperançosa.

Keelie sabia que ela não veria, mas não respondeu.

Laurie suspirou. - Você não pode dirigir. Dê-me as chaves.

O Chalé Suíço estava, felizmente, ileso. Keelie puxou alguns ramos do capô enquanto Laurie os quebrava. Então Keelie entrou, com Knot logo atrás dela.

- Dirija até o fim do estacionamento, em seguida, entre na pequena trilha que vai em direção a administração. Keelie podia sentir a Bhata agarrada a seu cabelo como um estranho arco de cabelo da floresta.

A pele de Knot se levantou ao máximo. Ele assobiou e olhou em direção à floresta. Laurie desligou o motor. Ela ainda não tinha nem ligado os faróis.

- Por que você desligou? Ela estava louca?

- Olhe. A voz de Laurie tremia. Ela estava apontando um dedo trêmulo para



Elianard, que havia saído da floresta. Ele segurava uma corda de prata brilhante e no final estava papai flutuando, flácido e inconsciente.

- Solta ele seu filho da mãe, Keelie gritou, abrindo a porta.

Laurie agarrou a parte de trás da camisa de Keelie. - É uma armadilha.

Elianard encarou com raiva, o nariz aquilino duro sob o luar. - Então, muito humana para recorrer a xingamentos, mas como quiser, eu vou deixá-lo ir.

Ele girou o amuleto e papai caiu, aterrissando no chão como uma marionete descartada. - Oops, não queria deixá-lo cair assim. Tenho certeza de que não foi muito bom para seus órgãos internos, especialmente na sua condição enfraquecida. Esta é uma doença desagradável, especialmente para os elfos.

O coração de Keelie deu um pulso. Laurie colocou a cabeça para fora da janela e gritou: - Sim, então como é que você não foi afetado?

- Isso não diz respeito a seres humanos.

A Bhata tocou a pálpebra de Keelie e ela viu a cintilação da imagem de seu pai. Lembrou-se de seu sonho. Papai estava em uma cabana na montanha.

Mais folhas crepitantes, e desta vez Lulu saiu da floresta. Elianard não parecia feliz em vê-la.

- Eu posso dizer por que Elianard é capaz de resistir a doença da árvore. Ele está usando a magia do unicórnio para proteger a si mesmo e sua filha. Lulu sorriu para Elianard, aparentemente sem medo de seus poderes.

- Cale a boca, bruxa.

Lulu quase sibilou para ele. - Você acha que é muito bom para mim. Bem, eu vou pegar o chifre do unicórnio para mim.

- Bruxa convencida. Como você pretende capturá-lo? Com seus encantos? Elianard zombou dela, mas se afastou.

Keelie noticed her father cast no shadow in the moonlight. It really wasn't

him. Keelie notou que seu pai não tinha sombra à luz do luar. Realmente não era ele.

- Você já o pegou para mim. Sua filha toca sua harpa e o pobre animal não pode se mover. Você acha que eu não o segui, para ver por mim mesma?

- Eu deveria saber que você iria tentar pegar sua magia para si mesma. Elia Keelie assistiu a floresta, sentindo-se para a estrada de registro. nard olhou para Lulu. - O unicórnio pertence a mim.

Keelie fechou os olhos. Ela procurou seu pai, mas sua consciência estava bloqueada. Ela estendeu a mão para as árvores que haviam respondido a ela antes; ela gritou para Tavak. Nada.

Evas. Nenhuma resposta.

Elianard apontou para Keelie. - Culpa dela. Ela lutou contra nós e fortaleceu as árvores. Einhorn a chamou para ajudá-lo a quebrar o encantamento.

O rosto de Lulu endureceu, sua boca se contorceu em uma careta irritada.

- Eu deveria saber. Desde que você apareceu, criança, eu tive a pior sorte.

- Laurie, Keelie sussurrou. - Você pode começar a ligar o trailer de novo? Sem luzes, basta ir pela estrada que Sir Davey pegou.

- Mas seu pai...

- Eu não acho que é meu pai de verdade. Acho que você está certa, é uma armadilha.

Keelie ouviu gritos de homens à distância. - Hey Charlie, que estranha luz está vindo lá de baixo.

- É a EPA. Ela ficou em pânico. - Eles vão nos encontrar.

Laurie ligou o trailer e com um grito de triunfo colocou a marcha e pisou no acelerador. O velho Chalé Suíço avançou, colidindo sobre galhos e pedaços de equipamento de acampamento abandonado quando Laurie apontou para a estrada.

Elianard segurou seu amuleto. A corda de prata brilhou desbotada, e a imagem do seu pai também. Tinha sido uma ilusão. Um relâmpago prateado riscou em direção a elas e Keelie gritou, - Rápido!

O raio atingiu a traseira do trailer e pedaços de guarnição de gengibre saíram voando pelas janelas da cabine.

Os olhos verdes de Knot brilhavam com um ódio infernal enquanto passava por Elianard, que era apenas um borrão na escuridão. A figura branca de Lulu pulou para trás e então eles caíram sobre a calçada e foram cambaleando pelo caminho em direção a administração.

Keelie observou a floresta, sentindo a estrada da madeireira abandonada. As árvores fantasmas encheram as madeiras com a sua presença espectral. - Aqui, ela gritou e Laurie puxou o volante para a direita, Knot batendo na parte de trás do assento. Com um uivo de surpresa, ele caiu no chão, então rastejou de volta para cima sibilando brevemente para Laurie antes de se apertar no painel. Um ornamento de painel de carro de gatinho mal.

Então, algo totalmente inesperado aconteceu. Uma figura se levantou da samambaia e estendeu uma mão branca em direção a elas. Laurie gritou, e teria saído da estrada, mas Keelie agarrou o volante.

- Pare o carro!

Laurie pisou no freio e foi para frente contra os cintos de segurança. Sorte de Knot, ele não poderia passar por nenhum lugar.

A figura lutou pela vegetação rasteira e, em seguida, entrou no feixe dos faróis. Ensanguentada, vestido rasgado e cabelo caindo em volta dos ombros, ela mancou em direção ao caminhão. Apesar de seu rosto machucado, ela sorriu quando viu que tinhamos parado para ela.

Era Raven.

Keelie saltou do trailer e correu para ajudar Raven a entrar no trailer.

- Você está bem? Onde está Janice?

Laurie colocou a cabeça para fora da janela, olhando para as árvores fantasmas que agora se aglomeravam na floresta assombrada.

- Nossa loja levou uma pancada e eu corri para a floresta. As árvores não parecem estar vindo daqui. Raven estava horrível, mas parecia bem. - Estou muito preocupada com a minha mãe. Ela levou Lady Annie até a Administração depois que a loja de Annie teve um impacto direto e eu não sei onde ela está agora.

- Provavelmente está segura. Keelie ficou aliviada com a notícia, embora a destruição da loja de Lady Annie a perturbasse. Ela estava bem ao lado de Heartwood. - Sir Davey reuniu todos e levou-os até lá, também. Ele vai protegê-los.

Raven recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Uma lágrima caiu por sua bochecha. - Graças A Deus.

Elas precisavam continuar em movimento. - Atravessamos lá, Laurie. Keelie apontou em direção ao córrego. Ela podia ver uma estrada espectral, uma sombra prata que recobria a escuridão. O unicórnio estava em algum lugar acima delas, na montanha.

- Por aí não. Raven abriu os olhos. - Há uma enorme queda para o leito do córrego. Mas se você for cerca de cinquenta metros à esquerda, é como uma praia. Vamos mergulhar lá quando está muito quente.

- Sério? Laurie parecia querer ouvir mais.

- Será que vamos conseguir dirigir através do córrego? Interrompeu Keelie.  
- Nós temos que chegar ao topo.

- Ninguém dirige através da floresta, Keelie. Não há nenhuma estrada.

Você é louca. - Raven segurou o arranque com as duas mãos.

- Também acho, mas nós temos que salvar o unicórnio. Laurie dirigiu em torno de um enorme tronco de árvore. - Eu posso fazer isso. Tenho dirigido na auto-estrada de Los Angeles na hora do rush, então dirigir através da floresta vai ser moleza.

Keelie se lembrou da primeira noite que viu o unicórnio e o sentimento de temor que ela sentiu. Agora, estava desesperada para chegar até ele e salvá-lo. - Vá em frente.

Chegaram ao córrego e Laurie acelerou o trailer através do leito, não dando chance aos pneus de afundar suavemente no fundo de areia macia. Keelie tocou o coração da rainha Aspen e tentou fortalecer sua visão mágica. Sentiu-se enjoada por um momento quando os dois mundos ficaram visíveis ao mesmo tempo, um sobreposto sobre o outro. - Eu posso ver a estrada. É uma trilha antiga.

- Whoa. Seus olhos são brilhos verdes no escuro. - Raven olhou para Knot.  
- Então, são dele.

Com Keelie orientando-os com a visão mágica, eles dirigiram até o morro, desviando para trás e para frente enquanto Keelie se concentrava na estrada que estava escondida debaixo das árvores. Ramos bateu contra o trailer. As sombras das árvores, os espíritos das árvores antigas que haviam sido cortadas da floresta, cresceram ao lado da estrada com as árvores vivas, máscaras sussurrantes ao luar.

Keelie recordou a cerimônia da Árvore Lorem que o pai havia feito para Reina, a rainha Aspen do Colorado, cujo coração ela usava. Ele tinha libertado o espírito de Reina, de modo que as outras árvores na floresta podiam curar-se e crescer raízes profundas com galhos altos que alcançavam o sol. Nenhuma cerimonia havia sido feita aqui a muito tempo.

As folhas das árvores bateram contra o pára-brisa. Keelie podia ver os rostos nos troncos das árvores, como das árvores de carvalho na Feira. Era incrível como eram indivíduos únicos, todas elas.

Laurie quase bateu em uma árvore; felizmente, desviou para trás a tempo.

- Ei, presta atenção à estrada, Laurie, Raven gritou acima do barulho do trailer e da vegetação rasteira. Ela se agarrou a seu cinto de segurança e apoiou os pés contra o porta-luvas. A Bhata havia se alojado em um dos painéis e se pendurado de cabeça para baixo, seus olhos arregalados e fixos na floresta à frente.

- Que estrada? Não há nenhuma estrada.

Keelie teve que se concentrar no seu pai. Salvar o pai. Salvar o unicórnio. Isso seria o seu mantra.

- Por que você nunca me disse que era um elfo, Laurie perguntou de repente.

- Metade elfo. E eu não sabia até que vim morar com o papai. Uma pontada atravessou o peito de Keelie. Ele tinha que estar bem.

- Você ia me contar?

- Eu não sei.

- Oh, isso é ótimo; manter segredos de sua amiga.

- Eu? Manter segredos?

Laurie segurou o volante e olhou para ela em tom de acusação. - Sim, você.

- Você é que precisa falar. Hey, mantenha os olhos na estrada invisível. Por que você não me diz por que não pode ver o unicórnio?

Silêncio.

Mais uma vez, Keelie olhou para a amiga.

Laurie estava debruçada em concentração. - Eu não achei que iria ser

desmascarada por um animal mítico. Ela olhou para Keelie. O trailer trepidou e deslizou lateralmente.

Keelie apontou para frente. - Bem, você vai me contar? Você conhece os meus segredos.

Raven gemeu. - Gente, apenas confessem antes de cairmos da montanha.

Laurie cerrou os dentes e pisou fundo no acelerador. O trailer disparou para frente. - Trent e eu estávamos namorando e eu estava em sua casa assistindo filmes, e nos beijamos, e uma coisa levou a outra, e nós meio que fizemos.

Keelie engasgou quando uma árvore acenou para que virassem à direita, como um policial direcionando o tráfego da floresta com ramos. Ela apontou e Laurie virou. O motor do trailer lamentou na subida íngreme.

- Então, você e Trent se amam de verdade, né?

- Ele terminou comigo e começou a namorar a Ashlee.

- Que babaca, disse Keelie e Raven, ao mesmo tempo.

- E Ashlee colocou a história em sua página no MySpace. Ela blogou sobre isso.

- Não. Que cadela. - Keelie bateu no painel do carro.

Raven balançou a cabeça. - Inacreditável. Algumas pessoas.

Knot miou. Laurie deu uma tapinha na sua cabeça, em seguida, colocou as duas mãos no volante quando o trailer balançou.

- Isso é muito surreal, Raven disse calmamente. - Nós estamos falando sobre o drama do ensino médio, dirigindo por uma estrada que não existe, mas de alguma forma existe, a caminho para resgatar um unicórnio.

- E o meu pai, Keelie lembrou. - Eu já perdi um dos meus pais e eu não vou perder o papai por causa de Elianard e Elia.

Um cervo branco apareceu correndo na frente deles e Laurie pisou no freio. Eles derraparam até parar, e as rodas em direção ao interior da trilha levantaram um pouco antes de voltar para baixo.

Knot caiu no chão e Raven pulou para o lado enquanto apoiava os braços por causa da arrancada. - Você está louca, Ela gritou.

- Eu nunca vi um cervo branco antes. Arrepiante. Laurie começou a avançar novamente.

Keelie deu uma tapa na testa. Ela apontou na escuridão. - Cervo branco, gato branco, unicórnio branco. Ele é um metamorfo! Ela bateu no painel do carro quando colocou a equação sobrenatural juntas. - A pele branca brilhante, os olhos, o gato branco era o unicórnio!

- Eu vi o gato branco e o cervo branco. Talvez eu possa ver o unicórnio, também. Laurie parecia animada.

Knot subiu de volta para o painel do carro e encravou-se contra o pára-brisa. Ele enganchou suas garras nas saídas de corrente alternada. Keelie desejou ter um dos cristais de Sir Davey para dar ao trailer mais força. Laurie acelerou, e, finalmente, o pesado Chalé de esqui estava no topo da colina.

No horizonte, o céu da noite brilhava com milhares de estrelas. Keelie nunca tinha visto tantas estrelas quando morava em Los Angeles.

Pelo canto do olho, ela viu uma estrela cadente. Ela fez um desejo - por favor, deixe-me salvar o unicórnio e o papai. Foram dois desejos, mas talvez dadas às circunstâncias ela pudesse esperar dois desejos.

Laurie abriu a janela e Keelie ouviu um rugido. Raven também ouviu. - Estamos chegando perto da usina. Eles estavam dirigindo ao longo da orla.

De repente, eles desaceleraram. A trilha parecia clara para Keelie.  
- Nós não podemos ir mais rápido?

Ela olhou para Laurie, cuja expressão era tensa. Seus olhos estavam estranhos com alguma emoção inexplicável. Raven gritou, e o trailer rolou



até parar.

Keelie assistiu, horrorizada, como suas amigas choravam e se abaixavam, encolhendo-se, como se alguma coisa estivesse descendo sobre elas. Ela sabia o que era. Ela sentiu a batida do Pânico em torno dela, renovada, mais forte do que nunca.

- Keelie, não posso me mover. Laurie trouxe seus pés até o assento e colocou os braços em volta dos joelhos. Raven estremeceu e inclinou-se contra ela.

Keelie abriu a porta e saltou para fora. - Vamos lá, não é muito longe.

- Eu não posso ir, eu vou morrer. Laurie estava ofegante. - Eu não posso respirar. Alguma coisa ruim vai acontecer.

- Não vá, Keelie. Os olhos de Raven pareciam enormes em seu rosto pálido. Seu cabelo preto misturado com a escuridão ao seu redor. - Eu não quero que você morra.

O aroma de canela flutuava no ar. - É o Pânico, meninas. Não é real. Lutem. Elianard deve estar usando cada gota de energia da montanha para alimentá-lo.

Houve um bater de cascos frenéticos, seguido por um relincho estrangulado e depois um grito estridente. Keelie congelou. - Por favor, não seja Einhorn.

- Einhorn, o unicórnio? Raven sentou-se em linha reta.

- Parece tão real. O rosto de Laurie parecia tenso. - Vamos sair daqui.

As orelhas de Knot ficaram planas contra seu crânio. Ele resmungou. A Bhata puxou o cabelo de Keelie e beliscou sua orelha, puxando-a para frente. - Ai, eu vou.

- Com quem você está falando? Raven olhou como se ela quisesse rastejar por baixo do assento, mas ela se forçou a endireitar-se. - Eu vou com você, Keelie.

A cauda de Knot chicoteou para trás. Ele miou, em seguida, saltou por cima das pernas de Raven e se afastou. A lamentação e o rugido das turbinas da usina foram esmagadores. Keelie podia ouvir as notas entrelaçadas de harpa de Elia.

- Fique aqui se você está com medo. Ela correu atrás do gato, a Bhata agarrada ao seu cabelo.

- Você é mais elfo do que humana se você não está sentindo isso! Laurie gritou atrás dela, colocando as mãos sobre os ouvidos e fechando os olhos. Ela provavelmente pensou que o ruído da turbina era parte do Pânico. Não havia tempo para explicar.

Knot olhou para trás, o rabo balançando descontroladamente. Keelie o viu miar. Ele queria que ela o seguisse, mas não podia, sem nenhuma luz. Ela enfiou a mão no bolso e tirou o cristal rosa. Primeiro ele piscou, mas quando estava energizado, brilhou como uma super lanterna. - Estou chegando.

Atrás dela, ela ouviu a porta do trailer bater. Raven estava segurando o paralamas e olhando como se ela estivesse prestes a vomitar, mas se movendo constantemente para a frente.

Uma voz fraca de árvore soou em sua cabeça. Keelie tentou concentrar-se na mensagem e quando ela chegou à beira da floresta ouviu. Era Tavak.

*Einhorn caiu.*

Abaixo dela, os faróis se apagaram. Keelie olhou para trás e Laurie acenou; um breve tremular branco na escuridão. Ela acenou de volta, então, com o coração pesado, seguida por Knot.

A clareira não estava longe, mas a vegetação rasteira puxou suas roupas. As árvores estavam todas mortas aqui e as ervas daninhas tinham dominado. Keelie foi esmagada pela tristeza; tantas árvores foram mortas e enterradas, e seus espíritos se agarraram a terra, presos. Ela os sentiu chamá-la, mas suas vozes eram embaraçadas.

Uma luz cintilou à frente e Keelie guardou o cristal rosa. Ela se escondeu atrás de uma pedra escamosa com líquen. Elianard ajoelhou-se na clareira,

ao pé de uma árvore enorme, fantasmagórico. A forma branca estava espalhada aos seus pés. Lorde Einhorn.

O unicórnio perdia e voltava à consciência enquanto Elianard segurava seu amuleto sobre seu chifre. Perto dali, Elia tocava sua harpa, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto, seus olhos fechados para o unicórnio enfraquecido.

Keelie ficou escondida. O tektite em torno de seu pescoço havia ficado desconfortavelmente quente e também seu talismã de coração da rainha Aspen. Mais uma vez, ela olhou para o céu noturno, e ela viu outra estrela cadente. Ajude-me a salvar Einhorn.

Ela arrancou a tira de couro de seu pescoço e segurou no alto. O tektite, não estava mais preto, brilhava como uma pequena estrela em forma de folha, e cada pequena runa saía uma luz mais brilhante.

Abrindo os sentidos para as árvores, Keelie convocou Tavak e Evas.

*Tavak respondeu. Pastora das Árvores, eu estou aqui.*

*Evas respondeu também. Milady ouvimos você.*

Vindo da Feira, muito abaixo, Keelie sentiu Oamlík e outros carvalhos doentes. Ela enviou uma mensagem, mas eles ainda estavam sob o feitiço da harpa.

Perto dela, Knot andava de lá para cá. O que ela estava pensando? Ela lutou para chegar até ali, colocou seus amigos em perigo, e para quê? Einhorn estava morto, as árvores estavam imobilizadas, e ela não tinha nenhuma maneira de encontrar seu pai.

A rachadura de carne nauseante foi seguida pelo grito do unicórnio. Elianard levantou o adorável chifre espiral em sua mão. A luz prateada delineando o corpo de Einhorn lentamente desapareceu.

Elanard virou-se para olhar para a pedra e Keelie sentiu seu olhar

penetrante até ela. – Orelha redonda, você chegou tarde demais. Você não pode me deter.

Ele marchou em direção a ela. Medo preencheu Keelie, mas ela não ia fugir. Ela saiu, com a voz trêmula. - Eu derrotei você antes, eu posso derrotar você agora. Mas ela podia dizer que ele não se deixou enganar.

- Você chegou muito tarde. Você não é um de nós. Elianard apontou para a usina. - Isto é o que a sua espécie faz, destrói, mas os seres humanos não vão destruir a terra dos elfos. Você acha que é horrível pegar a magia do unicórnio, mas vai salvar muitos. Ele segurou o chifre sangrento em uma das mãos, sem saber da ironia de suas palavras.

Keelie cerrou os punhos. - Você machucou as pessoas na Feira, também. O que justifica o sacrifício deles? Elia parou de tocar sua harpa e se levantou. - Nada. Eles não deveriam ter sido prejudicados.

Elianard virou-se para sua filha com as sobrancelhas levantadas. - Por que você parou? Continue. O nosso trabalho ainda não está feito.

- Não, pai, por favor, não faça isso. O olhar altivo de Elia tinha ido embora e ela parecia assombrada e com medo. - Pense no que vai acontecer com você. Pense em mim.

“Don’t be foolish.” Elianard gestured impatiently. “Einhorn’s magic can’t save the Wildewood, but it can save the Dread Forest. His death is one of honor, and his magic will give me the power to save the elves.”

- Não seja tola. Elianard fez um gesto de impaciência. - A magia de Einhorn não pode salvar Wildewood, mas pode salvar a Floresta do Pânico. Sua morte é uma honra, e sua magia vai me dar o poder de salvar os elfos.

Ele chegou rapidamente perto de Keelie e arrancou o tektite e o coração carbonizado, puxando as cordas sobre sua cabeça. Eles encostaram a sua orelha pontuda de elfo e Keelie gritou. Ela tentou segurar as cordas, mas ele era muito forte. Ele jogou para o outro lado da clareira e depois agarrou seu pulso direito, apertando até que a mão ficou dormente e ela largou o cristal rosa.

Ele a empurrou para baixo e Keelie se enrolou em uma bola, superada pelo Pânico sem proteção da pedra. Ela morreria ali, sozinha, como sua mãe tinha morrido em um acidente de avião, como o pai poderia agora estar morrendo em algum lugar da floresta. O unicórnio estava morto, e Elianard tinha vencido. Tudo estava perdido. Ela tremia, pensando em todas as maneiras que Elianard poderia machucá-la.

Uma pequena voz no fundo de sua mente a lembrou que se ela tivesse seu cristal rosa, ela não sentiria o Pânico. Lembrou-se da maneira que ela puxou o cristal rosa, mesmo quando ele estava longe dela.

Elianard estava empurrando Elia de volta para sua harpa. A bonita menina elof soluçou, mas começou a tocar novamente. Elianard retomou seu lugar perto de Einhorn, segurando o chifre triunfante sobre o corpo do unicórnio.

O unicórnio desbotava ainda mais. O sentimento de tristeza das árvores era insuportável. Isto não era o Pânico, esta era a tristeza combinada de milhares de árvores, vivas e mortas, lamentando seu guardião.

O rosto de Keelie estava molhado de lágrimas. Ela não podia fazer nada. Ela era apenas uma criança. Se seu pai não pode ajudar, que esperança ela tinha?

- Não! Ela pensou se seu pai morresse como sua mãe, sozinho. E deixando-a sozinha também. Ela estava com medo de abrir-se para sentir o cristal rosa. E se ela sentisse a dor das árvores?

Um toque em seu rosto a fez gritar. Elianard olhou para ela, então congelou, olhando.

Keelie não sabia o que ele estava olhando. Será que ela morreu agora? Ela pensou em seus amigos, ainda no acampamento. Ela não queria morrer sozinha. O toque voltou, e Keelie viu que era a Bhata. Ela sentou-se em seu braço em uma pose vigilante. Sim, você pode sentir o cristal rosa, a pequena voz disse a ela. Ela iria encontrá-lo.

Keelie abriu sua mente. Seus punhos se fecharam em torno da terra úmida, e ela sentiu o poder.

Grande poder. Poder que se abriu logo abaixo da superfície da montanha em uma piscina interminável. Ela engasgou. Este não era o seu pequeno cristal rosa. Estava quente e terroso e amarelo, como um sol derretido, como um vasto rio nutritivo que ela podia desenhar, de novo e de novo.

Cega pela dor, ela pegou um pouco de terra e teceu em torno de si. O Pânico diminuiu. Keelie soluçou e tomou o poder, canalizando-o através de seu corpo, até que se sentiu como se fosse explodir, sua pele formigando e seu sangue pulsando com ela. Ela empurrou uma faixa brilhante no unicórnio e suas pálpebras tremularam. Ela se levantou e correu até ele. Ele havia desaparecido, seu brilho se foi. Ela viu a sua pele desgastada com pontos desencapados, o toco de seu chifre sangrento e quebrado, onde Elanard tinha rasgado.

- Afaste-se dele, pirralha ilegítima. Você não pode fazer nada por ele agora. Elanard agarrou seus ombros, mas antes que ele pudesse arrancá-la de lá ela puxou um fio de energia e empurrou a energia fundida no unicórnio moribundo.

O poder atravessou Elanard também, ele gritou e a soltou, cambaleando pela clareira. Ela levantou-se e, com os olhos em Keelie, levantou a harpa sobre a cabeça e esmagou-a no chão.

Keelie sentiu o Pânico desaparecer com a destruição da harpa, e ao mesmo tempo, as árvores cantaram sua libertação. Ela sentiu seu movimento. Eles estavam vindo.

Elanard virou e correu, caindo para baixo da montanha. Keelie não se preocupou. Ele estava indo em direção as árvores que se aproximavam.

A energia tinha se enrolado em torno do unicórnio, e com sua visão

mágica, Keelie o viu absorvendo a energia fundida. Mas ainda assim ele estava deitado, de olhos fechados. Teria sido tudo por nada?

Ela envolveu a mão na crina do unicórnio, ciente de que Elia estava assistindo, e colocou a testa contra sua bochecha. Uma mão se estendeu para entregar-lhe o cristal rosa. Elia sorriu incerta, então se afastou. Com o cristal rosa em sua outra mão, Keelie buscava pela magia que a tinha ajudado antes, a forte magia da Terra que se levantou da montanha abaixo dela. Então, através do unicórnio, ela o guiou para fora, para longe. Ela sentia que se espalhava como um rio que transborda de seus limites. As florestas a milhas de distância ao redor encharcaram-se e o verde renasceu.

Quando não havia mais lugar para o poder agir, Keelie o enviou para casa, de volta para a terra. Ela estava consciente apenas tempo suficiente para ouvir as explosões do outro lado da serra, quando a usina explodiu em chamas ao longe no céu.

28

Um sussurro fresco soprou em seu rosto. Keelie abriu os olhos e viu o unicórnio de pé sobre ela. Ela se sentou e o encarou. Ele brilhava como antes, mas onde ficava seu chifre estava irregular, um buraco sangrando.

Ela se virou e viu Raven pé numa pedra, seu punho cobrindo a boca, chorando copiosamente com seus olhos arregalados.

- Raven? Você se machucou?

Raven balançou a cabeça. - Eu estou bem. Eu estou bem. - Mas seus olhos foram para o local onde estava o unicórnio.

- Você pode vê-lo! Keelie olhou para sua amiga, surpresa.

Raven deu um passo hesitante para frente, e a única coisa que ela tinha em sua mão brilhava como uma estrela. Era a tektite. O unicórnio observava abordagem, os olhos atentos.

- Me dê isso. Keelie estendeu a mão.

- Não. Os olhos de Raven estavam fixos em Einhorn. - Não tenha medo, meu senhor.

Einhorn moveu-se em direção a ela, e ela colocou a tektite em sua ferida, sua cabeça aninhada contra ela como uma criança de luto.

Keelie passou e ficou atrás de Raven e Einhorn, observando-os juntos. O tektite não era suficiente. Ela podia sentir isso. Ela colocou a palma da mão contra as costas de Raven, sentindo um baque no coração, em seguida, abaixou para a fonte de poder e empurrou-o através de Raven e do unicórnio.

Einhorn sacudiu a cabeça, e Raven lutou para manter a tektite em seu chifre destruído. As mãos dela brilhavam, em seguida, os braços, quando a aura de Einhorn engolfou-a até que eles fossem um único objeto brilhante. Keelie sentiu-se queimar, numa parte desse espaço brilhante, e, em seguida, ela caiu para trás em cima de seu próprio corpo e desabou no chão coberto de folhas.

Einhorn empinou glorioso mais uma vez, seu chifre restaurado e reluzente. Keelie cambaleou em seus pés, e Raven virou-se e abraçou-a.

As duas meninas se abraçaram, rindo e chorando ao mesmo tempo em que Einhorn fez uma reverência com seu chifre, então galopou para a floresta.

Ela nunca chegou a falar com ele. Uma cócega formou-se em sua mente em pensamentos leves.

Pastora das Árvores, me salvando, você curou a floresta, e por sua vez você curou seu pai e o seu povo dos venenos dos seres humanos. Que eles possam perceber que eles têm em você uma Phoenix, trazendo uma nova era e um novo caminho para os elfos.

- Keelie, você está bem? Laurie estava atrás dela. - Eu ouvi a explosão e vim correndo. O Pânico se foi.



- Eu estou bem. Você o viu?

- Seu pai? Não. Ele está por aqui? Laurie chutou os cacos da harpa esmagada. - O que aconteceu aqui?

Papai. Como ela poderia encontrar com ele se Elianard tinha fugido?

Keelie se sentiu um pouco trêmula, mas melhor do que ela tinha ficado em dias, como se tivesse dormido a noite inteira. A coloração verde havia desaparecido de sua pele. Ela olhou ao redor da clareira. Elia tinha desaparecido, e por isso o chifre de Einhorn estava quebrado.

Encontramos seu pai, disse Tavak. Siga a Bhata.

As folhas acima deles balançaram e Bhatas escorregavam dos troncos das árvores e corriam através da clareira. Centenas de fadas voaram e se arrastaram em torno deles.

Laurie gritou e subiu numa pedra. Knot saltou e entrou na floresta atrás deles, com Keelie em perseguição e Raven logo atrás.

- Ei pessoal, esperem! A voz de Laurie estava longe.

Com um barulho de mil castanholas, a Bhata liderou o caminho e Keelie saltou sobre troncos e se esquivou de galhos, competindo com Knot ao lado dela. As árvores fantasmagóricas da floresta não eram mais assustadores agora e enquanto eles corriam, as árvores vivas cresciam até que houvesse apenas as altas árvores anciãs ao seu redor.

Knot desacelerou, parando em uma raiz gigante e Keelie viu que a árvore era espinhosa com a Bhata, seus olhos focados nas raízes abaixo delas. Knot saltou para baixo e Keelie escalou e viu, aninhado na curva da base da grande árvore, figura de seu pai.

- Pai. Ela pulou e se ajoelhou ao lado dele. Ele estava respirando e sua pele era mais uma vez bronzeada pelo sol.

Você o curou, Pastora das Árvores, a velha árvore acima dela disse. Ele estava seguro aqui até você chegar.

Obrigada por protegê-lo, Ancião.

Ela se perguntou como poderia levá-lo de volta para casa. Ela cutucou seu ombro. - Pai?

Ele se moveu um pouco e então bocejou, se espreguiçando. Ele abriu seus olhos verdes, um espelho do seu. – Keelie?

- Estou aqui pai.

- Lorde Einhorn ... Ele ficou em silêncio, com a cabeça inclinada, ouvindo a floresta. Seus olhos se arregalaram. - Você teve uma noite e tanto.

- Não dê ouvidos as árvores pai. Elas são umas terríveis fofoqueiras.

Ele sorriu e segurou a raiz da árvore para se levantar, ela o ajudou. Keelie colocou o ombro sob o outro braço e o firmou.

- Elianard?

- Eu não sei. A última vez que o vi, ele correu para baixo da montanha. Tavak veio para nos resgatar.

Você é a salvadora Pastora das Árvores, o Ancião disse acima deles. Keelie podia ver que o pai ouviu, também.

Como um sinal de nossa confiança em você, nós lhe damos uma grande honra e uma grande responsabilidade. Oferecemos a você uma muda da nossa floresta para enraizar em sua Floresta do Pânico. Papai pareceu se mover. Ele estava, na verdade, com os olhos marejados. Keelie se perguntou do que a árvore estava falando. Uma muda. Parecia algum tipo de projeto do dia da árvore.

Eu aceito, e obrigado. Se as árvores queriam lhe dar uma lembrança, por que não?

A terra aos seus pés se moveu e ela deu um passo atrás, alarmada. Uma enorme bolota saiu do chão e rolou, batendo até parar em seu tênis. Sua camada era de faixas em ouro trabalhado.

- Bonita, disse Keelie. Ela inclinou-se e a pegou. Era pesada.

Papai ficou sobre ela e tocou o anel de ouro. Bem vinda a nossa família Princesa Alora. Princesa Alora. A bolota tinha um nome. Ela sorriu para a Princesa Alora. A bolota tinha um nome. Ela sorriu quando percebeu que ela ouviu a saudação de seu pai em sua mente.

Enquanto caminhavam de volta para encontrar os outros, Keelie percebeu que ela perseguiu Knot pela floresta na escuridão de um breu, usando a visão mágica para encontrar o caminho. Raven e Laurie devem ter voltado. Eles as encontrariam no cume, no destruído Chalé Suíço. Papai insistiu que deixássemos lá e caminhassemos montanha abaixo. No momento em que chegaram ao córrego, o sol estava nascendo.

Sir Davey estava esperando por eles na outra margem. Ele segurou sua lanterna em cima e gritou. – Eles estão aqui. Janice. Avise os outros.

Keelie foi a primeira a atravessar. Ela sentiu dedos em torno de seus tornozelos quando sentiu o fluxo e ouviu a risada prateada de um espírito da água. - Se você me bater na água, vou trazer castores aqui para represar o rio. Os dedos retiraram-se rapidamente. - Tô brincando.

Sir Davey a conhecia, sua expressão séria. - Keelie, não há um jeito fácil de fazer isso. Seu pai desapareceu do acampamento.

- Não, ele não está. Ele está bem ali. Ela apontou para o outro lado do rio, onde seu pai estava ajudando Raven no lado escorregadio. Enquanto observavam, ele cambaleou para um lado, ainda fraco.

Os olhos de Sir Davey se iluminaram e ele soltou um grande suspiro de alívio. – Moça você tem uma história para me contar, mas a Equipe de Resposta de Emergência do Oregon está aqui e eles vão tomar conta de seu pai agora.

Janice chegou, franzindo a testa em linhas de preocupação, as pulseiras

tilintando em seu pulso enquanto jogava cobertores sobre Raven, Laurie e Keelie. - Meninas, eu vou dar a vocês alguma coisa quente, e depois todas as três precisam ir para a cama e dormir.

Keelie não queria dormir. Ela observava Janice e suas amigas pegarem o caminho de volta para a feira, com Laurie interrogando Raven sobre nadar nua.

Vários elfos apareceram, carregando uma maca. – Onde está o Pastor das Árvores? Perguntou um deles.

Keelie apontou para o riacho, onde o seu pai estava contando a Sir Davey sobre as aventuras da noite e Sir Davey estava informando sobre o que tinha acontecido na Feira.

Os elfos passaram por ela, a maioria calçando botas e calças cargo verde escuro com camisetas térmicas esportivas com logotipo da árvore de ouro que ela tinha visto na correspondência élfica de seu pai. Um ficou para trás, uma mulher idosa, cujo cabelo grisalho estava preso em um coque severo. Ela estava usando um vestido longo bordado, que lembrou Keelie de algo da Idade Média, embora ela tivesse a sensação de que não era uma fantasia. A mulher parou e olhou para Keelie.

- Keelie Heartwood, venha até mim.

Um dos elfos inclinou-se para Keelie. – Aquela é Etilafael. Ela está no Conselho.

Keelie caminhou até a mulher elfo.

A mulher levantou o queixo de Keelie para cima e virou a cabeça para a direita e para a esquerda. - As bênçãos das árvores estão em você, criança. Espero grandes coisas de você.

Com isso, ela se afastou.

Intrigada, Keelie virou-se para o gabinete da Equipe de Resposta de Emergência e eles tinham se levantado. Ela mal podia esperar para ver os rostos da equipe de resposta quando vissem que o seu pai estava totalmente bem. Eles haviam montado barreiras em torno de uma tenda e a

entrada estava guardada.

Quando ela estava prestes a entrar na tenda uma mulher élfica bloqueou o caminho de Keelie. - Você não tem permissão.

- Eu também estou.

- Os humanos não são permitidos.

Keelie ficou de boca aberta. - É o meu pai que está lá dentro.

- Você é humana. A entrada é proibida. A mulher fechou a porta da entrada e se afastou.

Ela tinha salvado o unicórnio, a floresta tinha lhe dado uma muda e ela ainda não era considerada um elfo. Se esta era uma prévia das próximas atrações, então a vida ainda era injusta. Keelie pensou em voltar para o acampamento. De jeito nenhum. Seu pai devia a ela algumas respostas.

Ela saltou sobre o portão e entrou na tenda onde seu pai estava. O guarda elfo correu atrás dela. - Pare. Você deve sair imediatamente.

Seu pai estava pálido, com os olhos fechados. Ele ainda tinha uma tonalidade azul na pele e estava fraco do venumiel.

Então ele abriu os olhos e viu Keelie. – Estou tão orgulhoso de você. Eu não sei como você drenou tanta Magia da Terra, mas você salvou o unicórnio, Wildewood e os elfos. Eu estava errado quando disse que você não podia lidar com isso. Mas Keelie, eu estava com tanto medo e você poderia ter morrido.

- Eu acho que Elianard teria me matado. Caso você não tenha notado, os elfos não me adoram exatamente. Aquela mulher não me deixou ver você. Eu sou uma Orelha Redonda. Ela cuspiu a palavra.

Seu pai pegou sua mão com a mão fria. - Assim como existem pessoas más, há duendes maus. Elianard e Elia por exemplo. Não julgue todos nós por causa daqueles dois.

- Eu acho que eles são totalmente maus. Só porque Elianard queria salvar

a Floresta do Pânico, significa que ele estava certo ao tentar matar o unicórnio?

Papi se encolheu. - O Quê?

- Elianard disse que ele estava tentando salvar a floresta élfica. Ele pensou que isso justificava matar Einhorn, para tomar o seu poder.

A expressão do meu pai era sombria. Ele pareceu chocado com sua revelação.

- Eu não acho que posso viver na Floresta do Pânico. Meu lado humano parece ser a única parte de mim que eles vêem.

- Eu preciso que você seja forte quando chegar à floresta élfica, Papai respondeu rapidamente. - Você tem amigos entre os elfos, mas o preconceito está em cada cultura e sociedade, seja com base na cor da sua pele ou a forma de suas orelhas. Ele apontou para o coração dela. - Enquanto isso orientar sua vida, então você pode enfrentar qualquer coisa que seja jogado para você, seja elfo, humano, a magia ou injustiça. Você é forte como a sua mãe. Ele fechou os olhos, exausto.

Keelie beijou-lhe a testa. - Obrigado, pai. Eu te amo. As respostas para suas perguntas teriam que esperar.

29

O jantar no dia seguinte foi uma festa ao ar livre. Por causa do apagão dos três estados causado por falha "inexplicável" da usina, todos os freezers da Feira tinham sido esvaziados e um grande churrasco tinha sido feito com pernas de peru e filé na estaca.

Raven espalhou acolchoados perto da RV de Sir Davey, o único lugar decente para dormir e Keelie desabou em um, exausta. Ela passou o dia ajudando a limpar os jornais com a notícia de uma "tempestade esquisita" Mas da aparência e estado de choque de alguns dos rostos ao seu redor, todo mundo se lembrou do alvoroço da árvore e nenhuma história de

tempestade iria convencê-los do contrário.

A loja de Janice precisaria de grandes reparos, mas felizmente a maioria dos danos tinha sido aos aposentos no andar de cima. Lady Annie tinha se mudado para a loja da Lulu. Lulu foi vista pendurada pelos pés numa árvore de abeto, a boca selada com resina.

O quarto de Elianard no acampamento estava vazio, e as coisas de Elia tinham sumido também. Keelie se perguntou por que a menina elfo a tinha ajudado e se ela sabia o que tinha acontecido com o chifre quebrado de Einhorn. Sem dúvida, ela iria persegui-la novamente na Floresta do Pânico. Keelie não estava ansiosa por isso.

No estacionamento, Finch estava em seu elemento, dando ordens e gritando lentamente. Sir Brine tinha virado um herói, ou pelo menos é o que ele disse a todos, quando contou seu valente esforço para segurar as árvores com a catapulta de pickles. Papai estava falando com ele, porque o esquisito tinha os olhos grudados na antiga loja de Lady Annie ao lado da loja Heartwood. De jeito nenhum ele ia montar sua banca de pickles perto deles.

Keelie olhou para o céu azul e ouviu o som do rio nas proximidades e o murmúrio das árvores na brisa. Foi-se a sensação de opressão da floresta. Papai tinha agendado uma Árvore Lorem para mais tarde.

Knot passou correndo, miando, uma Bhata montando-o como uma vara cowboy.

Ela segurou o estômago e riu.

- O que é tão engraçado?

Keelie virou novamente e olhou para a figura que estava bloqueando o sol. Ela trouxe uma mão para proteger os olhos, mas ele foi para o lado dela. Ele afastou o cabelo loiro de sua testa, seus olhos azul esverdeado nos dela.

- Sean. Ele estava tão bonito quanto na última vez que ela o viu no

Colorado. Ela sentou-se, sentindo-se tímida e desejando saber o que tinha naquelas letras. Se eram amigáveis como "Ei como você está?" ou se eram cartas de amor? Ela estava numa séria desvantagem.

- Seu pai me disse que você estava vindo. Eu não sabia se você queria me ver de novo.

Seus olhos nublaram. - Eu não estava muito certo. Por que você não respondeu minhas cartas?

- Eu nunca as vi, Sean. Seu pai disse que você tinha escrito. Eu pensei que você tinha me esquecido ou que você tinha conhecido outra pessoa. As últimas palavras desapareceram quando ele se inclinou para frente, os olhos fixos em seus lábios. Isto estava totalmente ótimo. A vida melhorou subitamente mais de cem por cento. Seu coração bateu, sentindo como se estivesse vibrando em sua garganta. Será que ele sente o mesmo? Seus lábios se encontraram; sua boca quente e firme na dela. Sua mão cobriu a dela sobre o cobertor e ela sentiu seu pulso rápido contra sua pele. Isso respondia a sua pergunta.

Knot passou mais uma vez, e desta vez correu bem em cima da colcha, fazendo Keelie e Sean se separar. Isso era uma coisa boa, uma vez que o papai apareceu um segundo depois.

- Sean, bem vindo. Seu pai me disse que estava vindo.

Sean levantou-se e os dois homens inclinaram a cabeça um para o outro, moda élfico, e, em seguida, apertaram as mãos. O olhar no rosto do meu pai, talvez ele tenha visto muito.

- Você deve ir agora. A festa no alojamento vai começar em breve. Papai olhou significativamente para Sean.

- Você está vindo, também, não está? Sean sorriu para o papai, em seguida, para baixo, para Keelie. Seu sorriso aquecido.

- Eu vou aparecer, disse o papai. - Keelie não irá participar.

- Eu ouvi falar, Keelie anunciou, então calou a boca, quando percebeu que



provavelmente não tinha sido convidada.

Sean olhou de Keelie para seu pai e vice-versa. - Não vai comparecer? Mas é a apreciação do que você fez. Você salvou a floresta.

- O jantar é para a Equipe de Resposta, disse o pai.

Keelie deu de ombros. - O jantar é para os elfos de sangue puro, é o que ele quer dizer. Orelhas redondas não precisam comparecer. Eu não me importo. Meus amigos estão aqui.

Sean parecia chocado. - Se é assim, então eu não vou também. Eu vou ficar aqui com você.

O sorriso de Zeke congelou. - Lorde Niriël não vai ficar contente.

Keelie se perguntou se o pai estava sendo sarcástico sobre Lorde Niriël só porque ele era o pai de Sean, ou se havia outra razão. Não que iria ajudar perguntar. Ele nunca lhe disse nada.

Sean curvou-se novamente. - Como Keelie disse, meus amigos estão aqui.

Suas palavras a aqueceram. Com Sean ao seu lado, a Floresta do Pânico não seria tão solitária.

Laurie e Raven vieram voando, carregada com pratos, e pararam. Os olhos arregalados para o elfo. Keelie afagou a colcha ao lado dela.

- Sentem-se meninas. Raven, você conhece Sean o 'the Wood. Sean, esta é a minha velha amiga Laurie.

Papai levantou os braços em sinal de rendição e se dirigiu para o alojamento deixando as meninas para admirar Sean.

Depois do jantar, eles caminharam até a trilha que levava para uma abertura que Raven conhecia da estadia anterior na Feira de Wildewood. Eles podiam ver até Rivendell daqui, e as cepas cadenciadas de Jared tocando uma versão instrumental de As Três Marias flutuaram até eles. Eles começaram a voltar para baixo quando Rigadoon estava afinando. A dança estava prestes a começar.

Os olhos de Keelie pegaram um vislumbre da floresta a sua direita. – Vão em frente, pessoal. Eu quero ver uma coisa.

Sean parou, também. - Precisa da minha ajuda?

- Não, pode descer. Eu alcanço vocês.

Ela observou Laurie e Raven se virarem para Sean e riram. Ele adorava a atenção. Ela entrou na floresta.

-Lorde Einhorn?

Um homem bonito com uma camisa branca e calças jeans brancas imaculadas saiu de trás de uma grande árvore. Sua pele brilhava, não deixando nenhuma dúvida de que ele era o unicórnio.

- Eu não sabia que você podia ser uma pessoa, também.

Einhorn sorriu e foi como se uma estrela a tivesse beijado.

Ele estendeu a mão. Pendurado em seus longos dedos estava o carbonizado coração da rainha Aspen, e também um cabo no qual pendia uma bolota de prata entrelaçada com espinhos. O amuleto de Elianard.

Keelie pegou o coração carbonizado, mas deixou o outro. - Obrigado.

Ele ainda segurava o pendente de Elianard. - Isto é para você também. Sua voz era como sinos em uma brisa. - Você salvou a minha vida, você salvou a minha floresta e me trouxe meu companheiro.

Companheira? Ela não se lembrava dessa parte, mas ela pegou o colar e o colocou sobre sua cabeça, escondendo-o dentro de sua blusa. Sentiu-o frio e afiado contra sua pele.

- Keelie? Você está aqui? A voz de Raven veio do caminho.

- Foi uma honra ajudar vocês. Keelie inclinou a cabeça à maneira élfica. Papai ficaria tão orgulhoso dela, mesmo que ela não estivesse muito certa sobre esse negócio de companheiro. Certamente, ele não quis dizer ela?

Ou, pior, Elia?

A vegetação farfalhava atrás dela. - Keelie, é você que está aqui? Com quem você está falando? Raven avançou. Keelie olhou para ela, perguntando se ela ainda seria capaz de ver o unicórnio, ou se a noite passada tinha sido parte de uma grande magia.

Einhorn estendeu uma mão pálida, de dedos longos, e para espanto de Keelie, Raven pegou e ficou de pé ao seu lado, sua escuridão golpeando contra a sua luz. Ele levantou a mão dela aos lábios e os dois se encararam por um longo momento.

Então Einhorn brilhou e o unicórnio estava diante delas. Ele curvou-se, de modo que o chifre tocou a testa de Keelie. Sentiu como se estivesse abençoando-a. Em seguida, ele se ergueu, virou-se e partiu a galope.

Raven escovou os dedos sobre a testa de Keelie e sorriu gentilmente. Então a velha Raven estava de volta. - Então, não vamos até Rivendell?

- Você e Lorde Einhorn? Ela não tinha que falar o resto da pergunta. A resposta parecia óbvia.

- Desde o momento em que o vi na clareira. Nós temos um encontro amanhã à noite. Ele é um pouco antiquado. Raven pegou o caminho em direção a Rivendell.

Keelie a seguiu, a cabeça ainda estava girando com a ideia de Raven sendo a companheira do unicórnio. - Casada com um unicórnio. Isso é tão estranho.

- Não realmente. E ei, eu não vou ter que me preocupar com vadias da Rennie indo atrás dele. Elas nem sequer podem vê-lo.

Keelie riu, então pensou que um dia ela não iria poder vê-lo também. Sean acenou para ela da parte inferior da colina e Laurie gritou para eles se apressarem.

Raven passou o braço por Keelie. - O que é realmente estranho é que eu sou grata a Elia, se ela foi aresponsável por estragar meu emprego no

Doom Kitty. Sem ela eu ainda estaria lá, em vez de encontrar meu verdadeiro amor.

Keelie riu de novo. - Grata a Elia. Isso sim é estranho.

- Einhorn queria saber onde Elianard e Elia estão. Será que eles simplesmente desapareceram?

- Sim, mas eu tenho a sensação de que não vão ficar longe por muito tempo. Papai acha que eles estão indo para a Floresta do Pânico. Ele diz que Elianard tem amigos que compartilham seu ponto de vista.

Raven parecia perturbada. - O que isso significa para Einhorn? Será que eles vão voltar?

Keelie balançou a cabeça. - Quem sabe?

- Ninguém vai machucar o meu companheiro ou Wildewood, Raven disse de repente feroz. Por um segundo, ela pareceu orgulhosa e forte, uma rainha guerreira protegendo seu reino.

Seja qual for a espécie de criatura que o pai de Raven fosse, ele estaria orgulhoso dela. Keelie ficou aliviada que ela não teria mais que se preocupar com Wildewood novamente ou Einhorn.



Naquela noite, os elfos restantes realizaram um Lorem de Árvore. Foi uma cerimônia muito diferente daquela que tinha realizado para a Rainha Aspen na Feira de Montanha Alta. Lá, os elfos tinham elogiado Keelie e ela recebeu o coração carbonizado da Rainha.

Neste Lorem, ela estava em uma das extremidades da árvore que representava todas as que tinham caído. Era Bruk, o carvalho, e as bochechas de Keelie estavam molhadas enquanto se lembrava da dor da árvore quando ficaram brevemente com as mentes conectadas. Quando seu pai pôs as mãos sobre a casca cicatrizada o rosto de Bruk apareceu, sereno agora, e depois desapareceu de volta na madeira. Keelie sentiu a floresta clarear, enquanto todos os espíritos das árvores desapareciam na

Floresta Beyond deixando para trás o verde e os vivos.

Raven ficou num canto, o gato branco embalado nos braços. Keelie olhou em seus olhos e viu sua dor refletida ali.

Lorde Niriël olhou de Keelie para Raven e para o gato, e uma expressão curiosa cruzou seu rosto bonito. Mesmo que ele fosse o pai de Sean, ela se sentia desconfortável. Algo sobre ele lembrava Lorde Elianard. Ambos eram altos e bonitos, mas devia ser a única semelhança. Lorde Niriël sempre foi educado. Mesmo agora, quando outros elfos tinham zombado e sussurrado sobre Raven, que pensavam que era uma humana participando de sua cerimônia, Lorde Niriël a acolhera graciosamente.

Keelie sorriu para ele e ele sorriu de volta. Por que meu pai disse que ela deveria ficar longe dele? Lorde Niriël era encantador. O pai tinha lhe dito para ficar longe do unicórnio também, e coisa boa ela não tinha ouvido dele.

Lady Etilafael adiantou-se e todos os olhos se voltaram para ela. - Kelriel Heartwood, agradecemos a você e seus amigos por seus esforços extraordinários. Ela se virou para Raven. - Senhora do Senhor Einhorn, Raven dos Seres Brilhantes. Um suspiro subiu dos elfos e todos esticaram o pescoço para olhar para Raven, que parecia intrigada com o nome que tinha sido chamada. - Você nos honra com a sua presença em nossa cerimônia. Wildewood está em boas mãos.

Raven baixou a cabeça, mas seus olhos dispararam sobre Keelie como se perguntasse - Que diabos?

Keelie deu de ombros. No entanto, outra pergunta para o pai.

Papai se aproximou. - Os Seres Brilhantes são as fadas superiores, ele sussurrou.

Keelie virou para olhar para Raven. Uau.

## Epílogo

Keelie apoiou os pés no painel do Chalé Suiço e rezou pela surdez ou por um coma. O trailer rangia e gemia com cada rotação dos pneus, golpeado pela viagem a montanha e a viagem turbulenta de volta de Laurie. Zeke tinha decidido que ele certamente não poderia trazê-lo de volta e Laurie, destemida, pois o Pânico tinha sumido, se ofereceu para mostrar suas habilidades de motorista novamente. Em uma demonstração de solidariedade, Keelie a acompanhou e provavelmente havia perdido cerca de dez anos de sua vida. Talvez ela não tivesse necessidade de aprender a dirigir tão cedo.

Mas Zeke era ele mesmo novamente, e Keelie ficou presa na cabine do trailer com Knot, Laurie, a Bhata que não ia para casa e a muda, que havia brotado imediatamente após ser plantada e estava dando frutos desde então.

- Quando é que vai parar? Eu preciso de café. Laurie soou rabugenta como Keelie se sentia.

- Nada de café. Nós não estamos parando para ir ao banheiro, o que nós teríamos que fazer se você tivesse café. Papai bateu os dedos impacientemente no volante.

- Keelie, seu pai é um ogro.

-Não. Ele é um elfo.

*Eu preciso ser regada. Você tem água mineral? Não essa coisa da torneira que racha minhas folhas.*

A muda de árvore aristocrática era uma chorona. *E quando eu vou ter um novo vaso? Eu sou uma princesa, você sabe. Este é feio.*

Knot roncou. A Bhata clicou seus braços de vara nele, em seguida, subiu no cabelo de Keelie. Ela se mexeu desconfortavelmente. Estavam todos amontoados na cabine, porque a parte de trás estava repleta com seus pertences que foram retirados do depósito, além da montanha de bagagem de Laurie.

Keelie estava ansiosa pela Floresta do Pânico. Pelo menos lá, os elfos seriam rudes e a ignorariam e ela poderia colocar alguma distância entre ela e a Princesa Alora.

- Eu poderia realmente tomar café. Vamos lá, Zeke. Laurie bajulando como uma profissional.

- Nós não deixamos o estacionamento ainda. Me dá um tempo.

Keelie gemeu e colocou seu rosto contra o vidro da janela. Ia ser uma longa viagem. E o segundo semestre incluiria um falcão cego, quando eles pegassem Ariel no caminho para o Oregon. Talvez Ariel comesse a Princesa Alora.

Ela sorriu com o pensamento enquanto pegavam o caminho para fora da encerrada Feira de Wildewood. A estrada já estava entupida com os veículos de comerciantes descontentes e artistas. Keelie estava feliz por não ter visto Finch novamente, uma vez que a administradora com bafo de fogo provavelmente tinha concluído a sua transformação em dragão.

Ao redor deles a floresta se estendia verde e exuberante até a montanha. Keelie pensou ter visto um brilho branco perto do topo.

Adeus Einhorn. Vejo você e Raven no próximo ano. Se eu sobreviver a Floresta do Pânico.

E em resposta, ela ouviu, ecoando por um coro de árvores que se estendia muito além da verde Wildewood...

Adeus, Keliel que fala com as árvores, Filha da Floresta.

## Sobre Gillian Summers

Uma moradora da floresta, Gillian foi criada por ciganos em uma Feira da Renascença. Ela gosta de tricô, sopa quente, os trajes e adora farinha de aveia, especialmente na forma de cookies. Ela detesta concreto, mas o tolera se significa participar de uma convenção de ficção científica. Ela é uma colecionadora obsessiva de contas, receitas, agulhas de tricô, cartas de tarô e admite ler InStyle Magazine. Você pode encontrá-la na sua cabana ao norte da Georgia, onde ela mora com seus grandes e amigáveis cachorros e seus gatos detestáveis e em [www.gilliansummers.com](http://www.gilliansummers.com).

Look for Book III of the Faire Folk Trilogy in Summer 2009.

@Created by PDF to ePub